

Priscila Gonçalves Soares

**HISTÓRIA DAS PRÁTICAS DE DIVERSÃO EM CATAGUASES - MG:
indícios a partir do Jornal Cataguazes (1906 a 1930)**

Belo Horizonte - MG

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2021

Priscila Gonçalves Soares

**HISTÓRIA DAS PRÁTICAS DE DIVERSÃO EM CATAGUAZES - MG:
indícios a partir do Jornal Cataguazes (1906 a 1930)**

Pesquisa final apresentada ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, do Curso de Doutorado da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito final à obtenção do título de Doutora em Estudos do Lazer.

Linha de pesquisa: Memória e história do lazer.

Orientador: Prof. Dr. Victor Andrade Melo.

Belo Horizonte - MG

2021

S676h

Soares, Priscila Gonçalves

2021

História das práticas de diversão em Cataguases-MG: indícios a partir do Jornal Cataguases (1906 a 1930). [manuscrito] / Priscila Gonçalves Soares – 2021. 219 f.: il.

Orientador: Victor Andrade Melo

Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 205-219

1. Lazer - Teses. 2. Lazer - Aspectos sociais - Teses. 3. Espaço urbano - Teses. 4. Jornais brasileiros - Teses. I. Melo, Victor Andrade. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
 ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS DO LAZER

ATA DA 80ª DEFESA DE TESE DE DOUTORADO

PRISCILA SOARES GONÇALVES

Às 14h00min do dia 13 de dezembro de 2021 reuniu-se na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho *"HISTÓRIA DAS PRÁTICAS DE DIVERSÃO EM CATAGUAZES/MG: Indícios a partir do jornal Cataguazes (1906 a 1930)"*, requisito final para a obtenção do Grau de Doutora em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Victor Andrade de Melo, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
Prof. Dr. Victor Andrade de Melo (Orientador)	X	
Prof. Dr. Eduardo de Souza Gomes (Universidade Federal do Rio de Janeiro)	X	
Prof. Dr. Fabio de Faria Peres (Fundação Oswaldo Cruz)	X	
Prof. Dr. Helder Ferreira Isayama (Universidade Federal de Minas Gerais)	X	
Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva (Universidade Federal de Minas Gerais)	X	

Após as indicações a candidata foi considerada: **APROVADA**

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para a candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente **ATA** que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 13 de dezembro de 2021

03/01/2022 08:24

SEI/UFMG - 1153178 - Ata de defesa de Dissertação/Tese



Documento assinado eletronicamente por **Helder Ferreira Isayama, Professor do Magistério Superior**, em 16/12/2021, às 16:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Silvio Ricardo da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 16/12/2021, às 17:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Victor Andrade de Melo, Usuário Externo**, em 17/12/2021, às 09:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fabio de Faria Peres, Usuário Externo**, em 17/12/2021, às 14:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eduardo de Souza Gomes, Usuário Externo**, em 31/12/2021, às 00:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1153178** e o código CRC **8011E9DE**.

“Se você está lendo isso, tudo o que eu tenho a dizer é que esse é um trabalho duro. Eu trabalhei duro por muito tempo para chegar até aqui. Não é sobre ganhar, é sobre não desistir. Se você tem um sonho, lute por ele. Existe uma disciplina. Não é sobre quantas vezes você foi rejeitado, caiu e teve que levantar. É sobre quantas vezes você fica em pé, levanta a cabeça e continua seguindo em frente.” (Adaptado do discurso de Lady Gaga no Oscar, 2019).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho.

Ao Danilo, secretário do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, que desde a minha inscrição no processo seletivo esteve sempre disponível para ajudar, orientar e auxiliar em todos os trâmites necessários.

Aos professores Victor Melo, Cleber Dias, Hélder Isayama, Flávia Cruz e Maria Cristina Rosa, profissionais renomados que dedicam suas vidas à ciência, à pesquisa, à educação; exemplos a serem seguidos.

Obrigada a todos/as os/as amigos/as da *Turma PPGIEL 2017/2*, por compartilharem esses anos intensos de aprendizado acadêmico, profissional e pessoal. Destaco o reencontro com o veterano da graduação na Universidade Federal de Viçosa, Adriano; o carinho da corredora Karine (obrigada por me apresentar àquela comida japonesa!); a mana, colega de flat, Ana Cristina; as brincadeiras com os vizinhos Romilda e Edwaldo (sim, conheci vizinho do meu prédio no Doutorado), que sempre ouviam esta minha fala: “*Não fala de tese comigo não...* (risos)”; o baiano figura, Fefito, parceiro de escrita, de leitura, de trocas acadêmicas e boas risadas, Fábio; ao Carlão, cara gente boa, amigo para todas as horas, meu exemplo de sabedoria, aprendi demais com ele, entre caronas e *causos* contados, as lições eram apresentadas; não poderia deixar de falar dos queridos Dr. Diogo e Dr. Jean, colegas com os quais pude compartilhar momentos de saber.

Gratidão sem palavras ao casal Cláudia Bonalume e o conterrâneo cataguasense (coincidências do Doutorado) Itamar Oliveira; amizade iniciada no Doutorado, que transcende para a vida. Eles são meus exemplos de caráter, parceria, profissionalismo; eles foram meus alicerces no âmbito pessoal e acadêmico durante todo o processo de doutoramento.

Agradeço ao Instituto Federal do Sudeste de Minas, por todo apoio; aos colegas Franciano Bevenuto, Frederico Franco, João Ferreira, Henrique Mansur, Ana Paula Gutierrez, Ricardo Faria, Matheus Cerqueira, Marjory Vecchi e Carlos Magno, por toda a parceria, encorajamento e profissionalismo.

Agradeço também ao Higor Oliveira pela parceria, companheirismo e compreensão. Você é a base para a realização de novos sonhos que estão por vir! Sem sua ajuda eu não teria caminhado tão longe. Obrigada, meu amigo!

Sou muito grata ao Pedro por ter me *aturado* durante o doutoramento, só os cônjuges, filhos, familiares e amigos sabem quão chatos e antissociais nós ficamos! Obrigada por me ajudar nos afazeres domésticos, por “tentar” me acalmar quando eu queria surtar, por ser tão diferente de mim, por tantas e inúmeras outras situações. Amor, obrigada pelo companheirismo.

Obrigada a minha mãe, Auxiliadora, pelo companheirismo, e ao meu pai, Zito, que faleceu em 2017/2, logo após meu ingresso no Doutorado, pelos ensinamentos que eu não entendia na juventude e que, após meus 30 anos, fizeram todo sentido. *Cheers!*

RESUMO

Esta investigação buscou retratar as práticas de diversão que ocorreram entre 1906 e 1930 na cidade de Cataguases - MG. Para a realização desta tese, utilizou-se como fonte primária o jornal Cataguazes, órgão oficial do poder público local. As bases teóricas da História Cultural alicerçaram os diálogos estabelecidos entre fontes e literatura científica. Através da análise documental dos jornais, foi possível perceber que as práticas de diversão divulgadas faziam parte de um movimento da elite local interessada em colocar a cidade na vanguarda modernista, progressista e civilizada da época. Para tal, as práticas de diversão encontradas nos jornais revelaram as mudanças nos hábitos dos/das cataguasenses e um clamor jornalístico que influenciava o pensamento coletivo de acordo com os interesses educacionais, classe e gênero. O jornal defendia valores normativos que conjecturavam com a norma local a ser estabelecida; dessa forma, a frequência aos circos passou a ser mal vista e o teatro tornou-se a diversão adequada, devido ao caráter educativo e civilizatório. Teatro e cinema dividiam o mesmo espaço e, em momentos alternados, representavam a educação e o progresso cataguasense. Enquanto Humberto Mauro produzia os primeiros filmes nacionais na cidade, os esportes modernos indicavam os caminhos futuros e reificavam as questões de gênero. A prática do basquete pelas mulheres, por um lado, sinalizava o avançar dos tempos com a conquista do direito à prática esportiva, por outro, a permanências da beleza, da delicadeza e de saias longas. Metaforicamente, a capacidade física, a brutalidade e a força ficavam a cargo dos homens, com a prática do futebol nos campos de várzeas e nas ruas da cidade, influenciando na dinâmica citadina espalhando poeira pela *urb*. Foram criadas associações, das quais originaram clubes de futebol, como o Flamengo e o Operário, espaços que mesclavam diversão e labor, rivalidades expressas pelo esporte. Nenhuma outra diversão parece ter alterado a dinâmica da cidade como o futebol, a frequência do público, a logística dos transportes, a criação de espaços para a prática, o fretamento de trens para as excursões desportivas, os uniformes compostos por shorts (enquanto as mulheres permaneciam com as longas saias), as relações com o corpo, com o idioma e o trânsito cultural, que ocorria de forma sorrateira. O mercado em torno das diversões foi também potencializado pelos esportes e as competições eram frequentemente realizadas; os empresários locais passaram a investir nesse negócio e, ao final da década de 20, fundaram na cidade um clube elitista que ofereceria esportes como basquete, futebol, remo, ginástica, vôlei, natação, tênis, patinação e velejamento. Observou-se que as práticas de diversão divulgadas, na maioria das vezes, estavam relacionadas à elite citadina. A participação dos diversos extratos sociais ficou invisibilizada no jornal, limitações da fonte utilizada para a pesquisa, jornal Cataguazes, fato que instiga novas pesquisas em prol de identificar os silenciamentos em torno de outras práticas de diversão que ocorreram na cidade e não foram noticiadas pelo jornal Cataguazes, desafio que ficará para um próximo investimento.

Palavras-chave: Cataguases. Jornais. Diversões. Esporte. Lazer.

ABSTRACT

This investigation sought to portray the entertainment practices that took place between 1906 and 1930 in the city of Cataguases - MG, for the realization of this thesis, the newspaper Cataguazes, official organ of the local government, was used as a primary source. The theoretical bases of Cultural History underpinned the dialogues established between sources and scientific literature. Through the documentary analysis of newspapers, it was possible to see that the entertainment practices disclosed were part of a movement of the local elite interested in placing the city at the modernist, progressive and civilized vanguard of the time. To this end, the entertainment practices found in newspapers revealed changes in the habits of the people of Cataguases and a journalistic clamor that influenced collective thinking according to educational interests, class and gender. The newspaper defended normative values that conjectured with the local norm to be established, in this way, the attendance to the circuses started to be frowned upon and the theater the adequate entertainment due to its educational and civilizing character; theater and cinema shared the same space, in alternating moments they represented education and progress in Santa Catarina, while Humberto Mauro produced the first national films in the city, modern sports indicated the future paths and reified gender issues. The practice of basketball by women, on the one hand, signaled the advance of times with the conquest of the right to practice sports, on the other, the permanence of beauty, delicacy and long skirts. Metaphorically, the physical capacity, brutality and strength were in charge of the men with the practice of soccer in the fields of floodplains and in the streets of the city, influencing the city dynamics, spreading dust through the urb. Associations were created and these gave rise to football clubs such as Flamengo and Operario, spaces that mixed fun and work, rivalries expressed by the sport. No other entertainment seems to have changed the dynamics of the city such as football, the attendance of the public, transport logistics, the creation of spaces for practice, the chartering of trains for sporting excursions, uniforms made up of shorts (as women they remained with the long skirts), the relationships with the body, with the language and the cultural transit that occurred in a sneaky way. The market for entertainment was also boosted by sports and competitions often held, local businessmen started to invest in this business and at the end of the 20s they founded an elite club in the city that would offer sports such as basketball, soccer, rowing, gymnastics, volleyball, swimming, tennis, skating and sailing. It was observed that the entertainment practices disclosed, most of the time, were related to the urban elite, the participation of different social strata was made invisible in the newspaper, limitations of the source used for the research, newspaper Cataguazes, a fact that instigates new research in favor of to identify the silencing around other entertainment practices that occurred in the city and were not reported by the newspaper Cataguazes, a challenge that will remain for a future investment.

Keywords: Cataguases. Newspapers. Fun. Sport. Leisure.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Fotografia da inauguração da Sociedade Carris Urbanos.....	48
Imagem 2 - Trilhos da Rua do Sobe e Desce, atual Joaquim Peixoto Ramos.....	49
Imagem 3 - Foto da inauguração da Ponte, em 14 de junho de 1915.....	56
Imagem 4 - Capa da primeira Revista Verde, publicada em 1927.....	64
Imagem 5 - Poema Samba, de Roberto Theodoro, publicado na Revista Verde.....	66
Imagem 6 - Página 3 (três) do jornal Cataguazes de 25 fev.1906.....	71
Imagem 7 - Fachada Teatro Recreio.....	81
Imagem 8 - Teatro Recreio, vista do palco.....	82
Imagem 9 - Teatro Recreio, vista da plateia.....	83
Imagem 10 - Página do jornal Cataguazes de 1908.....	86
Imagem 11 - Fotografia do grupo infantil Philodramático de Cataguazes.....	88
Imagem 12 - Programação do Cinema Theatro “Recreio Cataguazense”	99
Imagem 13 - Basquete feminino.....	161
Imagem 14 - Basquete feminino.....	164
Imagem 15 - Futebol masculino.....	165
Imagem 16 - Escalação.....	169
Imagem 17 - Jogo entre Tupy Foot-ball Club e João Duarte Foot Ball Club.....	177
Imagem 18 - Partida entre Ribeiro Junqueira e o Gramberyense Foot Ball Club.....	179
Imagem 19 - Descrição de jogos nos jornais.....	182
Imagem 20 - Traje do Flamengo Cataguasense.....	189
Imagem 21 - Matéria do jornal.....	189
Imagem 22 - Matéria do jornal.....	191
Imagem 23 - Matéria do jornal.....	195
Imagem 24 - Matéria do jornal.....	196
Imagem 25 - Matéria do jornal.....	199

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Pessoas que sabiam ler e escrever em Cataguases.....	27
Tabela 2 - Pessoas que não sabiam ler nem escrever em Cataguases.....	27
Tabela 3 - Relação de páginas do jornal Cataguazes por ano.....	32
Tabela 4 - Arrecadação do município de Cataguases (em Réis)	41
Tabela 5 - Renda (em réis) dos trinta municípios mais importantes de Minas - 1906 a 1915.....	45
Tabela 6 - Quadro de Horário dos <i>bonds</i> de Cataguases em 1910.....	50

SUMÁRIO

O CONTEXTO.....	13
O CAMINHO.....	30
CAPÍTULO I – CATAGUASES, A CIDADE MODERNA.....	39
1.1 Entre tradições e invenções.....	39
1.2 Cataguases nas primeiras décadas do século XX: entre tradições e modernidades.....	63
1.3 O jornal Cataguazes.....	70
1.4 AS DIVERSÕES DIVULGADAS.....	74
CAPÍTULO II – Vamos nos divertir.....	79
2.1 O no palco: o teatro em Cataguases.....	79
2.2 Luzes apagadas: o cinema em ação.....	102
2.2.1 Cataguases e produção cinematográfica nacional.....	124
2.3 Cataguases e as diversões esportivas.....	146
2.3.2 O basquetebol de saias.....	155
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	202
REFERÊNCIAS	205

O CONTEXTO

Nascer em Cataguases¹, Minas Gerais, no final do século XX, representou crescer em uma cidade cuja região central é repleta de construções históricas, painéis e monumentos de artistas famosos, legitimado e reconhecido patrimônio cultural devido ao tombamento pelo IPHAN (Instituto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) ocorrido em 2003². Significou aprender, seja pela história oral, contada pelas pessoas mais velhas, ou na educação formal dos bancos escolares, que a cidade é histórica, que fora destaque nacional no início do mesmo século, por ser um dos berços do modernismo e do cinema nacional. Foi aprender que importantes nomes como Oscar Niemeyer³, Cândido Portinari⁴, Burle Marx⁵, Joaquim Tenreiro⁶, Djanira da Motta e Silva⁷, Nanzita Ladeira Salgado Alvim Gomes⁸, Francisco Inácio Peixoto⁹, entre outros/as, deixaram seus traços na cidade; que “os Verdes¹⁰” eram de lá; que Humberto Mauro¹¹ iniciou sua carreira de cineasta na cidade; que Chico Buarque de Hollanda¹² estudou no Colégio Cataguases¹³; que a cidade foi celeiro do café e da indústria têxtil.

Estar na Cataguases do início do século XXI, já com graduação em Educação Física e Mestrado em Educação¹⁴, tendo estudado *Práticas corporais e diversão, em Juiz de Fora, no*

¹ Neste trabalho, a grafia *Cataguases* se refere à cidade mineira, enquanto *Cataguazes* indica o jornal no qual a pesquisa foi realizada.

² Mais informações disponíveis em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/369/>. Acesso em: 15 dez. 2019.

³ Oscar Ribeiro de Almeida Niemeyer Soares Filho foi um dos maiores nomes da arquitetura brasileira, nascido em 1907, atuou no desenvolvimento da arquitetura moderna.

⁴ Nascido em 1903, Cândido Portinari foi um renomado artista plástico brasileiro, pintor nacional com maior projeção internacional.

⁵ Burle Marx, nascido em 1909, introduziu o paisagismo modernista no Brasil; é reconhecido internacionalmente.

⁶ Português, nascido em 1906, Joaquim Tenreiro, projetista e design de móveis, desenhou os móveis da residência de Francisco Inácio Peixoto, em Cataguases, projetada por Oscar Niemeyer na década de 1940.

⁷ Djanira da Motta e Silva nasceu em 1914, desenhista, pintora, responsável pelo painel em pastilhas que decora a fachada da igreja Santa Rita, de Cataguases, projetada por Oscar Niemeyer.

⁸ Nanzita Ladeira Salgado Alvim Gomes, cataguasense nascida em 1919, artista plástica de estilo modernista, reconhecida internacionalmente, foi a primeira mulher a dirigir um carro em Cataguases.

⁹ Escritor, fazendeiro e empresário, Francisco Inácio Peixoto financiou importantes manifestações culturais na cidade, contribuindo para o destaque de Cataguases na arquitetura moderna, na década de 1940.

¹⁰ Grupo de escritores responsáveis pela criação de Revista Verde de 1927, importante impresso modernista.

¹¹ Humberto Mauro, nascido em 1897, foi pioneiro no cinema nacional e produziu o seu primeiro filme em Cataguases.

¹² Chico Buarque de Hollanda é um dos maiores nomes da música popular brasileira.

¹³ O Colégio Cataguases foi projetado por Oscar Niemeyer, em 1945 (encomendado por Francisco Inácio Peixoto); o paisagismo é de Burle Marx; a mobília, de Joaquim Tenreiro; e o mural do hall de entrada, nominado “Tiradentes”, é assinado por Cândido Portinari.

¹⁴ Dissertação disponível em: <https://www.ufjf.br/gephefe/producoes/dissertacoes-de-mestrado/dissertacao-priscila-goncalves-soares/>.

período de 1876 a 1915 (SOARES, 2010), ver prédios e monumentos históricos sendo descaracterizados, mal cuidados ou mesmo abandonados e ouvir as pessoas que lá residem reclamarem da falta de opções de lazer, levou à indagação acerca do que teriam sido as práticas de diversão dos ditos tempos áureos de Cataguases.

Buscar respostas demandou uma pesquisa histórica que implicou em contextualizar as coisas no espaço, no tempo e no processo histórico, a partir dos elementos construídos no e pelo processo de estudo. Assim, pode-se afirmar que, no início do século XX, algumas regiões brasileiras foram marcadas por um desenvolvimento social e econômico peculiar, devido à agricultura, ao extrativismo mineral, à extração do látex, à produção de leite, à oferta de malha férrea, à presença de imigrantes, entre outros fatores que contribuíram para impulsionar o desenvolvimento dessas regiões e, conseqüentemente, da oferta e da fruição de práticas de diversão¹⁵.

O pesquisar histórico implica, então, emaranhar-se pelas especificidades de cada lugar, tendo presente que fatores múltiplos influíram e influem para que esse espaço seja único e represente aquele momento. O desenvolvimento das práticas de diversões em determinado tempo e lugar, viés que motiva esta tese, é parte dessas especificidades, portanto precisa ser situado social e historicamente.

Em um país com características continentais, natureza e cultura diversificadas, população miscigenada, como é o caso do Brasil, as práticas de diversão assumiram atributos locais. Nesse sentido, ao buscar compreender e contar a história das diversões no País, é preciso atentar e dar visibilidade às distinções locais, pois “[...] o confronto entre duas sociedades, relacionadas a duas culturas distintas pode oferecer uma possibilidade exemplar de iluminar uma cultura através da outra” (BARROS, 2011, p. 40).

A circulação cultural que ocorria entre locais, grupos e populações distintas revela uma riqueza de vivências que constituiu a história das diversões no país. Aliado a essas vivências, percebe-se o gosto – em especial, de parte da elite brasileira – por hábitos estrangeiros e sua conseqüente incorporação à cultura local. Esta incorporação não se deu de forma pura, mas adaptada a gostos próprios dos/as brasileiros/as.

O trânsito cultural, promovido através de práticas de diversão, foi sinalizado em diversos estudos que se dedicaram ao período histórico compreendido por esta tese, que

¹⁵ Neste trabalho optou-se por trabalhar com as práticas de diversões modernas encontradas no jornal Cataguazes: Teatro, Cinema e Esportes.

compreende o início do século XX, no Brasil (MELO, 2015; MELO, 2017; MELO; SANTOS JUNIOR, 2018; MELO; GONÇALVES, 2019).

Nesse sentido, destaca-se a colocação de Melo (2010a), o qual sugere que se evitem armadilhas, principalmente a de estabelecer uma das sociedades analisadas como modelo ou padrão, o que levaria o/a historiador/a a incorrer no equívoco do etnocentrismo. Por isso, busca-se refletir sobre as singularidades do desenvolvimento das práticas de diversão em Cataguases e a relação entre elas e o *modus vivendi* moderno do início do século XX.

Cataguases é uma cidade do interior de Minas Gerais. As regionalidades e as possibilidades de se pensar a história, a partir do interior, seguem uma tendência de descentralizar o pensamento e romper com a padronização de uma escrita da história pautada apenas nos grandes centros urbanos. É nesse contexto que esta pesquisa investigará a cidade de Cataguases, cujo desenvolvimento, assim como o de outras cidades do Brasil, foi marcado pela cultura, pelo comércio e pelo transporte do café.

Definido o lugar e o período histórico, compreendido entre os anos de 1906 e 1930, a serem analisados, elegeu-se o jornal Cataguazes como *locus* da investigação das práticas de diversão na cidade. Localizada na Zona da Mata Mineira, Cataguases tem sua história marcada por *ares modernos*¹⁶ balizados pela estrada de ferro, pela presença de imigrantes, pela produção e escoamento do café, pelo incremento do comércio, por desenvolvimento industrial, pela publicação da Revista Verde e pelo cinema de Humberto Mauro, fatores que, juntos, contribuíram para o desenvolvimento cultural, intelectual e econômico vivenciado na cidade no início do século XX.

O período escolhido foi marcado pelos primórdios da industrialização na cidade, que, servida de malha ferroviária, vivenciou uma diversificação dos investimentos, dos negócios e dos serviços – elementos que caracterizaram a transição de uma Cataguases rural para uma Cataguases urbana, interferindo nos modos de vida da população e, conseqüentemente, nas diversões.

Esse fenômeno não se restringiu à cidade. Segundo Musse (2007), foi a partir da segunda metade do século XIX que se tornou mais clara a relação entre o projeto de um Brasil moderno, ideário das lutas contra a escravidão e a monarquia, que favoreceria a ascensão da burguesia industrial ao poder, no lugar das velhas oligarquias rurais, aliadas do escravagismo e do Império, e o desenvolvimento da imprensa.

¹⁶ Esse é um dos aspectos que marcam a chamada modernidade, descrita e caracterizada por autores clássicos como Marshall Berman (1986), Antony Giddens (1991), Zygmunt Bauman (2001), T. J. Clark (2004), Stuart Hall (2005) e Walter Benjamin (2006), que se faz presente neste trabalho.

Associa-se a isso a circulação de ideais estrangeiros, oriundos das experiências dos imigrantes que moravam na cidade, e a ampliação das práticas de diversão no cenário nacional. Tal cenário convergiu para o incremento da oferta de divertimentos como o cinema, através, por exemplo, da elaboração e produção de filmes, em Cataguases, protagonizada por Humberto Mauro e, conseqüentemente, o surgimento da indústria cultural *Phebo Sul America Film*, depois *Phebo Brasil Film*, em 1925.

O movimento social, econômico e político percebido em Cataguases no período assemelha-se ao descrito por Gonçalves Neto (2007), ao referir-se a Belo Horizonte, construída para ser a nova capital de Minas Gerais, a partir de 1897:

Deve ser lembrado que as burguesias locais, à medida em que se firmam as condições de reprodução econômica e de controle políticos locais, começam a se preocupar com a imagem que externam, tentando apresentar-se para os viajantes, para os políticos que por tais regiões circulam, para os indivíduos que formam opinião nos grandes centros como um grupo que já superou os limites da barbárie que os circunda. Existe a preocupação em dar-se um certo lustro na imagem, o que só pode ser feito por meio do estudo dos filhos, da importação de literatura e de conferencistas, de peças teatrais, filmes, etc. Ou, melhor ainda, se for possível, reproduzir na localidade a prática cultural existente nestes centros, nos quais se miram todo o tempo. Além disso, existe a preocupação com a “melhoria” das condições culturais da população - aqui entendida principalmente como composta por aqueles que ocupam estratos sociais mais elevados e, em menor preocupação, por aqueles das camadas inferiores -, procurando superar o analfabetismo secular e o desconhecimento quase completo de práticas ditas civilizadas, mas sem permitir que essa extensão da cultura possa configurar algum tipo de risco para a ordem social e situação privilegiada da elite. (GONÇALVES NETO, 2007, p. 108).

Assim como Gonçalves Neto (2007), acredita-se na premissa de que a oferta de diversões na cidade de Cataguases pode ter influenciado na dinâmica social, econômica e política, ratificando os pertencimentos de classe e as questões de gênero, criando nichos de aproximações e distanciamentos que, por vezes, podem ter gerado movimentos de aceitação e resistência à situação socialmente colocada e que, possivelmente, contribuíram para a representação da cidade enquanto moderna e progressista¹⁷.

Na especificidade dos objetivos da pesquisa, buscou-se identificar, através dos exemplares do jornal Cataguazes, as práticas de diversão que eram experienciadas pela população de Cataguases, entre 1906 e 1930; entender o contexto político, econômico e social

¹⁷ O conceito de progressista utilizado corrobora com o dicionário Michaelis: “Relativo ao progresso ou ao progressismo; favorável ao progresso; adepto de reformas nos âmbitos político, social, econômico, educacional etc.; revolucionário; que está em evolução constante, seguindo as novas tendências da ciência e da tecnologia”. Disponível em: <https://http://michaelis.uol.com.br/busca?id=2aeDG>. Acesso em: 22 dez. 2020.

no qual se inseriam tais práticas e as relações (tensão, conformidade) com a urbanização e a modernização da cidade.

A sede do arraial do Meia Pataca, posteriormente Cataguases, foi elevada à categoria de município em 25 de novembro de 1871, Lei nº 2 180. O município era composto pelas Freguesias de Meia Pataca, Laranjal e Empoçado, que foram divididas, ao mesmo tempo, nos municípios de Leopoldina, Santo Antônio do Muriaé e Ubá, mais a freguesia do Capivara¹⁸.

O site da prefeitura da cidade¹⁹ aponta que, de acordo com a divisão administrativa de 1911, o município era composto por nove distritos: Cataguazes²⁰, Cataguarino (ex-Espírito Santo do Empoçado), Itamarati, Laranjal, Mirai (ex-Santo Antônio de Muriaé), Porto de Santo Antônio, Santana de Cataguazes, Sereno e Vista Alegre; fato que durou até o recenseamento geral de 1-IX-1920.

O Anuário Estatístico de Minas, de 1904, afirma que Cataguases é “Grande cidade, 4ª do Estado, com 10 mil almas, excelente praça comercial, comércio de café, servida pela Estrada de Ferro Leopoldina”²¹. O mesmo documento cita a Biblioteca Municipal como uma das mais importantes do estado.

A constituição da cidade se fazia à medida que estruturas políticas, econômicas e sociais eram estabelecidas e, junto com estas, os espaços da cidade se modificavam. O Anuário de 1907²² traz um panorama interessante sobre os espaços da cidade que salta aos olhos e é digno de citação:

O Paço Municipal, Imprensa Official, a Cadeia Pública, o Prédio das Escolas, o Hospital de Caridade, Fábrica de Tecidos, o Theatro Cataguazense, o Hotel Villas, a Estação distribuidora de eletricidade, os Palacetes Zeferino e Passos, a Vila João Duarte, edifícios todos de belo aspecto que dão à cidade aspecto adeantado, centro cheio de vida, commercio e movimento, bonds elétricos, excelente iluminação pública, Gynmasios, Collegios, fortes casas comerciaes, viação férrea, para todos os distritos visinhos, são outros tantos elementos de vida para a cidade de Cataguases. (p. 329).

¹⁸ A história da cidade se encontra disponível no site da prefeitura. Disponível em: <http://www.cataguases.mg.gov.br/historia/#:~:text=Em%201871%2C%20pela%20Lei%20n%C2%BA,desmembrada%20do%20munic%C3%ADpio%20de%20Muria%C3%A9>. Acesso em: 22 nov.2020.

¹⁹ Disponível em: <http://www.cataguases.mg.gov.br/>. Acesso em: 20 out. 2019.

²⁰ Grafia utilizada até o ano de 1948, quando a Lei Estadual nº 336, de 27 de dezembro, alterou a grafia de Cataguazes para Cataguases. Neste trabalho – e apenas com a cidade de Cataguases – não foram analisados os distritos pertencentes ao município, por se entender que a configuração administrativa foi passível de mudanças durante o período. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/minasgerais/cataguases.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2020.

²¹ Anuário Estatístico de Minas de 1904, p. 176. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/annuario-de-minas-geraes/>. Acesso em: 24 nov. 2018.

²² Anuário Estatístico de Minas de 1907. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/annuario-de-minas-geraes/>. Acesso em: 24 nov. 2018.

O Anuário Estatístico de Minas em 1913²³ complementa a visão da cidade, ressaltando a área muito fértil e salubre, medindo 320 (trezentos e vinte) quilômetros quadrados, apontando o espetáculo proporcionado pela passagem do trem nas estações de Sinimbu e Barão de Camargo²⁴ e sinalizando as evidências demonstradas pelos prédios, comércios, via férrea, entre outros elementos que marcavam “[...] a pujança e prosperidade do referido districto”²⁵.

Observa-se que os documentos citados exaltavam um desenvolvimento da cidade alicerçado por elementos modernos, contexto próprio da transição do século XIX para o XX que aponta a urbanização, a sanitização, as práticas corporais e de diversão como elementos constituidores de um ideal.

Pesquisas apontam as primeiras décadas do século XX como um período fundamental no processo histórico de diversificação e ampliação de ofertas de diversão no Brasil. Tais práticas se identificam com a perspectiva moderna vigente nesse contexto histórico, fator que contribuiu para o incremento do gosto e da aderência às práticas de diversão por parte da população brasileira (KANITZ, 2017; OLIVEIRA, 2016; MAIA, 2019; CORRÊA, 2019). A modernização de várias cidades do país também é um movimento típico desses anos e, segundo Melo (2010c), guarda relações diretas com a identificação das práticas corporais e de diversão enquanto hábitos a serem apreendidos e praticados pelos/as cidadãos/ãs. Daí o desafio deste estudo: compreender de que forma essas relações se estabelecem no contexto específico da cidade de Cataguases.

Na Zona da Mata Mineira, região na qual o município está inserido, por exemplo, foram identificados estudos que corroboram essa vertente, parte deles associando o movimento de modernização e oferta de diversão ao desenvolvimento da cidade de Juiz de Fora/MG, a exemplo dos estudos de Soares (2010), que pesquisou as diversões em Juiz de Fora; de Lisboa (2010), que analisou o Clube Ginástico; e de Mororó (2012), o qual tratou do futebol local.

Em algumas cidades brasileiras, o processo de modernização parece ter seguido um ritmo diferente e peculiar, que se distancia por uma ruralidade latente ainda presente nos primórdios do século XX. Alguns pesquisadores, como Cambrais e Mendes (1988), Vilhena (2008), Souza Neto (2009) e Amaral (2017), também sinalizam essa perspectiva ao analisarem outras regiões de Minas Gerais.

²³ O Anuário Estatístico de 1913 havia sido produzido em 1911, mas só foi publicado em 1913. Outras informações em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/annuario-de-minas-geraes/>. Acesso em: 24 nov. 2018.

²⁴ Essas estações ferroviárias margeiam o Rio Pomba, e a estrada de ferro acompanha o leito do rio.

²⁵ Anuário Estatístico de Minas de 1913, p. 356. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/annuario-de-minas-geraes/>. Acesso em: 24 nov. 2018.

Enquanto algumas das pequenas cidades do interior do Brasil viviam esse ritmo rural, outras estavam embebidas em um processo de modernização, marcado pelo tempo e pelo controle. A relação com o tempo, influenciada pela lógica do trabalho e do capital, foi sendo ressignificada no e pelo processo de modernização: o tempo transformou-se em mercadoria, e outras mercadorias foram criadas para ocupar esse tempo. O marco da modernidade e suas luzes, vitrines e velocidade passaram a expor e controlar os corpos no tempo livre e no tempo de trabalho. Novos conceitos de sociedade, comportamento e diversão eram arraigados. Valores sociais e culturais que foram sendo modificados contribuíram decisivamente com a mudança das relações sociais (SOARES, 2008).

Para Debord (1997),

O tempo pseudocíclico é um tempo que foi transformado pela indústria. O tempo que tem sua base na produção das mercadorias é ele próprio mercadoria consumível, que reúne tudo o que anteriormente se havia diferenciado, durante a fase de dissolução da velha sociedade unitária, como vida privada, vida econômica, vida política. (p. 104).

Nesse contexto, Cataguases, no início do século XX, vivenciava uma transição entre o rural e o urbano. Eles, de acordo com Wanderley (2001), se imbricam e suas especificidades não criam distanciamentos, mas fortalecem uma relação dialética entre aproximações e particularidades. Assim,

[...] rural-urbano como uma relação que aproxima e integra dois polos extremos. Nesta segunda perspectiva, a hipótese central é de que, mesmo ressaltando-se as semelhanças entre os dois extremos e a continuidade entre o rural e o urbano, as relações entre o campo e a cidade não destroem as particularidades dos dois polos e, por conseguinte, não representam o fim do rural; o continuum se desenha entre um polo urbano e um polo rural, distintos entre si e em intenso processo de mudança em suas relações. (p. 33).

Rural e urbano são conceitos que, de acordo com Wanderley (2001), só fazem sentido a partir da existência um do outro. Assim, pensar em ruralização só faz sentido se houver um distanciamento do conceito de urbanização. Nessa mesma via, dialogar sobre o urbano prediz entender o que é o rural e repensar a estrutura e a lógica de organização, os serviços e as relações sociais, em um formato dicotômico de não oposição, isto é: só existe urbanização a partir do aspecto relacional com a ruralização.

Nessa direção, percebe-se que alguns espectros apontam o rural associado a parâmetros de isolamento geográfico, de pouca infraestrutura e baixa densidade populacional, em

contraponto a um urbano visto pelos olhos da modernidade, da oferta de serviços, da indústria e do desenvolvimento.

No entanto, Ponte (2004) chama atenção para um entendimento do conceito de rural que perpassa por questões ambientais, sociais e econômicas, as quais envolvem laços estreitos entre o ser humano e a natureza, estabelecendo relações que se afirmam em aspectos políticos e sociais. Segundo a autora, o rural apresenta-se como um território de importância primária para o conjunto da sociedade, representando uma significativa contribuição para a economia em termos produtivos.

No tocante ao urbano, Lencioni (2008)²⁶ entende que ele se caracteriza como um fenômeno, um adjetivo que qualifica um substantivo, por exemplo, “o transporte urbano”; enquanto cidade é a relação entre o ser humano e o meio, e se relaciona com o sentido de objeto. Ou seja, em nenhum dos casos a definição se dá em oposição ao rural.

Corroborando com esse olhar, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística²⁷ define “cidade” como uma estrutura organizacional urbana que independe de parâmetros outros, como, por exemplo, as relações sociais; privilegiando o caráter político e administrativo. Essa definição permite entender que, no Brasil, é urbano quem mora nas sedes dos municípios, independentemente do tamanho desses e das profissões desempenhadas.

Dessa forma, neste trabalho, considera-se a cidade de Cataguases, nas primeiras décadas do século XX, como um núcleo urbano estruturado a partir de uma estrutura político-administrativa, com oferta de serviços, produtos, comércios, indústrias, bancos, trens e toda uma organização própria que influencia na dinâmica social.

A Cataguases dos primórdios do século XX vivenciava a transição entre rural e urbano. Nesse contexto, valores e costumes associados à modernidade foram difundidos, práticas de diversão foram ressignificadas e ganharam o cotidiano de parte da população, com a justificativa de serem associadas a valores civilizatórios (MELO, 2010b).

Assim,

Não por acaso o lazer se torna um tema tão importante para os urbanos que se organizam pelos ritmos impostos pela moldura do tempo linear e cronológico. Homens e mulheres da cidade provavelmente têm no tédio um dos seus

²⁶ LEONCIONI, Sandra. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 24, p. 109-123, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74098/77740>. Acesso em: 19 out. 2020.

²⁷ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 04 abr. 2018.

maiores inimigos – não pode haver tempo “morto” e por isso é tão obrigatório divertir-se, gozar a todo custo. (VAZ; MOMM, 2012, p. 151).

É no pensar a dissolução e o imbricamento das posturas sociais, percebidas nesse marco histórico, que Mello (2014) sinalizou a relatividade do termo “modernidade”, que pode ser entendida a partir de dimensões que passam por aspectos políticos, econômicos, técnicos, materiais, religiosos, comportamentais, espaciais, entre outros. Nessa perspectiva, o autor aponta a polissemia e a pluridimensionalidade da modernidade, demarcada por conceitos de matrizes teóricas e filosóficas. Assim, entende-se como moderno aquilo que atende a um período recente e, por modernidade, a maneira como estes tempos, ditos modernos, são apropriados, experienciados e vividos pelos indivíduos, através do movimento temporal que compõe as transformações sócio-históricas. Dessa forma, “modernidade” e “moderno” são termos complementares que possibilitam múltiplas interpretações e significados.

A modernidade histórica baliza uma mudança de paradigma que conjectura com a relação que se estabelece a partir da utilização do tempo. Thompson (1998) reflete sobre o passar do tempo, marcado pelos acontecimentos familiares e pela vida doméstica, e a ressignificação deste com o desenvolvimento do modo de vida moderno urbano. O tempo do relógio provocou uma organização mais racional, mecânica e rígida do trabalho e da existência humana (NAKAYAMA, 2016).

Dessa forma, o controle do tempo, através de relógios cada vez mais precisos, é apontado por Ortiz (1991) como marco da sociedade do conflito e do controle, que é caracterizado pelo antagonismo entre a hora do trabalho e a hora do não-trabalho, sinalizadas pelos apitos das fábricas e pelo barulho dos trens.

Nesse processo de reorganização social, a fábrica indicou uma nova forma de entender e utilizar o tempo, marcado pelo trabalho. O cronometrar do tempo regulou a vida do trabalhador entre o tempo livre e o tempo de trabalho. A indústria e o comércio, em Cataguases, ocuparam o tempo do trabalho; já empresários como o Coronel João Duarte e o Pascoal Ciadoro vislumbraram, nos períodos de não-trabalho, um novo nicho de mercado, o oferecimento de modernas práticas de diversões como o teatro e o cinema.

As diversões aqui analisadas são práticas que discorrem no tempo livre²⁸ e ilustram uma sociedade tratada de forma antagônica, na qual tanto o tempo do trabalho e do não-trabalho se

²⁸ Entende-se tempo livre como uma extensão do tempo de trabalho. O tempo de trabalho é marcado pelo controle do tempo da produção e tem como marco histórico a Revolução Industrial. Para Gomes (2004): “Pensar o tempo livre (e as atividades de lazer) como um tempo que possui automaticamente as qualidades de alegria, liberdade, felicidade e descanso é reforçar uma concepção conservadora (como a funcionalista, por exemplo) da sociedade considerando-a harmoniosa, equilibrada e fornecedora de remédios para os eventuais males sociais; uma

refletem em controle social, entre a moralidade e a não-moralidade; entre os hábitos civilizados e os não-civilizados; entre as práticas permitidas e as negadas; e entre a utilização dos espaços públicos e dos privados. Entende-se que essa dicotomia não se configura de maneira clara na prática, uma vez que uma mesma questão pode conter as diferentes faces de uma mesma situação.

Nessa transição vivenciada no início do século XX, algumas cidades, como o Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, viveram tempos áureos, marcados por uma ordem social dinâmica, associada ao que era novo, aos hábitos estrangeiros. O processo de sanitização e urbanização das cidades brasileiras estava avançando desde o século XIX; assim sendo, ideias, conceitos, práticas corporais e de diversão eram importados da Europa, fazendo desse continente um modelo a ser seguido (MELO, 2010d).

Considerando esse cenário, Victor Andrade de Melo investiu esforços em pesquisas que focalizaram o esporte e o lazer no final do século XIX, na cidade do Rio de Janeiro. O pioneirismo e a importância de suas pesquisas fizeram com que, por vezes, a história do esporte e do lazer do Rio de Janeiro fosse encarada como uma realidade nacional, fato que, atualmente, não se sustenta.

Autores como Marzano, Melo (2010a), Melo (2015) e Santos (2017) deram destaque a cidades como Rio de Janeiro e São Paulo nos estudos sobre a história do esporte, do lazer, das práticas corporais e de diversão. Entretanto, entende-se que Minas Gerais, assim como outras regiões e estados, também faz parte do processo de desenvolvimento nacional, no caso em questão, do início do século XX.

Exemplo disso é a região objeto deste estudo. A cultura e o escoamento do café, nas primeiras décadas do século XX, em Minas Gerais, marcaram a Zona da Mata Mineira como grande produtora de café. Localizada nessa região, Cataguases se inseriu nesse contexto e, para além do eixo político e econômico dominado por Rio de Janeiro e São Paulo (SIMONSEN, 2005), a cidade se destacou e fez da cultura do café o alicerce fundamental para a urbanização.

O incremento econômico do município foi acompanhando pelo crescimento de uma elite local e pela formação de uma classe operária na cidade (PIMENTA, 2011). Essa classe operária, em crescimento no início do século XX, contrastava com a forma peculiar de viver da elite

concepção de sociedade que vê a ‘cura’ da alienação e do cansaço do trabalho no tempo de lazer. Isso não quer dizer, no entanto, que o tempo livre não seja um tempo em que se encontram mais brechas de autonomia que no tempo de trabalho. O tempo livre pode ser um tempo de alienação e consumismo, mas também pode ser um tempo de reflexão e práxis. [...] O tempo que resta continua sendo regido pela lógica do capital, ou seja, o tempo disponível ampliado continua sendo regido pelos interesses do capital” (p.111).

local, composta por pintores, escritores, artistas²⁹, arquitetos, entusiastas e participantes do Movimento Modernista³⁰ do País. A influência estrangeira, a produção cafeeira, a indústria, o comércio, a circulação de periódicos, produtos e obras de arte, as diversões e os divertimentos, a classe operária e o controle do tempo do trabalho, do lazer e da produção, são elementos que compõem um panorama que instiga a investigação das práticas de diversão na cidade de Cataguases.

Nakayama (2016) faz um alerta ao abordar a concepção de divertimento no Brasil. Dialogando com Marzano e Melo (2010), a autora afirma que a compreensão do lazer no Brasil, na transição do século XIX para o XX, deve levar em consideração o sistema escravocrata, uma economia agrária, caminhando em processo lento de industrialização, contribuindo para a reflexão do lazer como “divertimento e diversão”, terminologia muito encontrada nas pesquisas realizadas com a imprensa daquela época e adotada neste trabalho.

Além disso, a definição de diversão aqui utilizada corrobora com Melo (2013b), o qual a entende como uma palavra que tem aspectos sociais e políticos, com um caráter polissêmico, abarcando generalizações e, também, especificidades. A aproximação deve-se, principalmente, ao entendimento do viés histórico, associado ao tempo e ao espaço, como contexto definidor dos limites e potencialidades do conceito. Ciente de que a história dos conceitos ajuda o pesquisador na compreensão de seu objeto de estudo, no sentido de que este possa se apropriar precisamente do que está sendo analisado, procura-se, aqui, dar materialidade e contextualidade a eles.

Assim, entende-se que o termo “diversão” remete ao lazer no início do século XX no Brasil e é atualmente tratada pelos Estudos do Lazer. Essa terminologia é encontrada em diversos documentos da época e associa-se com uma ampliação e diversificação de ofertas e estruturas de entretenimento, uma nova reorganização social, trazida pela urbanização e modernização das cidades brasileiras, que modificou e normatizou a ocupação do tempo livre, tendo sido influenciada pelo dito “caráter civilizatório”, na evolução do processo de industrialização.

²⁹ O artista do final do século expressava uma tensão e uma incerteza frente a mudanças que redefiniram as relações sociais e produziram novas concepções de mundo. O período se caracterizou por uma mescla de euforia e desespero, esperança no futuro e niilismo, revolucionarismo e conservadorismo, louvor e desprezo à tecnologia. Ou seja, as reações frente às mudanças não eram as mesmas e variavam do extremo otimismo ao extremo pessimismo nostálgico (CAPELATO, 2005, p. 255).

³⁰ Movimento artístico e cultural que procurou romper com características tradicionais. Na literatura, caracteriza-se por publicações de autores de todo o país (QUEIROZ, 2018), dentre os quais cita-se a Revista Verde de Cataguases. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/modernismo-revisitado/>. Acesso em: 13 ago. 2020.

Nesse sentido, não seria equivocadamente denominar “estudos da diversão” o que academicamente temos constituído como Lazer. Isso nos permitiria tanto incorporar com tranquilidade recortes temporais anteriores à modernidade quanto considerar com maior acuidade o fato de que não foi de uma hora para outra que se substituiu o antigo formato da diversão pelo novo que se instituiu, da mesma maneira que isso não ocorreu também com o trabalho. Trata-se de um processo que tem relação com a própria construção das ideias da modernidade: controlar e adequar o não trabalho foi tão importante e tenso quanto foi o mesmo processo com o trabalho. (MELO, 2013b, p. 32).

Nessa direção, Santos (2014) reforça que diferentes relações foram sendo construídas ao longo do tempo, ampliando o entendimento de diversão e divertimento, até chegarmos às amplas, complexas e atuais definições de lazer. Além das percebidas no início do século XX, a autora destaca o entendimento do ser humano como ser integral, as perspectivas relativas à saúde, ao turismo, ao esporte, à cultura, à história e ao desenvolvimento social e científico que propiciaram, após muita luta, a inserção do lazer como direito social na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (BRASIL, 1988)³¹.

Ao abordar o conceito de diversão, vale destacar que, neste trabalho, a ampliação do conceito de fontes de pesquisa transcende da historiografia tradicional³² para chegar à História Cultural, tratada por Peter Burke (2008)³³. Em suas premissas, o autor entende que os jornais e a imprensa podem ser materiais documentais de pesquisas históricas. Na mesma direção, Luca (2006, p.118) destaca que, “ao lado da imprensa e por meio da imprensa, o jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica”.

Na perspectiva da História Cultural, entende-se que o jornal apresenta uma representação da dinâmica social que registra o momento histórico, no contexto específico, dialogando com um modelo de viver ímpar, permeado por normas sociais, por aspectos políticos e econômicos, definidores de ações e posturas que circundam e possibilitam a perspectiva da Pesquisa Histórica, a partir da História Cultural, como citado por Barros (2011).

São práticas culturais não apenas a feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino, mas também os modos como, em uma dada sociedade, os homens falam e se calam, e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem os estrangeiros (p. 46).

³¹ Assunto tratado com maior aprofundamento no livro “O lazer como direito social, sua inclusão na constituição de 1988” (SANTOS, 2014).

³² A historiografia tradicional marcou os estudos do século XX e se caracteriza pela influência positivista, vínculo ao documento escrito e a forma, não vislumbra outras fontes como possibilidade para a investigação históricas (ROIZ, 2007).

³³ BURKE, Peter. O que é História Cultural? Trad. Sergio Goes de Paula. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

O movimento da História Cultural, além de contribuir para uma ampliação das possibilidades dos estudos históricos, descentralizando a cronologia histórica tradicional e possibilitando um olhar a partir de outros ângulos, fortalece e legitima a tendência de repensar a escrita da história.

Nesse sentido, a História Cultural permite estabelecer inter-relações entre campos de saberes e modalidades historiográficas distintas como a História Social, a História do Imaginário, a História das Religiosidades, a História Política, entre outras, que acompanham este trabalho e fazem da História Cultural a vertente escolhida para fundamentar esta pesquisa.

A História Cultural enfim, tem permitido precisamente o estabelecimento de um novo olhar sobre objetos que habitualmente têm sido beneficiados por um tratamento historiográfico econômico, político ou demográfico. Sua expansão, por conseguinte, vai muito além dos objetos e processos habitualmente tidos por culturais, de modo que é sempre oportuno enfatizar como a História Cultural tem se oferecido cada vez mais como campo historiográfico aberto a novas conexões com outras modalidades historiográficas e campos de saber, ao mesmo tempo em que tem proporcionado aos historiadores um rico espaço para a formulação conceitual. (BARROS, 2011, p. 60).

Dias (2012) ajuda na aproximação da História Cultural com o objeto deste estudo, ao instigar o pensar da escrita da História do Esporte através de múltiplos olhares, focalizados na regionalidade, utilizando os periódicos como fontes e destacando as invisibilidades das histórias das práticas corporais dos esportes e do lazer, em algumas regiões do País.

Narrativas históricas nacionais, nesse sentido, aparecem como o resultado de um conjunto mais ou menos arbitrário de reduções e generalizações, onde práticas e imaginários de determinados grupos específicos, de regiões específicas, se apresentarão como representações válidas para toda a nação. (DIAS, 2012, p. 27).

Na mesma direção, Machado (2007) ressalta a importância de estudos em perspectivas locais e regionais, tendo em vista que generalizações, em especial a partir dos estudos de grandes centros urbanos, podem produzir reduções, excluir especificidades locais e a representação do cotidiano. Nesse sentido, para ele, o jornal:

Oferece novas óticas de análise do estudo de cunho nacional, podendo apresentar todas as questões fundamentais da História [...] a partir de um ângulo de visão que faz aflorar o específico, o próprio, o particular. A historiografia nacional ressalta as semelhanças, a regional lida com as

diferenças, a multiplicidade. A historiografia regional tem ainda a capacidade de apresentar o concreto e o cotidiano, o ser humano historicamente determinado, de fazer a ponte entre o individual e o social. (p. 13).

Assim, acredita-se que o jornal pode ser entendido como uma fonte de pesquisa carregada de sentidos, significados, representações e intencionalidades, como todo documento produzido. Neste trabalho, optou-se pela utilização desse veículo de comunicação como fonte, reduto que auxilia nos estudos da dinâmica social, econômica, política e cultural das cidades.

Ao sinalizar a potencialidade e a fugacidade dos jornais, enquanto fontes de pesquisa, Machado (2007) trata-os como documentos privilegiados de percepção da dinâmica social. Assumindo essa premissa, entende-se que a relação entre as diversões e o modelo de sociedade que se construía em Cataguases pode ser percebida e interpretada a partir do relato dos fatos e do dia a dia cataguasense feitos pelos jornais, considerando que a cidade contou com a circulação de 23 jornais e folhetins até 1930³⁴. Isso porque “os escritos jornalísticos assumem um caráter fugaz e imediato, pois tratam dos acontecimentos do dia a dia e têm como característica provocar a reação dos leitores sobre ideias e posições, normas e leis, principalmente sobre situações políticas” (MACHADO, 2007, p. 37).

Assim, a partir das publicações do jornal Cataguazes, principal periódico da cidade no período estudado, este trabalho buscou refletir sobre as singularidades do desenvolvimento das práticas de diversão em Cataguases e a relação entre elas e o *modus vivendi* da sociedade cataguasense entre 1906 e 1930. O recorte do período, conhecido como Primeira República, justifica-se por representar um momento de transição política do País, que tem, na Proclamação da República, em 1889, o marco inicial e se finda com a Revolução que marca o início da Era Vargas, nos anos de 1930. Considerando a possibilidade de acesso às fontes, esse período sofreu um recorte, tendo em vista a inauguração do jornal Cataguazes em 1906 e, em 1929, o final das publicações analisadas.

Com a república recém-instaurada, as primeiras décadas do século XX representaram um período conturbado no Brasil, tanto pela alternância de poder entre os presidentes, quanto pela ausência de participação efetiva da população nas questões políticas. O país viveu os primeiros anos da República, marcados pela política de alternância de poder entre São Paulo e Minas Gerais (política café com leite). Na economia, sofreu com as crises advindas da Primeira

³⁴ Gazeta de Cataguases (1883); Folha de Minas (1884); O Povo (1886); Cataguazense (1886); José Bonifácio (1886); O popular (1890); Echo de Cataguazes (1894); Gazeta de Cataguazes (1901); Monitor Mineiro (1895); Agricultor (1898); Jornal de Minas (1898); O Arauto (1898); Cataguazes (1906); Chimera (1908); Estandarte (s/d); Ruy Barbosa (1922); Evolução (1910); Época (1910); Reação (1930); A Tribuna (1927); O Município (s/d); Itinerário (1930/1940); Nacionalista (1930/1940); Rebate (1930/1940) (MELO, 2014),

Guerra Mundial (1914-1918), da quebra da bolsa de valores de Nova York (1929) e, no viés cultural, foi palco da Semana de Arte Moderna de 1922, na qual a cidade de Cataguases teve uma participação efetiva.

Para além das questões nacionais, em Cataguases, na primeira década do século XX, foram instalados: iluminação pública, água encanada, indústrias, cafés, clubes recreativos, salas de cinema e teatro; as vivências de esporte e outras diversões foram ampliadas e diversificadas; publicaram-se impressos importantes como a Revista Verde (1927–1929); e teve início a produção de filmes (1925). Aprofundaremos esses aspectos mais adiante.

Dessa forma, o período estudado reflete um país em processo de organização política e econômica, focalizando a organização e a constituição de suas estruturas, ao mesmo tempo em que buscava sua identidade cultural. A cidade de Cataguases, enquanto parte desse cenário, afetou e foi afetada pelos processos citados, adaptando-os à própria realidade. Alguns dados auxiliam na compreensão dessa realidade, a exemplo do índice de alfabetização (Tabela 1).

Tabela 1 - Pessoas que sabiam ler e escrever em Cataguases/MG

Idade	Número absoluto de Brasileiros			Número absoluto de Estrangeiros			Nacionalidade ignorada		
	H	M	T	H	M	Total	H	M	Total
0 – 6	23	35	58	-	-	-	-	-	-
7 – 14	1.362	1.200	2.562	12	10	22	-	-	-
15 e +	8.103	4.846	12.949	755	263	1.018	1	1	2
Total	9.488	6.081	15.569	767	273	1.040	1	1	2

H = Homens; M = Mulheres; T = Total

Fonte: Censo IBGE 1920³⁵, v. 4. População (p. 196).

Tabela 2 - Pessoas que não sabiam ler nem escrever em Cataguases/MG

Idade	Número absoluto de Brasileiros			Número absoluto de Estrangeiros			Nacionalidade ignorada		
	H	M	T	H	M	T	H	M	T
0 – 6	6.692	6.569	13.261	12	11	23	-	-	-
7 – 14	5.379	5.400	10.779	12	12	24	-	-	-
> 14	8.946	11.683	20.629	424	443	867	7	5	12
Total	21.017	23.652	44.669	448	466	914	7	5	12

H = Homens; M = Mulheres; T = Total

Fonte: Censo IBGE 1920³⁶ v. 4. População (p. 196).

³⁵BRASIL. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Anuário estatístico do Brasil. Ano VI – 1920. Conselho Nacional de Estatística. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, acervo Real Gabinete Português de Leitura, v.4, 1946.

³⁶BRASIL. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Anuário estatístico do Brasil. Ano VI – 1920. Conselho Nacional de Estatística. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, acervo Real Gabinete Português de Leitura, v. 4, 1946.

Na Tabela 1, observa-se que, no ano de 1920³⁷, os 58 (cinquenta e oito) habitantes com idade entre zero e seis anos que sabem ler e escrever representam 0,37% (zero vírgula trinta e sete por cento) do total de cataguasenses brasileiros/as que sabiam ler e escrever; os com idade entre 7 (sete) e 14 (catorze) anos, 2.562 (dois mil quinhentos e sessenta e dois), ou seja, 16,45% (dezesseis vírgula quarenta e cinco por cento) tinham esses domínios, enquanto 83,17% (oitenta e três vírgula dezessete por cento) maiores de 15 (quinze) anos dominavam a leitura e a escrita.

Fazendo um recorte nesse cenário, observa-se que os homens brasileiros, estrangeiros e de nacionalidade não ignorada predominavam entre as pessoas que dominavam a leitura.

Percebe-se que, entre os/as cataguasenses brasileiros/as que sabiam ler e escrever, em torno de 60,94% (sessenta vírgula noventa e quatro por cento) eram homens e 39,05% (trinta e nove vírgula zero cinco por cento), mulheres. Esse dado reflete as desigualdades entre homens e mulheres, percebidas no período histórico, as quais interferem nas diversões e, por isso, serão trazidas em outro momento.

No cenário dos iletrados (Tabela 2), Cataguases contava com 44.669 (quarenta e quatro mil, seiscentos e sessenta e nove) brasileiros/as, dos/as quais, na estratificação por gênero, as representantes do gênero feminino compõem 52,94% (cinquenta e dois vírgula noventa e quatro), enquanto os homens reafirmavam a superioridade no grau de instrução, na medida em que apenas 47,05% (quarenta e sete vírgula cinco por cento) não eram letrados.

A taxa de analfabetos (66,66%) se apresenta um pouco inferior à da população brasileira no mesmo contexto. Embora os dados estatísticos apresentados no Anuário Estatístico do Brasil (1946) incitem questionamentos, os dados estimulam a reflexão de que a cidade de Cataguases, possivelmente, era privilegiada quanto ao número de pessoas letradas.

A taxa de 75% de analfabetos, referente aos brasileiros/as, reforça a hipótese de que Cataguases era uma cidade com elevado índice de letrados, em 1920.

Cerca de 75% da população brasileira, em 1920, não sabia nem ler, nem escrever, sendo que em 1940 esse número havia caído para aproximadamente 30%. No Rio de Janeiro, o número de analfabetos, em 1920, beirava os 75%, e em 1940 havia diminuído para aproximadamente 51%, o que é um número ainda elevado. (BRASIL, 1946, p. 21).

Diante desse cenário, acredita-se que o jornal Cataguazes tenha tido lugar de destaque em Cataguases e que o acesso a ele pela população local faça parte do delineamento das

³⁷ Segunda década abarcada por este estudo.

especificidades e singularidades associadas às experiências urbanas, modernas e divertidas vivenciadas pelos cataguasenses.

Assim, ao longo do tempo, o jornal Cataguazes registrou, entre tantos assuntos, as mudanças de posturas e comportamentos da sociedade, na qual os divertimentos passaram a ocupar um espaço de destaque.

O CAMINHO

Para realizar a pesquisa proposta, foram analisadas as publicações do jornal Cataguazes entre 1906 e 1930. Acredita-se que a leitura do jornal, desde os primeiros exemplares, auxiliou na realização de uma análise mais ampla, permitindo uma leitura social, econômica e política da cidade a partir dessa fonte.

A análise documental foi feita a partir do acesso a 3.789 (três mil, setecentos e oitenta e nove) páginas do referido periódico, que correspondem a, aproximadamente, 947 (novecentos e quarenta e sete) edições, publicadas no período em questão. Outras fontes também foram acessadas de maneira a complementar e contextualizar as inferências obtidas a partir dos jornais, tais como artigos, teses, dissertações, crônicas, roteiros cinematográficos e livros escritos sobre a cidade.

O acesso às edições do jornal Cataguazes foi um grande desafio. A leitura de teses e trabalhos sobre a cidade revelou que o jornal era descrito como uma fonte de fácil acesso, disponível no arquivo público da Prefeitura, localizado na Biblioteca Municipal da cidade. Com base nessa informação, foi realizado, em 2018, contato (por telefone e e-mail) com a Prefeitura da cidade, solicitando acesso aos arquivos do jornal. Em resposta, o órgão sugeriu que fosse procurada a secretaria do jornal Cataguazes, contudo esta informou que não dispunha de arquivo dos jornais.

Diante da dificuldade, foram necessárias visitas pessoais à biblioteca da cidade, onde, em um primeiro momento, ninguém tinha informações acerca do arquivo do jornal. No intuito de colaborar, o funcionário sugeriu uma busca no Instituto Francisca de Souza Peixoto³⁸, onde se obteve a informação de que o material do jornal e outros documentos históricos estavam sendo embalados para serem enviados para o Arquivo Público de Belo Horizonte³⁹ e que uma parte do acervo jornalístico ainda estaria na Biblioteca Pública Municipal. De volta a esta, outro funcionário autorizou o acesso direto ao arquivo, limitado a duas horas, para ver se seria possível “achar algo”, uma vez que não havia profissional responsável por essa área específica. A busca se deu em um ambiente insalubre, uma vez que o dito “arquivo” estava guardado em uma sala fechada, sem ventilação ou climatização, com muita poeira e cheiro de mofo. Os

³⁸ O referido Instituto é mantido pela Companhia Industrial Cataguases e atua vinculado à rede pública de ensino no município de Cataguases, desenvolvendo projetos de promoção dos direitos humanos envolvendo as áreas da cultura, da educação e da Cidadania. Outras informações em: <https://www.chica.org.br/>. Acesso em: 16 dez. 2020.

³⁹ Não havia previsão para o fim do processo de envio e nem quando os documentos estariam disponíveis.

materiais e documentos estavam “depositados” naquele ambiente de forma inadequada, à mercê da deterioração. O funcionário que autorizou a entrada e guiou até algumas estantes, informou que a última enchente⁴⁰ que havia atingido a cidade teria danificado parte do material e confirmou que o pouco que fora recuperado estava sendo enviado para Belo Horizonte.

Manusear aquele material, naquelas condições, trouxe a percepção de que a fonte de pesquisa não seria obtida ali, no entanto a biblioteca dispunha de alguns livros que abordavam a história da cidade, os quais foram acessados. Esse foi um momento em que se colocou em dúvida a possibilidade de levar adiante a pesquisa, sobretudo da forma como ela estava sendo pensada e planejada, momento de repensar as estratégias.

Esse repensar se deu a partir de novas buscas na internet, as quais não revelaram nenhum arquivo virtual sobre a cidade, tampouco pistas acerca da coleção do jornal Cataguazes. Ainda acreditando na possibilidade de utilizar o jornal, a alternativa acionada, então, foi a de divulgar nas redes sociais a busca que vinha sendo empreendida, na esperança de encontrar alguém que tivesse feito pesquisa histórica acerca da cidade de Cataguazes e que pudesse indicar caminhos que levassem ao arquivo do jornal Cataguazes.

Essa incursão obteve êxito e, por meio das informações repassadas por contatos pessoais, foi possível chegar a Henrique Frade, morador de Cataguazes, fotógrafo, cineasta e produtor cultural, que, gentilmente, abriu a porta da sua casa e de seus arquivos pessoais. Entre os arquivos cuidadosamente digitalizados e salvos em formato PDF (Portable Document Format) estava boa parte das edições do jornal Cataguazes. Esses e outros materiais foram disponibilizados à pesquisa pelo senhor Henrique, viabilizando-a.

A primeira publicação analisada para realização desta tese foi a edição de 04 de fevereiro de 1906 e a última, a de 29 de dezembro de 1929. Os jornais referentes aos anos de 1915, 1920, 1921, 1923, 1924 e 1925 não foram localizados, no entanto entendeu-se que as edições localizadas possibilitariam o alcance do objetivo proposto pela pesquisa. As 3.789 (três mil, setecentos e oitenta e nove) páginas do jornal Cataguazes analisadas estão distribuídas da seguinte forma:

⁴⁰ As enchentes são comuns na cidade de Cataguazes desde sua constituição às margens dos rios. O município é cortado por dois rios (Pomba e Meia Pataca), que, no período de chuvas, provocam grandes inundações na cidade, fato referenciado nos jornais analisados e abordado adiante.

Tabela 3 - Relação de páginas do jornal Cataguazes por ano

Ano de publicação do jornal	Número de páginas acessadas
1906	358
1907	267
1908	244
1909	202
1910	220
1911	204
1912	201
1913	205
1914	57
1915	00
1916	204
1917	249
1918	219
1919	213
1920	00
1921	00
1922	03
1923	00
1924	00
1925	00
1926	214
1927	280
1928	235
1929	214

Fonte: Elaborada pela autora.

De posse do material, iniciou-se a pesquisa documental com uma leitura flutuante de todas as páginas dos jornais acessados, com objetivo de entender o contexto histórico de produção do jornal, observar conceitos, estratificar notícias relevantes, tentar identificar sentidos, significados e representações presentes no texto jornalístico e elencar o material para compor o *corpus* de análise.

Dando sequência ao trabalho, o material elencado durante as incursões nos jornais foi lançado e organizado em uma planilha do Excel. A análise desse material foi criando eixos em torno das vivências de diversões identificadas, agrupadas da seguinte forma: festas religiosas; carnavais; cinemas; circos; circos equestres; conferências/reuniões; danças; espetáculos de variedades; esportes; atividades atreladas às escolas; festas; leilões; poesias; saraus; teatros; e touradas.

Os estudos de Santos (2017), sobre o conceito de divertimento em São Paulo, foram utilizados como apoio para a orientação e o acesso às fontes. De forma inicial, o mapeamento das publicações e o estabelecimento de núcleos de sentido, a partir das buscas realizadas nas páginas pelo jornal Cataguazes, levaram a categorias que foram estabelecidas apenas em caráter didático, uma vez que muitos dos materiais encontrados poderiam ser “encaixados” em mais de uma categoria; entretanto, optou-se por classificá-los apenas na temática principal a que se vinculavam.

A princípio, buscaram-se referências em outros trabalhos para organizar a planilha por categorias temáticas, entretanto, iniciada a pesquisa, percebeu-se que o resultado alcançado não dava conta das peculiaridades e especificidades da realidade que estava sendo retratada nas páginas dos jornais. Isso demandou abandonar a ideia de categorias definidas a priori e trabalhar com as que foram se revelando a partir dos contatos mais estreitos com as fontes, resultando em uma melhor organização dos dados encontrados.

Os resultados dessa primeira busca foram organizados e submetidos à qualificação, momento em que a banca sugeriu direcionar o estudo para as práticas de diversão vinculadas à modernidade, bem como as ofertadas pelo mercado, em forma de produto consumido pela população no início do século XX, em Cataguases.

Acatando a sugestão, as vivências de diversão cinema, teatro e esporte passaram a ser focalizadas, no estudo, em detrimento das outras, que apareceram nas edições dos jornais analisado. Para cada uma dessas categorias, foi gerada uma nova planilha com as seguintes colunas: data da publicação do jornal; ano; edição; título da matéria; resumo do conteúdo; autor/a; categoria; palavra-chave; imagem do jornal referente à notícia.

O desafio seguinte foi colocar em diálogo as informações levantadas e o referencial teórico à luz de uma análise crítica e reflexiva, no sentido de entender a fonte, o contexto e o conceito histórico. Essa análise fundamentou-se em Luca (2008), quando aponta as incoerências em que o pesquisador pode incorrer ao utilizar as fontes jornalísticas. Uma das mais significativas, e por vezes comum, em trabalhos históricos, é procurar nas fontes a confirmação, a aprovação, os significados precisos daquilo que se busca. Assim,

Por mais factuais que pareçam as notícias de jornais, existe sempre um peso ideológico, político-partidário, socioeconômico e histórico na elaboração desse tipo de registro. A notícia é parcial, e os produtores da notícia

demonstram isso através da produção da versão de um fato, seja ele qual for. (UAB, s/d, p.73)⁴¹

Esse ponto se faz valioso para o pesquisador(a) e demanda um pensar mais amplo e até questionador em relação ao viés metodológico tradicional no qual, por vezes, busca-se “enquadrar” os achados nas referências bibliográficas. Para não incorrer no erro de buscar confirmações de hipóteses nas fontes jornalísticas, optou-se, neste trabalho, por acessar as fontes e selecionar o material para, a posteriori, colocá-las para dialogar com a bibliografia pertinente.

Tendo assumido essa diretriz de trabalho, os caminhos da pesquisa foram guiados por algumas questões norteadoras que contribuiriam para o arremate do objetivo de desvelar as relações estabelecidas pela sociedade cataguasense em relação às práticas de diversão, no início do século XX. Pergunta-se: quais eram as diversões anunciadas nas edições do jornal no período em questão?; quem promovia tais diversões?; havia distinção de gênero e etnia nas atividades anunciadas?; no caso das vivências pagas, qual o valor cobrado para ingressar nesses eventos e que relação tinha esse valor com produtos comercializados na época?; todos que pudessem pagar poderiam frequentar, ou existiam outros imperativos sociais que limitavam o acesso às diversões?; é possível relacionar o poder público local às diversões?; pelas análises realizadas, que perspectivas podem ser percebidas em relação ao jornal Cataguazes, no tocante às experiências da modernidade, do progresso, da cultura e das diversões?.

Tais questões iluminaram os caminhos possíveis de serem trilhados para compreender de que forma a oferta de diversões na cidade influenciou a dinâmica social, reificando os pertencimentos de classe, afirmando as questões de gênero e criando nichos de aproximações e distanciamentos que, por vezes, podem ter gerado movimentos de aceitação e resistência à situação socialmente colocada.

De posse de todo o material selecionado a partir dos jornais, buscaram-se as bases teóricas que pudessem embasar a discussão e sustentar as inferências extraídas a partir da leitura do periódico. Tomando por base as orientações de Luca (2008), as publicações não foram tratadas de forma isolada e sim procurando estabelecer relações amplas e passíveis de análises, no contexto em que as temáticas se inseriam.

⁴¹ UAB - Universidade Aberta do Brasil. Metodologias para diferentes fontes históricas, p. 73. Disponível em: http://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalogo/13553006102014Metodologia_da_Pesquisa_Historica_Aula_4.pdf. Acesso em: 19 out. 2020.

Empreendeu-se, então, um diálogo com a literatura sobre a temática abordada com o contexto sócio, histórico e político do período, procurando identificar possíveis relações que se estabeleciam entre a produção midiática e a receptividade por parte da população.

As buscas por referenciais teóricos foram sendo sinalizadas pelas demandas que emergiram a partir da organização dos dados e das fontes. Acredita-se que esse processo representou uma retroalimentação que possibilitou um melhor imbricamento entre as literaturas e fontes, proporcionando uma aproximação efetiva entre elas, no intuito de compreender as pistas deixadas pelo contexto. A partir dessas pistas construiu-se a leitura da realidade, leitura esta que não é a única e sim a possível, tendo em vista o material analisado e as especificidades da pesquisadora e da sua maneira de ler e compreender as coisas.

Assim como a pesquisadora,

[...] a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elege como digno de chegar até o público. O historiador dispõe de ferramentas provenientes à identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento; questão, aliás, que está longe de ser exclusiva do texto da imprensa. (LUCA, 2008, p. 139).

Mesmo diante desses fatores que interferem nos resultados obtidos, a pesquisa nos periódicos é relevante na medida em que a circulação das informações e novidades do mundo moderno tinham lugar nos periódicos. A modernidade se reflete em diferentes formas de experiências corporais e comunicativas, entre as quais se destaca a ascensão da imprensa durante o século XIX e nas primeiras décadas do século XX (FARIA FILHO, 2002). Notícias, anúncios, cartas, notas, comentários, romances e fotografias passavam a ter cada vez mais espaço no cotidiano das cidades e das pessoas e a ilustrar características desse cotidiano e dos modos de viver dessas pessoas (SOARES, 2008).

Contudo, Luca (2008) salienta que, até a década de 1970, eram raras as pesquisas que utilizavam a imprensa como fonte para compreender a história do País, uma vez que ainda imperava a tradição historiográfica positivista e tradicional do século XIX, a qual tinha como pressuposto a busca de uma verdade absoluta, generalizável e que pudesse ser demonstrada. Essa tradição excluía do conhecimento reconhecido todas as questões que não se “encaixassem” nesse modelo.

Para realizar essa tarefa, o historiador “deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo” (LUCCA, 2008, p. 112). Por esse olhar, o jornal não era considerado

como uma possível fonte para o exercício da história, pois “essas enciclopédias do cotidiano continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões” (*ibid.*).

Jornais não trazem conteúdo neutro ou imparcial; representam documentos os quais carregam consigo pontos de vista, projetos de sociedade; são veículos portadores de ideias, nem sempre uniformes e harmônicas, representando as intenções dos sujeitos que os escrevem e os publicam. Assim,

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere. (LUCA, 2008, p. 111).

Segundo Carvalho (2008), até os anos de 1920, Minas Gerais não teve uma imprensa importante. De acordo com a autora, o Estado era rural, com pequenas cidades distantes e uma população espalhada, e, na época, só fazia sentido pensar em jornais nos grandes centros urbanos. Mendes (2005) afirma que a capital, Belo Horizonte, já tinha uma imprensa bem diversificada: antes mesmo de sua fundação, em 1897, já existiam cinco periódicos e, em 1902, circulavam 41 jornais e 8 revistas.

Carvalho (2008) e Mendes (2005) afirmam, ainda, que, até a década de 1930, a maior parte das cidades eram pequenas e os jornais produzidos nelas também, além de terem, entre si, características similares, como:

[...] tiragem de até mil exemplares, circulação local, 4 páginas, publicação semanal – mas essa limitação não transfere para o jornal a característica de uma imprensa sem importância. Pelo contrário, para a sociedade local, os jornais traziam as informações da semana, mostravam posicionamentos políticos, incitavam disputas e entretinham. (CARVALHO, 2008, p. 1).

Autores/as como Corrêa (2019); Carvalho (2007); Kanitz (2017); Soares (2010); Nakayama (2016); Cunha Junior (2004); Lisboa (2008; 2017); Mororó (2012); Marcassa (2002); Santos (2017); Danailof (2006); Vilhena (2008); Oliveira (2016); Martini (2010); e Maia (2019) utilizaram jornais como fonte de pesquisa para retratarem a sociedade através de seus costumes e práticas de diversão.

Soares (2010), por exemplo, pesquisou as práticas corporais e a diversão em Juiz de Fora - MG, utilizando o jornal *O Pharol* como fonte; Carvalho (2007) não teve como foco

principal as práticas corporais, mas analisou a imprensa da Zona da Mata Mineira dando enfoque principal ao *Jornal de Viçosa* (Viçosa - MG) e ao *O Operário* (Muriaé - MG). Ambas as autoras encontraram indícios de práticas corporais e de diversão semelhantes: festas religiosas, bailes de carnaval, circo, teatro, cinema, boxe e os primeiros indícios dos jogos de futebol. As autoras divergem acerca do entendimento do circo: enquanto é visto como uma diversão para a elite por Carvalho (2007), Soares (2010) o percebe mais próximo de um contexto popular, por contemplar um público que não alcançava os imperativos sociais do teatro.

Além disso, Soares (2010) identificou, nas páginas do jornal, menções a práticas corporais em Juiz de Fora - MG que não aparecem em Viçosa e Muriaé, segundo o estudo de Carvalho (2007), como as touradas, a ginástica, as corridas a pé e o ciclismo. Apesar de esse fato poder estar relacionado à diferença no foco dos dois estudos, o exemplo foi trazido para cá com o intuito de destacar a importância das pesquisas que utilizam os jornais como fonte, pois, através delas, é possível a identificação, por exemplo, de aproximações e distanciamentos, mesmo entre cidades próximas⁴².

Traçados e percorridos esses caminhos, o desafio foi, então, colocar de forma escrita os achados, as percepções, as pistas e constatações construídas na e pela pesquisa empreendida. Para tal, a sequência desta tese foi dividida em dois capítulos. O primeiro versa sobre a contextualização histórico-social da cidade de Cataguases, traz reflexões e apontamentos sobre a constituição da cidade, a respeito de como a modernidade e o Modernismo⁴³ eram vividos pela população Cataguasense, e as sinalizações de espaços e práticas de diversão que foram identificadas na cidade, no início do século. Num segundo momento desse primeiro capítulo, a imprensa local é o tema central: o jornal Cataguazes é apresentado e, a partir dele, é traçada uma linha de reflexão acerca da influência exercida e sofrida pelo jornal, perpassado pelas articulações políticas, econômicas e sociais que normatizaram as condutas morais e civis no período. O capítulo é encerrado com a abordagem da importância desse periódico para a vida da cidade.

A presença, nas páginas dos jornais analisados, de três práticas de diversão consideradas “modernas” para o período – o teatro, o cinema e o esporte – compõe o assunto do segundo capítulo, cujo objetivo foi apresentar o lugar por elas ocupado na vida da população

⁴² Viçosa está a 115 (cento e quinze) quilômetros de Cataguases e a 89 (oitenta e nove) de Muriaé. A distância entre Cataguases e Muriaé, por sua vez, é de 64 (sessenta e quatro) quilômetros.

⁴³ Este foi um movimento em que os artistas propunham uma ruptura com a arte tradicional, baseada em experiências tidas no exterior; incentivavam uma criticidade maior em relação às tradições culturais e aos valores coloniais, buscando mostrar a realidade brasileira com uma visão mais nacionalista. (SILVA, 2019).

cataguasense, entre os anos de 1906 e 1930, segundo o jornal Cataguazes. Busca-se refletir a respeito dos sentidos e significados dessas práticas para o contexto local, versando sobre a ideia de modernização, associada às relações percebidas nas matérias jornalísticas que sinalizam posturas em relação às práticas de diversão, à criação de uma indústria do entretenimento, às relações de consumo, industrialização e circulação de renda.

CAPÍTULO I – CATAGUASES, A CIDADE MODERNA

1.1 Entre tradições e invenções

Para que seja possível a compreensão das práticas de diversão em Cataguases, no início do século XX, faz-se necessária uma apresentação da cidade, nesse contexto histórico. Com vistas a atender à referida necessidade, este capítulo aborda a história da cidade de Cataguases, do jornal Cataguazes e traz algumas pistas acerca das articulações existentes entre as matérias jornalísticas e a modernização da cidade, balizadas por aspectos políticos, econômicos e sociais.

A modernização da cidade de Cataguases foi pautada por um processo de urbanização, de industrialização e de desenvolvimento econômico, no qual os imigrantes europeus tiveram significativa participação. Esse processo favoreceu o surgimento de uma elite cataguasense, não apenas ligada ao comércio e à indústria, mas também intelectual, composta por artistas plásticos, pintores, escritores, escultores e arquitetos, que criaram especificidades no modernismo do município, diferenciando-o, em alguns aspectos, do modernismo nacional (MELLO, 2014).

Em 1871, através da lei n° 2.180, de 25 de novembro de 1871, Cataguases foi elevada à categoria de município. Situada no Sudeste mineiro, na região da Zona da Mata Mineira, Cataguases era apenas mais uma cidade do interior de Minas Gerais com uma igreja, uma praça e um rio (WERNECK, 2012). As moradias formavam um grande quadrado com, aproximadamente, seis mil habitantes, pouco depois de sua elevação à categoria de município em 1877⁴⁴.

Segundo Almanak (n.d.), nesse período, a localidade era sede do município, mas não tinha as condições esperadas para tal. A carência de higiene e a desorganização eram visíveis; as chuvas atrapalhavam os divertimentos que aconteciam nos “pic nics” ou nas músicas tocadas pela Orquestra Filarmônica 7 de Setembro. Já para Mello (2014), o olhar de Almanak (n.d.) é que não estava apurado, uma vez que, a seu ver, a cidade assumia uma conotação de destaque desde o século XIX. Sua própria fundação, que coincide com a inauguração da estrada de ferro no município, demarcava condições que a diferenciavam na região:

Era preciso ver a modernidade que surgia ainda no século XIX. Por essa época, Cataguases no apogeu do café e conectada à rede ferroviária que ligava Minas ao Rio, já iniciava um intenso processo de renovação que envolveu o incremento da estrutura urbana, das atividades de lazer, de comércio e dos

⁴⁴ 1877 marca o ano da emancipação política da cidade.

serviços, abrigados em vários edifícios ecléticos que mudavam a fisionomia colonial da cidade. (MELLO, 2014, p. 32).

O papel da ferrovia foi fundamental para o desenvolvimento de Cataguases. Construída em 1877, a Estrada de Ferro Leopoldina foi a segunda linha férrea do País⁴⁵ e, no início, ligava Além Paraíba a Cataguases; depois, foi expandida, ampliando os trechos. A empresa responsável pela malha ferroviária dessa região era de origem inglesa e denominava-se *The Leopoldina Railway Company*. Na primeira ampliação da ferrovia, foi criado o trecho entre Cataguases e São Geraldo, inaugurado em 1880.

Corroborar-se a afirmativa de Guimarães (2017), o qual afirma que, na presença da ferrovia, “o ritmo de vida das pessoas parecia alterado de tal modo que a relação com as grandes cidades se tornara mais constante e dinâmica não somente do ponto de vista econômico, mas também cultural” (p. 323). Amaral e Dias (2017) também ressaltam que as cidades servidas pelos trens foram influenciadas tanto no aspecto econômico quanto no cultural. As ferrovias oportunizavam o acesso a espetáculos e diversões comercializadas, a ida a outras cidades para participar de eventos futebolísticos, por exemplo, ou receber, na própria cidade, companhias teatrais vindas do Rio de Janeiro. Os trens carregavam produtos, passageiros/as, artistas e seus equipamentos de forma mais veloz e menos custosa.

A redução nos custos do transporte de mercadorias e pessoas era fator importante desde o século XIX. Cataguases, citada como um Município Arquetípico do Café⁴⁶, teve subsídios políticos e econômicos oriundos da produção cafeeira do século XIX, que ajudou a formar uma estrutura social e econômica desigual. A elite se caracterizava pelo consumo de bens culturais, o dinheiro excedente servia para consumir artes, diversões e novidades vindas do exterior e da capital (CRUZ, 2018). A cidade foi afetada, no início do século XX, pelo declínio da produção cafeeira, e as relações de consumo foram, aos poucos, sendo reestruturadas.

A reestruturação da cidade e das relações econômicas foi basilar. Perder o ranking de segunda colocada na produção cafeeira da Zona da Mata teve impacto significativo, principalmente quando havia sido noticiada uma produção cafeeira superior à da cidade Juiz de Fora⁴⁷, que ocupava a sexta colocação. Perder colocação no ranking sinalizava a perda de investimentos e de influências, demonstrando uma política instável.

⁴⁵ Outras informações em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/10.118/3368>. Acesso em: 10 set. 2018.

⁴⁶ Expressão cunhada pelo historiador norte-americano Peter Louis Blasenhein.

⁴⁷ Nesse contexto histórico, Juiz de Fora era uma das cidades mais importantes na região da Zona da Mata Mineira.

Os dados apontados pelo Jornal Cataguazes em, 11 de abril de 1906, mostraram que, antes disso, a cidade se destacava na produção de café na Zona da Mata Mineira, perdendo apenas para a cidade de São Paulo de Muriaé⁴⁸. O quadro publicado pelo jornal elenca 18 cidades da região e sua produção em 1905⁴⁹.

São Paulo de Muriaé -1.500.000 arrobas de café
Cataguazes – 810.000
 Ponte Nova – 750.000
 Ubá – 718.000
 Santa Luzia do Carangola - 700.00
 Juiz de Fora – 585.000
 São José de além Parahyba – 573.000
 Leopoldina – 500.000
 São João Nepomuceno – 371.000
 Rio Novo – 350.000
 Pomba – 240.000
 Guarará – 318.000
 Mar de Hespanha – 315.000
 Rio Branco – 262.000
 São Manoel – 200.000
 Palma – 191.000
 Rio Preto – 36.000
 Viçosa – 10.000 (grifo da autora)

Além do destaque à produção cafeeira, produtos como frutas, leites e derivados, milho, feijão, arroz, café, entre outros, eram produzidos pelos/as agricultores/as e deslocados até a cidade para o comércio local e a exportação. O movimento econômico urbano ainda era dependente da produção agrícola rural.

Enquanto a produção cafeeira reduzia gradativamente, a população de Cataguases crescia. No início do século XX, a cidade registrava um crescimento populacional que pode ser observado nos números: 43.226 (quarenta e três mil, duzentos e vinte e seis) habitantes, em 1907; 43.874 (quarenta e três mil, oitocentos e setenta e quatro) habitantes, em 1908; 44.532 (quarenta e quatro mil, quinhentos e trinta e dois) habitantes, em 1909; 45.200 (quarenta e cinco mil e duzentos) habitantes, em 1910; 45.878 (quarenta e cinco mil, oitocentos e setenta e oito) habitantes, em 1911; e 46.566 (quarenta e seis mil, quinhentos e sessenta e seis) habitantes, em 1912 (BRASIL, 1906).

No final da década de 1910, parece ter havido uma mudança significativa nas condições econômicas da cidade. A receita arrecadada na cidade de Cataguases, até 1909, manteve-se

⁴⁸ Atualmente a cidade se chama Muriaé.

⁴⁹ Jornal Cataguazes, 11 mar.1906, p.2.

estável. A partir desse período, houve um aumento na arrecadação que pode ser explicado pelo fornecimento de energia elétrica, que dinamizou as indústrias, pelos melhoramentos urbanos e pelo avanço das atividades comerciais (BRASIL, 1927).

Tabela 4 - Arrecadação do município de Cataguases (em Réis, plural de Real no período)

Ano	Receita arrecadada
1908	99.768\$849
1909	96.545\$962
1910	111.068\$218
1911	310.281\$025

Fonte: Brasil (1927).

Os ecos do movimento de substituição da produção cafeeira⁵⁰ pela indústria foram sentidos efetivamente a partir da década de 1920, mas suas bases se encontram em momentos anteriores, quando a crise do café, cujo início foi percebido na década de 1910, coloca em xeque a supremacia da oligarquia agrícola. Nessa ocasião, o crescimento industrial da cidade ganhou destaque e, gradativamente, foi se tornando a principal atividade econômica e, junto ao comércio, embalado pelo processo de urbanização, formariam a nova base econômica.

Segundo Xavier (2014), à medida que a cidade conservadora se abria aos eixos modernos, desabrochava como uma sociedade, por ele entendida como progressista, marcada pela substituição de uma oligarquia agrícola, por uma industrial. É nesse eixo que se sustentam as tradições inventadas e o mito do fundador de Cataguases apontados por Xavier⁵¹:

A manutenção do poder político até a década de 1930 nas mãos dos Vieira de Resende, de certa forma, dividia o papel de mito fundador entre Guido Marlière – graças à intervenção do governo estadual – e coronel Vieira, que a

⁵⁰ Jornal Cataguazes e as demais fontes consultadas indicam que havia outras culturas na cidade, entretanto optou-se por focalizar, neste trabalho, o contexto industrial, em vez de tentar abranger todos, tendo em vista ser este o que mais se destacou no período. Por exemplo, em 20 de março de 1910, há um anúncio de engenho para beneficiamento de arroz montado “com os mais aperfeiçoados machinismos”, em que o beneficiamento, cobrado por saco de 60 (sessenta) quilos, custava 1\$800 (mil e oitocentos réis) sem direito ao farelo e 1\$500 (mil e quinhentos réis) com direito a ele (p. 4).

⁵¹ “Segundo consta em cartas escritas por Manuel José Pires da Silva Pontes, destinadas ao Governo da Província de Minas Gerais, o ordenamento inicial do povoado que originou Cataguases esteve sob o comando do Coronel-Comandante Guido Thomaz Marlière. Marlière ao receber a doação de terrenos destinados à construção de uma capela consagrada à Santa Rita de Cássia, em 26 de maio de 1828, foi o responsável por traçar as primeiras ruas, praças e outros locais públicos. Traçado que teve como ponto de partida justamente a estrada que ligava Minas Gerais ao Rio de Janeiro” (MELLO, 2014, p. 82).

reboque trazia a figura do pai, major Vieira. O poder político da família Vieira de Resende era reflexo de uma herança oligárquica e, como extensão, tanto suportava os latifúndios da família como era amparado pelo poder econômico que ela gerava. (XAVIER, 2014, p. 138).

Para o autor, a disputa pelo controle político da cidade acompanhava a substituição da gestão oligárquica e cafeeira por uma gestão burguesa e industrial; ambas impunham uma cultura modernista à cidade como forma de representação do poder econômico, político e simbólico.

Tendo em vista os nomes mencionados, cabe informar que a política cataguasense, desde a fundação do município, foi exercida pela família de cafeicultores Vieira Rezende. Esse domínio foi oficializado com a permanência de Coronel Vieira no controle da Câmara Municipal de 1877 até 1930, quando a família Peixoto, vinculada à indústria, assumiu a liderança política (ALMEIDA, 2004).

Essa mudança do poder pode ser entendida pelo fato de a vocação industrial de Cataguases ter sido definida após a chegada e fixação na cidade de Manuel Inácio Peixoto, vindo de Sorocaba/SP, para desenvolver atividades comerciais e industriais que o levaram à posição de figura de destaque na indústria e, na sequência, na política (XAVIER, 2014).

Ao assumir o controle político da cidade, a família Peixoto evidenciou esforços para demarcar a fundação de uma nova cidade, com características modernas e industriais, negando o conservadorismo agrícola e as antigas oligarquias que estiveram no poder (XAVIER, 2014).

Os descendentes das famílias Vieira e Peixoto participaram ativamente na política e administração da cidade, cada um tentando implementar suas ideologias e projetos de modificação urbana. As marcas da política dominante, oligárquica ou industrial, ficaram caracterizadas na cidade, através da arquitetura e da cultura, seja na estrutura da Ponte Metálica, de 1915, ou na Revista Verde, de 1927. Esses marcos impulsionavam na sociedade a crença em uma vocação econômica e modernista da cidade (XAVIER, 2014).

Além das obras e da cultura, o poder político era demonstrado de diversas formas, e uma delas foi a imprensa. Com o avanço econômico e a estruturação da organização político-administrativa, os gestores da cidade entenderam que ela carecia de um jornal oficial do município. Além de ser um marco moderno, a imprensa oficial deveria noticiar os fatos cotidianos e difundir ideias de acordo com a norma vigente, publicar leis, atas e decretos municipais, atendendo ao poder público, além de divulgar, mesmo que tendenciosamente, questões e reflexões políticas, econômicas e sociais que norteariam os rumos da cidade de Cataguases. Assim, um decreto lei de 1905 criou a Imprensa Oficial do município, o jornal

“Cataguazes”, lançado em fevereiro de 1906. Seu primeiro diretor foi o advogado Heitor de Souza, e sua localização era na rua do Sobe e Desce⁵² (ALMANAK, n.d.)

Cabe salientar que, desde o século XIX, imigrantes e intelectuais mudaram-se para a cidade, contribuindo para a criação de jornais. Retomando as informações de Mello (2014), até 1930, aproximadamente, 24 (vinte e quatro) jornais circularam na cidade: Gazeta de Cataguazes (1883); Folha de Minas (1884); Monitor Mineiro (1895), O Povo (1886); Cataguazense (1886); José Bonifácio (1886); O popular (1890); Echo de Cataguazes (1894); Agricultor (1898); Gazeta de Cataguazes (1901); Jornal de Minas (1898); O Arauto (1898); Cataguazes (1906); Chimera (1908); Evolução (1910); Época (1910); Ruy Barbosa (1922); A Tribuna (1927); Reação (1930); Itinerário (1930/1940); Nacionalista (1930/1940); Rebate (1930/1940); Estandarte (n.d.); e O Município (n.d.).

O semanário Cataguazes, então com quatro páginas, firmou-se como “órgão oficial do município” e se assegurou como tal até 1911, momento no qual houve uma tentativa de mudança na perspectiva política e econômica, associada ao financiamento do jornal. Na nova conjuntura, o veículo de comunicação visava ser reconhecido como uma ‘folha neutra’⁵³.

A neutralidade anunciada pelo semanário incitou desconfiança por essa pesquisa, tendo em vista que o jornal se manteve financiado e vinculado aos órgãos públicos. No entanto, os leitores desavisados podem ter acreditado no anúncio veiculado. A leitura de edições do jornais posteriores a essa data comprova o lugar do Cataguazes como órgão oficial do município. Como sinaliza Chartier (2001, p. 220), “[...] é fundamental lembrar que nenhum texto existe fora do suporte que lhe confere legibilidade; qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega ao leitor”.

Foi assim que, em 12 (doze) de novembro de 1911, o jornal anunciava a fase “neutra” e explicava que, até então, vinha sendo editado com o dinheiro do município; porém, os custos da produção eram altos e dizia-se que, para fazer frente a eles, a Prefeitura mantinha oficina própria. No entanto, nesse mesmo ano, o Coronel João Duarte Ferreira se deparou com um déficit de 400\$000 (quatrocentos mil réis), causado pela produção do jornal.

Como medida de saneamento, a tipografia foi arrendada para terceiros, prevendo uma parceria para divulgação dos atos do governo e o oferecimento de exemplares avulsos para a Câmara de Vereadores. Os novos administradores, identificados como “s.s.”,

⁵² Rua Sobe e Desce ou Rua Cel. Vieira - atual Rua Coronel Vieira.

⁵³ Cataguazes, 12 nov. 1911.

autoproclamaram-se sem filiação partidária e assumiram o compromisso de defender as causas dos oprimidos (CATAGUAZES, 12 nov. 1911).

As notícias desse período, associadas a outras fontes de pesquisa, mostram que esse cenário de escassez de recursos públicos se agravava. Neste ambiente, se, por um lado, a produção cafeeira entrava em recesso, por outro, o incremento industrial dava passos em direção ao avanço. A edição do Cataguazes de 19 (dezenove) de julho de 1908 anunciava a inauguração da Companhia Força e Luz Cataguazes - Leopoldina, em um momento em que apenas 5% da população brasileira tinha acesso à energia elétrica (LAGE, 2007).

Se a “cidade tinha muitos problemas de águas estagnadas e muitos pardieiros nas poucas ruas do lugar” (ALMANAK, n.d., p. 16), o fornecimento de iluminação pública à cidade “trouxe luz”, facilitando a implementação de melhorias urbanas, industriais, oportunizando os passeios públicos com a observação noturna da Igreja Santa Rita⁵⁴, instigando a disseminação das diversões noturnas, incrementando a imprensa, entre outros aspectos da vida cotidiana.

A energia elétrica foi a grande responsável pelo crescimento da Fábrica Fiação e Tecelagem Cataguazes, que havia sido fundada em 1905⁵⁵, além de contribuir para a inauguração do Ginásio de Cataguazes, em 1910, a inauguração da fábrica de tecidos União Industrial, em 1911 (CATAGUAZES, 15 out. 1911), a fundação do Colégio de Nossa Senhora do Carmo, em 1912, e o funcionamento o Grupo Escolar de Cataguazes⁵⁶, em 1913, que se tornou o principal estabelecimento de ensino primário do município, nesse período (MELLO, 2014).

No entanto, a análise dos fatos indica que a administração pública enfrentava problemas financeiros e a gestão que assumiu a prefeitura, em 1911, viu, como já mencionado, na produção e distribuição dos jornais, uma possibilidade de redução de gastos. Segundo as edições seguintes do jornal, as dificuldades com as contas públicas foram aumentando; no entanto, entre o endividamento e a urbanização, escolheu-se a segunda opção. A escolha foi sentida pela população cataguasense em anos posteriores, pois:

Mesmo arrotando desenvolvimento e industrialização, sua economia era agrária e seu líder político, Astolfo Dutra, um de seus maiores defensores. A

⁵⁴ De acordo com Almanak (n.d.), a supremacia econômica e política do catolicismo dominava a cidade, mesmo com todas as alternativas religiosas da época, e deixava transparecer sua clara preferência e submissão ao catolicismo (p. 51).

⁵⁵ Seus principais incorporadores eram: Dr. Norberto Custódio Ferreira, agricultor e capitalista, João Duarte Ferreira, comerciante e banqueiro, o agente executivo e agricultor em Itamarati, Joaquim Gomes de Araújo Porto, tinha o título de coronel e o capitalista Mauricio Murgel. Os dois últimos eram os diretores da empresa (ALMANAK, n.d.)

⁵⁶ Atualmente, Escola Estadual Coronel Vieira.

política do café e os milhões de pés espalhados pelos devastados morros do município, levavam a uma política para tentar evitar mais uma falência, como a do ouro no final do século XVIII. Cataguases não poupou na época das vacas gordas, agora a cidade sem muitos recursos precisa se modernizar mesmo enfrentando a I Grande Guerra. (ALMANAK, n.d., p. 39).

A decadência ainda era anunciada pelo jornal, em oito de outubro de 1916, fazendo um paralelo entre a cidade atual e a que fora referência na produção de café em 1905, e elencando a renda de Cataguazes, entre os anos de 1906 e 1915. Analisando a matéria, observa-se que, se o café⁵⁷ foi capaz de levar a cidade ao topo da lista das mais desenvolvidas do estado de Minas Gerais, em 1905, as crises, más gestões e oscilações do mercado fizeram derreter essa posição. Enquanto isso, a reestruturação do comércio, a chegada da energia elétrica e o alavancamento da indústria não foram suficientes para manter a renda do município em grau de igualdade com os demais e, nesse ranking, Cataguases passou a ocupar a oitava posição no estado, perdendo para Belo Horizonte, Juiz de Fora, Barbacena, entre outras, como podemos observar na tabela a seguir.

Tabela 5 - Renda (em réis) dos trinta municípios mais importantes de Minas – 1906-1915

Cidade	Renda do município
Belo Horizonte	9.785:710\$748
Juiz de Fora	5.596:101\$136
Uberaba	2.797:991\$279
S. João d'el Rey	1.818:472\$301
Barbacena	1.774:240\$811
Carangola	1.425:597\$100
Ponte Nova	1.402.937\$737
Cataguazes	1.257:916\$663

Fonte: Cataguazes (08 out. 1916, p.2).

Se, em médio e longo prazo, a estratégia econômica e o incremento da *urbs* nos parecem significativos, não foi sem incidentes que tais melhoramentos se instalaram. Paralelo ao anúncio da construção da *urbs*, o jornal noticiava roubos de gado, invasões a plantações, emboscadas a fazendeiros e assassinatos. Há relato de 226 (duzentas e vinte e seis) prisões realizadas em 1907. Além disso, 75 (setenta e cinco) processos foram instaurados referindo-se a: vadiagem (30),

⁵⁷ “A crise na produção de café, já anunciada nas edições anteriores do jornal começa a ser cada vez mais destacada tanto no impacto da seca na produção local quanto a crise nacional enfrentada pela taxaço do produto e a redução das exportações” (CATAGUAZES, 14 out. 1910, p.1).

jogo do bicho (09), furtos (10), ofensas físicas (03), imprudência (02), roubo (01), título indevido (01) e prática da capoeira (01) (ALMANAK, n.d., p.14).

A ótica econômica estava agregada à social. O/A cataguasense deveria se adequar às normas sociais nas quais as diversões ilícitas, como o jogo do bicho, deveriam ser coibidas, a imprudência deveria ser processada, para servir de exemplo aos demais cidadãos, e a capoeira, nem como luta nem como dança, poderia ser praticada, revelando que a expressão corporal dos negros libertos não tinha lugar na cidade (SANTOS, 2009).

Essas constatações permitem inferir que os valores do progresso estavam também em Cataguases, associados a uma elite que, em seus anseios, buscava desenvolver e impor hábitos de diversão e consumo de práticas culturais que só poderiam ser ofertados através de um mercado aquecido, com ampla circulação de renda (AMARAL; DIAS, 2017).

A oferta das diversões, veiculadas nas páginas dos jornais, aponta as possibilidades de vivências. Para ilustrar, a presença do cinematógrafo no Theatro Recreio, em 1908 (CATAGUAZES, 5 jun. 1908), favoreceu a comercialização e a exibição dos filmes, no entanto segregou o público a partir dos valores cobrados, que eram de 1\$000 (um mil réis)⁵⁸ para acesso à primeira classe, \$500 (quinhentos réis) para a segunda classe e \$600 (seiscentos réis) para crianças menores de 10 (dez) anos, na primeira classe. Cumpre salientar que, naquele período, a cidade ainda não era servida com energia elétrica.

Entretanto, não só as diversões eram comercializáveis: a informação também era uma mercadoria. O jornal Cataguazes, que custava duzentos réis (\$200), em 1910, exercia seu papel de veículo de informação e produto de consumo. Na edição do Cataguazes de 12 (doze) de janeiro de 1910, havia o anúncio de que, em 1909, a renda da imprensa oficial do município fora de 4:000\$000 (quatro contos de réis). A circulação da informação jornalística como prática moderna e mercadoria sinalizava números grandiosos em Cataguases, apesar de, paralelo a isso, estar acumulando dívidas, como mencionado anteriormente, quando da mudança de gestão, em 1911.

Com muitas mercadorias circulando na cidade, entre 1909 e 1910, pôde-se inferir, através das páginas dos jornais, os valores de alguns produtos anunciados, por exemplo: assinatura do Cataguazes na cidade - 8\$000 (oito mil réis), pelo correio - 10\$000 (dez mil réis), número avulso - \$200 (duzentos réis)⁵⁹; corte de vestido bordado - \$900 (novecentos réis)⁶⁰;

⁵⁸ A moeda do Brasil no início do século XX era o Real (réis no plural). O valor de cem reis era escrito da seguinte forma: \$100, um mil réis: 1\$000, um conto de réis: 1:000\$000 (FREIRE, 2007).

⁵⁹ Jornal Cataguazes, 21 ago. 1910, p. 2.

⁶⁰ Jornal Cataguazes, 04 set. 1909, p. 3.

par de meias de senhoras, -\$600 (seiscentos réis)⁶¹; passagem (*bond*) Carris Urbano - \$100 (cem réis)⁶²; valores dos trimestres de aulas de instrução, alunos externos, primário - 20\$000 (vinte mil réis) e secundário - 30\$000 (trinta mil réis), alunos internos primário - 120\$000 (cento e vinte mil réis) e secundário - 150\$000 (cento e cinquenta mil réis), e aluno meio pensionista - 100\$000 (cem mil réis)⁶³; médico municipal - 3:000\$000 (três contos de réis anuais)⁶⁴; mapa do Brasil - 7\$000 (sete mil réis)⁶⁵; metro do brim inglês - 1\$500 (mil e quinhentos réis)⁶⁶.

Os anúncios de vendas de produtos e serviços revelam parte dos bens aos quais a população tinha acesso e os valores, o que ajuda a entender a dinâmica do comércio e a circulação de capital na cidade. No processo de estruturação de mercados consumidores e produtos modernos, a circularidade é aspecto primordial, seja de pessoas, produtos, cultura, informações ou renda. A educação indicava custos elevados, principalmente para alunos em regime de internato.

Pela análise dos exemplares, percebe-se que a organização econômica local, muitas vezes, passava pela imprensa. Além das notícias e anúncios de venda de bens e serviços, as empresas utilizavam os jornais para convocar seus acionistas para reuniões e solicitar regularização de ações e pagamentos de cotas. A empresa responsável pelo transporte urbano, Carris Urbanos de Cataguazes, por exemplo, adotava essa estratégia de circulação de informação desde 1910⁶⁷. A empresa esteve presente na primeira reunião da Câmara de Vereadores da cidade e iniciou, quando lhe foi concedido, o monopólio do transporte urbano da cidade, que se estenderia pelos 25 anos seguintes (ALMANAK, n.d., p. 21).

⁶¹ Jornal Cataguazes, 01 nov. 1909, p. 4.

⁶² Jornal Cataguazes, 13 nov. 1910, p. 2.

⁶³ Jornal Cataguazes, 01 jan. 1910, p. 4.

⁶⁴ Jornal Cataguazes, 30 jan. 1910, p. 3.

⁶⁵ Jornal Cataguazes, 20 mar. 1910, p. 4.

⁶⁶ Jornal Cataguazes, 12 jun., 1910, p. 3.

⁶⁷ Cataguazes, 05 jun. 1910, p. 3.

Imagem 1 - Fotografia da inauguração da Sociedade Carris Urbanos



Fonte: Acervo Francisco de Oliveira (ALMANAK, n.d., p. 21).

A modernidade vivenciada pelos/as cataguasenses passava pela experiência do transporte urbano, promovido pelos bondes. O processo de urbanização da cidade parece ter movimentado a economia local de forma peculiar, baseada em modelos estrangeiros, estabelecendo novas formas de organização econômica no formato de “parcerias”. Era corriqueiro ler no jornal a organização de pessoas (acionistas) investindo em atividades comerciais como grupos, conhecidos como Sociedades Anônimas⁶⁸. Observou-se tal fato em relação à indústria têxtil (Companhia Fiação e Tecelagem) e à companhia de fornecimento de energia elétrica (Força e Luz), por exemplo.

Chama atenção a articulação entre a elite econômica da cidade e os aspectos políticos de Cataguases na época. Inter-relações diversas, viabilizadas por acordos que definiam as áreas de atuação, parcerias e estratégias de ação, são explicitadas no Jornal de 12 (doze) de junho de 1910⁶⁹, em que aparece uma convocatória de reunião da Companhia Fiação e Tecelagem, com o objetivo de definir quem seria o novo gerente do Banco do Brasil, visto que o anterior havia mudado de cidade. Na semana seguinte⁷⁰ foi publicada a ata da reunião, a qual informava a eleição do novo gerente, escolhido entre os membros da Companhia.

⁶⁸ Sociedade Anônima é um tipo de empresa constituída em sociedade, com capital dividido em ações. Mais informações em: <https://www.dicionariofinanceiro.com/sociedade-anonima-sa/>. Acesso em: 17 dez. 2020.

⁶⁹ Cataguazes, 12 jun. 1910, p. 1.

⁷⁰ Cataguazes, 19 jun. 1910, p.1.

Tal perspectiva acionária e articulista de grupos de empresários se fazia presente, também, no campo do entretenimento. O jornal de 3 (três) de julho de 1910⁷¹ anunciava reunião com os acionistas do S. A. Theatro Recreio Cataguazense, para eleição de uma nova diretoria. Diferentemente das outras matérias, esta é assinada por Antônio Henrique Felipe, Leopoldo Murgel, Alfredo Estolano e João Duarte Ferreira⁷², diretores do Theatro Recreio.

A interação e os acordos entre empresas também puderam ser observados no jornal⁷³, a exemplo de quando a Leopoldina Railway, responsável pela construção da estrada de ferro inaugurada na cidade, em 1877, e a Carris Urbano, empresa responsável pela instalação dos *bonds* na cidade, em 1910, estabeleceram uma parceria para a troca dos trilhos do trem, na área de Cataguases, a fim de permitir que os *bonds* pudessem transitar utilizando os mesmos trilhos.

Imagem 2 - Trilhos da Rua do Sobe e Desce, trecho da atual Joaquim Peixoto Ramos



Fonte: Fotografia de Albert Landoes. Acervo do Centro de Memória da Zona da Mata (ALMANAK, n.d., p. 29).

⁷¹ Cataguazes, 03 jul. 1910, p. 3.

⁷² Todos eram capitalistas associados à política, ao comércio e à imprensa. João Duarte Ferreira era dono da maior fortuna de Cataguases. Foi o mecenas e idealizador da Cataguases, Princesa da Mata. (Almanack, n.d.).

⁷³ Cataguazes, 12 jun. 1910, p. 1.

Considerando os transportes disponíveis na cidade em 1910 e a ampliação notadamente anunciada pela adaptação e construção de trilhos para passagem do bonde urbano, parece-nos pertinente salientar que a circularidade de pessoas e mercadorias, no núcleo urbano de Cataguases, estava ascendendo.

O *bond* urbano foi inaugurado em 15 (quinze) de novembro de 1910⁷⁴, momento em que o quadro de horários foi disponibilizado no jornal, acompanhado de uma nota que dizia: “Cada passageiro poderá conduzir nos *bonds* suas malas de viagem, pagando mais uma passagem de cem réis para cada uma; a companhia se prontificaria também a retirar quaisquer objetos da estação, levando-os a domicílio”.

Tabela 6 - Horário dos *bonds* de Cataguases em 1910

	Manhã			Tarde			
Estação para a cidade	7	10.20	11.20	4.20	6.00	9	
Rua Coronel Vieira	7.10	10.30	11.30	4.30	6.10	9.15	9.25
Rua da Estação	7.50	10.25	11.25	12.25	4.20	6.05	9.10
Cidade para o Gymnasio	7	10.35		3.45			
Rua Vicente de Azevedo	7.15	10.35	11.40	12.35	4.40	6.20	9.20
Gymnasio para cidade	7.30	10.50		4.00			
Cidade para Escola Normal	7	10.55		3.50			
Cidade para Estação	7.30	10.45	11.35	12.50	4.40	6.15	9.30
Escola Normal para a cidade	7.35	10.43			4.05		
Largo de Santa Rita	7.10	10.40	11.35	12.30	4.40	6.20	9.15

Fonte: Cataguazes, 13 nov. 1910, p. 2.

As notícias seguintes indicam que o *bond* teve boa aceitação pelos/as cataguasenses, tendo em vista que a circulação de pessoas utilizando esse transporte urbano era tida como expressiva e que o anúncio com o valor da passagem logo foi substituído pelo valor das cadernetas.

Sociedade Carris Urbanos Cataguazes
 Caderneta com 100 passagens
 Da Estação ao Gymnasio e vice-versa - 8\$000
 Da Estação à Escola Normal e vice-versa – 5\$000
 Da Estação à Rua Alferes H. Azevedo e vice-versa – 8\$000⁷⁵

⁷⁴ Cataguazes, 20 nov. 1910, p. 1.

⁷⁵ Cataguazes, 28 jan. 1911, p. 6

A relação entre empresas de transporte e usuários também era abordada pelo jornal. Em 19 de junho de 1910⁷⁶, o Cataguazes publicou uma matéria com as indignações da população em relação ao transporte. A matéria trazia a solicitação de alteração nos horários dos trens da Leopoldina Railway, pois os usuários estavam reclamando que demoravam três dias para saírem de Ponte Nova e chegarem a Cataguases, onde faziam negócios com o Banco de Crédito Real de Cataguases. Além deles, os pais demoravam três dias de Rio Branco a Leopoldina, para visitar seus filhos nos colégios onde estes eram internos. Segundo a matéria, a alteração de alguns horários dos trens poderia reduzir o tempo dessas viagens para um dia.

Além das demandas por alterações no transporte, o ritmo de crescimento e urbanização da cidade gerava necessidades modernas de sanitarismo, como o serviço de fornecimento de água, que também eram abordadas pelas matérias jornalísticas. A edição de doze de junho de 1910 informava que, para fins de ampliação do fornecimento de água encanada, fora elaborado orçamento no valor de 1:222\$200 (um conto, duzentos e vinte e dois mil e duzentos réis). Percebe-se que tal valor é inferior ao arrecadado pelo jornal, no ano de 1909.

À medida que os serviços de água e esgoto se expandiam, percebe-se, no noticioso, que as brigas políticas pelo comando da cidade levavam a dois cenários distintos: um com as notícias oficiais, divulgando investimentos e enaltecendo os melhoramentos urbanos; e outro com um olhar crítico, que denunciava o descaso com o cuidado dos jardins públicos, a bebedeira que acontecia na cidade, as áreas de prostituição e farra, aspectos que, segundo as matérias, precisavam ser reprimidos pela moral e pela ordem (ALMANAK, n.d., p. 33). No fundo, o discurso jornalístico oficial, que enaltecia a urbanização e a modernização, parecia tentar invisibilizar as mazelas sociais.

Amaral e Dias (2017) ressaltam que as versões da imprensa local poderiam retratar a urbanização com olhares contaminados pela satisfação, superestimando os fatos e as narrativas associadas ao moderno e ao urbano, ou seja, o jornal seguia noticiando os melhoramentos, mas tentando encobrir as moléstias.

Os aprimoramentos na área urbana, como o serviço de água encanada, realizado pela empresa Soares e Irmão⁷⁷, continuavam a se expandir. Prédios estavam sendo comprados pela prefeitura e demolidos para o “alargamento das ruas”, os trilhos para o *bond* continuavam sendo assentados, o calçamento das ruas estava sendo feito “com capricho”, a Companhia Carris

⁷⁶ Cataguazes, 19 jun. 1910, p. 1.

⁷⁷ Nas inaugurações, o sócio Pedro Soares de Nazareth oferecia um copo de cerveja aos presentes.

Urbanos, mesmo não tendo concluído as obras urbanas de instalação do *bond*, negociava a ampliação da linha do *bond* urbano com intuito de ligar o centro de Cataguazes a Itamaraty⁷⁸.

As notícias dos melhoramentos citadinos eram acompanhadas pela população e as insatisfações desta também chegavam até os jornais⁷⁹. O veículo de comunicação era utilizado como meio para questionar, inclusive, a falta de estrutura para a venda, o consumo de bens perecíveis e produtos alimentícios. Essas demandas culminaram com a indicação da necessidade de se criar um Mercado Municipal na cidade, para facilitar o acesso das pessoas que precisavam comprar alimentos e a venda daqueles que os produziam em pequenas lavouras.

Com a falta de encaminhamento à reivindicação, novos apelos foram sendo publicados, com a justificativa apoiada no alto grau de civilização da cidade, bem como na facilitação da fiscalização e da vigilância higiênica. Em “obediência aos preceitos da moderna hygiene preventiva” (CATAGUAZES, 24 jul. 1910, p. 2), o edifício deveria ser pavimentado, arejado e ter água em abundância. A matéria finaliza atrelando o comércio a uma tática de geração de renda para o poder público.

Entretanto, para obras de caracter lucrativo como será essa, não faltarão recursos a uma administração criteriosa como a actual, seja com garantias de renda do próprio imóvel, seja ainda entregando a sua construção e exploração à indústria particular, ainda que subvencionada nos primeiros anos. (CATAGUAZES, 24 jul. 1910, p. 2).

Outras notícias dão conta de que o planejamento urbano, que incluía *bonds* e mercados, carecia de avenidas amplas para propiciar o trânsito de pessoas, mercadorias e meios de transporte. Duas grandes avenidas paralelas estavam nos planos da gestão pública municipal, e a notícia foi publicada no jornal como mais um melhoramento urbano, enaltecendo que “uma seria de frente para a estrada de ferro⁸⁰”.

Avenida seguindo o leito da ferrovia do ramal de Ubá. Começava no Au Boulevard de Cataguazes (casa Felipe) e ia até a antiga Chácara Drummond. O coronel João Duarte imaginou a avenida para ser vista pela janela da Maria Fumaça. Na justificativa de criação da Avenida Cataguazes, ele fez menção à visão da cidade vista da linha do trem. Muitos anos depois, um jornalista visitou Cataguazes, na sua crônica, a cidade foi vista pela janela do trem. (ALMANAK, n.d., p. 21)

⁷⁸ Cataguazes, 17 jul. 1910, p.1.

⁷⁹ Cataguazes, 10 jul. 1910, p.1.

⁸⁰ Cataguazes, 27 nov. 1910, p.2.

Através das leituras dos jornais, infere-se que a década de 1910 parece ter sido uma das mais significativas para a experiência moderna dos/das cataguasenses. Foram novidades instaladas, aprimoramentos e ampliações urbanas geridas, fundação de agremiações, clubes esportivos como o Flamengo Foot-ball Club e o Operário Foot-ball Club, Clubes recreativos associados à classe operária, teatros, cinemas, entre outros, que sinalizavam que a modernidade cataguasense havia se instalado (PIMENTA, 2010).

O desenvolvimento de Cataguases nas primeiras décadas do século XX, ainda impulsionado pela produção agrícola, pode ser inferido através dos dados (BRASIL, 1929) que indicam que havia na cidade 613 (seiscentos e treze) motores hidráulicos e 337 (trezentos e trinta e sete) motores animais; 1.439 (mil, quatrocentos e trinta e nove) estabelecimentos, dos quais 759 (setecentos e cinquenta e nove) tinham máquinas: 8 (oito) eram para beneficiar arroz, 38 (trinta e oito) para café, 2 (duas) para mate, 411 (quatrocentas e onze) para fabricação de açúcar, uma para manteiga, uma para descascar algodão e 629 (seiscentas e vinte e nove) para moer cereais agrícolas. Os arados eram 396 (trezentos e noventa e seis); havia, ainda, 34 (trinta e quatro) grades, 3 (três) semeadeiras, 5 (cinco) cultivadores, 2 (dois) ceifadores e 3 (três) tratores. Dos 1439 (mil quatrocentos e trinta e nove) estabelecimentos rurais recenseados, 337 (trezentos e trinta e sete) eram movidos por animais, 613 (seiscentos e treze) hidráulicos, 26 (vinte e seis) a vapor, 4 (quatro) elétricos, 19 (dezenove) de outras formas e 91 (noventa e um) indeterminados. Cataguases produzia 56,6 (cinquenta e seis vírgula seis) toneladas de arroz, que ocupavam 38 (trinta e oito) hectares; 454 (quatrocentos e cinquenta e quatro) estabelecimentos produtores de açúcar, em 1919, os quais produziram 1.139,5 (mil cento e trinta e nove toneladas e meia) de açúcar, 1.814 (mil oitocentos e catorze) hectolitros de álcool, 436 (quatrocentos e trinta e seis) litros de água ardente, 411 (quatrocentos e onze) litros de mel. Dos 411 (quatrocentos e onze) estabelecimentos com máquinas, 6 (seis) eram movidos a vapor, 31 (trinta e um) a água, 327 (trezentos e vinte e sete) a animais e 47 (quarenta e sete) a força indeterminada.

Na segunda década do século XX, poucas foram as notícias de abertura de novas indústrias⁸¹; no entanto, identificaram-se algumas notícias anunciando a inauguração de linhas telefônicas⁸², a instalação de bombas de água de alta pressão⁸³, serviços de desaterro e

⁸¹ Inauguração da fábrica de tecidos União Industrial. Jornal Cataguazes, 15 out. 1911, p. 1.

⁸² Cataguazes, 15 set. 1912, p. 1.

⁸³ Cataguazes, 13 ago. 1911, p. 1.

construção, abertura de empresas de publicidade⁸⁴, calçamento. Esses acontecimentos pareciam estar integrados à dinâmica da cidade e merecendo pouco destaque no jornal, embora não passassem despercebidos.

Prossegue com actividade o calçamento da rua Major Vieira, cujo serviço vae embelezar bastante aquella antiga e tradicional via pública que ainda hoje o povo denomina de rua do Pomba, por estar à margem do rio do mesmo nome. (CATAGUAZES, 25 mar. 1928, p. 1).

Em diversas passagens, como a citada abaixo, eram publicadas matérias que relatavam o cotidiano da cidade progressista e enalteciam a *urbs* que Cataguases havia se tornado.

Todos quanto visitam agora a nossa cidade notam, admirados, o singular desenvolvimento que se vai operando em todas as manifestações da sua vida. As iniciativas se multiplicam a cada passo e todas ellas encontram o mais franco acolhimento e rápido êxito. Há cinco annos passados, a cidade não tinha uma fábrica hoje ella possuem fabricas de tecidos, de toalhas, de massas alimentícias, de cerveja, laticínios e outras [...] serraria a vapor será, dentro em pouco, inaugurada. Já funciona [...] a Mecanica Cataguazes, officina de marcineria e serralheria, [...]. Dois excellentes collegios [...], nos quaes alunas de ambos os sexos recebem esmerada educação. [...] uma linha de bonds por tracção animal, [...] o serviço de telephones [...] será entregue ao serviço público uma grandiosa ponte metálica sobre o rio Pomba, [...] a vida social experimenta o mesmo surto progressista. [...] dois magníficos clubs recreativos, onde se reúne, diariamente, a famílias e cavalheiros. [...] uma companhia de seguros por mutualidade, a “Garantia Mineira”, cujo capital inicial, de 200:000\$ foi subscripto em menos de oito dias [...]. (CATAGUAZES, 15 nov. 1912, p. 2).

Não só de comércios e fábricas vivia Cataguases. Por volta de 1914, as 22 (vinte e duas) ruas eram ocupadas por teatros, botequins, três jornais (além do Cataguazes), cinema, *clubs*, hotéis, pensões e casas de bilhares, todos contabilizados e divulgados no Almanak (n.d.), da seguinte forma:

[...] três linhas da Estrada de Ferro Leopoldina e terminal de diversos trens é um centro comercial e industrial de primeira ordem, e está talhada para um futuro em que o seu progresso forçosamente mais acentuará. Sua grande área está cortada por 22 ruas, 7 praças, sendo 2 magnificamente ajardinadas, 4 travessas e uma grande avenida em construção. Tem um Grupo escolar, um ginásio, uma escola normal, um colégio de meninas dirigido por irmãs de caridade e outros estabelecimentos menores de instrução. Tem em circulação, em oficinas próprias, o jornal diário e 3 semanários. Possui um magnifico

⁸⁴ A edição de nove de novembro de 1913 (p. 3) anunciou a instalação de uma empresa de publicidade em Cataguases, a Empreza Cataguazense de Publicidade, responsável por “serviços de publicidade de qualquer gênero com typographia, litographia, rincographia, etc., papelaria, encadernação, pautação, etc.”.

teatro onde funciona um cinema, e dois clubs recreativos. O seu comércio e indústria consta dos seguintes estabelecimentos: Casas bancárias – 2, Hotel – 3, Diversas pensões, Padarias – 4, Fabrica de Fósforos – 1, Fabricas de Tecidos – 1, Fabrica de Calçados – 1, F. de Gelo e Lacticínios – 1, Massas alimentícias de Balas e Bombons – 1, e outras pequenas industrias, como sapateiros, latoeiros, alfaiates diversos, mecânica, refinações de açúcar, engenhos de café e arroz. Casas comerciais 51 só na cidade, sendo algumas de 1º ordem. 4 botequins e 3 casas de bilhares, (ALMANAK n.d., p. 34).

As relações comerciais sinalizavam a circulação de capital⁸⁵, e foi através de estruturas modernas e higiênicas ofertadas que a lógica comercial se estabeleceu por meio de cobrança pelo consumo do serviço e taxas públicas. O jornal de 1916⁸⁶ publicou uma lista com nome de várias pessoas que deveriam pagar os tributos pelo uso de água encanada, esgoto e coleta de lixo. Cada pessoa descrita na notícia deveria pagar um valor diferente, acredita-se que o valor já fosse proporcional ao uso dos serviços, como acontece atualmente.

A ordem social estabelecida na lógica moderna de consumo segregava pessoas e territórios. A cidade moderna deveria ser fluída (BAUMAN, 2001) como as águas que margeavam seu território⁸⁷, o fluxo de pessoas e transporte precisava de incremento para facilitar o acesso aos bens de consumo e ao convívio na *urbs*. A inauguração da ponte, construída com dinheiro estatal, em 1915, corroborou com o caminhar para o progresso, ligou os dois lados da cidade e firmou a posição política vigente na época, pela engenharia estrutural e feito histórico.

Nesse fervilhar de acontecimentos e inovações, as disputas políticas se faziam presentes em um contexto simbólico, marcando o território e se materializando em “benfeitorias” para a sociedade.

⁸⁵ Inauguração da vigésima quinta agência do Banco do Brasil em 05 de maio de 1918, localizada na cidade de Cataguases (CATAGUAZES, 05 MAI, 1981, p. 1).

⁸⁶ Cataguazes, 08 out. 1916, p. 4.

⁸⁷ A cidade foi fundada às margens do Rio Pomba.

Imagem 3 - Foto da inauguração da Ponte, em 14 de junho de 1915 (construção iniciada em 6 de setembro de 1912)



Fonte: Almanak, n.d., p. 36.

Com a inauguração da ponte metálica, a construção da Avenida Cataguases⁸⁸ passou a ser a obra de ouro da gestão pública municipal. Em 1917, a engenharia não poupava esforços, o calçamento de pedra com saibro⁸⁹ era ampliado pelas ruas da cidade, a água encanada chegava ao outro lado da ponte, a Avenida Cataguases, agora iluminada, ganhava mudas de árvores que acompanhavam o calçamento.

Nesse mesmo ano, o jornal Cataguazes publicou uma matéria⁹⁰ falando sobre a instrução na cidade. Mais de 1.323 (mil trezentas e vinte e três) crianças tinham acesso às escolas, distribuídas da seguinte forma: 150 (cento e cinquenta) no Gymnásio, 83 (oitenta e três) na Escola Normal, 70 (setenta) no Colégio Nossa Senhora do Carmo, 850 (oitocentas e cinquenta) no Grupo Escolar, 140 (cento e quarenta) em escolas noturnas e 30 (trinta) crianças em escolas particulares.

Segundo as referências jornalísticas, a educação formal parecia caminhar bem, escolas e alunos cumpriam seus papéis de ofertar educação baseada na civilidade e na moralidade de

⁸⁸ Atualmente Avenida Astolfo Dutra.

⁸⁹ Conhecido como pé-de-moleque.

⁹⁰ Cataguazes, 13 maio 1917, p. 1.

consumidores do processo educacional implementado. A instrução também passava por cuidados com o meio ambiente. Havia sido criado um horto florestal na cidade para a realização de passeios e cultivo de plantas. Uma das edições do jornal de 1927 narrou a satisfação e a frequência das pessoas ao horto, anunciando que havia mudas para distribuição “quase de graça”, e alertou para a necessidade do reflorestamento.

Felizmente o nosso povo já vae compreendendo a necessidade do reflorestamento, mas é preciso accentuar que ainda estamos longe de atingir ao fim collimado. Tudo quanto se tem feito é pouco, à vista da extensão da desvastação de nossas mattas. (CATAGUAZES, 06 mar. 1927, p. 1).

Se, por um lado, a educação para o convívio em sociedade carecia de controle do comportamento e domínio das letras, a cada inclusão de novos equipamentos modernos as pessoas precisariam se readaptar. Os novos saberes causavam estranhamento, a cena urbana carecia de ordem, os indivíduos, de mais limites; assim, novas normas e adaptações às leis foram sendo feitas, de acordo com as necessidades e demandas da época.

Naquele processo, em 1917, o funcionamento do comércio passou por uma nova regulamentação. Para ilustrar, em 1908, era possível funcionar até as 16 (dezesesseis) horas do domingo; em 1915, o meio-dia era o horário estabelecido para o fechamento; já as novas normas, de 1917, proibiam a abertura do comércio aos domingos. Nos dias de semana era permitido o funcionamento até as 20 (vinte) horas. No entanto, parece que, entre a regra e seu cumprimento, existia um distanciamento: “como muitos comerciantes moravam nos fundos da loja, a lei era muitas vezes burlada, trabalhava-se de domingo a domingo. Só bares, casas de diversão e hotéis ficaram de fora” (ALMANAK, n.d., p. 39).

Em 1918, o transporte urbano perdeu os *bonds* com o fim da Ferro Carril. Segundo Almanak (n.d.), a distância entre o Ginásio Cataguazes e o centro da cidade era a razão primária para a criação da empresa que se constituiu por “subscrição pública muito pulverizada”, com a participação de empresas de interesses divergentes, o que deu à empresa uma ambiguidade na atuação e no desenvolvimento dos negócios. Assim, com a valorização do ferro, a empresa vendeu os trilhos. Já os *bonds* eram da cidade e,

na concessão dada à Ferro Carril, a Câmara Municipal, num artigo impunha que qualquer mudança de itinerário, horário, preço e retirada de trilhos, teria que ser autorizada pela casa. Baseado nisso havia um pensamento de o artigo ser usado para impedir a retirada dos trilhos. Estavam sendo retirados das ruas, a cidade via o progresso ser levado pela empresa compradora. (ALMANAK, n.d., p. 42).

O fim dos *bonds* também foi justificado pelo aumento no número de carros na cidade. As notícias da época já enfatizavam que o mesmo carro, que era sinal de luxo e poder, poderia ser uma arma na mão de condutores imprudentes e desavisados. Pedestres corriam riscos ao se descuidarem na travessia das ruas, as descargas de mercadorias incomodavam a ordem urbana e todo deslize era passível de multa e apreensão. Nas palavras do jornal:

Tráfego de automóveis na cidade

Com o aumento de automóveis na cidade, vão se tornando necessárias certas medidas que venham coibir abusos dos chauffeurs em benefício da segurança pessoal dos transeuntes e da tranquilidade de todos nós. Referimo-nos as correrias desenfreiadas e às constantes descargas, provocando aquelas pavor aos pedestres e estas, irritação e incomodos a população da cidade. Umas e outras proibidas pelo Reg. de Vehiculos vão ser, ao que sabemos, objetos de cuidados da Polícia. Estamos informados que o Tenente Alvim de Menezes, Delegado Especial, vae chamar a atenção dos contraventores, e no caso de reincidência, multa-los-á e aprehenderá os respectivos carros até que sejam satisfeitos (*sic*) as multas em que incidirem. (CATAGUAZES, 06 mar. 1927, p. 1).

Contrastes entre as facilidades trazidas pela modernidade e os conflitos e necessidades de adaptação que elas iam gerando estavam presentes nos jornais, da mesma forma que hábitos que remetiam à Cataguases rural, conflitando com a urbana, também ganhavam espaço.

Em nossa urbs vão se registrando factos que até agora, por felicidade, só tem dado motivos a correrias e chalaças, com a permissão franqueada aos vendedores de gado a fazerem transitarem suas fezes pela rua da cidade. Em dias desta semana, uma boiada estourou na Rua Major Vieira, e foi um Deus nos acuda. Quinta-feira, um zebu em plena praça Ruy Barbosa, obrigava muita gente a movimentar as gambias na sua frente. Esta liberdade é perigosa à segurança dos pobres transeuntes. A laia dos outros municípios, é de necessidade que uma postura proibida a passagem do gado solto pelas ruas da cidade. É melhor prevenir o mal, do que remediá-lo. (CATAGUAZES, 05 ago. 1928, p. 2).

A solicitação de proibição não foi atendida naquele momento, uma vez que se entendeu ser desafiador proibir que a cidade crescesse sem um pouco de caos. Os contrastes revelam uma tentativa de organizar e imprimir posturas consideradas “adequadas” aos cidadãos, e uma forma “politicamente correta” de agir, criada a partir da cultura e dos padrões morais da elite, parecia existir.

Assim, ao longo do período pesquisado, decretos punitivos foram publicados atendendo a parte da demanda em relação aos transportes; outros regulamentavam posturas em relação à forma correta de andar a cavalo, o local adequado para prendê-los. A duração dos apitos das fábricas passou a ser mensurada; o encaixe entre madeiras no carro de boi deveria ser perfeito;

não se permitiam barulhos; a ordem social foi normatizada pelo horário de funcionamento dos estabelecimentos comerciais; os horários de trabalho e de diversão também passaram a ser cada vez mais controlados.

O fiscal da prefeitura faz decreto penalizando: andar a galope pelas ruas; atar animais em postes, árvores e grades multa de 10\$000; Abrir apitos de máquinas a vapor por mais de um minuto ou andar de carro de boi chiando ou cantando dentro da cidade multa de 15\$000; obriga o comércio a fechar suas portas no domingo às 16h00. Exceto hotéis, botequins, farmácias e padarias. 80\$000 de multa. (ALMANAK, n.d., p. 17).

Em meio a esse fervor social, era necessário estar aberto às novidades e atento aos efeitos colaterais que elas poderiam gerar. A energia elétrica, por exemplo, foi fundamental para o aprimoramento das experiências modernas, através do funcionamento de casas de diversão e dos comércios noturnos; já a falta de eletricidade tornou-se um problema moderno. Essa questão ganhou destaque em 1919, quando a cidade foi assolada por uma enchente⁹¹ que atingiu a Usina Maurício⁹², danificando equipamentos, estragando máquinas e deixando a cidade sem energia por vários dias (ALMANACK, n.d.).

A cidade e a rua, enquanto locais de troca, de sociabilidades, de ver e ser visto/a, carecia de um tratamento especial, moderno e urbano, condizente com a ordem social colocada. A iluminação pública conjecturava com tais premissas, a falta de energia revelava a importância que o espaço público da rua ganhava, ao ser ocupado por pessoas que desenvolviam atividades diversas, como negócios, diversões, comércios, desordens, controles, fofocas, crimes (ROSA, 2019).

Os exemplos comentados reportam à década de 1920, quando, se o comportamento na rua não era adequado ao modo de viver moderno, a pessoa era tida como mal educada, atrasada. Existia uma forma considerada como “correta” de utilizar o espaço público, e o que fosse diverso a esse modo poderia trazer danos graves à sociedade, na opinião daqueles/as que tentavam impor seu ideal de cidade e de sociedade, em muitos casos alimentados/as pelo catolicismo.

Aquele modo ideal de vivenciar o moderno também exigia comportamentos e vestimentas adequadas das mulheres. O catolicismo se impunha à forma e às atitudes. Se o modelo estrangeiro pregava uma maior liberdade para a mulher, a sociedade cataguasense

⁹¹ Por ter sido construída às margens do rio Pomba, a cidade sofre recorrentemente com problemas causados por inundações.

⁹² Usina responsável pela geração de energia na cidade.

pretendia reprimi-la. A modernidade estrangeira só interessava se fosse cristalizada na tradição da “donzela direita” e da “mulher casada”, do corpo escondido atrás de saias longas, de golas fechadas, das mangas compridas. O catolicismo contribuía fortemente na imposição de normas ao vestuário, em prol da moral e dos bons costumes das mulheres. Ousadias em relação aos “bons modos” não eram admitidas na modernidade cataguasense.

Mulher [...] nós lamentamos que elas se deixem dominar tão facilmente por tudo quanto lhe vem do estrangeiro, imitando sem a menor repugnância no andar, no vestuário, no dançar e ate no próprio modo de falar as filhas das grandes capitais do Universo notadamente Paris, que é sem dúvida o berço da moderna civilização, mas berço também da corrupção e da degradação. (...) Se uma donsela é tão condenável essa moda licenciosa, mais própria das infelizes mundanas, que se poderá dizer de urna senhora casada? Que poderia esperar um marido, que, criminosamente, permite que sua esposa ande vestida indecorosamente, expondo seu corpo as vistas dos conquistadores que por ali andam em profusão, como lobos a procura de presas? Que critério se pode formar de tais maridos e de pais tão desatentos aos inconvenientíssimos trajes de suas filhas? E’ preciso que os pais e maridos saibam que a moda é um monopólio comercial de homens, descristianizados, judeus em sua maior parte, que especulam o lado fraco das mulheres, a preocupação de agradar e atrair vistas sobre si, usando tudo, contanto que seja moda, ainda que imoral. A moda de hoje pode definir-se: um tecido de imodestia, um bruado de pecados! ... uma mulher sem pudor, embora bela, e semelhante a um pecego aparentemente são e belo, mas inteiramente bichado! Encompridai as saias curtas, que exibem as pernas; levantai os decotes, que expoem vosso corpo; baixe as mangas, que descubrem os braços; sede discreta no trajar pra não vos confundirdes com as heroínas do vício. (...) Senhoras e donzelas catolicas dai o bom exemplo da moda, vestindo-vos cristanente. (ALMANAK, n.d., p. 48).

Tais manifestações eram reações às práticas modernas adotadas pelas mulheres, que começavam a ter acesso à educação, participar do mercado de trabalho, frequentar as diversões e protagonizar jogos de basquete⁹³, confrontando com o tradicionalismo do uso de vestimentas “bem comportadas”, a exemplo das saias longas para práticas esportivas em 1916⁹⁴.

Acerca da entrada das mulheres na vida pública, até então quase que exclusivamente vinculadas à vida privada, Pimenta (2010) entende que elas conseguiam penetrar nas estruturas dominadas por homens, participando da organização de quermesses, danças, convescotes⁹⁵, aulas noturnas e outras atividades. Diferente do que afirma a autora, esse parece ser o lugar habitual, ou “permitido”, para a mulher, na sociedade cataguasense.

⁹³ Basquete feminino em Cataguases será abordado no capítulo dedicado ao esporte.

⁹⁴ Cataguazes, 06 ago. 1916, p. 1.

⁹⁵ Piquenique.

Pimenta (2010) afirma, ainda, que fichas admissionais sinalizavam a presença de mulheres trabalhando nas indústrias têxteis da cidade e, pelo não reconhecimento da cidadania social das mulheres, elas não eram tratadas como operárias ativas, uma vez que o “lugar da mulher” ainda era, predominantemente, vinculado ao trato doméstico e às atividades sociais.

Foi nessa cidade de contradições entre conservadores e progressistas que operárias (junto a operários) da indústria têxtil paralisaram o trabalho e entraram em greve por melhores condições de trabalho e remuneração. Em pouco tempo, a iniciativa foi divulgada pelo País, através das páginas dos jornais.

A participação das operárias não se limitou às atividades vistas como femininas. Em fevereiro 1920, as operárias da fábrica de tecidos dessa cidade entram em greve para obterem o aumento de 10% sobre a tabela de preços que lhes eram pagos por metro de algodão. (PIMENTA, 2010, p. 3).

Com as reivindicações operárias negociadas, Cataguases seguia pelos trilhos e desafios da modernização. Os carros pelas ruas tornavam-se mais comuns, inclusive os hóspedes do Hotel e Bar Brasil passaram a ser transportados de ônibus da estação ferroviária para o hotel, proporcionando benefícios aos clientes. Novas edificações eram construídas e as antigas foram sendo reformadas e readequadas ao novo contexto.

Na principal avenida da cidade do período, a Astolfo Dutra, nomes importantes davam sua contribuição para a modernidade urbana através do embelezamento de suas casas e palacetes. Morar na avenida, assim como é atualmente, era sinal de status e de privilégios em termos de infraestrutura e, inclusive, financeiros – processos atuais que resvalam na história política e econômica da cidade.

Na avenida o palacete Jovelino Santos; o lindo Templo Protestante; a casa Ciodaro & filhos; palacete Carcacena; a casa Kneipp; e duas mais construídas pelo Sr. José Alves Ferreira; ao todo sete na formosa avenida cataguasense, que tem o nome do ilustre Dr. Astolfo Dutra. Na rua H. de Azevedo, o cel. João Duarte acaba de construir dois prédios e em rua adjacente constrói mais três, ao todo cinco. Na Rua da Estação está passando por uma reforma a casa Felipe e Sr. José Schettini aumenta de modo considerável o prédio onde funciona o Hotel Avenida, substituindo um pardieiro por uma boa casa. Na rua Cel. Vieira, d. Hermínia Dutra refaz o prédio de sua propriedade em uma casa moderna. Na Praça do Comercio o Sr. Manoel Rama está levantando o grande edifício, que todos nós estamos vendo. Notem-se ainda, a casa construída agora pelo Sr. Joaquim Peixoto, duas a serem construídas pelo Sr. Peloso e seu digno filho, a casa que está sendo levantada pelo sr. Dionísio Siqueira. Só ai, estão vinte casas reformadas ou construídas além de outras que naturalmente nos estamparam. Vale notar que este ano registrou grande número de construções novas e entre elas prédios de grande valor, como o

palacete Nogueira, reformas de prédios como os em que funcionam o Banco do Brasil e a casa Ribeiro construção da excelente casa Condé. E outras construções se anunciam para breve. A teimosia de alguns proprietários, a má vontade de outros, tem retardado a obra considerável que se vem fazendo em Cataguases, mas nós temos fé que muitos deles verão que é hora de se esforçarem pela cidade, e, pois, indispensável o seu concurso ao ótimo trabalho que se vem realizando aqui que os donos de terrenos os sedam, e que os proprietários de casas velhas iniciem a reconstrução das suas, é o voto de Cataguazes, que quer prosperar, mercê de Deus. (ALMANAK, n.d, p. 53).

A importância da arquitetura para a cidade dialoga com o período abarcado por este estudo. Francisco Inácio Peixoto foi um dos fundadores da Revista Verde (1927) – a qual ainda será abordada neste estudo – e entusiasta do Movimento Modernista, que trouxe para a cena urbana a perspectiva de modernização da cidade, em termos de estrutura, valores e costumes, enaltecendo o que havia de mais desejado pela população nesse contexto histórico: o ser e o viver em uma cidade moderna.

Não que os turistas saiam tropeçando em monumentos modernistas, com rimas e tudo. Mas eles só não tropeçam se não quiserem [...] tudo em Cataguases parece somar para que ela seja a cidade com aspectos arquitetônicos mais marcadamente modernos do interior brasileiro. (INÁCIO, 2013, p. 209 *apud* WERNECK, 2003).

1.2 Cataguases nas primeiras décadas do século XX: entre tradições e modernidades

Equilibrar-se entre a tradição e a modernidade é parte do imaginário social que permeia a sociedade cataguasense até os dias atuais, tratado por Xavier (2014) como mitos e tradições inventadas. Identifica-se que tais “mitos e tradições” dizem respeito ao fato de que parte do contexto social, político e econômico, trazido de forma saudosista por alguns autores, tende a refletir uma conformação social imposta, divulgada e disseminada pelas oligarquias agrárias e industriais que duelavam pelo controle econômico e político da cidade e viram na modernização a possibilidade arquitetônica de deixar sua marca e o legado da família que governava a cidade nas primeiras décadas do século XX.

Busca-se aqui refletir sobre as condições e contextos nos quais a modernidade cataguasense se estabeleceu. Para tal, faz-se necessário relativizar os fatos e as fontes, analisar as conjunturas e espaços, questionar a participação popular nesse processo e as influências elitistas que, através dos jornais, da arquitetura, das obras de arte e das influências europeias, construíram a dinâmica social percebida. As práticas de diversão ocupavam lugar de destaque, atuando como liga ou engrenagem para o funcionamento da cidade.

Como pontuado anteriormente, o consumo de informação enquanto mercadoria (jornais, revistas) e enquanto diversão (romances, literatura) se fazia presente na cidade. Homens que cultivavam as letras e semeavam cultura constituíam a burguesia da cidade, e a população, cada vez mais letrada, buscava se identificar com os hábitos burgueses.

Com a média de venda de um livro a cada 30 (trinta) habitantes por ano, o perfil literário da cidade era enaltecido (ALMANAK, n.d.). De acordo com o autor, foram vendidos 200 (duzentos) exemplares de um livro de Monteiro Lobato para uma população de 6.000 (seis mil) habitantes (p. 55). Considerando o índice de alfabetização, sobre o qual falamos anteriormente, esse dado indica um interesse significativo pela leitura.

Tendo uma das veias modernistas marcadas pela literatura, foi nessa cidade que nasceu a Revista Verde, publicação de curta duração (seis números), que teve início no grêmio literário do Colégio Cataguases e conquistou representatividade no movimento modernista nacional. Esta se configurou na participação de escritores consagrados como Carlos Drummond, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Alcântara Machado, Emílio Moura, Pedro Nava, Couto de Barros, Abgard Renault, Yan de Almeida Prado, Murilo Mendes, Sérgio Milliet, Ribeiro Couto, Marques Rebelo, entre outros. Os “Verdes”, como ficou conhecido o grupo de autores da revista, aproveitaram o talento que tinham e inovaram nas experiências literárias, passando a ser conhecidos e referenciados nacionalmente (SANT’ANA, 2006).

No fluxo desse processo, a disseminação do trabalho dos “Verdes” nos jornais e revistas que marcaram o modernismo em Cataguases reiterou a vocação cultural de produzir novas obras, diferentes daquelas já lançadas na cidade. Assim, obras pioneiras, questionadoras, críticas e revolucionárias passaram a interceptaram o ordenamento social posto, camuflando intencionalidades e estabelecendo, na literatura, uma possível forma de dominação (XAVIER; CARRIERI, 2016).

Longe de uma ingênua ação desenvolvida por um grupo de nove rapazes⁹⁶, os “Verdes” revelaram a existência de um movimento literário em Cataguases desde meados dos anos de 1920. Uma das atividades desenvolvidas por esse grupo era a escrita para os jornais *Mercúrio*, *Jazz-Band* e *O Estudante e Cataguazes*, que foram o tubo de ensaio para a criação da revista *Verde* de 1927.

⁹⁶ A revista foi idealizada e criada por: Henrique de Resende (diretor), Antônio Martins Mendes e Rosário Fusco (redatores), Ascânio Lopes, Camilo Soares Filho, Christophoro Fonte Boa, Francisco Inácio Peixoto, Guilhermino César, Oswaldo Abritta, Renato Gama e Martins Mendes.

Imagem 4 - Capa da primeira Revista Verde, publicada em 1927



Fonte: Site As Minas Gerais⁹⁷.

Contando com apoio de Mário de Andrade e Oswald de Andrade, de São Paulo, de Carlos Drummond de Andrade, de Belo Horizonte, e de outros modernistas do Rio de Janeiro, os nove componentes da revista *Verde* ousaram em seus escritos e enfrentaram a oposição local, a qual se manifestava através dos editoriais da imprensa municipal, com críticas aos *Verdes* e ao Modernismo (SANT'ANNA, 2006).

Para Xavier e Carrieri (2016), a literatura modernista dialogava com os aspectos urbanos e modernos da industrialização em sua temática e forma de produção racional, técnica e econômica. As temáticas trazidas pelas revistas sinalizavam uma busca por identidade.

Sem tomar partido nas lutas de classe, os Verdes se alinhavam ao discurso trabalhista ou à burguesia, dependendo da ocasião, até porque faziam parte da elite cataguasense e frequentemente eram vistos nos banquetes de todas as ordens, oferecidos pela burguesia para a burguesia (XAVIER; CARRIERI, 2016).

Como um movimento legítimo e moderno, não foram raras as iniciativas de apoio ao movimento dos *Verdes*. Exemplo disso é a carta enviada a eles pelo romancista José Américo de Almeida:

Eu sonhei com vocês: todo o Brasil espiando pra Cataguases e Cataguases dando as costas a vocês. Cidade pequena é assim mesmo. Tem raiva de quem fica maior do que ela dentro dela. Vocês, poetas de cidade pequena fizeram

⁹⁷ Disponível em: http://www.asminasgerais.com.br/zona%20da%20mata/univlrcidades/modernismo/Literatura/revista_verde/in%20roducao/index.htm. Acesso em: 31 out. 2019.

de Cataguases uma cidade grande. Porque é grande tudo que se vê de longe, inclusive certas coisas pequenas. Queiram bem a Cataguases que não quer bem a vocês. Cataguases é pequena, mas vocês só são grandes porque são poetas de Cataguases. (MELLO, 2014 *apud* ALMEIDA, 1929, p. 3).

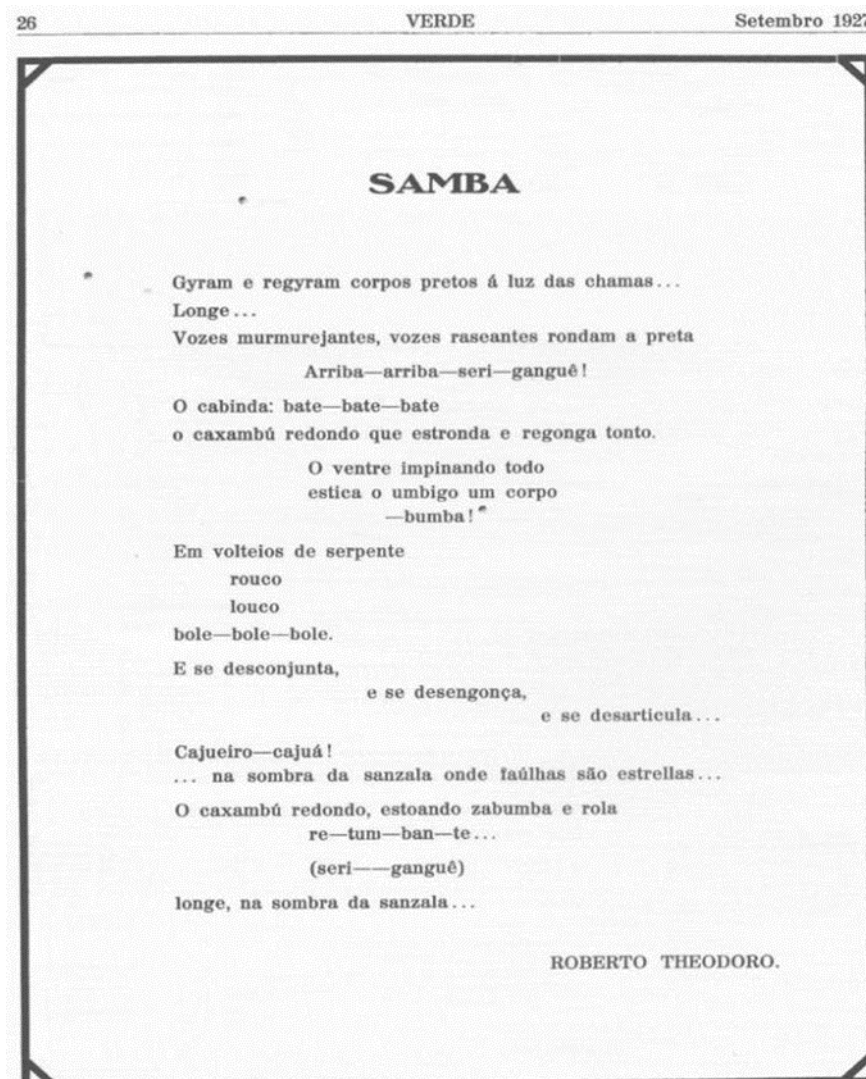
Os seis números da revista *Verde* (1927-1929) revelaram a troca de informações e de ideias entre os/as cataguasenses do interior e os outros modernistas alocados no País e no exterior. Estes estimulavam a ousadia dos *Verdes* e afrontavam o tradicionalismo dos conservadores (LAGE, 2007). Para Xavier e Carrieri (2016), tudo fazia parte de um projeto ideológico para a manutenção do poder que migrava da atividade econômica rural para a atividade urbana.

O acesso ao acervo da revista *Verde*, publicado entre 1927 e 1929⁹⁸, revelou que as revistas traziam muitas notícias de outros países, críticas e reflexões sociais, orientações sobre livros, lançamentos literários na cidade e poemas, além de manterem uma relação comercial, na forma de anúncios e propagandas,

Para ilustrar um pouco desse trabalho, elegeu-se um poema de Roberto Theodoro, publicado na Revista *Verde* em setembro de 1927, que aborda uma prática de diversão, o samba, deixando, nas entrelinhas, explícitas questões morais e de ordem social que revelam julgamentos e expectativas acerca do corpo da mulher, em especial da mulher negra. Lendo o poema, entende-se que, em sua dança, cercada pelos presentes, ela (a mulher negra) “impina o ventre”, “desconjunta” da ordem social e samba com o corpo, simulando os movimentos de uma “serpente”. As últimas estrofes deixam subentendido que tal diversão, segundo o poema, não participa da ordem social moderna da cidade e só é permitida “longe, na sombra da senzala”.

⁹⁸ Exemplos disponíveis em: http://www.asminasgerais.com.br/zona%20da%20mata/univlrcidades/modernismo/literatura/revista_verde/in%20roducao/index.htm. Acesso em: 15 maio 2019.

Imagem 5 - Poema Samba, de Roberto Theodoro, publicado na Revista Verde



Fonte: Revista Verde (set. 1927, p. 26). Site As Minas Gerais.⁹⁹

Esse samba, trazido em forma de poema para as páginas da *Verde*, poderia ser percebido como uma afronta à sociedade burguesa, pois era uma diversão de negros e de classes baixas, não fazia parte da “cultura das elites” e, dessa forma, afrontava a ordem e a moralidade. Assim, só poderia ser praticado longe da cidade (ALBUQUERQUE, 1999). No entanto, entendemos que, ao ousarem falar a respeito, em forma de um poema com expressões soltas e, para alguns, desconexas, os *Verdes* podem ter tido a intenção de questionar a hierarquização da cultura que era imposta na sociedade cataguasense por aqueles/as que se julgavam capazes de definir o que seria essa “cultura”.

⁹⁹ Disponível em: http://www.asminasgerais.com.br/zona%20da%20mata/univlrcidades/modernismo/Literatura/revista_verde/in%20roducao/index.htm. Acesso em: 15 maio 2019.

Esse poema e outras matérias jornalísticas indicam que os momentos de diversão dos/as negros/as eram vistos como ameaças e alertavam a sociedade para a desordem que poderia ser causada pelos excessos. O discurso civilizador que organizava o Brasil carecia de manutenção da ordem social; as práticas de diversão e religiosas de origem africana eram coibidas, uma vez que dificultavam o saneamento urbano, moral e civilizatório, pregado pelas elites brancas (SANTOS, 2009).

Assim como a diversão negra, a diversão das classes mais baixas não aparecia nas páginas do jornal, permitindo inferir que essas manifestações deveriam permanecer na invisibilidade, ser coibidas, ou até criminalizadas, por estarem no grupo dos comportamentos considerados inapropriados para a sociedade.

Para Albuquerque (2002):

A imprensa assumiu, notadamente, as trincheiras da civilização. Por outro lado, as práticas culturais e religiosas afro-brasileiras preservavam e reconfiguravam saberes de matriz africana, ao tempo em que ajudavam seus participantes na elaboração de balizas de outras identidades, que reinterpretavam heranças africanas na diáspora, insubordinando-se muitas vezes contra discriminações de classe, raça e de caráter religioso (p. 18).

Essas análises indicam que a diversão popular encontrava dificuldades para ser socialmente aceita e que as notícias reverberavam a censura e uma visão de mundo unidirecional. A engrenagem cultural das artes, das letras e das diversões, que se almejava ativa em Cataguases, deveria negligenciar as manifestações impróprias e impor novas, principalmente as práticas comerciais e modernas espelhadas nos moldes europeus.

Assim, a movimentação da engrenagem cultural carecia da participação de grande parcela da população cataguasense, não apenas nas vivências, mas nas produções de diversões modernas. Uma das mais relevantes ações em prol da produção e disseminação das diversões se deu no primeiro ciclo regional do cinema nacional, na figura de Humberto Mauro, em Cataguases. A produção cinematográfica cataguasense ganhou relevância, e os filmes produzidos na cidade, no primeiro quartel do século XX, foram enaltecidos, dentre os quais, Valadião, o Cratera (1925); Na Primavera da Vida (1926); Tesouro Perdido (1927); Brasa Dormida (1928); O Fox-trot de uma Cidade (1929); e Sangue Mineiro (1929).

O cinema havia caído no gosto dos/das cataguasenses desde que os cinematógrafos vinham junto com os circos itinerantes. A frequência às sessões e às produções ocupavam as páginas do Cataguazes durante o início do século XX e será o assunto do próximo capítulo.

Assim, no final da década de 1920, o jornal anunciava as conquistas da modernidade cataguasense, peças de teatro, partidas de futebol e exibições de cinema. Expressava, através da publicidade, o mercado consumidor que, com o passar dos anos, incorporou novos produtos, com o avanço da industrialização, e beneficiou outros, como os anunciados: guarda-sol, 3\$000 (três mil réis); saia branca rodada, 4\$500 (quatro mil e quinhentos réis); caixa de pó de arroz, \$500 (quinhentos réis); vidro de brilhantina, 2\$000 (dois mil réis); meias cruas (3 pares); 2\$000 (dois mil réis); chapéu de palha, 2\$500 (dois mil e quinhentos réis); arroba do café, 7\$600 (sete mil e seiscentos réis)¹⁰⁰, quilo da manteiga, 6\$000 (seis mil réis)¹⁰¹; metro de filó, 3\$000 (três mil réis); metro de palha de seda, 7\$500 (sete mil e quinhentos réis); carros Buick com rodas de madeira, 14:500\$000 (catorze contos e quinhentos réis); assinatura anual do Cataguazes 15\$000 (quinze mil réis)¹⁰²; assinatura semestral do Cataguazes, 8\$000 (oito mil réis); quilo da manteiga 9\$500 (nove mil e quinhentos réis)¹⁰³; pacote de um quilo de pó, 4\$000 (quatro mil réis); carro Ford, 3:950\$000 (três contos, novecentos e cinquenta réis) ; Chevrolet Landau, 11:500\$000 (onze contos e quinhentos réis); moringa de água, \$100 (cem contos); moringa de água gelada, \$200 (duzentos contos).

Alguns desses itens chamam atenção. Observa-se, por exemplo, que os comerciantes estavam trabalhando com a lógica de agregar valor ao produto ao vender a moringa de água gelada pelo dobro do preço da moringa com água em temperatura ambiente. Essa situação também foi observada nas relações comerciais em que o quilo da manteiga variava, significativamente, quando vendido no pote ou na lata; o arroz tinha valores diferente para quem o levasse com casca e quem optasse pelo beneficiado, deixando a casca.

As opções presentes nos anúncios também revelam que, naquele período – final dos anos de 1920 – o domínio do automóvel nas ruas da cidade já era um fato. As informações estatísticas indicavam que a cidade era a décima de Minas Gerais em número de automóveis, porém dúvidas pairam no ar à medida que fontes são confrontadas e estatísticas diversas são encontradas. O relato trazido na sequência fala de uma cidade com 16 (dezesesseis) mil habitantes no final da década de 1920, contrastando com os 46.566 (quarenta e seis mil, quinhentos e sessenta e seis) de 1912 (BRASIL, 1916).

A cidade deve contar nos seus perímetros urbano e rural cerca de 16 mil habitantes. Casas, a cidade conta hoje cerca de mil e trezentas, duas oficinas

¹⁰⁰ Cataguazes, 1918.

¹⁰¹ Cataguazes, 1926.

¹⁰² Cataguazes, 1926.

¹⁰³ Cataguazes, 1927.

para concertos de automóveis de Ciodaro & Filho e Serpa Ribeiro & Cia: quatro agencias bancarias, do Banco do Brasil, Credito Real de Minas, Hipotecário e Agrícola. Irmãos Peixoto & Cia. e João Duarte Ferreira & Cia. Cinco agencias de automóveis. Hotéis temos quatro: -- Villas, Brasil, Avenida do Comercio e cerca de 8 pensões. Temos 4 bares de primeira ordem e 6 botequins menores. Temos um grande teatro onde funciona o Cinema Recreio, de Cunha & Filhos, com capacidade para 2 000 pessoas, na Praça Rui Barbosa. Temos 8 ótimas e bem instaladas farmácias. Açougues, temos 7, Padarias temos 6. Fabricas de bebidas existem duas na cidade sendo elas de Nogueira & Cia. Almeida & Fajardo. Temos 12 barbearias na cidade. Bombeiros, funileiros e caldeireiros temos 3 oficinas bem montadas sendo duas de grande movimento, as do cel. Francisco Rossi e Francisco Abranches. Contam-se na cidade, presentemente, 7 bem montadas alfaiatarias. Dentro de cidade existem 3 grandes engenhos de beneficiar café. Médicos temos presentemente 9 doutores. Há na cidade um bem montado atelier fotográfico do senhor Pedro Comello, estando também, em franca produção uma fábrica de fitas de cinema da Companhia e Sul América, Film. Tem e cidade 3 tipografias, duas marmorarias diversas carpintarias, torrefações de café, sapatarias e outras pequenas oficinas de concerto. O Cortume Schettini. a grande usina de açúcar, 8 advogados, 3 estabelecimentos de ensino Curso de professorado rural e diversas escolas particulares. Atualmente a cidade tem só o jornal O Cataguazes e uma agência de jornais do cel. Fenelon Barbosa. (ALMANAK, n.d., p. 65).

Uma cidade modesta e em crescimento – é assim que a Cataguases das duas primeiras décadas do século XX se revela para esta pesquisa. Uma cidade como tantas outras espalhadas pelo país. Uma *urbs* cujos marcos pontuados ao longo do capítulo se confundem entre tradições, vocações e invenções. Tais apontamentos induzem à reflexão sobre uma sociedade que teve, nas experiências modernas, peculiaridades e especificidades apontadas pela burguesia local, guiada pela transição econômica do café para a indústria, supostas vocações culturais que se legitimavam em ideais, fortalecidos através do intercâmbio de pessoas, dos jornais, dos produtos e da cultura que se distinguiu pelo consumo de obras de arte, livros, impressos, arquitetura e diversões.

Esses aspectos foram percebidos nas páginas do jornal Cataguazes e corroborados por outras fontes. Faz-se, então, importante mergulharmos um pouco mais nas páginas e edições desse semanário.

1.3 O jornal Cataguazes

Como citado na introdução deste trabalho, diversos periódicos circularam na cidade de Cataguases desde sua fundação, em 1877, até 1930. Muitos daqueles jornais tiveram uma vida efêmera e paravam de ser publicados após algumas edições. Segundo Gomes (1974), à época, a prefeitura se viu forçada a criar um noticiário próprio e com características liberais que

informasse sobre a vida na cidade e, ao mesmo tempo, publicasse os atos oficiais. Para dar conta dessa demanda, em 28 (vinte e oito) de janeiro de 1906, publicava-se a primeira edição do jornal *Cataguazes*, com destaque para notícias sobre o café.

O jornal *Cataguazes*¹⁰⁴ foi a principal fonte de pesquisa deste trabalho. A escolha de tal periódico se deve ao fato de ser esse jornal o que permaneceu em circulação pelo tempo de interesse desta pesquisa. Fundado em 1906, o *Cataguazes* é publicado até hoje, como um órgão oficial do município. O formato atual difere do adotado no período analisado, uma vez que se restringe, quase que exclusivamente, à publicação dos atos oficiais da administração pública da cidade de Cataguases.

O primeiro gerente responsável pelo jornal foi Arthur Vieira de Rezende¹⁰⁵, tendo Heitor de Souza¹⁰⁶ como redator-chefe. De acordo com Almanack (n.d.), as oficinas¹⁰⁷ de tipografia foram montadas de forma a organizar os operários, tendo como gerente José de Lemos de Melo e Augusto de Sales Ferreira como subgerente. A tipografia do *Cataguazes* foi uma das primeiras da Zona da Mata Mineira.

Nas primeiras décadas do século XX, o jornal tinha publicação semanal, com edições distribuídas aos domingos. A oficina e a redação ficavam localizadas na Rua Coronel Vieira, número 53. Em 1906, os valores cobrados para acesso aos exemplares se referiam às assinaturas de envio pelo correio, no valor de 10\$000 (dez mil réis), enquanto para a cidade o custo era de 8\$000 (oito mil réis). Esse valor foi sendo alterado, chegando a 15\$000 (quinze mil réis) para a assinatura anual e 8\$000 (oito mil réis) para a semestral em 1926.

As edições do jornal, no período analisado, tinham quatro páginas em dias comuns e, em datas comemorativas, seis páginas. Havia um *layout* padrão, o qual, entretanto, não era utilizado de forma rigorosa, percebendo-se alterações entre as edições, em especial em relação à ordem das sessões. Em linhas gerais, a primeira página – a capa – continha informações sobre a economia, as lavouras, o café, artigos agrícolas e industriais. As matérias tidas como manchetes eram estampadas na capa. A página dois trazia matérias que davam um panorama nacional e internacional focando as atividades políticas e econômicas, além de abordar a região e alguns aspectos da vida social. Na página três estavam as publicações oficiais dos atos e despachos do governo local, como editais para obras e serviços. A quarta e última página era

¹⁰⁴ Atualmente, o jornal adota formato digital, podendo ser acessado pelo site <http://www.cataguases.mg.gov.br/jornal-cataguases>. Acesso em: 18 dez. 2020.

¹⁰⁵ Político da cidade, atuava como secretário e tesoureiro da Câmara de Vereadores.

¹⁰⁶ Advogado, deputado estadual, secretário da Câmara de Vereadores de 1910 a 1913.

¹⁰⁷ Localizadas na Rua Rabelo Horta com a antiga Duque de Caxias e depois transferidas para o prédio da Prefeitura.

uma continuação dos assuntos políticos e econômicos, e continha anúncios em geral, de produtos e do comércio.

Imagem 6 - Página 3 (três) do jornal Cataguazes de 25 fev. 1906



Fonte: arquivo da autora.

No momento de sua criação, 1906, o jornal já se autointitulava “órgão oficial do município”, o que, de certa forma, o vinculava aos ideais políticos de quem estava no poder. A premissa de uma “folha neutra”, anunciada em 1911¹⁰⁸, significava uma tentativa de distanciamento de tal vinculação que se materializava nas páginas dos jornais, marcadamente voltadas a publicações administrativas que iam além dos atos administrativos e tinham cunho político e econômico, embebidas em discursos modernos e civilizatórios que retratavam Cataguases como uma cidade além do seu tempo.

A neutralidade e a imparcialidade, anunciadas em 1911, não passaram de uma estratégia política, pois o jornal manteve-se financiado e vinculado aos órgãos públicos. A grande questão aqui foi a descoberta, feita pela administração de João Duarte Ferreira, de que o jornal não estava gerando lucros, mas sim déficits da ordem de 400\$000 (quatrocentos réis). Na tentativa de reduzir custos, o jornal deixou de ser produzido na oficina da Prefeitura e passou a ser terceirizado. Os novos administradores do jornal se autoafirmavam sem filiação partidária e com o propósito de defender as causas dos oprimidos. Entretanto, o jornal publicava os atos oficiais do poder público, por ser um órgão vinculado a ela com parceria para impressão.

Ousa-se afirmar que tal mudança, sinalizada em 1911, não passou de um movimento político-econômico para mascarar ou forjar uma neutralidade inexistente, o mito da imparcialidade da imprensa (DAMACENA, 2020). Tal suposição se sustenta na medida em que todo material produzido, seja um documento ou jornal, é repleto de intenções e impressões que atuam de acordo com o grupo envolvido nessa escrita/produção, apesar da proclamada neutralidade. Se até 1911 o escritório e a oficina do jornal se localizavam no prédio da Prefeitura, seria uma mudança de título e de endereço que definiria novos rumos ao periódico? Durante a leitura dos jornais não foi possível perceber a mudança para uma “folha neutra”, alardeada pelo semanário até 1914.

Infelizmente não foi possível localizar as edições de 1915, que, imagina-se, tenham existido; no entanto, a leitura das páginas de 1916 permitiu a constatação, não só da mudança nos valores cobrados, que passaram a 10\$000 (dez mil réis) pela assinatura anual e 6\$000 (seis mil réis) pela semestral na cidade, como também da mudança da autointitulação de “folha neutra” para “jornal político, literário e noticioso”. Tais mudanças sinalizam a existência de episódios que teriam ocorrido em 1915 e que, infelizmente, não foi possível identificar.

¹⁰⁸ Cataguazes 12 nov. 1911.

Seguindo no curso da história do jornal, percebeu-se que, em 1919, ele voltou a figurar como “órgão oficial dos poderes municipais”, permanecendo assim até período final da pesquisa, em 1930.

A partir de agora, volta-se o olhar ao foco deste estudo, ou seja, as práticas de diversão, abordadas nas páginas jornalísticas no período estudado e as relações que estas estabeleciam com a sociedade cataguasense. Nas edições do primeiro ano do jornal pouco se encontra em relação ao tema, enquanto, nas últimas, percebe-se uma perspectiva bastante tradicional que dialogava com as práticas de moral e bons costumes, trazidas e legitimadas pelas sociedades da transição do século XIX para o XX. Tais perspectivas também foram citadas por Soares (2008), ao analisar as práticas de diversão do século XIX, na cidade de Juiz de Fora -MG.

Entre 1906 e 1930 o jornal legitimava seu espaço, relatando o cotidiano da cidade, enfatizando as ações governamentais e econômicas, em detrimento das práticas sociais e de diversão. Embora sem destaque, estas eram sinalizadas pelo anúncio de festas escolares e religiosas, saraus e quermesses, do cinema, de circos, teatros, poesias e contos, além de apontarem normativas sociais em relação a algumas práticas, as quais são abordadas na próxima parte.

1.4 As diversões divulgadas

O jornal Cataguazes registrou o contexto histórico e o cotidiano dos/das cataguasenses, noticiando as diversões comercializadas em matérias, notícias e anúncios de publicidade. O tempo livre da população parecia ser cada vez mais ocupado pela indústria do entretenimento, portanto o cinema, o teatro e as práticas esportivas consolidavam seus lugares, enquanto os circos, que traziam o exótico, perdiam espaço para as diversões mais diversificadas e modernas, como os cinematógrafos.

Destaca-se nas páginas dos jornais a repressão sofrida por diversões que eram “mal vistas” pela sociedade, como o jogo do bicho, por exemplo. Referências a ele, dessa forma, foram encontradas em diversas edições que julgavam a prática como não condizente com a moral e os bons costumes de uma sociedade saneada e moderna. Baseando-se na Lei Estadual nº 440, de 1906, o município poderia rever os contratos com as loterias para coibir o referido jogo: “Está extinto o maldito jogo do bicho entrando em nossa vida social em pleno saneamento” (CATAGUAZES, 7 out. 1906, p.1).

Se o jogo do bicho não compactuava com os preceitos modernos, as peças de teatro exibidas no Theatro Recreio representavam os anseios da sociedade. Eram apresentadas peças

nacionais e internacionais, com temáticas que indicavam os caminhos da sociedade em progresso.

Era comum encontrar poesias nas primeiras edições dos jornais, indicando certa predileção por esse tipo de literatura, no mínimo vinda da equipe editorial; no entanto, elas foram sendo reduzidas, enquanto as práticas burguesas carnavalescas ganhavam mais espaço, a exemplo de bailes e eventos em *clubs*. Por sua vez, o entrudo¹⁰⁹ se mantinha como forma de resistência e era noticiado, na maioria das vezes, como prática a ser coibida (SANTOS, 2009).

Essas e outras constatações indicam que o discurso jornalístico da época tentava orientar e organizar o comportamento da sociedade do início do século XX. As relações entre diversão e trabalho foram identificadas nas páginas do jornal, de contorno a sinalizar uma preocupação com a forma de ocupação do tempo livre e a produtividade dos indivíduos.

Identifica-se, de maneira explícita, em matérias como essa, a preocupação com a relação entre a ocupação do tempo e os prazeres da vida. Os excessos, no descanso e no trabalho, e a diversão como necessidade de consumo aparecem como questões a serem refletidas:

O descanso em excesso fadiga, esgota e produz doença como o exagero da atividade. [...] No meio termo está a virtude; mas esse meio termo é desconhecido de nossa civilização que hora obriga a trabalhar mais que podemos para satisfazer falsas necessidades de divertimento e luxo, nos lança em excesso de gozos para fazer circular o dinheiro adquirido pelo excesso de trabalho. [...] O pobre e o rico necessitam igualmente de sem excesso e gozar com moderação. (CATAGUAZES, 17 mar. 1907, p. 1).

A matéria deixa subentendido que a lógica econômica do capitalismo e a importância dada ao trabalho e ao capital elevam as diversões ao universo da futilidade. O jornalista parece até intentar o questionamento da igualdade de direitos entre pobres e ricos, induzindo a uma constatação cara para esta pesquisa, a qual indica haver um sentido próprio de fruição de diversões e luxos para os ricos e, marcadamente, o lugar do trabalho e de diversões subversivas para os pobres.

Tais inferências dialogam com os estudos de Sttopa e Isayama (2017), que apontam que classe social, nível de escolaridade, gênero, renda familiar e faixa etária são variáveis que

¹⁰⁹ A comemoração do entrudo foi inserida no Brasil por portugueses e designava as solenidades litúrgicas que marcavam a Quaresma. A diversão popular consistia em brincadeiras violentas como jogar limões de cheiro, farinha e água nas pessoas. A elite, por receio das brigas não saía às ruas e, das suas janelas, jogavam baldes de líquidos nas pessoas que estavam brincando. Para a elite, a festa era comemorada com limões de cheiro em bailes privativos. O carnaval partiu do princípio dos bailes de máscaras venezianas, e acontecia nos salões e também nas ruas, momento em que a elite saía mascarada, com carros alegóricos e fazendo batalhas de confetes (VELOSO, 2014). Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/4297/1/AVeloso.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2020.

influenciam na escolha e acesso ao lazer. Acredita-se que a constatação atual da influência desses parâmetros nas práticas de lazer – analisadas e discutidas minuciosamente no livro “Lazer no Brasil”, organizado pelos referidos autores – corrobora com os dados históricos que marcadamente sinalizam o lugar das diversões para ricos e pobres.

Pode-se inferir, também, uma associação entre o tempo livre, as doenças, a sanitização, a modernização e a urbanização, contextos condizentes com o início do século XX no Brasil e, certamente, em Cataguases. Nesse período, a ciência médica, principalmente, atuava em prol de reduzir as moléstias da sociedade, que se tornavam mais presentes e visíveis com a urbanização (HENRIQUES, 2005). A necessidade de mudanças no comportamento dos indivíduos se associava a esses ideais e, de certa forma, o descanso em excesso não era visto com bons olhos, uma vez que gozar dos prazeres da vida não parecia dialogar com os preceitos de uma sociedade regrada, cada vez mais, pela lógica do trabalho e da produção.

A matéria jornalística não nega a necessidade de se utilizar o tempo livre para as práticas de diversão, entretanto registra a relação da indústria cultural e do entretenimento com o capitalismo associado ao trabalho (AMARARAL; DIAS; 2019). A geração de divisas através do trabalho, aos olhos da redação jornalística, estaria propiciando a circulação de renda na cidade, e as práticas de diversão se revelavam como um novo mercado, o qual, tanto as elites quanto os/as trabalhadores/as, almejavam acessar (DUMAZEDIER, 1999). No entanto, ao desejar gozar do luxo das diversões, os/as mais pobres deveriam trabalhar mais para satisfazer seus desejos. O Jornal propõe uma igualdade velada, na qual tanto pobres como ricos careceriam trabalhar e gozar das práticas de diversão na mesma proporção, “com moderação”.

É interessante notar as contradições que vão trilhando os caminhos das notícias entre as edições do jornal. Em dezembro, no mesmo ano da notícia acima, o Cataguazes traz, na sequência da notícia da chegada à cidade do Circo Variedades, a seguinte citação:

A filosofia do riso tem seus princípios baseados em sólidos argumentos. O riso nasce do bom humor e bom humor prolonga a vida. A medicina o proclama como uma das condições básicas de saúde. Deste modo o senhor Spinelli com seu avultado cortejo estavam prolongando a existência. Então a vive do Faria! Essa é a terapêutica dos corações entediados pelos cavacos da vida e dos fígados engurgitados, muitas vezes pela cólera de Achilles. (CATAGUAZES, 15 dez. 1907, p. 2).

Se até então a análise jornalística vinha induzindo um panorama convergente no qual a ociosidade devia ser coibida, o trabalho em excesso servia para geração de renda, e a renda em excesso gerava o consumo de luxo e diversões. Chega-se, agora, ao ponto em que se considera

que tais diversões promovem o bem-estar e prolongam a vida – o que é “uma das condições básicas de saúde” (ibidem).

Ao associar o riso à medicina e aos cuidados com a saúde, a citação jornalística enaltece, de forma indireta, as práticas de diversão, uma vez que seriam tais práticas as responsáveis por promover o riso das pessoas. O prolongamento da vida, como relatado, é um desejo da maioria dos seres humanos; dessa forma, a frequência às diversões poderia atuar de maneira profilática ou até mesmo curativa das moléstias do início do século XX (HENRIQUES, 2005).

Por outro lado, para ter acesso às práticas de diversão noticiadas, o indivíduo deveria gozar do tempo livre e dispor dos recursos financeiros necessários para tal. Ao aparecer localizada logo após a propaganda de um circo, a citação deixa subentendido que a frequência ao circo seria uma das formas pelas quais a “medicina do riso” atuaria em prol do indivíduo. O circo, como um local de oferecimento de diversões em caráter privado, destina-se a um público pagante; dessa forma, o valor investido contribuiria não só com a circulação de renda na cidade, mas com a melhoria da saúde e da expectativa de vida da população cataguasense, através do riso. Assim, ir ao circo seria um investimento.

O circo, que já era um elemento clássico no rol das práticas de diversão ofertadas nas cidades, passou por um movimento de reestruturação, influenciado pelas demandas sociais e econômicas da época. Pode-se observar, nas páginas do jornal Cataguazes, a mudança nos espetáculos trazidos pelo circo que pareciam apontar uma mudança no discurso civilizatório e moderno, visando, também, à criação de novas formas de atrair o público (DUARTE, 1995).

Os empresários circenses perceberam a necessidade de adaptação dos espetáculos a fim de que trouxessem novas práticas. Foi assim que se iniciou o processo de inserção dos cinematógrafos como parte dos espetáculos circenses. Considera-se importante perceber como as mudanças trazidas pela modernidade, a exemplo da tecnologia, impactavam no modo de viver urbano. As práticas de diversão, influenciadas pelo dispêndio de aparatos tecnológicos mais apurados, geravam novas experiências, apreciadas pelos/pelas cataguasenses.

A exigência aumentava à medida que novas técnicas, tecnologias e formas de representação eram apresentadas ao público, trazendo à cena urbana a possibilidade de comparações entre as diversões, possibilitando, inclusive, classificá-las como aceitáveis ou não para os padrões daquela sociedade, fato amplamente observado no Cataguazes.

Enquanto o teatro explorava o mercado das diversões, adequando-se aos novos modos de pensar e viver, as inovações tecnológicas como o cinematógrafo transcendiam, trazendo uma concepção de divertimento cada vez mais veloz, fluida e realista (VAZ; MELO, 2006).

Naquele processo, a oferta de energia fazia com que as diversões ganhassem mais legitimidade, uma vez que a possibilidade de ficar até mais tarde na rua, devido à iluminação pública e à substituição da energia mecânica ou a vapor pela elétrica, alterou a cena urbana. Naquele panorama, o cinema também passou a conquistar espaço, e as imagens em movimento tornaram-se o grande chamariz dos novos tempos.

Além dos trabalhos de ginástica e acrobacia, executadas com extrema perícia foram exibidas cenas pelo cinematógrafo Pathé as mais encantadoras vistas animadas constituindo pela grata impressão deixada no espírito dos assistentes a nota predominante do espetáculo. (CATAGUAZES, 23 dez. 1907, p. 2).

Outras práticas que corroboram com os ideais modernos foram as esportivas, que também passaram a ocupar espaço nas coberturas jornalísticas. A criação de clubes de futebol e jogos de basquete feminino passaram a ser um dos *locus* de diversão das distintas famílias que eram conduzidas pelos *bonds* da cidade até o local das *matches*, o *gymnásio* da cidade, contribuindo para grandes festas esportivas, as quais serão abordadas mais adiante.

Diante do que se analisou até aqui, é possível afirmar que a imprensa cataguasense, representada pelo jornal Cataguazes, é uma fonte rica de informação para a compreensão das práticas de diversão na cidade de Cataguases e suas relações com o processo de modernização em curso na cidade. Essa fonte, o jornal, não é neutra, haja vista que suas intencionalidades se revelam em discursos marcados por posicionamentos, velados e explícitos, nas matérias e notícias publicadas.

Tendo presentes esses aspectos, o desafio a partir deste ponto foi o de trazer as discussões em relação às diversões modernas, priorizando o teatro, o cinema e os esportes.

CAPÍTULO II – VAMOS NOS DIVERTIR

Na impossibilidade de desenvolver uma análise que abarcasse a totalidade das diversões mencionadas nas edições jornalísticas analisadas, uma escolha fez-se necessária. Elegeu-se o teatro, o cinema e o esporte como práticas de diversão modernas a serem analisadas nesta tese, pois foram as diversões que mais apareceram nas páginas do Cataguazes e por marcarem o momento de transição para a modernidade.

2.1 O no palco: o teatro em Cataguases

Duarte (1995) afirma que, em Cataguases, assim como em todo o estado de Minas Gerais, a frequência e o impacto trazidos pelos espetáculos teatrais podem ser inferidos a partir da leitura dos jornais. Como já mencionado, o olhar do jornal Cataguazes em relação às diversões contém um jogo de interesses marcado pela política, pela economia e pela divisão de classes sociais, gênero e raça. No crivo das escritas das notícias, a narrativa era traçada pelo viés dos acontecimentos. No tocante ao teatro, esperava-se que o público fosse aplaudir determinada peça, no entanto encontram-se notícias dando conta de que, ao final de alguns espetáculos, o comportamento era diferente do esperado e ouviam-se vaias, consideradas inadequadas ao contexto. Tal exemplo indica que o jornal era capaz de fornecer elementos que dialogavam com o cotidiano da cidade, apontando, em suas páginas e narrativas, informações passíveis de interpretações aos olhos dos pesquisadores.

Melo (2010) aborda a percepção da circularidade cultural que pode ser ilustrada pelo exemplo acima, no qual a submissão aos comportamentos tidos como adequados para a frequência ao teatro levava as pessoas a serem oprimidas por uma instância superior que outorgava normas. Frente a essa opressão, restava aos oprimidos o enquadramento ou a subversão, expressando-se livremente e influenciando a lógica do opressor.

A influência mútua entre opressor e oprimido revela a importância que os elementos culturais exercem na constituição das sociedades modernas. Tal relação é dialógica e cooperou com a formação de um estrato médio na população, a burguesia, entendida como um grupo de pessoas que anseiam e conseguem consumir alguns bens aos quais apenas a elite tinha acesso. Essa burguesia foi a grande responsável pela divulgação e disseminação das práticas de diversão modernas (SOARES, 2007).

César (2014) aponta que o teatro foi um laboratório “voluntário e compulsório”, focalizado em estabelecer locuções, privilegiando as mudanças modernas, baseadas nos comportamentos da plateia e dos atores que encenavam trajetórias burguesas e aristocráticas as quais anunciavam um novo modo de viver.

No caso do Cataguazes, o teatro enquanto diversão ocupava parte importante das páginas dos jornais e foi, ao longo do tempo, conquistando sessões próprias, notícias individualizadas e detalhadas. A chegada de novas companhias, os espetáculos a serem apresentados, o sucesso e o fracasso das apresentações, os anúncios publicados, os chamados e apelos para a presença do público, os comentários e as críticas direcionados ao público e aos atores, após as apresentações, indicaram os caminhos trilhados neste trabalho.

Entende-se que, no contexto histórico desta pesquisa, o jornal era disseminador de debates políticos e opiniões acerca das práticas de diversões e das posturas a serem adotadas. A disseminação das críticas¹¹⁰ e a frequência anunciada corroboram para a reflexão acerca da sociedade cataguasense. Com significativo número de letrados, deduz-se que o jornal Cataguazes tinha potencial para influenciar pessoas, cercear comportamentos, divulgar as normas e enaltecer valores que corroboravam com os interesses próprios de quem o redigiu.

Isso posto, focaliza-se neste momento o teatro como prática de diversão moderna, que se ressignificou ao longo do tempo, para se firmar diante de uma sociedade que convivia com o discurso moderno e dicotômico, com práticas que transitavam entre o tradicionalismo circense e as inovações do cinematógrafo.

O teatro, prática que tem sua gênese em atividades de caráter público, apresentadas nas ruas, na informalidade, com o advento do capitalismo e das práticas modernas, foi sucumbido a um lugar progressista e mercadológico, repleto de narrativas próprias e intencionais. Costa (2001) afirma que “o teatro é o jornal falado do povo”.

O espetáculo teatral comercializado permitia o ingresso de pagantes, o que já afastava quem não o pudesse fazer. Entre os/as pagadores/as a segregação era marcada no próprio espaço, com estrutura que distanciava atores e espectadores, que distinguia (através do preço das entradas) os acessos do público, dividido entre as cadeiras e os balcões, reiterando o controle social (SOARES, 2007).

Esse controle perpassa pela geografia da cidade. A localização central do Theatro Recreio indicava que as diversões eram estrategicamente instaladas em locais com o objetivo

¹¹⁰ Críticas interessantes podem ser acessadas nas seguintes edições do jornal Cataguazes: 12 mar. 1911, p. 1; 19 mar. 1911, p. 1; e 02 abr. 1911, p. 1.

de facilitar ou dificultar o acesso, pois o progresso das diversões não “caminhava na chuva”. Tal premissa é trazida por Duarte (1995), que aponta que os espetáculos, de forma geral, eram balizados pelas estações do ano, uma vez que as temporadas de chuvas traziam prejuízos às estradas, dificultando as condições de acesso da população aos eventos de diversão. Tal fato é sinalizado no Cataguazes¹¹¹.

Nesse sentido, os circos eram os mais prejudicados, pois suas lonas montadas no improviso e a pouca estrutura característica de trupes nômades ofereciam pouca ou nenhuma possibilidade de acesso. Já os teatros podiam funcionar de forma mais assídua, pois as estruturas físicas dos prédios e as cadeiras propiciavam condições mais modernas de oferta de diversão; entretanto, os limitantes das estradas de chão batido e das ruas cheias de lama comprometiam a frequência da população e a chegada de novas companhias, que, nesses momentos, davam espaço aos artistas locais.

Duarte (1995) salienta que o circo e o teatro são algumas das mais antigas formas de diversão institucionalizada. Soares (2008) complementa, afirmando que eles foram incorporados à sociedade moderna de formas distintas: enquanto o circo se associava a valores tradicionais atrelados ao labor, ensinado de pais para filhos, com famílias inteiras perpetuando essa diversão através do improviso, da informalidade, de lonas e picadeiros móveis, nômades, desenvolvendo espetáculos com animais e pessoas que realizaram proezas exóticas ou práticas *gymnásticas*, o teatro, com sua arquitetura fixa e imponente, era a materialização da sociedade moderna que desejava se solidificar no início do século XX. Arraigado de pompa e civilidade, o teatro era frequentado pela elite, que se dizia culta e, por isso, era capaz de apreciar as mais belas obras desenvolvidas e encenadas por artistas estudiosos e preparados para atuar com o mínimo de improviso e o máximo de perfeição, transmitindo valores próprios da modernidade, como peças que educavam para o conhecimento da história do Brasil e do mundo, para a moral e para os bons costumes (SOARES, 2008).

Era nesses ambientes, segregados pela classe, pelos propósitos implícitos nos espetáculos e pela própria localização, que parte da população se divertia. Após a temporada de chuvas, circos e teatros encontravam-se acessíveis e disponíveis para receber a população. Entretanto, as chuvas não podiam continuar a interferir nas diversões. Os ares modernos e progressistas sinalizavam que a cidade necessitava passar por reformas estruturais para se adequar ao novo *modus vivendi*. Esse ideal circulava pela cidade através de jornais, documentos oficiais e extra oficiais que embriagaram os/as cataguasenses, levando-os a acreditar em uma

¹¹¹ Cataguazes, 08 jan. 1911, p. 1.

vocação moderna alicerçada pela economia em expansão e pela influência estrangeira (XAVIER, 2014).

Percebe-se, desde meados de 1850, a sinalização da necessidade de construção de edifícios específicos para o funcionamento dos teatros, importante marcador do grau de progresso e civilização das cidades. Diante desse imperativo, em setembro de 1896¹¹² inaugurou-se o Theatro Recreio¹¹³, um edifício imponente, de arquitetura eclética, localizado na Praça Rui Barbosa¹¹⁴. Segundo Mello (2014), o espaço foi uma encomenda de personalidades da elite política e econômica local, com o objetivo de dotar a cidade de uma casa de diversão, que, em 1950, foi transformada no Cine Theatro Edgard. Ali eram representadas peças de companhias do Rio de Janeiro e de autores locais e, posteriormente, foram projetados os primeiros filmes de Humberto Mauro.

Ao descrever a parte externa do edifício do Theatro Recreio, Mello (2004) sinaliza que este possuía uma arquitetura monumental, com volume e rigor impositivo, ar majestoso, cuja entrada avançava sobre colunas, coroada com uma frente decorada por esculturas, como pode ser observado na imagem abaixo.

Imagem 7 - Fachada Teatro Recreio



Fonte: Site Fábrica do Futuro¹¹⁵.

¹¹² Cataguazes, 07 set. 1927, p.2.

¹¹³ O nome do Theatro Recreio é também encontrado em seu formato expandido: Theatro Recreio Cataguazense. Ambos se referem ao mesmo teatro.

¹¹⁴ Antigo Paço Municipal e Largo do Comércio.

¹¹⁵ Disponível em: sv2.fabricadofuturo.org.br. Acesso em: 25 fev. 2019.

Mello (2004) descreve o interior do teatro composto por um fosso ocupado pela orquestra. Os camarotes completavam o requinte da obra. A arquitetura do Theatro Recreio dialogava com o ecletismo e fazia jus à importância que Cataguases estava contraindo na região.

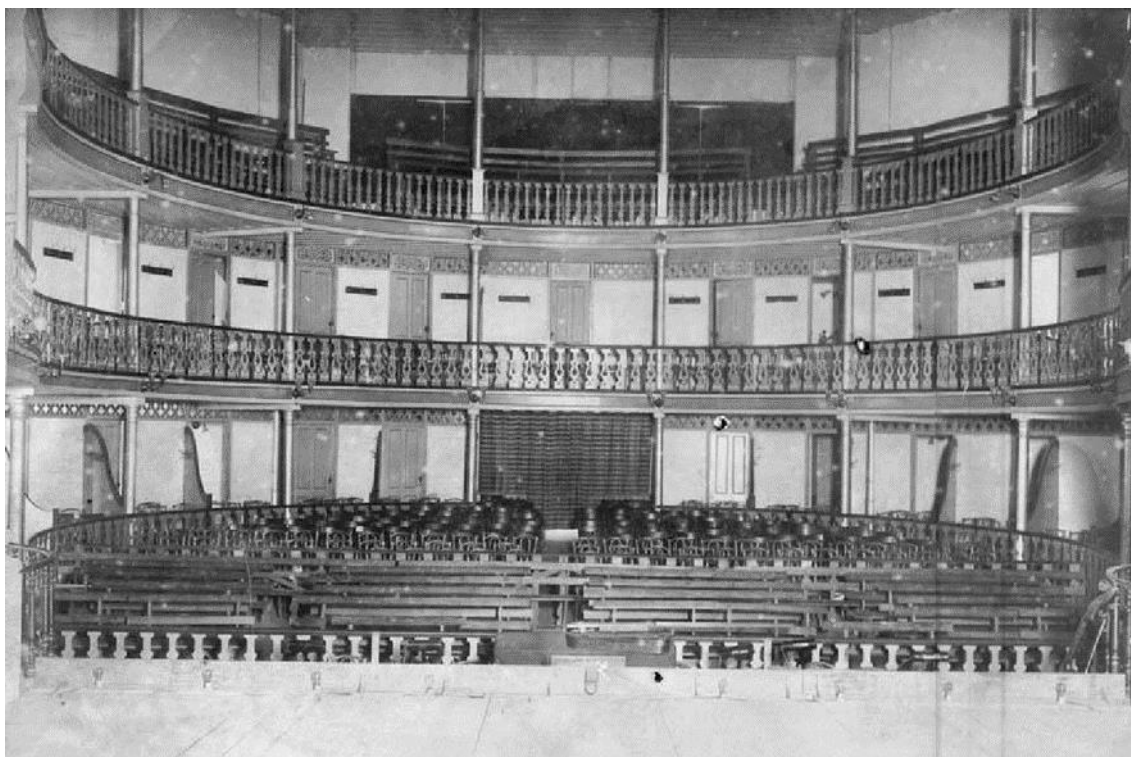
Imagem 8 - Teatro Recreio, vista do palco



Fonte: Site Fábrica do Futuro¹¹⁶.

¹¹⁶ Disponível em: sv2.fabricadofuturo.org.br. Acesso em: 25 fev. 2019.

Imagem 9 - Teatro Recreio, vista da plateia



Fonte: Site Fábrica do Futuro¹¹⁷.

O Theatro Recreio estava localizado no Largo do Commercio¹¹⁸. Planejado e executado para atender a um dos objetivos estruturais do processo de modernização da cidade, o Largo tornou-se um ponto de referência, em termos de arquitetura, modernidade e urbanização. Além de ponto de encontro para as pessoas, era uma referência arquitetônica pública, um local de encontros sociais e privados.

Netto e Diniz (n.d.) sinalizaram a importância desses equipamentos para o espaço urbano e como as construções viabilizam a organização das cidades:

Entre os processos sociais e a organização espacial, existe um elemento mediador que são os processos espaciais, responsáveis imediatos que viabilizam forças que atuam ao longo do tempo, permitindo localizações, realocações e permanência das atividades e população sobre o espaço urbano. Naturalmente que tais processos são postos em ação pelos atores que dão forma à organização do espaço; sejam eles os proprietários dos meios de produção, proprietários de terras, associados ou não ao Estado. Cada um com sua estratégia gerando conflitos em maior ou menor grau, normalmente mediados pelo Estado (p. 4).

¹¹⁷ Disponível em: sv2.fabricadofuturo.org.br. Acesso em: 25 fev. 2019.

¹¹⁸ Atual Praça Rui Barbosa.

Sinalizando a importância da construção do Theatro, tanto para a lógica de organização da cidade quanto para a dinâmica de vida dos cidadãos, em 1906¹¹⁹ o jornal Cataguazes trouxe a primeira notícia sobre o assunto, conjecturando a perspectiva da arquitetura teatral. A matéria dizia que não se sabia quando a trupe chegaria à cidade, mas que um ator e diretor da companhia de teatro, Eduardo Souza, havia estado na cidade para conferir as estruturas do Theatro.

Pelo olhar trazido por essa notícia infere-se que a estrutura física do teatro também era lócus de definição para as apresentações a serem realizadas. O olhar do artista e diretor avaliou a capacidade, ou não, de determinada peça ser apresentada no Theatro. Conseqüentemente, o prédio e a estrutura física delimitavam a importância e a relevância das companhias e peças que ali iriam se apresentar.

Após conhecer e aprovar a estrutura, a companhia Eduardo Souza estreou¹²⁰ na cidade, em novembro de 1906, apresentando peças variadas que proporcionaram “agradáveis noites de diversão¹²¹” aos/às cataguasenses. Pela leitura do jornal, de 25 (vinte e cinco) de novembro de 1906, infere-se que houve, naquele sábado, apresentação da peça *Milagre de Santo Antônio*; no domingo, foi a vez das peças *A abolição da pena de morte em Portugal* e *Os dois bebês*; e na segunda-feira houve repetição de *Milagre de Santo Antônio*.

A Companhia seguiu na cidade anunciando peças para a véspera do Natal e oferecendo espetáculos dedicados às crianças da cidade. Em 09 de dezembro daquele ano, os espetáculos *Ao calçar das luvas*, *Casem-se, rapazes* e *Os trinta botões* apresentados gratuitamente a todas as crianças da cidade.

Faria (2004) defende que o teatro tinha como função primeira contribuir para o aprimoramento da vida em família e em sociedade, através da crítica moralizadora dos vícios. Ao levar as crianças ao teatro, a convivência entre pais e filhos potencialmente contribuiria para o fortalecimento da instituição familiar e, considerando o título de uma das peças, “Casem-se, meninos”, parece pertinente afirmar que o foco era uma educação moral voltada para a constituição e a manutenção das famílias.

A educação moral, proposta pelo teatro, não recebia a mesma ênfase em outras práticas de diversão como o circo e suas companhias equestres, ginásticas e mímicas funambulescas. O caráter divertido, anunciado¹²² pelo Circo Variedades, competia com as ditas “diversões modernas”.

¹¹⁹ Cataguazes, 02 set. 1906, p. 3.

¹²⁰ Cataguazes, 04 nov. 1906, p. 3.

¹²¹ Cataguazes, 25 nov. 1906, p. 3.

¹²² Cataguazes, 01 dez. 1907, p. 2.

Duarte (1995) endossa a percepção de que circos e teatros tinham objetivos diferentes, sugerindo uma possível rivalidade entre as diversões, em que o circo captava as preferências do público, que, mais espontaneamente, buscava a diversão pela diversão. Nas palavras da autora:

Se o teatro foi invadido por uma lógica utilitária, que lhe atribuiu papel educativo, explícito na expressão “escola viva de costumes”, isso não ocorreu com circo. Os espetáculos de ilusionistas, acrobatas, contorcionistas, homens de físico hercúleo, anões, domadores, moças lindas e de corpo provocantemente exposto sob as malhas de ginástica tinham um único objetivo de divertir e despertar emoções. Não se visava representar nada, nem remeter o espectador a uma verdade mais profunda e oculta sob as aparências. Simplesmente cultuava-se riso, a surpresa e a ilusão. (p. 167).

Como a população cataguasense passava por um processo de adaptação às diversões modernas, o Circo Variedades passou a divulgar, no jornal, os benefícios que a vivência das atividades circenses poderia trazer à saúde do seu público. Essa divulgação vinculava o discurso circense às preocupações modernas de higiene, cuidado com o corpo e profilaxias, apresentando as práticas de diversão como hábitos modernos a serem mantidos, pois eram legitimadas pelo discurso médico-científico, estimulando o consumo de diversão no tempo livre, que hoje chamaríamos de um lazer saudável:

A filosofia do riso tem seus princípios baseados em sólidos argumentos. O riso nasce do bom humor e bom humor prolonga a vida. A medicina o proclama como uma das condições básicas de saúde. Deste modo o senhor Spinelli com seu avultado cortejo estavam prolongando a existência. Então a vive do Faria! Essa é a terapêutica dos corações entediados pelos cavacos da vida e dos fígados engurgitados, muitas vezes pela cólera de Achilles. (CATAGUAZES, 15 nov. 1907, p. 2).

A modernização do circo não se dava apenas na forma de abordar seus benefícios. Além dos trabalhos de ginástica e acrobacia, que eram executados com extrema perícia, o Circo Variedades passou a apresentar aos/às cataguasenses, através do cinematógrafo *Pathé*, as mais encantadoras e vistas¹²³.

Diante do exposto, é plausível pontuar que as diversões foram tomando proporções na *urbs* cataguasense, adquirindo valores próprios ao se resignificarem para atender ao público dos tempos modernos. Nesse prisma, o circo, o teatro e o cinematógrafo acompanharam as transformações e ampliaram a oferta de atrações, de acordo com o gosto do público. A oferta

¹²³ Cataguazes, 23 dez. 1907, p. 2

do cinematógrafo dentro dos circos (circos-cinemas) e no Theatro Recreio, noticiada pelo Jornal Cataguazes em 15 (quinze) de agosto de 1908, corrobora com a percepção.

Imagem 10 - Página do jornal Cataguazes de 1908

Cinematographo Mineiro

Salão sobre do Theatro Recreio Cataguazense

EMPRESA FERNANDES & C.

Estréia! Brevemente Estréia!

Logo que seja possível o emprego da luz electrica, nesta cidade serão dadas ao publico exhibições de fitas cinematographicas tão boas como as melhores do Rio

Matinées das 11 horas até as 4

ESPECTACULOS DAS 7 HORAS A MEIA NOITE

Programmas variados e attrahentes

PREÇOS

1ª CLASSE 1500

2ª CLASSE 500

Crianças menores de 10 annos na 1ª classe 500

Fonte: Cataguazes, 15 ago. 1908, p. 2.

Essa notícia é reveladora de um panorama importante sobre a cidade de Cataguases. Até aquele momento, não havia energia elétrica na cidade, o que só se tornou realidade em julho de 1908¹²⁴. A oferta de diversões como o cinematógrafo era, então, prejudicada pela ausência de tal recurso, entretanto é possível observar que, seja no circo ou no teatro, o cinematógrafo já vinha ocupando espaços nas diversões cataguasenses. Não vamos nos ater a ele aqui, tendo em vista o foco no teatro e a previsão de um subtema específico sobre o assunto na sequência. Entre

¹²⁴ Cataguazes, 19 jul. 1908, p. 1.

as inovações do circo e do teatro, a população que a eles tinham acesso via se ampliarem as oportunidades de consumir diversão, não sem intencionalidades normalizadoras e moralizadoras. O público ia ao teatro vislumbrando uma experiência divertida, no entanto, como já mencionado, estavam incutidos nos espetáculos o ensino e a manutenção dos valores modernos, “caso o poeta lograsse a arte de suscitar nos espectadores o movimento das paixões e de inspirar as máximas de boa ética, o triunfo era infalível” (BRESCIA, 2011, p. 43).

Como parte do investimento na formação de um público consumidor educado e adaptado aos preceitos modernos, as crianças eram conduzidas a participar de grupos de teatros. Um deles, o Grupo Infantil Philodramático, era comandado pelo maestro Pascoal Ciodoro. As meninas e os meninos cumpriam o programa desenvolvendo atividades com números de música e coros, monólogos e comédias, que revelavam o esmero da sua criação. O programa do Festival Infantil, trazido a seguir, ilustra a organização de uma apresentação, bem como nomeia as crianças que atuaram em cada parte.

[...] Eis o atraente programa:

Festa infantil organizada pelo Maestro Pascoal Ciodoro.

1 - As carvoeiras. Canção portuguesa cantada pelas meninas: Dalila Ferreira, Ester Fabrino, Vera Murgel, Josefina Murgel, Marocas Samuel, Odete Santos, Bemvinda e Maria do Carmo, Climene Barroso, Alcina Landoes, Giselda Samuel, Maria da Conceição Macedo, Emilia Guimarães, Maria Godoy e Elizabeth Taveira.

2 - Valsa de femilles. Contada pela menina Delizeth Tindó.

3 - A pequena cantora – Cançoneta cantada pela menina Irene Murgel.

4 - Esteja quieto. Cançoneta cantada pela menina Nair Samuel.

5.- Carambolas. Poesia recitada pela menina Zuleika Drummond.

6- Vem cá. Ermo. Pelas meninas Delizeth Tindó, Augusta Landoes, Irene Murgel, Celina Guimarães, Flavia Fernandes, Eneida Tostes, Ecila Fabrino, Nair Samuel, Odila Dutra, Jacinta Alvim e Julieta do Carmo.

7 - Quando eu crescer. Cançoneta cantada pela menina Eneida Tostes.

8 - Calke Walk. Dançado pelas meninas Marina Drummond e Giselda Samuel.

9 - Gran Via. Valsa do Caballero da Gracia e coro cantado por todo o grupo.

2º Parte

1 - Seu Moraes. Comedia em 2 atos representada pelos meninos José Fernandes e Homero Dutra e pelas meninas Flavia Fernandes, Delizeth Tindó, Irene Murgel, Ecila Fabrino, Augusta Landóes, Julieta do Carmo, Eneida e Zenobia Tostes, Nair e Giselda Samuel, Celina Guimarães, Eunice Taveira e Noemia Murgel.

3º Parte

1 - Bocacio, côro dos tanoeiros. Cantado pelos meninos Ernani Andrade, Homero Dutra, Euclides Guimarães, José Fernandes, Deoriano Guimarães, Alberico Ferreira e Orlando Murgel e pelas meninas Irene Murgel, Augusta Landoes, Flavia Fernandes, Delizeth Tindó, Celina Guimarães, Nair Samuel, Julieta do Carmo, Ecila Fabrino, Odila Dutra, acinta Alvim e Eunice Taveira.

2 - Sermão inútil. Poesia recitada pela menina Marina Drummond.

3 - Quando eu for homem. Cançoneta cantada pela menina Ecila Fabrino.

4 - O arame. Cançoneta cantada pela menina Delizeth Tindó

- 5 - O caos, monólogo recitado pelo menino Deoriano Guimarães.
 6 - O espelho. Cançoneta cantada pela menina Augusta Landoes.
 7 - Bailado Fantasia, dançado pelos meninos Ernani Andrade, Alberico Ferreira, Euclides Guimarães, Orlando Murgel, Henrique Tostes e Deoriano Guimarães e pelas meninas Ecila Fabrino, Odette Santos, Delizeth Tindó, Irene Murgel, Augusta Landoes, Julieta do Carmo, Celina Guimarães, Nair Samuel, Flavia Fernandes e Eneida Tostes [...] (CATAGUAZES, 14 fev. 1909, p. 2).

Imagem 11 - Fotografia do grupo infantil Philodramático de Cataguases



Fonte: Almanak (n.d., p. 19).

Outra matéria jornalística do período anunciava que as crianças tomaram o Theatro Recreio às oito horas da noite para participar de uma peça promovida pelo maestro Paschoal Ciadoro, na qual haveria um concurso em que 200 (duzentas) pessoas poderiam votar para escolher a menina que mais se destacasse durante a apresentação, a qual ganharia um par de botas oferecido pelo industrial José Schettini. A matéria finalizava assim: “Os espectadores deverão mandar cadeiras para o Theatro, e devem ter bem presente ao espírito a obrigação de levar brinquedos para serem distribuídos às creanças que vão tomar parte na festa” (CATAGUAZES, 19 jan. 1908, p. 3).

Convocando para assistir ao espetáculo em família, a programação levava as crianças aos palcos. A imposição de levar presentes para elas parece impor uma obrigação ao/à cidadão/ã espectador/a, eximindo os/as organizadores/as do evento de fazê-lo. A demanda por cadeiras indica que a expectativa era a de que o público ultrapassasse a capacidade do Theatro.

Percebe-se, já naquela época, a intencionalidade de aliar produtos comercializáveis às diversões. Alimentando o mercado consumidor e enaltecendo a própria empresa, o industrial Schettini¹²⁵, dono da fábrica de calçados, utilizou-se do Festival Infantil para a promoção do próprio negócio, oferecendo um par de botas que seria destinado à menina que mais se destacasse na peça e fosse eleita através de um concurso. Não se pode perder de vista que, nesse episódio, Schettini se aproveitou do ambiente burguês do teatro para potencializar o que hoje chamamos de *marketing* (FREDERICO, 2008).

Para Costa (2001), o domínio do teatro pela burguesia só começa a acontecer depois do início da comercialização dos teatros enquanto mercadoria; antes disso, o teatro ainda era apenas uma diversão. Segundo o autor, foi na França, após a Revolução de 1789, que o teatro sucumbiu aos prédios e passou a ser controlado, do ponto de vista político, estético e teórico. Mais do que isso, as questões políticas passaram a ser divulgadas e popularizadas através dos jornais, autorizados e financiados pela burguesia, que, na seção de crítica teatral, divulgava as convicções que lhe interessavam.

A mercantilização das diversões fez parte de um amplo projeto burguês, no qual era preciso que o espetáculo se iluminasse com a eletricidade das ruas, dos calçamentos, da água chegando encanada nas casas, da construção de prédios suntuosos. Era preciso, ainda, ter bancos para financiar as obras, capitalistas para investir nelas e políticos para autorizá-las e normatizá-las. Uma rede burguesa transformava necessidades básicas em mercadoria, estimulando o desejo do consumo, segregando através da relação entre o que pode ser oferecido e o que pode ser consumido pelos indivíduos.

Corroborar-se a percepção de Costa (2001) quando afirma:

A construção de edifícios próprios para os espetáculos, com bilheteria na porta, corresponde a transformação em mercadoria daquilo que tinha sido durante séculos uma atividade a que se dedicavam todos os habitantes de uma cidade. Não se pode ignorar, por outro lado, que a essa apropriação privada de uma prática social coletiva corresponderam enormes avanços de ordem técnica e estética. (p.116).

O teatro, como mercadoria de consumo, equaliza o tempo de trabalho e o tempo de lazer em uma ótica mercadológica, na qual ambos são tempo de consumo (CORBIN, 2001). No trabalho, gera-se renda que poderá ser gasta com as diversões, as quais gerarão novos postos de

¹²⁵ Italiano, comerciante, dono do curtume, da fábrica de calçados e do Hotel Avenida, envolveu-se com o movimento operário para melhor controlar suas ações (MELLO, 2014).

trabalho e fonte de renda para os empresários e, conseqüentemente, contribuem com a circulação de capital na cidade.

Trabalho e lazer passaram a momentos valorados. Nesse sentido, toda a conjuntura laboral e urbana da cidade se intensificava, corroborando para que o tempo livre fosse objeto de desejo dos operários, período que deveria ser dedicado às emoções propiciadas pela nascente indústria do entretenimento (AMARO, 2016).

As emoções propiciadas pelas diversões perpassavam a experiência no ambiente teatral; assim, em 1908, a arquitetura do Theatro foi modernizada. O proprietário, João Duarte Ferreira¹²⁶, divulgou a reforma no Cataguazes de 07 (sete) de julho de 1908, anunciando instalações menores, de proporções ideais, dignas do meio social cataguasense. Foram realizadas obras de¹²⁷: manutenção da fachada com uma nova pintura; forro de madeira no teto; redução no número de camarotes, de 24 para 18; redução no número de cadeiras, que, na “geral”, foram substituídas por “commodas frizas”, mantendo a “geral” acima dos camarotes, destinadas ao público mais modesto.

A reabertura do Theatro Recreio foi noticiada pela edição de 04 (quatro) de dezembro de 1910 e contou com um espetáculo de gala “em um dos melhores (teatros) do Estado de Minas”. Durante o espetáculo, houve discursos enaltecendo a reforma do espaço, e a Companhia Ferreira da Silva encenou a peça *Estátua de Carne*, de Theobaldo Cicone. Sobre a nova estrutura, o jornal sinalizou:

Era bello o aspecto que offerecia à vista a nova sala de espetáculos, com sua profusa illuminação electrica, a amplitude da sua plateia, os seus camarotes e frizas, limpos e asseados, tudo cheio, repleto de um público alegre e rumoroso. Senhoras e cavalheiros trajavam em *grande tenne*, e no ambiente, temperado e claro, sentia-se pairar uma sensação de doce e confortante bem-estar. (CATAGUAZES, 04 dez. 1910, p. 1).

Após a notícia de reabertura, as publicações acerca do teatro ganharam destaque na primeira página do jornal e começaram a ocupar espaços com até duas colunas inteiras, usadas para relatar em minúcias os acontecimentos dos palcos, abordando: as peças apresentadas,

¹²⁶ De acordo com Oliveira (2017), o edifício do Teatro Recreio foi adquirido pelo Coronel João Duarte Ferreira, que era um dos grandes cafeicultores da região e um dos fundadores da Companhia de Fiação e Tecelagem Cataguases, da Companhia Força e Luz Cataguazes-Leopoldina e do Hospital de Cataguases. Logo depois, o edifício passou a pertencer à empresa Cunha & Filho, de propriedade de Augusto Gonçalves da Cunha e seu filho, Edgard Cunha, que atuavam no ramo de exibições de filmes e teatros. Algum tempo depois, a Companhia Cinematográfica de Cataguases, sob a direção de Francisco Inácio Peixoto, adquiriu o cinema e fixou ali o Cine-Teatro Cataguases.

¹²⁷ Cataguazes 14 ago. 1910, p. 1.

características, nacionalidade, entre outros aspectos. Apesar disso, pouco pôde ser inferido sobre o público que frequentava o espaço, fator que dificultou análises em relação a ele.

Se o público não era digno de ser mencionado nas matérias jornalísticas, as peças eram analisadas e comentadas. Em uma delas, o jornalista alfinetou a Companhia e os/as atores/atrizes que interpretavam um drama “por demais conhecido”, com um prólogo “monótono e enfadonho”. A atriz Lúcia Fernandes “morreu ao encenar Maria” e o ator Alberto Gomes, que interpretou Paulo, não tinha o físico necessário, e sua fala “era um pouco cantada”; em contrapartida a companhia “possue um excellent guarda roupa” e “nos pode oferecer belíssimas noitadas” (CATAGUAZES, 18 dez. 1910, p. 1).

Essa foi a postura adotada pelo jornalista em muitas outras notícias publicadas no jornal. A apreciação em relação ao desempenho dos/as artistas ganhou relevância e a criticidade empregada nos textos revelava um olhar cada vez mais apurado sobre as peças e a atuação. Corbin (2001) relata que, naquela época, já não havia mais lugar para o amadorismo, uma vez que já se começava a exigir a profissionalização das pessoas que trabalhavam com as diversões.

As notícias¹²⁸ apontavam muitas críticas e sinalizavam uma baixa concorrência nas apresentações da companhia Ferreira da Silva. Infere-se que a baixa frequência pode estar relacionada à forma como o jornal criticava a companhia, contribuindo para o esvaziamento do Theatro.

Em outra ocasião, a Companhia Ferreira da Silva trouxe ao palco o que era anunciado como um caso verídico ocorrido com Joanna Ferraz¹²⁹ no Rio de Janeiro, fato que deixou estarecido o jornalista, o qual não economizou na crítica, repleta de julgamentos morais:

[...] desnuda em scena, um escabrosíssimo caso de ménage a três.
Cenas de uma frescura inconcebível [...]
O autor não discute nem combate o adultério- ilustra-o deante do olhar pasmo do espectador, não o protliga- faz-lhe, ao contrário numa quase apoteose. Não é gênero livre, nem se filia à escola realista que tem por seus mais altos representantes Balzac e Zola; é antes, uma lição crua, uma dissecção imprópria para a scena e que melhor se exhibira num anfiteatro de aula de anatomia. (CATAGUAZES, 01 jan. 1911, p. 2).

A organização da diversão era uma das condições que apoiava a paz social (CORBIN, 2001), ameaçada quando as nuances apresentadas em peças como a criticada acima. Não seria permitido burlar as práticas modernas, com as quais os teatros se identificavam. Um local que

¹²⁸ Cataguazes, 11 dez. 1910; 18 dez. 1910; 25 dez. 1910

¹²⁹ Não foram encontradas fontes capazes de confirmar veracidade do caso encenado.

pretendia contribuir para educação do povo não poderia refletir as mazelas da sociedade e levar o adultério à cena sem ser recriminado.

O jornalista agiu como censor teatral, defendendo as posturas sociais desejáveis para e pelo segmento do qual fazia parte. Expor questões indesejáveis como a nudez e o adultério, em especial de uma mulher, ofendia os preceitos moralizadores e civilizatórios. Discorrendo sobre o teatro em Outro Preto, Sá (2009) aponta situação parecida, na qual houve censura à peça:

Uma peça não poderia apresentar uma personagem imaginando o quanto seria prazeroso a concretização de um adultério. Isso era considerado um conteúdo degradante para o casamento, instituição valorizada na época. Um conteúdo que pudesse gerar gestos imorais dos atores em cena também era vetado pelos censores.

A crítica do jornalista se aproxima do que parecia ser a expectativa de Machado de Assis ao afirmar que, “para o Brasil era um teatro realista, civilizador, formado por peças que retratassem os costumes da nossa vida social com o objetivo de melhorá-los por meio da crítica moralizadora” (FARIA, 2004, p. 308).

Em outra referência, desta vez à peça *O Tiradentes*, entre elogios e críticas aos atores, o jornalista questionou e sugeriu apuração da atuação de um senhor nominado Garcia, tentando ensiná-lo a fazer seu trabalho, demonstrando prepotência ou grande conhecimento em relação à arte da atuação em palcos. Nas palavras do jornalista:

[...] somos levados a estas minúcias pelo desejo que nutrimos de que o Sr. Garcia apure as suas aptidões para a scena, e não porque lhe queiramos ser desagradáveis. Estude, sonde, analyse e procure apanhar a feição característica dos personagens que tiver de reproduzir no palco, a perceba-se de certas minúcias, que têm, às vezes, máxima importância, e estamos certos de que virá a se tornar bem reputado como actor. (CATAGUAZES, 12 mar. 1911, p. 1).

As análises críticas não cessaram. Em referência à peça *Os francezes em Portugal*, o jornalista sentenciou:

Isto quanto ao desempenho. Da peça, em si, apenas diremos que não é das melhores de Moreira de Vasconcelos; que algumas scenas nos pareceram forçadas, injustificáveis pela falta de naturalidade, tendo diversas situações positivamente falsas. Não citamos para não delongar essa simples notícia. (CATAGUAZES, 26 mar. 1911, p. 1).

Já o pianista Pará Barroso de Castro conseguiu escapar, parcialmente, das críticas, as quais sobraram para o piano do Theatro Recreio e o cantor:

[...] pena foi que o piano ultimamente adquirido para o nosso teatro não auxiliasse convenientemente, além de ser de má qualidade, com uns agudos malsoantes, estava mal colocado, afogado na parte mais baixa da plateia [...] O sr. D´Amarílio não se presta absolutamente para o canto, por ser áspera e roufenha; e accresce que, como artista, ao cantar, faz trejeitos com a bocca e esgares desagradabilíssimos para quem o está a ver e ouvir. (CATAGUAZES, 02 abril, 1911, p. 1).

A leitura dos jornais e a percepção do tom adotado nas críticas teatrais sinalizavam, por um lado, um rigor analítico oriundo de alguém com profundos conhecimentos da arte dramática; por outro, anunciavam um nítido jogo pejorativo em relação às companhias e atores, deixando transparecerem interesses, para além do relato da notícia.

Independentemente desse aspecto, a frequência ao Theatro, as companhias recebidas e as peças apresentadas serviam de termômetro ao apressado desenvolvimento da sociedade cataguasense, atendendo aos preceitos do modernismo. Tal desenvolvimento incluía a capacidade de avaliar o que contribuía e o que não era condizente com as expectativas dos/das cataguasenses. Infelizmente, a percepção aqui trazida não contempla o público, restringindo-se à opinião jornalística, que, como se tem observado, não é neutra.

Para ilustrar, chama-se a atenção para uma notícia que relatava a encenação da peça “A tomada da Bastilha”, cuja narrativa seguia os mesmos padrões das notícias anteriores sobre o teatro, nas quais alguns atores eram enaltecidos, enquanto outros tinham suas atuações questionadas. Após falar, aparentemente, sobre todos/as os/as atores/atrizes, havia um parágrafo com as seguintes informações:

O espetáculo, que foi um dos melhores que temos tido, si não o melhor, na opinião de alguns espectadores, esteve fracamente concorrido, tendo o público affluído a um circo que nessa noite também dava espetáculo. O facto nos causou estupefação, dado o grao de cultura da sociedade cataguasense, e até agora não sabemos explicar a nós mesmos a preferência, que é de entristecer. A pequena concorrência era de elite, que ali estava reunida na sua quase totalidade, e forrou-nos da injustiça, sinão injuria dos nossos foros de civilização, applaudinhdo com entusiasmo e vibrantemente os esforçados e estudiosos artistas da companhia de Ferreira da Silva. Hoje vai, de novo, à scena o excelente drama, e veremos, então, si o nosso público prefere Talma ou Arlequim. (CATAGUAZES, 12 fev. 1911, p. 2).

O fragmento da notícia acima explicita o interesse jornalístico em impor à sociedade cataguasense o gosto pelo teatro, frente a um dualismo, ainda presente, entre este e o circo, que parecia ser a preferência popular, tendo em vista o fato de atrair mais público. Mesmo criticando

constantemente a companhia de teatro elogiada neste caso, o jornal entende que os/as leitores/as deveriam continuar priorizando essa diversão, em detrimento do circo.

Teatro e circo elucubravam, através da frequência anunciada pela narrativa do jornalista, uma divisão de classe marcada por aquela que frequenta o teatro e outra que frequenta o circo. As palavras utilizadas pelo jornalista afirmam o pertencimento de classe e o *modus vivendi* moderno, associado ao teatro. Trata-se da elite, composta pelos donos dos meios de produção, pelos estudiosos e por parcela dos/as artistas e jornalistas, tentando impor sua cultura à sociedade cataguasense em geral.

É interessante notar que a ausência da classe que optou pela frequência ao circo foi tratada pelo jornalista como responsável pela baixa frequência do teatro, possivelmente por acreditar que, para a elite, a frequência ao teatro era a melhor opção, enquanto para o restante da população o leque era ampliado; porém não tinha a nobreza do teatro.

Parece-nos pertinente questionar a dualidade latente entre teatro e circo que resvala nos fatos, quando o jornal descreve uma Cataguases culta e civilizada, mas se depara com os/as cataguasenses optando por priorizar o circo em detrimento do teatro. Entre a tal população culta e civilizada, proclamada pelo jornal, parecem existir desejos divergentes. Frente a eles, identifica-se um clamor do veículo de comunicação para transformar em realidade o ideal societário, o qual parece diferir dos *habitués* que foram ao circo e fizeram falta na apresentação de teatro. O fato enfatiza a existência de uma sociedade dual, que vive entre a modernidade do século XX e o tradicionalismo das práticas do século XIX.

A estratificação social, sugerida pela frequência às diversões, permite supor que a elite frequentava, ou deveria frequentar, o teatro; os operários, os circos; enquanto a burguesia emergente transitava entre a modernidade e a tradição, de acordo com seus próprios interesses. Foi a essa burguesia que o veículo de comunicação se dirigiu ao tentar mostrar qual, supostamente, seria a melhor opção.

Em 05 (cinco) de março de 1911, foi noticiada, com grande detalhamento, uma boa apresentação e atuação dos atores na peça *Os dois sargentos*, entretanto “a concorrência não foi numerosa” e “quem mais perdeu, porém, foi o próprio público que não se fez público, deixando-se ficar em casa”.

Tal notícia aponta, pela primeira vez, a possibilidade de o público ter ficado em casa e vivenciado o tempo livre em família, usufruindo do ócio ou em outras atividades não comerciais que não eram noticiadas pelo jornal Cataguazes. Diante do risco de esta opção se tornar frequente e haver uma queda ainda maior na frequência ao teatro, foi publicada uma notícia que alertava aos leitores do jornal que a peça *O Tiradentes*, que seria encenada na terça-feira, havia

sido transferida para o domingo, tendo em vista “o povo, naquelle dia, entregue aos folguedos carnavalescos”.

Em outra ocasião, a concorrência parece ter respondido ao convite do jornal para assistir à peça *Na Berlinda*, e o crítico teatral do jornal Cataguazes, Beraldino Trocista, escreveu:

A grande concorrência que teve, justificou ansiedade com que era esperada a revista, onde seu autor revelou –se mais uma vez um perfeito conhecedor do theatro e um literato de alto valor. (...) podemos dizer que a peça foi um verdadeiro sucesso que obteve do povo vibrantes e repetidos aplausos. (CATAGUAZES, 09 abr. 1911, p. 1).

Os confetes e a grande concorrência continuaram a ser noticiados. A peça original que retratava os costumes locais, *Na Berlinda*, foi elogiada pelo enredo, pela atuação dos atores e pelo teor fino e culto implementado pelo autor Beraldino Trocista. As críticas eram tecidas de forma branda e suave, nada comparado às críticas recebidas pelas demais peças; talvez por isso tenha sido apresentada mais cinco vezes¹³⁰ em menos de 15 dias¹³¹.

Nessa mesma página do jornal, pôde-se observar que, durante a semana, várias eram as peças apresentadas no Theatro Recreio, embora sem tantos confetes, como: *Na berlinda*, *Os Dois Sargentos* e *Beijo de Judas*, encenadas pela trupe Ferreira da Silva. As peças seguiram recebendo comentários elogiosos do jornal. Para *Os dois sargentos*, o veredito de “agradou à nossa plateia”; já *Beijo de Judas* “despertou calorosos aplausos”; e em *Na Berlinda*, as músicas “estiveram de acordo” e o autor foi digno de “felicitações” por produzir um trabalho “condigno do nosso meio” (CATAGUAZES, 23 abr. 1911).

Ainda em relação à peça *Na Berlinda*, que tratava dos costumes locais, o confete lançado a ela e ao seu diretor é, possivelmente, reflexo de uma busca por identidade local, é o orgulho noticiado que enobrece a capacidade de um/a moradora da cidade produzir peças locais, falar de seus modos e costumes, trazer para a cena a educação, a civilidade e a moral baseadas nas peculiaridades dessa população específica, segundo a opinião jornalística.

Faria (2004) aponta que, se as peças apresentadas no teatro não refletem a realidade nacional, elas perdem seu alcance e o teatro perde a função civilizatória local, passando a “copiar as sociedades ultrafronteiras”. O teatro e a imprensa representavam o meio de propaganda mais eficiente para a disseminação e defesa dos ideais. Entende-se que, diante disso, seria coerente que os conflitos políticos, econômicos e sociais, os quais compõem a

¹³⁰ Cataguazes, 23 abr. 1911, p. 1.

¹³¹ A última apresentação foi noticiada no jornal de 30 abr. 1911, p. 1.

organização do espaço da cidade, também deveriam estar refletidos nos palcos do teatro, permitindo a reflexão acerca das mazelas dos diversos campos da vida da cidade.

Para Sá (2009), um drama seria enaltecido se abordasse os atos heroicos, mostrando virtudes e feitos históricos. Para a autora, havia na época duas situações que deveriam ser direcionadas aos dramas: “Um bom drama não podia desrespeitar as instituições do país, a religião e as autoridades. Devia também combater os vícios, o ridículo; contribuir para o melhoramento dos costumes” (p. 87).

Já da comédia esperava-se que trouxesse a denúncia, refletida na

[...] exposição dos maus costumes, dos vícios e das imoralidades que, apresentados ao lado do ridículo, provocavam, no espectador, que se identificava com aqueles comportamentos, os sentimentos de vergonha e medo, impelindo-o a modificar seu modo de agir e pensar. A comédia era o gênero dramático chamado para cumprir essa tarefa. (SÁ, 2009, p. 221).

A profissionalização dos atores e diretores, assim como a ampliação dos gêneros encenados não foram capazes de blindar o ambiente teatral das influências dos cinematógrafos. O circo foi o primeiro a agregá-lo em Cataguases, e o mesmo veio a acontecer no Theatro Recreio, em 1911. A energia elétrica estava disponível no Theatro, que havia acabado de reabrir as portas após uma longa reforma. A união desses aspectos criou as condições ideais para apresentar o cinematógrafo à sociedade¹³².

Os anos seguintes após a instalação do cinematógrafo no Theatro foram marcados por raras¹³³ notícias sobre peças, musicais ou apresentações diversas. Por outro lado, observou-se um aumento do volume das notícias relacionadas ao cinema. A conjugação de duas atividades no mesmo espaço (teatro e cinema) precedia uma escolha para definição de dias e horários específicos para cada tipo de sessão, no entanto, com o passar do tempo, o teatro cedeu espaço ao cinematógrafo.

Em relação ao tema tratado, algumas lacunas são sentidas, tendo em vista que o acervo do jornal Cataguazes utilizado para esta pesquisa não contava com os jornais de abril de 1914 a dezembro de 1915, o que impediu uma análise do que fora noticiado acerca do Theatro naquele período. No entanto, Almanak (n.d.) traz a seguinte narrativa, associada ao ano de 1916, possivelmente acessada a partir do jornal Cataguazes:

¹³² Cataguazes, 28 maio 1911, p. 1.

¹³³ Cataguazes, dias: 08 fev. 1911, p. 1; 10 ago. 1913, p. 2; 08 jan. 1914, p. 1.

No dia 9 do corrente, cerca de 9 horas da manhã, a população da cidade, nas vizinhanças do Largo do Comercio, foi surpreendida por grande estrondo, verificando se logo que ruíra estrepitosamente por terra a parte dós fundos do Teatro Recreio Cataguasense, exatamente no ponto correspondente ao palco. A parede lateral e a dos fundos ruíram e com elas o teto na parte em que nos mesmos se apoiava. Imediatamente afluíram ao lugar muitos populares curiosos por verem o alcance do sinistro. Os habitantes das casas vizinhas receosos do desabamento do resto do edifício mudaram de residência. Felizmente, porém, o resto do edifício não desabou, continuando solido toda a parte da frente, onde funciona o Comercial Club, e, onde existem compartimentos habitados. O Cel. João Duarte Ferreira, proprietário do prédio, compareceu logo ao local acompanhado de grande quantidade de operários e com a, maior calma dirigiu pessoalmente á remoção do entulho e as, providencias mais urgentes para garantir o resto do edifício. No Teatro estava funcionando um cinematografo que atrai grande concorrência e que funcionaria na noite do sinistro. Se o desastre ocorresse a noite, muitas vidas teriam desaparecido, pois grande parte do entulho foi arremessado sobre a plateia. Felizmente, porém, a Providencia velou por nós e não se terão de lastimar nada mais além da perda reparável de uma parte de nossa casa de diversões. Os prejuízos do proprietário orçam por 20 contos de réis. (ALMANAK, n.d., p. 39)

Como se vê, o destaque no dia do sinistro ocorrido com o Theatro Recreio era o cinema. Chama atenção, ainda, a existência de uma parte de residencial associada ao espaço, a qual, segundo Almanak (n.d., p. 40), abrigava também, no segundo andar, um Club chamado Comercial Club, vinculado à elite cataguasense.

A primeira matéria acessada em 1916, na retomada do acesso aos Jornais, também sinalizava que houve um desabamento no prédio do Theatro Recreio e destacava que a reconstrução o colocava novamente como espaço de diversão à disposição da população cataguasense:

O seu proprietário cel. Duarte, poz mãos à obrea. Mais de uma dezena de contos gastaram. Mas o Theatro ahi está reconstruído, renovado e aparelhado de melhoramentos que não possuía então. Inaugurado, agora, depois da reforma, as obras finaes continuarão ainda por algum tempo, sem que perturbem, entretanto, os frequentadores daquela casa de diversão. (CATAGUAZES, 30 jul. 1916, p. 1).

Em 1917¹³⁴, o jornal Cataguazes divulgou que os empresários Agenor Barros e Augusto Cunha¹³⁵, então responsáveis pelo teatro, estavam preparando uma surpresa para os/as cataguasenses, que seria a presença de uma companhia de teatro na cidade, Tina Valle. A

¹³⁴ Cataguazes 30 set. 1917, p. 3.

¹³⁵ Arrendatários do Theatro Recreio (CATAGUAZES, 05 out. 1918, p. 2).

matéria que falava da peça enaltecia o teatro e o que ele representava, no entanto é encerrada deixando claro o declínio que essa forma de diversão vinha enfrentando na sociedade:

A cidade vive a clamar contra a ausência de optimas companhias theatraes. Lamentavam todos que ao nosso meio viessem ter apenas excêntricos ridículos cançonetistas de oitava classe e artistas que, de tal, só possuíam o nome. Outros levavam mais além as suas queixas: estendiam-nas à sensaboria de um cinema eterno, em que fitas idiotamente comicas ou pavorosamente dramáticas. Por isso mesmo, a Empreza Cunha e Barros resolveu, vencendo dificuldades de toda a ordem, trazer aqui a mais completa companhia teatral que, nestes últimos quinze anos, tem corrido o interior de Minas [...] Ahi está, por excellencia, o grande mérito das peças: fazer rir imensamente, desabaladamente. E é um riso sadio e bom, porque não há uma só passagem de sentido equivoco, de significação dúbia. São peças limpidamente sãs, no moral e no vernáculo e encantadoramente divertidas. Reside ahi o segredo do justo entusiasmo com que Cataguazes tem sabido applaudir, sem reservas, a todos os artistas, e principalmente porque não teremos tão cedo outra companhia teatral semelhante. (CATAGUAZES, 30 set. 1917, p. 3).

Nos anos de 1918 e 1919, as notícias, cada vez mais escassas, buscavam reavivar as práticas teatrais na cidade, desenvolvendo narrativas detalhadas sobre a companhia que se apresentaria, atores, atrizes, papéis que seriam encenados, diretores e maestros, sinalizando quais cidades já haviam recebido as companhias antes que chegassem a Cataguases e as que receberiam após exibição em Cataguases. As informações sobre o público presente continuavam não existindo.

As companhias “Flora e Sorriso”¹³⁶ e “Os Lusos”¹³⁷ foram apresentadas uma semana antes de suas estreias, como se o jornal desejasse preparar o público para receber o evento, munindo-o de informações relevantes e buscando estimular a mobilização das pessoas para a frequência ao teatro. O jornal, principal veículo de informação local, tinha lugar privilegiado nessa cidade à época e divulgava as impressões sobre as diversões, bem como influenciava no gosto pelas práticas divertidas. As motivações relacionadas ao que ganharia ou não destaque seguiam os interesses vigentes que pautavam o periódico.

Mesmo diante do apelo jornalístico, a frequência ao teatro seguia logrando cada vez menos êxito, sinalizando que era o momento de o cinematógrafo demarcar espaço. Seguramente, a frequência ao teatro causou grande mobilização na cidade. A arte do encontro possibilitada pelo trânsito nas ruas, o ver e ser visto que merecia uma preocupação especial para com a vestimenta e os calçados, as formas de se comportar dentro e fora dos teatros fizeram parte dos tempos áureos dessa diversão.

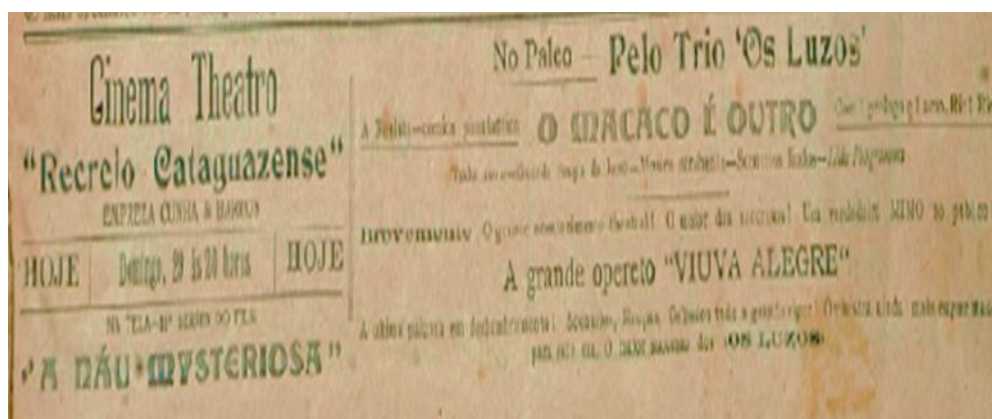
¹³⁶ Jornal 05 out. 1918, p. 3.

¹³⁷ Jornal 24 nov. 1918, p. 3.

O comportamento esperado e padronizado, durante as apresentações, estabelecia não só o momento das palmas, dos risos e gargalhadas, das vaias e insatisfações, bem como ditavam a intensidade com que tais manifestações poderiam acontecer. A forma moderna de se expressar não condizia com exageros e autonomia. Aprender o momento certo para se manifestar, a forma correta de fazê-lo e a intensidade desse manifesto apontaria o grau de civilização do/a cidadão/ã, por isso era prioritário aos/às frequentadores/as.

Em um primeiro momento, o teatro e o cinema se unificaram no compartilhamento do mesmo prédio do Theatro Recreio. Associaram-se nos espetáculos, ao mesmo tempo em que resguardavam suas peculiaridades. A diversão cinematográfica incitava a frequência dos/das cataguasenses ao então Cinema Theatro Recreio.

Imagem 12 - Programação do Cinema Theatro “Recreio Cataguazense”



Fonte: Cataguazes (29 dez. 1918, p. 3).

As publicações jornalísticas acerca do início da década de 1920 são outra lacuna desta pesquisa, tendo em vista a impossibilidade de acesso aos exemplares referentes ao período compreendido entre 1919 e 1926, momento da história de Cataguazes que se relaciona com o movimento de divulgação da Revista Verde. No entanto, jornais localizados de 1926 a 1930 confirmavam o avanço do processo de decadência do teatro em Cataguazes. Para ilustrar, em 1926, foi publicada uma matéria em comemoração aos 31 (trinta e um) anos de inauguração do Theatro Recreio. A notícia discorre sobre a beleza do edifício, os investimentos dos homens progressistas que o construíram, cumprimentando a empresa Cunha e Filho, na figura de Coronel Augusto Cunha e na de seu filho Edgar Cunha, pela gestão do espaço e esforços feitos em prol das diversões. Ao final, a matéria demonstra que o Theatro Recreio era, naquele momento, o lugar do cinema.

Há, precisamente, 31 annos, isto é, a 7 de setembro de 1896, era inaugurado nesta cidade o Theatro Recreio, cujo edifício, pela sua majestade e belleza architectonica, desperta desde logo a atenção daqueles que nos visitam.

Pertencente áquelle tempo a uma plêiade de homens progressistas, que tomaram a si o encargo de construí-lo, o Theatro Recreio, alguns annos depois, que o legou ao Hospital de Cataguazes, seu actual proprietário.

Eis, pois em ligeira synthese, o histórico desse magnifico centro de diversões. Lamentamos que a escassez de espaço não nos permite relatar aqui, com maiores detalhes, o que tem sido a vida dessa casa de espetáculos nestes longos 31 annos.

Cometeríamos, entretanto, grave injustiça se deixássemos de nos referir nesta notícia ao impulso gigantesco que lhe vem dando há mais de dez annos a empresa Cunha e Filho, que ali mantem um dos melhores cinemas desta zona e quiça do Estado, não só pela sua montagem, a mais perfeita possível como também pela sua orchestra, capaz de rivalizar com as dos centros mais adiantados do paiz.

Ademais, cumpre salientar que tanto o cel, Augusto Cunha como seu filho Edgard Cunha, sócios componentes da firma Cunha e Filho, são dois espíritos cultos e progressistas e não poupam esforços no sentido de atender as exigências da nossa plateia, pois so exhibem films das mais afamadas fábricas cinematográficas, correspondendo assim à preferêncía que o público lhes dispensa.

O programma de hoje, pro exemplo é o mais attrahente possível. Será projectada a estupenda pellicula em 6 actos, da Fox Film, Por mau caminho, na qual Bessie Love, secundada por outros artistas de renome, desempenha um papel admirável. (CATAGUAZES, 07 set. 1926, p. 1).

Se a decadência do teatro, enquanto diversão, ficou subentendida na notícia histórica acima, dois meses depois veio outra narrando os trabalhos da “Companhia Orvi” e ressaltando que, mesmo tendo essa trazido uma boa peça de teatro, com destaque ao trabalho do violinista, houve baixa frequência, justificada pela chuva:

O tempo, constantemente chuvoso, tem grande parte de responsabilidade na falta de concorrência maior aos nossos theatros.

É um grande artista. Merecia um auditório de mil pessoas, mas, infelizmente, o tempo é obstinado, e não permite, às vezes que se honre a arte como deve ser honrada. (CATAGUAZES, 25 dez. 1927, p. 2).

Questiona-se se o mau tempo era o real responsável pela baixa concorrência, como divulgado pelo jornal. Assumir a decadência do teatro era anunciar que novas normas civilizatórias haviam sido disseminadas (não necessariamente apropriadas, melhores ou piores), que os ideais comportamentais não eram mais outorgados apenas por uma classe, que a burguesia emergente se associava aos padrões, de acordo com os interesses próprios. Com isso, novos anseios modernos tornaram-se parte das práticas sociais e de diversão da cidade que se abria ao contexto do cinema e dos esportes, sem que isso representasse o fim do teatro, mas uma redistribuição dos interesses pelas diversões.

2.2 Luzes apagadas: o cinema em ação

Esta reflexão adota o entendimento de Melo (2004a) de que o cinema “é arte, é técnica, é espetáculo, é cultura, é diversão; é uma linguagem com regras e convenções; tem relação com sonhos e desejos; e também tem uma forte interface com a ideologia, com a política, com a economia” (p. 35).

No contexto histórico estudado, há de se ressaltar que não há como entender o cinema pelas premissas das práticas atuais, uma vez que se trata de um período em que os filmes eram exibidos em cinematógrafos, com estruturas precárias, em preto e branco, alguns mudos, os quais, em algumas ocasiões, eram acompanhados por bandas de música ou legendas que poderiam ser traduzidas para qualquer idioma.

Melo (2004a), ao analisar o cinema em tempos mais recentes, traz considerações importantes sobre o cinema, ao alertar sobre as possíveis articulações entre representação, poder e difusão de valores. Nas palavras do autor:

Não estamos tratando de um produto ingênuo, mas de um poderoso dispositivo de representação, de difusão de valores, compreensões e sensibilidades ora mais, ora menos explícitas. Logo, existem relações de poder ao redor da produção dessa manifestação: um mercado destinado ao consumo e ao fazer consumir. O cinema deve ser compreendido inserido, como todas outras manifestações artísticas, nas tensões geradas pela sociedade de consumo. (MELO, 2004a, p. 36).

Com base nas palavras do autor, neste trabalho, entenderemos o cinema como uma prática de diversão que explicita, divulga e dissemina intencionalidades, tendo presente que, no período empreendido por este estudo, algumas das características elencadas não se faziam tão presentes, de acordo com os achados. Assim como o jornal e o teatro, o cinema era um veículo informativo formador de opinião, capaz de orientar comportamentos e educar, enquanto divertia as pessoas. Era também produto de desejo e consumo, inserindo-se em uma ordem mercadológica que buscava padronizar a cultura, já no século XVIII.

Com a Revolução Industrial, ocorrida no final do século XVIII, os meios de produção e comunicação foram sucumbidos à massificação da informação, do divertimento e da cultura, em decorrência, principalmente, dos novos maquinários, que permitiram confeccionar produtos exatamente iguais e em maior quantidade, com menor demanda de tempo e custos. As máquinas substituíram parcela dos/das trabalhadores/as, o capitalismo se expandiu ao ponto de gerar conflitos econômicos que culminaram na Primeira Guerra Mundial. “A discussão em torno do

que se convencionou chamar de ‘cultura de massa’ atingiu seu apogeu após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945)” (LUCE, 2004, p.113).

No pós-guerra, foi possível observar o enaltecimento e o estímulo ao consumo de bens, produtos e informações. As guerras haviam demonstrado o poder da informação, e os meios de comunicação foram utilizados para corroborar a divulgação de ideias, produtos e serviços. Portanto, produtos capazes de disseminar ideais, como os divertimentos, ganhavam cada vez mais visibilidade na imprensa. Nesse contexto, o cinema teve lugar privilegiado.

Diferente do que se pode constatar na atualidade, os artífices do cinematógrafo o conceberam e o caracterizaram como uma prática sem futuro, uma tecnologia voltada apenas à pesquisa, uma máquina que reproduzia movimentos. Os irmãos Lumière não imaginavam o potencial de diversão que haviam criado; para eles, esta seria uma novidade efêmera.

No dia da primeira exibição pública de cinema - 28 de dezembro de 1895, em Paris -, um homem de teatro que trabalhava com mágicas, Georges Méliès, foi falar com Lumiere, um dos inventores do cinema; queria adquirir um aparelho, e Lumiere desencorajou-o, disse-lhe que o “Cinematógrafo” não tinha o menor futuro como espetáculo, era um instrumento científico para reproduzir o movimento e só poderia servir para pesquisas. Mesmo que o público, no início, se divertisse com ele, seria uma novidade de vida breve, logo cansaria. (BERNADET, 1985, p. 5).

É creditada aos irmãos Lumière (1895) a criação do cinema, mas há controvérsias. Nos Estados Unidos, diz-se que as primeiras projeções de filmes utilizando um quinetoscópio aconteceram em 1893, com Thomas A. Edison (MASCARELLO, 2006). Naquele momento, pessoas no mundo todo estavam focadas em aperfeiçoar as máquinas de captação de imagem. Segundo Vilseki (2014), a exibição dos irmãos Lumière, com um cinematógrafo fixo voltado ao entretenimento através da exibição de imagens, ocorrida em 1895 no Grand Café Paris, foi considerada um marco histórico do cinema.

Na onda da comercialização das diversões, o cinema se abriu ao mercado, deixando de ser apenas uma diversão popular e ganhando lugar de destaque como “o lugar das construções e projeções do imaginário, da aferição de sensibilidades e práticas sociais, lugar da representação” (SCHVARZMAN, 2007, p. 18).

Morais (2010) afirma que o desenvolvimento do cinema no Brasil, iniciado no século XIX, foi lento, devido à carência de energia elétrica nas cidades. Portanto, os primeiros anos de cinema foram pobres, com cinematógrafos ambulantes e raras salas de cinema fixas, que se restringiam ao eixo Rio de Janeiro-São Paulo.

No Rio de Janeiro, em 1897, foi aberta a primeira sala fixa de cinema do País, localizada na Rua do Ouvidor nº 141, no Salão Paris¹³⁸ (VILSEKI, 2014). A partir de 1907, a disponibilidade de energia elétrica contribuiu para a ampliação das salas de cinema e, conseqüentemente, para a produção de filmes. Empresários passaram a investir na importação e exibição de filmes (MORAIS, 2010).

A produção nacional tem como marco a cidade de Petrópolis, onde Di Maio produziu as primeiras imagens em movimento, em 1897. Para tal, o produtor utilizou um cinematógrafo de Edson e o fez antes dos referenciados registros de 1898, das vistas da Guanabara, produzidos por Paschoal Segretto¹³⁹ (STECZ, 2014).

Em Minas Gerais, consta que a cidade de Juiz de Fora foi a primeira a ter exibição de cinema, ocorrida em 1897, no Teatro Juiz de Fora, e divulgada pela imprensa da localidade como uma das atrações da Companhia Germano Alves (LINO, 2009).

Iniciativas de comercialização de filmes foram identificadas na primeira década do século XX no Brasil, mas foi a partir de 1908¹⁴⁰ que novas salas de cinema foram abertas no País. Com isso, a importação de filmes foi acelerada e as produções nacionais foram potencializadas. O País vinha de uma recente transição política, em que a república havia se tornado a forma de governo e os ideais modernizadores convergiam para a urbanização, sanitização e adoção de hábitos modernos por parte da população, fator que influenciou na concepção de um público consumidor de práticas de diversão, contribuindo para o desenvolvimento de uma cultura cinematográfica no País (TREVISAN, 2016).

Os anos entre 1908 e 1911 foram marcados por uma intensa produção nacional de filmes e, segundo Gomes (1974), constituíram a idade de ouro do cinema brasileiro. Já Mascarello (2006) considera que, entre 1907 e 1913, houve um movimento lento, mas, aos poucos, o cinema se organizou de forma industrial e técnica, investindo nas etapas da produção e da exibição dos filmes que se transformaram “na primeira mídia de massa da história” (p. 36).

Ocupando o pioneirismo histórico na massificação midiática, na transição do século XIX para o XX, os/as mineiros/as passaram a ter acesso a duas novidades: o fonógrafo¹⁴¹ e o cinema. O avanço desses novos divertimentos contribuiu para a redução do prestígio de diversões como os teatros e circos (DUARTE, 1995).

¹³⁸ Anteriormente conhecido como Salão Novidades.

¹³⁹ Proprietário do Salão Paris do Rio de Janeiro.

¹⁴⁰ O filme da vista da Guanabara marcou um momento importante no cinema nacional, cristalizado nas paisagens naturais. Apenas em 1908 os filmes começam a ter interação entre pessoas e superam as paisagens naturais.

¹⁴¹ Aparelho para registrar e reproduzir o som. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/mvs/Periodo01-1878-Fonografo.html>

No interior de Minas Gerais, as casas de espetáculos faziam parte das realidades locais, e os cinemas foram se espalhando, acompanhando o discurso de modernização das cidades, uma vez que a exibição de filmes sinalizava o progresso. Na Zona da Mata Mineira, o desenvolvimento das cidades teve como balizador as transformações sociais e econômicas que aconteciam na região, e a circulação de pessoas e de capital constituíram um terreno fértil para o desenvolvimento do cinema (BARROSO, 2020).

A população da Zona da Mata Mineira foi contaminada pela “doença do cinematógrafo” (LINO, 2009). Cataguases, localizada nessa região, logrou movimento na organização política e econômica que criou condições materiais para que parte do capital excedente fosse investido no fornecimento de diversões comercializadas à população, culminando com a instalação de salas de cinema, produção de filmes e desenvolvimento da cultura cinematográfica local.

Enquanto algumas cidades mineiras dispunham apenas dos circos e teatros, a população cataguasense conhecia o cinematógrafo como um aparelho ambulante, que fazia parte das apresentações circenses e também tinha lugar no teatro. Duarte (1995) aponta que o cinematógrafo era um aparelho sofisticado e caro. Alguns empresários que tinham casas de diversão estabelecidas, principalmente teatros, adaptaram tais estruturas para a instalação do cine teatro. No caso de Cataguases, essa adaptação foi vislumbrada após o fornecimento de energia elétrica, em 1909. Assim, embora o cinematógrafo tivesse chegado a Cataguases aproximadamente em 1907¹⁴², foi em 1911¹⁴³ que houve a conquista de um espaço específico para apresentação dessa nova tecnologia no Theatro Recreio. A história do cinema nessa cidade se inicia de fato após essa instalação, dando início a uma nova rotina de diversões comerciais disponíveis na cidade, por três vezes na semana¹⁴⁴. O cinema estava aberto para exibição de filmes com início às seis horas e trinta minutos¹⁴⁵.

Apesar do avanço dessa nova opção, Mascarello (2006) aponta que faltava uma identidade ao cinema, que se misturava a outras diversões e não tinha espaço exclusivo. Em Cataguases, o cinema dividia espaço¹⁴⁶ com as diversões tradicionais que já eram oferecidas no Theatro Recreio, antes da sua chegada, como os concertos musicais e as próprias peças teatrais¹⁴⁷.

¹⁴² Cataguazes, 23 dez. 1907, p. 2.

¹⁴³ Cataguazes, 21 maio 1911, p. 1.

¹⁴⁴ Cataguazes, 06 ago. 1911, p. 1.

¹⁴⁵ Cataguazes, 24 jun. 1911, p. 1.

¹⁴⁶ Diamantina, Ouro Preto, São João Del Rei foram cidades mineiras que também vivenciaram a experiência de ter a ascensão dos cinemas ocupando espaços até então destinados exclusivamente ao teatro.

¹⁴⁷ Cataguazes, 06 ago. 1911, p. 1.

O receio em relação a investir em algo ainda pouco disseminado, o preço alto de produção das fitas, associado à tecnologia empregada, o valor da locação e o custo do transporte destas até as cidades – tudo isso impossibilitava ou dificultava que os empresários mantivessem apenas o cinematógrafo como espetáculo, daí a necessidade de alternar as diversões.

Além disso, as primeiras produções cinematográficas brasileiras eram arcaicas e não focalizavam a estética ou a narrativa; registrava-se o acontecimento, os fatos e a natureza. As imagens dinâmicas era o que chamava a atenção; as deficiências e incongruências dos filmes ficavam em segundo plano. Se o filme não fazia sentido, este era conferido pelo público ao relacioná-lo com o seu próprio cotidiano (CORDEIRO; TOUTAIN, 2010).

Tal fato não quer dizer que os espectadores não eram exigentes. Trevisan (2016) sinaliza que a precariedade do cinema nacional contribuiu para que filmes da América do Norte e da Europa fossem cada vez mais importados, concorrendo de forma desleal com o mercado incipiente do cinema no País. Mesmo assim, os empresários da área, além de importarem filmes, também os produziam e exibiam. Dessa forma, acabaram por ampliar a relação entre a produção e a comercialização de filmes (MORAES, 2010).

Foi possível identificar, no jornal Cataguazes, informações sobre como funcionava o processo e os altos custos para a produção de uma fita. Tal narrativa possivelmente intencionava justificar aos possíveis espectadores os valores a serem investidos para a frequência às sessões de cinema oferecidas no Theatro Recreio. A matéria¹⁴⁸ *O cinematographo – quanto custa o preparo de uma fita*, veiculada em 1912, relatava parte do processo de produção de uma fita, abordando os custos e as dificuldades para elaboração, escrita do roteiro, gravação e direção das cenas.

Qualquer fita longa que contenha scenas importantes cheias de acção dramática, custa mais ou menos quinhentas libras, ou 8:000, moeda brasileira”, (...) há, porém, casos em que as despesas são ainda muito maiores. Assim, por exemplo, só a encenação da vida de Jesus custou mais de 32:000\$ (...) tirou um lucro líquido de cerca de 480:000\$. (CATAGUAZES, 02 jun. 1912, p. 2).

A matéria relata, ainda, que a fita da encenação da vida de Jesus tinha mais ou menos uma polegada e meia de largura, era feita de celuloide e estava sendo aprimorada para se tornar menos inflamável. O preço, por exemplo, de dois mil pés custaria 35 (trinta e cinco) mil libras ou 560\$000 (quinhentos e sessenta contos de réis) em moeda brasileira.

¹⁴⁸ Cataguazes, 02 jun.1912, p. 2.

Essa mesma fita teve um lucro líquido de 448:000\$ (quatrocentos e quarenta e oito contos de réis), valor aproximadamente 15 (quinze) vezes maior do que o de produção. Inferese que os lucros eram baseados não apenas na venda e aluguel das fitas, pois a matéria sinalizava estratégias usadas para a economia e redução de custos das fitas. Para economizar, era adotado o sistema de introduzir trechos de outras fitas, poupando assim enormes despesas de uma nova e custosa encenação¹⁴⁹; outra tática relatada foi a utilização de fotos de procissões, que eram inseridas e utilizadas na composição das fitas.

O lucro das fitas cinematográficas convergia, segundo Bernardet (1995), para a capacidade de se multiplicar o espetáculo. O número de cópias possíveis de serem produzidas contribuiu com a disseminação do cinema, ampliando o mercado de entretenimento e projetando o cinema como diversão capaz de disseminar ideais e influenciar pessoas.

Os avanços elevaram o cinema a um patamar privilegiado em relação às demais práticas de diversão. A presença física do artista não era necessária como no teatro, por exemplo. Além disso, a reprodução das fitas mudas poderia ser feita em qualquer país e, no caso de demandar legendas, cabia apenas a tradução para o idioma onde a cópia seria veiculada (PEREZ, 2013). Tais cópias poderiam ser enviadas para qualquer lugar do mundo e reproduzidas quando e quantas vezes fosse necessário ou interessante. Assim, nascia um mercado altamente promissor.

Trevisan (2016) fala do mercado do cinema também como um meio para a educação dos/as brasileiros/as, pois acessível até para os analfabetos. Tal característica fez com que essa diversão moderna fosse alvo de controle, de forma a contribuir para reforçar aquilo que era de interesse nacional, segundo as classes dominantes.

A sobrepujança do cinema sobre as demais formas de comunicação de massa contribuiu para a educação dos sentidos e sensibilidades. Com linguagem cinematográfica acessível, a sessão de cinema tornou-se uma forma de disciplinar através do controle dos conteúdos. A arte foi usada como forma de dominação, para divulgar e disseminar fés (TREVISAN, 2016).

As fés difundidas, por exemplo, associavam os filmes brasileiros à modernidade e ao progresso; o orgulho dos/as brasileiros/as ao saberem que existiam produções nacionais era contrastado com a capacidade financeira, técnica e educacional que sustentava tais produções, oriundas de jovens da classe alta e média, assim como a frequência aos cinemas também os distinguia do restante da população (SCHVARZMAN, 2011). Era o cinema fazendo o papel de disseminador de valores e crenças, ao mesmo tempo em que gerava divisas.

¹⁴⁹ Cataguazes, 02 jun. 1912, p. 2.

Notícia publicada no jornal *Cataguazes*¹⁵⁰ aponta que, poucos anos após a invenção, o cinema tornou-se a quinta maior indústria dos Estados Unidos, com aproximadamente 10 (dez) milhões de pagantes acessando-o diariamente. Os valores gastos para produção de uma fita foram se tornando irrisórios em relação ao lucro obtido pelos empresários.

Hoje, há films que gastam 500 vezes mais, na mesma medida.
O capital hoje, em desenvolvimento, na indústria do cinema, ascende a 500.000.000 de dollars, ou sejam 2.000.000.000\$000 na nossa moeda, não entrando em conta o que se gasta em reclames por todo o paiz, o que equivale, quem sabe, ao dobro da quantia fabulosa de duzentos mil contos. (...) É difícil escrever pequenas cifras, em se tratando do cinema na Norte América. Existe apenas um povoado de mais de 1.000 habitantes que não tem a sua sala para exhibições cinematográficas: hoje, são anualmente exhibidas ali cerca de 97.000 milhas de películas. (...) (CATAGUAZES, 10 dez. 1916, p. 3).

Esse crescimento da indústria do entretenimento cinematográfico se deu exponencialmente na primeira década do século XX. A matéria reproduzida acima trouxe dados dos Estados Unidos, no entanto não foram localizadas informações para o mesmo período em relação à indústria cinematográfica brasileira. Mesmo assim, os referenciais bibliográficos acessados retrataram crescimento significativo na produção e na exibição de filmes no País. Perez (2013) indica que, entre 1897 e 1906, foram produzidos 115 filmes nacionais.

Para Trevisan (2016), o incremento da produção nacional e internacional apontava para a formação de um público, de uma nova cultura, que recebia e codificava os sinais da modernidade: a velocidade, a imagem, a expressão corporal, os costumes, entre outros.

Assim, no Brasil, da mesma forma que ocorreu nos Estados Unidos, o despertar do interesse do público pelo consumo e produção de filmes movimentou um mercado de produção cinematográfica no qual o alto custo de fabricação das fitas era relativizado¹⁵¹ pelas centenas de cópias que poderiam ser feitas e vendidas. Quanto mais crescia o interesse do público, mais cópias poderiam ser produzidas; conseqüentemente, maior seria o número de consumidores ansiosos pagando para assistir ao filme recém-chegado às cidades.

Esses filmes eram cópias, alugadas ou adquiridas, portanto tratava-se de um produto que poderia ser repetido inúmeras vezes. A novidade ficava por conta da primeira experiência com o filme; depois, o prazer de rever a mesma obra tornava-se possível para aqueles que podiam se dar ao luxo de experienciar um novo momento com o mesmo filme. Na publicação

¹⁵⁰ *Cataguazes*, 10 dez.1916, p. 3.

¹⁵¹ Em *Cataguases* tal fato será abordado na parte que trata de Humberto Mauro e a Phebo Films.

do jornal Cataguazes de 10 de agosto de 1913, aparecem caixeiros¹⁵² que, cansados das repetições das mesmas fitas, aclamavam por novas¹⁵³.

A fabricação de filmes nacionais dobrou nos anos de 1925 (TREVISAN, 2016); ademais, os ciclos nacionais e a forte participação dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Minas Gerais foram fatores relevantes para tal. Destaca-se o ciclo de Cataguazes, onde Humberto Mauro produzira seu primeiro filme, “Valadião, o cratera”, em 1925 (GOMES, 1974).

Na cidade, de acordo com a análise aqui empreendida, a economia e a política foram marcadamente fatores que influenciaram na dinâmica das práticas de diversão, e o cinema, enquanto empreendimento urbano da área do entretenimento, passou por esse processo, que foi registrado pelo jornal Cataguazes. Para ilustrar, o anúncio da mudança de propriedade do Cinema Recreio, em 1911¹⁵⁴, apresentou a empresa Paschoal, adquirindo-o da empresa Duarte. O antigo administrador do cinema, Paschoal Ciadoro, tornou-se proprietário desse estabelecimento, até então pertencente a João Duarte Ferreira. A mudança de propriedade colocou Paschoal Ciadoro na linha de frente da condução do Cinema Recreio, levando-o a enfrentar os desafios em relação à tradição, aos costumes dos/das cataguasenses e às novas práticas vistas nas películas.

O cinema era um lugar para as representações, projeções do imaginário, sensibilidades (SCHVARZMAN, 2007), prática social urbana, veículo de educação, capaz de influenciar comportamentos e gerar disputas. Questões anunciadas no jornal Cataguazes na notícia intitulada *As lições do cinematógrafo*¹⁵⁵, escrita por Floriano de Lemos, narravam uma fita de comédia infantil que foi exibida na cidade de Poços de Caldas¹⁵⁶. O roteiro do filme envolvia duas crianças que se apaixonavam e resolviam fugir após o horário da escola, culminando na intervenção dos pais.

Aparentemente, a notícia enaltecia o filme ao descrever os fatos e as reações felizes do público durante a exibição, no entanto, em momento posterior, o articulista anunciava possibilidades futuras de utilização do cinema como instrumento de educação, nas aulas nos colégios, quando os professores explicariam a matéria e exibiriam uma fita com os aspectos desejados pelo professor. O filme seria um estimulador da memória e da inteligência humana,

¹⁵² Caixeiros eram pessoas que trabalhavam nos comércios, principalmente imigrantes europeus. Estes trabalhavam entre 16 e 18 horas por dia, eram equiparados a escravos, estabeleciam uma forte relação de confiança entre patrão e caixeiro (POPINIGIS, 2016).

¹⁵³ CATAGUAZES, 10 ago. 1913, p. 5.

¹⁵⁴ Cataguazes, 13 ago. 1911, p. 1.

¹⁵⁵ Cataguazes, 03 mar. 1912, p. 2.

¹⁵⁶ Minas Gerais.

“uma escola de primeira ordem” (CATAGUAZES, 03 mar. 1912, p. 2), quando utilizado para ensinar aos espectadores “boas lições moraes” (CATAGUAZES, 03 mar. 1912, p. 2).

Feitas essas considerações, o articulista se mostrou insatisfeito com a comédia infantil acerca da qual tratava, tendo em vista que, na sua opinião, esta não se relacionava com os corretos usos do cinema por não exibir boas lições morais.

Entretanto, raro é programa diário dos cinemas que não contenha uma história qualquer onde entre pelo menos um marido que desconfia da honestidade da esposa, ou que tem provas palpáveis, sobejas, para julgar-a infiel. Aparecem, então, em scena todos os recursos empregados pela astucia das traidoras, assim como todos os meios de que usam os conquistadores baratos; e às vezes, em vez de terminar a coisa com castigo dos culpados, ainda por cima surge a vítima ridicularizada e escarnecida, acomodando-se à situação, achando tudo muito natural, e perdoando tudo, depois de uma série de argumentos que a lábria humana e sobretudo feminina – inventa para esse fim. E há sempre abraço e beijo no final.

Não preciso deter-me nos inconvenientes dessas imoralidades – que nem por serem banaes devem ser assim ensinadas em público a creanças, a meninos e meninas principalmente.

Eu digo ensinadas, e o termo é próprio. O cinematographo é uma escola. Pois se assim é que ensine coisa útil e aproveitável. Estou em jurar que o caso de Poços de Caldas, não foi, nem tem sido o único de fita vista, fita realizada – nem só por creanças, sinão também por gente grande, de cara rapada ou franjinhas na testa. (CATAGUAZES, 03 mar. 1912, p. 2).

Ao analisar a matéria, observa-se que o articulista explicitamente associou a narrativa cinematográfica da comédia infantil aos aprendizados adquiridos pelas crianças através dos filmes, que mostravam não só situações de traição, mas finais felizes após tais traições, deixando, ainda, subentendido que o problema eram as mulheres que traíam. O processo educativo promovido pelo cinema ficou registrado pela notícia. A influência do que se assistia nos filmes parecia refletir a realidade vivida pela sociedade e, sendo esta uma situação considerada imoral, não deveria ser eternizada nos filmes nem exposta ao público, de acordo com a opinião do articulista.

O discurso parece reforçar o lugar que a mulher ocupava na sociedade da época, marcado pelo estereótipo da desonestidade, da mentira e da traição. Valores de julgamento moral que, por outro lado, autorizavam o homem a ocupar o status de conquistador, por ser o provedor e detentor do direito à vida pública. Além de subjugada em relação aos comportamentos, a mulher era, notadamente, criticada quanto à sua conduta privada, devendo ser castigada e responsabilizada pelos danos causados à moral e aos bons costumes.

A crítica do autor da matéria ao final feliz da narrativa, quando o casal terminava entre beijos e abraços, mostra a contrariedade do articulista em relação aos romances que retratavam,

nas telas do cinema, a busca pelos finais felizes, independente das tensões sociais exercidas para que o casal se separasse. A mensagem indicaria que, para ele, seria mais coerente que as mulheres infiéis fossem punidas, e os maridos não deveriam cair nas tramas, uma vez que isso fragilizaria o poder do homem diante da sociedade.

A matéria sugere que a moralidade, os costumes e a tradição deveriam ser mantidos através da coibição dos filmes que contivessem cenas que se esquivassem ao comportamento desejado. Nesse aspecto, o cinema e o teatro se unem no viés simbólico do poder educativo, civilizatório e moralizador. Esse âmbito, segundo Cordeiro e Toutain (2010), relacionava-se com o universo da cultura popular, desde que essa cultura fosse condizente com os ideais em voga. A imoralidade não deveria ser ensinada através da escola do cinema, este que “ensine coisa útil e aproveitável” (CATAGUAZES, 03 mar. 1912, p. 2).

Cabe salientar que a notícia referida é uma reprodução de uma matéria veiculada na cidade de Poço de Caldas. O jornal Cataguazes, apesar de não divulgar a fonte, dissemina um discurso repleto de inferências, análises e reflexões do autor, Floriano de Lemos. Ao reproduzir matérias como essa, o veículo de comunicação adotava a postura de coadunar com os valores defendidos, pelos quais a sociedade cataguasense deveria se guiar. Por um lado, a tecnologia dos cinemas seria um veículo de educação, reproduzindo o que seria considerado adequado aos padrões da época, do ponto de vista de quem tentava impor esses padrões; por outro, poderia se tornar uma ameaça ao padrão idealizado para a sociedade cataguasense, no momento em que mostrasse outros pontos de vista e possibilidades.

O cinema como ferramenta de transmissão de ideais e valores foi percebido, também, pela igreja, que, de forma sagaz, passou a utilizar o cinematógrafo para a educação moral e religiosa. A reflexão encontra respaldo na notícia “As conquistas da Civilização”¹⁵⁷, a qual discorre sobre a permissão dada pelo papa Pio X ao funcionamento de cinematógrafos dentro dos santuários. A notícia foi recebida com grande surpresa e, de acordo com a matéria, a igreja justificou que nunca foi inimiga das ciências, destacando: “É uma invenção de utilidade inquestionável – e é impossível negar que a sua eficiência pode ser grande como meio de educação moral e religião” (CATAGUAZES, 16 jun. 2012, p. 2).

A veiculação de informações acerca do cinema nas atividades religiosas, para a sociedade cataguasense, dialogava com a perspectivas de outros periódicos. A matéria publicada no Cataguazes de 29 de maio de 1912¹⁵⁸, reproduzida a partir do periódico “Da

¹⁵⁷ Cataguazes, 16 jun. 1912, p. 2.

¹⁵⁸ Publicado no Cataguazes de 16 jun. 1912, p. 2.

Imprensa”, indicava as regras e normas para a realização das sessões de cinematógrafos na igreja, como:

a) o santíssimo será retirado de custódia; b) as cadeiras destinadas às mulheres ficarão separadas daquelas destinadas aos homens; c) a igreja ficará profusamente iluminada, salvo no momento das projeções em que ficará em semi- obscuridade; d) o vigário será obrigado a assistir a todas as sessões, exercendo a maior vigilância; e) só haverá exibição de films compostos sobre motivos religiosos e Moraes; f) todos os films destinados à exibição devem ser antes examinados pelo bispo da diocese, sem a licença do qual não serão exibidos. (CATAGUAZES, 16 jun. 1912, p. 2).

Observando-se a narrativa, é possível identificar a preocupação com os riscos que poderiam vir a ser oferecidos ao público pelas películas a serem exibidas. Tal preocupação com os/as fiéis seria enfrentada com atitudes como a separação de homens e mulheres e o controle da luminosidade, e com divino, seja em relação à escolha dos filmes, ou com a retirada de custódia do santíssimo.

Dentro de um mesmo espaço (igreja), estabelecia-se a dicotomia entre o sagrado e o profano. As fitas resvalavam no cenário religioso onde o controle comportamental era tensionado através da determinação de posturas para os indivíduos. Na incapacidade de manutenção destas, reificava-se o poder da censura e do vigário, olhos sociais e divinos a cercear as condutas.

Supõe-se que, ao se utilizar do cinematógrafo para disseminar os valores cristãos, a igreja buscava lograr mais fiéis e melhor alinhar os existentes. Ao educar posturas através da exibição de filmes, a instituição provavelmente fazia dessa novidade motivo para manutenção de fiéis mais assíduos; por conseguinte, obtinha aumento na arrecadação do dízimo e, logo, uma maior renda utilizando-se das diversões.

O cinema se tornou fonte de renda para a igreja, que, por sua vez, forneceu um novo nicho de mercado para os produtores de filmes. Tratava-se de um mercado consumidor fiel, composto por detentores de espaços abençoados para a projeção, afoitos por produções direcionadas e sagazes no incremento da renda divina. Segundo a matéria, a imprensa de Paris comentava a relação entre igreja e cinema com humor, afirmando tratar-se “mais do que uma conquista da civilização: uma boa fonte de receita”¹⁵⁹.

A possibilidade de aumentar a renda por meio da exibição das películas fez com que o Cinema Recreio também passasse a exibir filmes religiosos, com lições de dignidade e prática

¹⁵⁹ Cataguazes, 16 jun. 1912, p. 2.

da honra¹⁶⁰. Além disso, ocupou-se em fazer uma reforma, oferecendo novas cadeiras de madeira e divisão da plateia¹⁶¹.

É perceptível a ampliação do mercado consumidor desse entretenimento na cidade quando o jornal Cataguazes anunciou, na edição de 14 (cartorze) de abril de 1912 (mil, novecentos e doze)¹⁶², a previsão de um novo espaço dedicado à diversão: o Cinema Avenida¹⁶³, de propriedade de José Pires Velloso.

Enquanto o Cinema Avenida¹⁶⁴ não iniciava suas atividades, o Cinema Recreio comemorava o primeiro ano da gestão da Empreza Paschoal com “concorrência fora do comum”¹⁶⁵, matinês com programação variada¹⁶⁶ e fitas cada vez mais longas. No processo de trazer melhorias e oferecer bons programas, o valor cobrado pelo ingresso passou a ser aumentado em datas específicas, fato que originou reclamação dos frequentadores assíduos, que trataram a iniciativa como falta de consideração da empresa para com eles¹⁶⁷.

Nesse sentido, a abertura de novas salas de cinema pode ter aquecido o mercado de diversão cataguasense e ampliado as opções de escolha dos/das frequentadores/as. A frequência ao cinema, na maioria das vezes, era relatada pelo jornal com assiduidade e satisfação; a concorrência do público parecia anunciar lugar para novos espaços dedicados à diversão, e acredita-se que não haveria a proposta de inauguração de um novo cinema se não houvesse um mercado consumidor em potencial.

A inauguração de um outro cinema, Cine Ideal, foi anunciada¹⁶⁸ pelo jornal Cataguazes de uma forma inusitada. A matéria questionava o atraso na inauguração do cinema, provocado pela burocracia advinda do código de posturas do município¹⁶⁹. Para o periódico, a exigência de readequação do prédio e de apresentação de uma planta do imóvel destoava da realidade dos outros empreendimentos da cidade.

A matéria, apesar de não ser assinada, deixava subentendido um jogo de interesses em relação à abertura do Cine Ideal, criticando a atuação pública, que fez valer o código de posturas para esse estabelecimento específico, em detrimento das mesmas exigências a outros. O progresso desejado para a sociedade cataguasense parecia se relacionar com documentos

¹⁶⁰ Cataguazes, 24 mar. 1918, p. 1.

¹⁶¹ Cataguazes, 14 abr. 1912, p. 2.

¹⁶² Cataguazes, 22 set. 1912, p. 2.

¹⁶³ Localizado ao lado do Hotel do Commercio.

¹⁶⁴ Nos jornais, não foram encontradas mais notícias sobre o Cinema Avenida; acredita-se que ele não tenha logrado êxito.

¹⁶⁵ Cataguazes, 03 nov. 1912, p. 1.

¹⁶⁶ Cataguazes, 06 abr. 1913, p. 2.

¹⁶⁷ Cataguazes, 12 jan. 1912, p. 1.

¹⁶⁸ Cataguazes, 30 mar. 1913, p. 1.

¹⁶⁹ Documento não encontrado para a pesquisa.

públicos reconhecidamente importantes para a organização da cidade, mas que eram utilizados ou passavam a vigorar em contextos específicos, nos quais cabia analisar a quais interesses os códigos atenderiam:

O estatuto nas posturas é uma medida de prudência salutar e justa, e si, essa disposição fosse invariavelmente aplicada em todos os tempos, casas de diversões existentes no município, o proprietário do novo cinema, bem como nós público em geral, nada teríamos a objetar ante a exigência da administração municipal, pois veríamos todos, nessa prática uniforme, uma prova de respeito à lei e o interesse pelo bem estar e segurança dos frequentadores de cinemas e demais casas de espetáculos. (CATAGUAZES, 30 mar. 1913, p. 1.).

O atendimento ao código de posturas e a demora na entrega de materiais¹⁷⁰ atrasaram o início¹⁷¹ das atividades do Cine Ideal; mesmo assim, segundo o jornal, o estabelecimento abriu as portas ao público exibindo filmes e apresentação da filarmônica. Nessa data, as entradas e saídas do prédio foram insuficientes, assim como o salão, “para conter extraordinário número de espectadores” (CATAGUAZES, 11 maio 1913, p. 1). A inauguração ocorreu um mês após esse evento, em primeiro de junho de 1913 (CATAGUAZES, 01 jun. 1913, p. 2).

O mercado de entretenimento em Cataguases sinalizava expansão, ampliação da concorrência e do comércio de diversões. A abertura de novos cinematógrafos e o número significativo de notícias referentes a essa diversão validavam o cinema como uma das atrações modernas apreciadas pelos/pelas cataguasenses, que acompanhavam no jornal a programação de dois cinematógrafos¹⁷².

No Ideal, teremos hoje magnifico programma e no próximo sábado 28, estreia o sexteto sob a regência do maestro Antonio Tindó. No Recreio, haverá hoje exhibição de um soberbo programma. Os programas desta casa de diversões, anunciam para breve o grande film Quo Vades? (CATAGUAZES, 22 jun. 1913, p. 2).

É interessante notar que, para ambos os programas a serem exibidos naquele dia, foram adotados os adjetivos “magnífica” e “soberba” como definidores das exhibições, sem a preocupação de identificar que programação seria essa. Entretanto, como o programa futuro fora devidamente nominado, infere-se que o formato tenha sido adotado com vistas a instigar,

¹⁷⁰ Cataguazes, 11 maio 1913, p. 1.

¹⁷¹ Cataguazes, 01 jun. 1913, p. 2.

¹⁷² Cataguazes, 22 jun. 1913, p. 2.

convidar os espectadores, uma vez que, provavelmente, o público do dia já tivesse garantido suas entradas.

Mesmo com um novo cinema na cidade, o Cinema Recreio manteve-se como referência, lidando com questionamentos em relação ao sistema de cobranças e transmissão de filmes, conforme carta enviada ao jornal e publicada:

Por que razão o empresário do Cinema Recreio organiza para os domingos e dias Santos, programas com fitas repetidas e ordinárias? Porque a concorrência é certa por falta de outras diversões e neste caso só quem aguenta com as consequências são os empregados do commercio e os operários, que só podem frequentar o Cinema nesses dias. O sr. Paschoal que prima em ser agradável e atencioso não podia melhorar pelo menos os programas de Domingo que é o dia que a caixeirada se vê obrigada a lhe levar invariavelmente os seus 800 reis de uma cadeira? Os caixeiros sr. Paschoal, gostam do que é bom. Cataguazes, 9 de agosto de 1913. José A de Oliveira. (CATAGUAZES, 10 ago. 1913, p. 5).

A busca pelos jornais revela que a carta não obteve resposta, pelo menos até abril de 1914¹⁷³. É interessante perceber que, apesar de o Cinema Ideal também estar em funcionamento e com programação nos mesmos dias do Recreio, o autor da carta, falando pela categoria dos caixeiros, dos trabalhadores do comércio e operários, não se refere a ele.

Cabe destacar que todo processo de modernização é um processo educacional que interfere na sociedade, modelando-a. Em relação ao assunto pautado na carta publicada pelo Cataguazes, Popinigis (2007) afirma que, após a instituição da República, os domingos e feriados eram os dias que os caixeiros destinavam aos deveres cívicos e religiosos. A conquista desse período de folga foi uma vitória importante, no entanto parece que os patrões tentavam controlar o uso desse tempo livre dos seus empregados, desestimulando sua utilização para a diversão.

Para Popinigis (2007), o lugar dos caixeiros, na sociedade do início do século XX, afrontava a elite, pois, embora investissem esforços para seguir a moda e aprender os comportamentos “corretos”, eles falavam errado, frequentavam os prostíbulos e não as pensões com belas moças, gastavam dinheiro em bebedeiras e frequentavam os cinemas. A convivência entre classes expunha desigualdades e provocava tensões sociais.

Tal percepção aguça os sentidos na busca de melhor compreender a frequência aos cinemas em Cataguases, a presença de uma elite majoritariamente dominante, trazida por

¹⁷³ Os jornais de abril de 1914 a dezembro de 1915 não foram localizados.

autores que estudaram a cidade (MELLO, 2014; PIMENTA, 2010), contrasta com as notícias do jornal, que indicam a presença de uma classe burguesa, de caixeiros, domésticas e de uma classe operária, compartilhando o espaço do cinema. Parece pertinente salientar que a convivência não se dá no âmbito da presença simultânea de elite, burguesia e operários no mesmo espaço, sempre. A notícia acima indica a existência de um dia destinado à diversão das classes menos favorecidas, o domingo. Como sinaliza Popinigis (2007), os espaços de diversão serviram para forjar uma experiência igualitária para todos e todas, a qual, na realidade, nunca foi ou será homogênea.

Outra questão que merece destaque na matéria é a reclamação referente à falta de diversão. Analisando as páginas do jornal Cataguazes, percebe-se que os circos, os teatros, as *soirées*, os esportes, os bailes, os concertos de música e outras práticas de diversão comerciais continuavam se fazendo presentes na cidade. Dessa forma, entende-se que, possivelmente, as outras diversões existentes não agradavam tal público ou este estava cada vez mais atraído pela novidade representada pelo cinema, a ponto de considerar essa diversão moderna como mais interessante que as demais e de reclamar da qualidade dos filmes exibidos pela imprensa.

O preço de 800\$ (oitocentos réis), pago pela cadeira no Cinema Recreio, não parece ser o atrativo para a preferência por essa diversão, uma vez que se tratava de um valor significativo, se comparado a preços praticados em Cataguazes, no mesmo período: uma passagem de bonde urbano 100\$ (cem réis); o exemplar do jornal Cataguazes, 200\$ (duzentos réis); uma caixa de pó de arroz 500\$ (quinhentos réis); um par de meias para senhoras 600\$ (seiscentos réis); o metro do *brin* 1\$500 (mil e quinhentos réis); um vidro de brilhantina 2\$000 (dois mil réis) e um chapéu de palha 2\$500 (dois mil e quinhentos réis).

As notícias jornalísticas dão a entender que o Recreio parecia ser o espaço de cinema preferido pelos/pelas cataguasenses, dessa forma é possível supor que o desejo de consumo de diversões incluía o acesso àquele ambiente e, por isso, o conteúdo da carta tenha sido endereçado ao seu proprietário.

Uma notícia que remete ao desabamento no Teatro Recreio, já abordado anteriormente, auxilia na compreensão da importância do cinema que funcionava no mesmo espaço, naquele momento, para a cidade:

Desde o desabamento da parte do Theatro que a cidade está sem o seu divertimento predileto: o cinema, D'ahi, o se tornar mais despovoado o estirão tedioso destas noites sem relevo e frívolas, em que se não encontra nesta terra uma única diversão.

D'ahi, um estado d'alma amargo e menos indulgente com que se encaram homens e cousas. E o agravam ainda as companhias de cavallinhos que aqui

aparecem e lá se vão, sem uma nota mais intensa a espicaçar a nossa curiosidade enervada.

Talvez se explique por isso o estado de espírito da cidade, agreste, rabugento. - Felizmente, mais trinta dias, e o Cinema ahi estará a nos dar na sua adjetivação hyberbólica, films colossais, sensacionais, intensamente dramatizados ou alegremente cômicos. A reconstrução do Theatro terminará ainda este mez e se iniciarão as sessões – sob o cuidado atento dos esforçado sr. Augusto Cunha. Venha o Cinema para nós salvar do tédio. (CATAGUAZES, 14 jun. 1916, p. 1).

Pela narrativa, é possível inferir que, naquele contexto, o/a cataguasense via o cinema como diversão favorita. Apesar de o relato dar ênfase ao tédio noturno, cabe ressaltar que notícias acerca de bailes, concertos de músicas, eventos esportivos, circos e festas religiosas seguiram sendo publicadas nos jornais, sinalizando que havia outras possibilidades de diversão.

A própria matéria fala de outra diversão, ao apontar “as companhias de cavalinhos que aqui aparecem”. As questões levantadas pelo articulista parecem dialogar com o caráter fixo do cinematógrafo, no qual a estrutura permanece imutável e perene, alterando-se as fitas para exibição, o que lhe dava ares de um apelo em prol da diversão, que poderia ser acessada de maneira constante. Segundo a matéria, a salvação para o tédio¹⁷⁴ cataguasense seria a reinauguração¹⁷⁵ do Cinema Recreio.

O tédio causado pela falta do cinema pôde ser rapidamente resolvido com a inauguração¹⁷⁶ de mais um espaço, o confortável Elite-Cine, de propriedade de Agenor Barros. Segundo as matérias jornalísticas, o estabelecimento tinha uma frequência regular e oferecia programas “chiques e atraentes”¹⁷⁷. Além da projeção de filmes, foram localizados anúncios de apresentação de ilusionistas, de uma sonâmbula vagando no ar, de atos de cabaré, de orquestras e projeções de filmes.

O Elite Cinema foi o principal concorrente do Cinema Recreio em 1916. As informações jornalísticas publicadas a respeito dele mostram que, além de ter sido o primeiro na exibição de filmes de grandes empresas como a Universal¹⁷⁸, como “O Paraíso das Mentiras”, foi pioneiro na instalação de ventiladores¹⁷⁹. A concorrência parece ter sido sentida, pois o Cinema Recreio,

¹⁷⁴ Cabe destacar que, durante o período de análise desta tese, a inauguração dos espaços de diversão era divulgada nos jornais e, raras vezes, o encerramento das atividades era noticiado. Períodos com ausência de notícias, propagandas ou programação de determinado estabelecimento foram entendidos como o fim do negócio.

¹⁷⁵ Cataguazes, 30 jul. 1916; p. 1.

¹⁷⁶ Cataguazes, 09 jul. 1916, p. 2.

¹⁷⁷ Cataguazes, 27 ago. 1916, p. 2.

¹⁷⁸ Cataguazes, 24 set. 1916, p. 2.

¹⁷⁹ Cataguazes, 01 out. 1916, p. 1.

vinte dias depois da exibição do filme da Universal no Elite, anunciava no jornal o filme *Os filhos dos Immortaes*, da mesma empresa.

A modernização foi influenciando, também, a forma de publicação no jornal Cataguazes. A partir de quinze de outubro de 1916 (mil, novecentos e dezesseis), as diversões passaram a contar com uma sessão própria para anunciar as atividades. Naquele dia, por exemplo, aconteceria a apresentação de Lyra Cataguazense, que tocaria no drama *Semelhança Sinistra* no Elite Cine, enquanto o Cinema Recreio anunciava a fita da Universal *Os filhos dos Immortaes*, além da apresentação do Circo de Minas¹⁸⁰.

A concorrência entre os cinemas Elite e Recreio durou aproximadamente um ano. Passado esse período, eles foram unificados e a empresa Cunha e Barros passou a administrar o empreendimento, que manteve o nome de Cinema Recreio. O Jornal¹⁸¹ relatou que os/as cataguasenses receberam a notícia com desconfiança, pois o Elite parecia estar agradando ao público. As narrativas jornalísticas demonstram que os filmes exibidos após a união dos cinemas não estariam à altura “da inteligente plateia cataguasense” (CATAGUAZES, 12 fev. 1917, p. 2), ou seja, a falta de concorrência empobreceu o serviço.

Diante da queixa do público, o Cataguazes¹⁸² relatou que a equipe de reportagem fora buscar esclarecimentos sobre a qualidade dos serviços prestados pela Empresa Cunha e Barros e obteve como resposta dos empresários que o Recreio tinha contrato com todas as principais fábricas de filmes, mas que os produtores tinham má vontade em atendê-los. Como as produtoras faziam muitas imposições, os administradores resolveram dispensar por um tempo algumas delas, a fim de “provar que poderíamos passar perfeitamente sem o auxílio de taes fabricantes” (CATAGUAZES, 11 fev. 1917, p. 2). Diante da insatisfação do público relatada pelo jornal, a empresa reviu sua posição e os/as cataguasenses voltaram a assistir às melhores fitas¹⁸³.

A publicação da reclamação surtiu efeito. Notícias posteriores confirmavam a melhoria no atendimento e destacavam que a resposta do público se deu com “enchentes continuadas” de público para prestigiar os filmes projetados, uma vez que os atores traziam à plateia “hillariedade constante, provocando aplausos seguidos e demorados” (CATAGUAZES, 13 maio 1917, p. 2).

¹⁸⁰ Cataguazes, 15 out. 1916, p. 2.

¹⁸¹ Cataguazes, 11 fev. 1917, p. 2.

¹⁸² Cataguazes, 11 fev. 1917, p. 2.

¹⁸³ O fato foi ressaltado como cumprido no Cataguazes de 18 mar. 1917, p. 2.

Naquele contexto, as opções de entretenimento iam sendo ampliadas e o jornal especializava a sessão denominada “Diversões”, a qual era responsável por divulgar as opções de entretenimento disponíveis na cidade. Nela chama atenção, também, o destaque que vinha sendo dado às práticas de esporte. O basquete e o futebol eram os mais citados e pareciam conquistar espaço entre as diversões¹⁸⁴. Tal popularidade levou o jornal Cataguazes a criar, também, a seção “Sports”¹⁸⁵.

Ao destinar um espaço próprio para a divulgação dos esportes e das diversões, o jornal Cataguazes sinalizava que tais práticas tinham características diferentes, eram realizadas em espaços próprios, com dinâmica, comportamentos e representações específicas. É possível perceber que o veículo de comunicação procurava situar as práticas de diversão de acordo com o que era considerado mais próximo, visto que não foram localizadas notícias que atrelavam o esporte a outra diversão, contrapondo o caráter de aproximação entre cinema, teatro e circo.

Estreou domingo último, o Circo Cinema Pinheiro, obtendo uma enchente formidável. Tanto as fitas cinematográficas como os demais trabalhos, têm sido bastante admirados. Hontem tivemos mais um esplendido espetáculo e para hoje teremos variadíssimo programma. Todos ao circo! (Cataguazes, 04 maio 1913, p. 1).

Um certo tensionamento entre as diversões é explicitado no jornal em vários momentos. A notícia acima ajuíza um posicionamento positivo em relação ao circo e aponta, claramente, a mescla entre o tradicionalismo da arte circense, apresentado em variados programas, e a modernidade das fitas cinematográficas, diálogos possíveis visto que tais práticas já coexistiam e chegavam a compartilhar os mesmos espaços.

É interessante perceber que o discurso jornalístico usado ao retratar o circo e o cinema adotava uma linguagem que tinha significado para a realidade local, A utilização do termo “uma enchente formidável”, referência empregada em outras notícias lidas, adjetiva a plateia com uma expressão presente no dia a dia da cidade. Cataguases, desde sua fundação, sofre com as enchentes causadas pelo somatório das condições do relevo da cidade e a proximidade das casas e ruas com o rio Pomba e o ribeirão Meia Pataca. Assim, com a devida licença poética, o/a jornalista trazia para as diversões da cidade uma adjetivação que remetia a um drama vivido sistematicamente pela população local.

¹⁸⁴ Por estarem elencados em outra coluna do jornal, optou-se em tratar os esportes como assunto do próximo capítulo.

¹⁸⁵ Cataguazes, 15 out. 1916, p. 2.

No contexto retratado, as “enchentes” de gente no circo poderiam ser associadas à presença do cinematógrafo, visto que o cinema parece ser a prática de diversão moderna mais requerida na primeira década do século XX, refletindo os anseios sociais, o progresso, mostrando o mundo em movimento, imitando a vida cotidiana, educando os corpos e a moral e anunciando novas práticas e tendências. Em contraponto, o circo era um lugar mal visto por uma parte da sociedade, para a qual nem mesmo a presença do cinematógrafo justificaria a frequência, pelo que indica a carta publicada no jornal Cataguazes, na qual a autora se referia às práticas de diversão da cidade e suas características peculiares:

O Circo

Não só a literatura e as belas artes, mas as diversões que procura o homem, cada vez mais preocupado com as dificuldades da vida, traduzem o estado intelectual e moral de um povo.

O teatro tem sido desde tempos immemoriaes, a lyra de ouro, onde perpassam todas harmonias da arte, o prisma onde se transfundem desde a mais delicada expressão emocional até os mais elevados surtos da imaginação opulenta e grandiosa. Tem decaído, entretanto, como todas as invenções maravilhosas, com o aparecimento do cinematographo: rival poderoso, já conta inúmeros apreciadores, dando nota intensas de elegância e bom gosto. É hoje o divertimento favorito; demora pouco, deve ser uma escola de moral e sciencia, todavia força é confessar que, salvo raras excepções tem sido uma escola de crimes e perversões. **O circo, porém, nada traduz, nada exprime.** Exercícios acrobáticos e mímicos onde não se percebe a menor vibração da arte que eleva, inspira e dignifica. Perambulando de cidade em cidade, de villa em villa, o elenco nada leva em “reprise” constante. Os personagens, sofrendo a nociva influência da vida boehemia, sem nenhum cultivo social e intelectual, seus cavalos magríssimos, quaes rocinantes, apar das taboinhas estreitas, em que se accomoda o povo, tornam insupportável esse gênero de diversão.

Si bem que grotesco tem seus apreciadores nas classes menos favorecidos da instrucção, o que não impede que pessoas ilustradas apreciem os riscos e os azares de envolta com as inspidas pilherias do sarapintado palhaço.

Escola Normal de Cataguazes, 20/10/1916; Maria da Conceição de Souza Lima¹⁸⁶ (CATAGUAZES, 22 out. 1916, p. 2, grifo da autora).

Nas palavras de Maria da Conceição, entende-se que a moral, a distinção cultural e até mesmo de classe se faziam presentes na escolha das práticas de diversão. Vê-se o teatro registrado como uma diversão clássica, na qual arte e emoção se misturavam, dando-lhe certa superioridade, na opinião da autora, que não lhe fez nenhum senão, exceto pelo registro da decadência provocada pela inovação, representada pelo cinematógrafo. Este foi digno de reconhecimento, em especial pela inovação que representava, ao mesmo tempo em que recebeu o crivo de ser, predominantemente, “uma escola de crimes e perversões”. Já o circo foi

¹⁸⁶ As pesquisas não revelaram qual era a relação entre Maria da Conceição de Souza Lima e a Escola Normal.

caracterizado como aquele que “nada traduz, nada exprime”, seguido de diversos julgamentos depreciadores dirigidos ao espetáculo, aos/às artistas e ao público frequentador.

Tais julgamentos reforçam a tendência, presente à época e perpetuada até os dias atuais, de classificar as diversões. Gomes (2010) auxilia na reflexão acerca dessa tendência ao afirmar que o lazer envolve práticas sociais vivenciadas de maneiras diversas e com significados singulares para as pessoas que as usufruem, em tempos e espaços sociais específicos. Tais manifestações, histórica, social e culturalmente situadas, dizem respeito a práticas que fazem parte da cultura de cada pessoa, de cada grupo, de cada povo, assumindo significados diversos, que variam em cada tempo/espaço social/contexto em que acontecem e do que representam para as pessoas, para os grupos sociais, para as instituições e para as sociedades que as praticam.

No caso da Cataguases do início do século XX, a reunião de espetáculos diversos parecia representar uma opção considerada pela população, tendo em vista que, esporadicamente, eram noticiados pelo jornal, geralmente integrando uma sessão de cinematógrafo e uma apresentação artística. Em alguns anúncios de atrações conjuntas, a exemplo do publicado em 23 (vinte e três) de junho de 1918 (mil, novecentos e dezoito)¹⁸⁷, aparece a informação da presença ou ausência do cinematógrafo e a intenção do impresso de influenciar o comportamento do possível público: por exemplo, este enfatizou que a companhia de variedades Santos e Silva estava sendo recebida com frieza e indiferença pelo público das outras cidades e que o público de Cataguases agiria diferente.

Explicitamente, o jornal buscou influenciar o comportamento do público. A forma de se comportar da população de uma cidade revelava a polidez e a civilidade de seu povo, portanto frieza e indiferença não seriam atitudes adequadas aos/às moradores/as da Cataguases moderna e progressista, uma vez que imagem de cidade avançada poderia ser comprometida com atitudes espontâneas que revelassem o desagrado em relação ao espetáculo, enquanto o controle e os padrões de comportamento garantiriam elogios ao público e à cidade, reificando a imagem desejada da cidade.

No período em questão (1918-1919), a dinâmica social citadina sofreu alteração. A sociedade cataguasense, assim como ocorreu em praticamente todo o mundo, foi afetada pela gripe espanhola¹⁸⁸. Henriques (2006) afirma que, no início, houve uma negação da epidemia na cidade. Quando, em outubro de 1918, foram anunciados os primeiros casos e o dia a dia de Cataguases continuou normalmente, os comércios mantinham suas atividades, os trens de

¹⁸⁷ Cataguazes; 23 jun. 1918, p. 2.

passageiros e cargas faziam os trânsitos costumeiros e o Cinema Recreio seguia com a programação de diversões noturnas.

No entanto, em novembro, a gripe fez sua primeira vítima na cidade e, a partir de então, os comércios começaram a fechar as portas, as escolas suspenderam as aulas, o medo e o caos se instalaram. Segundo Henriques (2006), “os espetáculos rotineiros no Cine Teatro Recreio, que anteriormente fora mencionado como sinal da normalidade com que a cidade reagia à epidemia, foram temporariamente interrompidos” (p. 632). Corroborando o que diz o autor, percebe-se que as diversões ficaram dois meses, aproximadamente, com número reduzido de eventos sendo noticiados pelo jornal.

O Cinema Recreio só foi reaberto após a desinfecção de todo o edifício, o que visava garantir a higiene e salubridade e liberar a frequência de público. O Cataguazes de 05 (cinco) de janeiro de 1919 (mil, novecentos e dezenove) já divulgava que a gripe não atrapalhou a retomada das atividades do Cinema Recreio, as “enchentes de gente” continuavam e “nem a chuva atrapalhava a casa cheia” (p. 1), todos queriam assistir à apresentação “dos Lusos”, que ocorreu após um grande temporal ter assolado a cidade.

Entretanto, percebe-se alteração na forma de divulgação das notícias sobre o Cinema Recreio no pós-gripe. O jornal passou a dar notoriedade às comparações entre os filmes que seriam exibidos na cidade e à repercussão obtida por eles no Rio de Janeiro¹⁸⁹. O fato de um filme – por exemplo, *Os decentes de Eva* – ter feito sucesso no Cinema Parisiense, daquela cidade, possivelmente potencializava a frequência dos/das cataguasenses ao cinema, visto que, segundo matéria jornalística, aquela casa “só passa filmes novos e de sucesso”. O marketing rendeu uma parceria entre o Parisiense e o Cinema Recreio. A partir de então, não bastava mais anunciar as fitas pelo nome, com pequenos resumos; portanto, passou-se a inserir, além da menção ao cinema parceiro, o nome da produtora¹⁹⁰.

Além dessas mudanças, as matérias revelam que o oferecimento de balcões e cadeiras na mesma sessão de cinema passou a ser insuficiente para o atendimento ao público. Assim, com vistas a sanar a dificuldade e ampliar a audiência, foi anunciada a criação da “Sessão Elegante”¹⁹¹, na qual seriam projetados filmes “de linha”, uma vez por semana. Apesar de a notícia ter sido divulgada em abril de 1919, não foi localizada mais nenhuma menção em relação à referida sessão, não sendo possível saber se ela foi implementada, se foi incorporada ao programa rotineiro sem ser especificada nos anúncios ou se foi abortada após a reorganização

¹⁸⁹ Cataguazes, 19 out. 1919, p. 2; Cataguazes, 27 abr. 1919, p. 2; Cataguazes, 16 mar. 1919, p. 1.

¹⁹⁰ Cataguazes, 27 abr. 1919, p. 2.

¹⁹¹ Cataguazes, 06 abr. 1919, p. 1.

de gestão, na qual a sociedade Cunha e Barros foi desfeita, ficando apenas Augusto Cunha na condução do cinema.

A mudança referida foi anunciada em outubro de 1919, quando o jornal publicou o agradecimento de Agenor à parceria e o desejo de sucesso para o Recreio, expressando os anseios de que ela se mantivesse como “uma casa de diversões à altura de Cataguazes”¹⁹².

Apesar de os exemplares dos jornais publicados entre os anos de 1920 e 1926 não terem sido localizados, é possível trazer algumas inferências sobre esse período, a partir da leitura de outros materiais produzidos sobre a cidade. Uma dessas inferências permite afirmar que o Cinema Recreio manteve atividade constante ao longo do período e que filmes de qualidade e bom gosto continuaram a ser projetados.

De acordo com Almanack (n.d.), os empresários do Cinema Recreio fizeram uma parceria com o Éden Cinema¹⁹³ para juntos adquirirem contratos de exibição de fitas alemãs, francesas, americanas, da Paramount, da Fox, da Universal, da Gatimont, entre outras. Tal parceria reiterou o discurso de oferecimento das melhores exibições, da elegância do cinema e o repertório da orquestra foi assinalado como moderno e seletivo.

O favoritismo alcançado por filmes de grandes produtoras internacionais, como a Fox, a Universal e a Paramount, trazia para o interior do Brasil uma nova visão do mundo, de hábitos e de costumes. Lino (2009) destaca que tais hábitos e costumes se imbricavam entre a lógica de transição da urbanização das cidades e o reflexo de superioridade trazido pela cena estrangeira.

Um reflexo dessa formação de hábitos pode estar ilustrado em uma queixa referente a hábitos e comportamentos tidos como inapropriados ao cinema relatados por Almanack (n.d.), em um pedido feito aos empresários da área: “Baixem os simpáticos empresários um decreto proibindo fumar no cinema. Não há lugar culto em que se não observe tal proibição. O mais vai bem: belos programas. Ótima orquestra, projeção nítida *et tutti quanti*... Assinado Cigarrofóbico” (ALMANACK, n.d., p. 50)”

Registradas essas breves referências ao período, é na retomada dos exemplares do jornal Cataguases, em 1926, que aparece a menção à recente atividade iniciada pela “Phebo Sul America Film”, a qual se destacou no desenvolvimento do cinema em Cataguases, tema do próximo tópico deste estudo.

¹⁹² Cataguazes, 05 out. 1919, p. 2.

¹⁹³ Não foi possível localizar mais informações sobre este Cinema. Parece que foi fundado no período sobre o qual não se obteve acesso em jornais, além de a literatura consultada pouco ter se referido a esse espaço.

2.2.1 Cataguases e produção cinematográfica nacional

Segundo Cordeiro e Toutain (2010), o Brasil passou por três momentos relevantes nas origens do cinema nacional: o primeiro, no nascedouro dessa diversão, compreendendo o período de 1896 a 1912; na sequência, entre os anos 1912 e 1922; e um terceiro período, que foi de 1923 a 1933.

Já para Vilseki (2014), o primeiro período do cinema nacional denominado como Bela Época ocorreu de 1907 a 1911, mais focalizado no Rio de Janeiro. Esse momento representou o início da constituição de uma tríade baseada na produção, na exibição e no público. Foram produzidos filmes baseados em fatos (crimes reais); filmes falados, em que os atores interpretavam os textos acompanhando a projeção na tela; e filmes-revista, baseados em revistas de fim de ano que faziam retrospectiva dos marcos do ano que passara.

O segundo ciclo mencionado por Vilseki (1914) foi marcado pela descentralização da produção cinematográfica. Durante o período compreendido entre as décadas de 1910 e 1920, o ciclo teve grande relevância para Cataguases, por incluir os ciclos regionais que foram registrados em cidades brasileiras onde houve movimentação, no sentido de produzir filmes fora do núcleo do Rio de Janeiro e de São Paulo. Destacaram-se, além de Cataguases, cidades como Pouso Alegre, Guaranésia, Belo Horizonte, Campinas, Recife, Porto Alegre e Pelotas.

Esse processo iniciou-se quando a cidade de Pouso Alegre se destacou por um documentário produzido por Francisco de Almeida Fleming; Guaranésia apresentou uma produção de documentário que revelou os irmãos Carlos e Américo Masotti; Belo Horizonte agregou o pioneirismo de Igino Bonfioli, que produziu um longa-metragem; e Cataguases se tornou expoente do cinema nacional graças às produções de Humberto Mauro (VILSEKI, 2014).

Segundo Gomes (n.d.), foram produzidos muitos filmes mudos no Brasil nos anos de 1920, pois o negativo era barato e simples de ser revelado. Em Minas Gerais, nas cidades que se destacaram na cinematografia, os cineastas produziam filmes como mera atividade comercial. O valor do produto era estritamente focado no retorno financeiro deste, e a atuação era praticamente isolada nas cidades, sem compartilhamento de informações ou mesmo se conhecerem. Os jornais e revistas eram as formas mais comuns de divulgação dos trabalhos desenvolvidos, isso quando as notícias chegavam às páginas dos jornais e quando os jornais extrapolavam os muros da própria cidade.

Foi nesse contexto que começaram a surgir as revistas especializadas e os/as críticos/as em cinema. Destacam-se Pedro Lima na Revista Selecta, Adhemar Gonzaga em Para Todos e, mais tarde, ambos escrevendo para a Revista Cinearte. Isso possibilitou a circulação de notícias sobre a produção cinematográfica no Brasil e no mundo. Vilseki (2014) ressalta que a tendência inicial entre os críticos da época era de enaltecer a produção estrangeira e avaliar com desdém a produção nacional.

Entretanto, segundo Schvarzman (2011), nos anos de 1920 os escritores Adhemar Gonzaga, da revista Para todos e Pedro Lima, da Selecta, impulsionavam a produção nacional com campanhas que objetivavam desenvolver o cinema brasileiro e, através dos seus escritos, direcionavam o material que deveria ser veiculado nas telas:

Modernização, urbanização, juventude e riqueza, evitando o típico, o exótico e sobretudo a pobreza e a presença de negros e trabalhadores. As mulheres deveriam ser bonitas e sensuais, com isso subentendendo-se que se deveria evitar atrizes com traços considerados exóticos, isto é, mestiças ou negras. (SCHVARZMAN, 2011, p. 3).

A força ideológica e conservadora das classes dominantes tentava controlar o cinema, conforme é possível perceber na citação acima. Para Bernadet (1985), além dessas interferências, o aspecto comercial, as cópias, a imagem que se tornava mercadoria, tudo isso fazia com que, aos poucos, no lugar de contar estórias e mostrar fatos, os filmes fossem pensados para atender ao projeto da sociedade, no qual vigoravam: a eugenia, a educação conservadora, a cultura elitista, a moral e a civilidade.

Apesar dessa pressão, o terceiro ciclo dessa fase (1923 e 1933) foi marcado por uma evolução quantitativa e qualitativa da produção nacional, uma maior diversificação nas temáticas exibidas e uma expansão no território nacional, alcançando os estados de Pernambuco, Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais, com, aproximadamente, 120 (cento e vinte) filmes produzidos (STECZ, 2014).

Tendo presente que a divisão do período em ciclos não é rigorosa em relação aos anos iniciais e finais, foca-se, nesta tese, no período mais significativo para o cinema em Cataguases, o qual se iniciou na década de 1920 e, que através das produções cinematográficas, revelou Edgar Brasil e reforçou o pioneirismo de Humberto Mauro, dois grandes nomes do cinema nacional.

O uso de tecnologias avançadas para a época, a cultura modernista que dava ares na cidade, o consumo, a produção de arte e o gosto dos/das cataguasenses pelo cinema foram condições propícias para o desenvolvimento de uma indústria do entretenimento na cidade,

consequentemente, a *urbs* teve seu nome marcado na história do cinema nacional (GOMES, n.d.).

No viés econômico, o capital excedente oriundo da produção cafeeira e da indústria que vinha se firmando na cidade, a presença de estrangeiros, a proximidade com o Rio de Janeiro, a oferta de transporte ferroviário e a circulação de ideais progressistas legitimaram o desenvolvimento do cinema em Cataguases. Foram produzidos os filmes *Valadião o Cratera* (1925), *Na Primavera da Vida* (1926), *Thezouro Perdido* (1927), *Braza Dormida* (1928) e *Sangue Mineiro* (1929).

Apesar dessa crescente produção nacional, segundo Gomes (1974), 95% (noventa e cinco por cento) dos filmes exibidos no Brasil em 1925 (mil, novecentos e vinte e cinco) eram americanos. Não era diferente em Cataguases, onde os filmes americanos¹⁹⁴ também predominavam, seguidos dos franceses e dos alemães, que invadiam o mercado de entretenimento nacional e tinham lugar cativo no Cineteatro Recreio (GOMES, n.d.).

Uma das justificativas encontradas para a priorização dos cinemas por filmes estrangeiros dizia respeito ao fato de que as cópias que chegavam ao País já teriam tido suas despesas compensadas na reprodução no país de origem. Isso fazia com que o custo para exibição deles no Brasil fosse muito inferior ao da produção nacional, que precisava dar conta dos custos para, depois, gerar lucros (BERNADET, 1985).

Havia um clamor por uma indústria cinematográfica nacional, por entender-se que a possibilidade de desvinculação dos produtos americanos traria progresso, emancipação, e auxiliaria na coibição de comportamentos inapropriados para cataguasenses e brasileiros/as.

Humberto (...) vai dando um grande passo para nos irmos emancipando, dia a dia, da grande carga de fitas que do estrangeiro nos vêm, cooperando para a ruína das nossas finanças e da moral (...) fitas com motivos brasileiros, vasadas em moldes brasileiros, inspiradas em motivos brasileiros, merece aplauso de todos (...) (CATAGUAZES, 13 maio 1928, p. 1).

A produção de filmes nacionais dependia de incentivos para se afirmar no mercado. Os investimentos para tal produção eram escassos, a tecnologia, incipiente e o custo, muito alto. Poucas eram as iniciativas que desafiavam o produto internacional. No entanto, tais fatos não foram empecilhos para que Humberto Mauro lograsse êxito em sua aventura cinematográfica, no final da década de 1920. Ele foi um dos representantes nacionais que protagonizaram o

¹⁹⁴ O Jornal Cataguazes também trouxe diversas sinalizações que comprovam o predomínio dos filmes americanos na cidade. A notícia intitulada *Cinema Recreio*, de 07 nov. 1926, p. 2, traz a programação semanal do cinema e, também, explicita a preferência dos cataguasenses por filmes americanos.

pioneirismo brasileiro na produção de filmes, que culminou em corroborar com a disseminação da imagem nacional em construção e com a adoção de novos hábitos (TREVISAN, 2016).

Humberto Mauro¹⁹⁵ era um jovem eletricitista que morava em Cataguases e, de acordo com Gomes (1996), o seu destaque deveu-se mais à falta de conhecimento acerca dos filmes posados¹⁹⁶, que estavam sendo produzidos na época, do que a sua habilidade e técnica para filmagens. Entre os seus interesses, a arte da fotografia que empreendida por Pedro Comello, um imigrante italiano que residia na cidade e se dedicava às fotos¹⁹⁷, aproximando-os.

A parceria estabelecida a partir dessa aproximação levou-os a se interessarem pela produção cinematográfica, até que, em 1925, Pedro Comello e Humberto Mauro aventuraram-se na produção de filmes. Gomes (n.d.) relata que a dupla utilizou uma filmadora Pathé-baby, um aparelho caseiro que permitia registros cotidianos de paisagens, de famílias e de festas. Foi com esse instrumento que a atuação de três pessoas¹⁹⁸ foi registrada, resultando no filme *Valadião o Cratera*. Com a fotografia de Pedro Comello e a direção de Humberto Mauro, pessoas comuns atuaram como atores e atrizes para a produção da obra, que teve circulação restrita ao núcleo familiar. Pelas buscas empreendidas e segundo Gomes (n.d.), não há mais registros do filme produzido.

A experiência adquirida com a produção do filme *Valadião o Cratera* levou Humberto Mauro e Pedro Comello a se unirem a um comerciante local, Homero Cortes Domingues, com o intuito de formalizarem ações em prol da produção de filmes, dando origem à empresa de filmagens Phebo Sul America Film. Ainda em 1925, Agenor Cortes de Barros¹⁹⁹ se associou a eles.

O nome da então nova empresa cataguasense Phebo Sul America Film²⁰⁰ pode ter representado uma tentativa de dar ares de modernidade ao empreendimento e, ao mesmo tempo, buscar uma aproximação, mesmo que inicialmente limitada ao uso do nome, com a cultura americana. Naquele momento histórico, o cinema, como mercadoria, era pautado na produção para exportação, em enredos hollywoodianos e em negócios internacionais. Tal hipótese se sustenta, também, pelo fato de, em 1927, a empresa ter mudado o nome, passando a chamar-se

¹⁹⁵ Humberto Mauro nasceu em Volta Grande em 1897 e se mudou para Cataguases em 1910.

¹⁹⁶ Filmes de ficção produzidos no Brasil no início do século XX (GOMES, 1996).

¹⁹⁷ Pedro Comello era proprietário da loja *Photo – Helios*, trabalhava oferecendo serviço de fotos, propagandas, filmes, entre outros (Cataguases, 27 fev. 1927, p. 2).

¹⁹⁸ Eva Nil, filha de Pedro; José Augusto Monteiro Barbosa, primo de Mauro; e Stephanio Georges Youness, comerciante de café (GOMES, n.d.).

¹⁹⁹ Presidente da Associação Comercial e futuro prefeito de Cataguases (GOMES, n.d.).

²⁰⁰ Não foram localizados estudos que tenham se atido a compreender o nome da empresa.

Phebo Brasil Film, com o propósito de, segundo Spini (2016), identificar-se com o País, em busca do mercado internacional.

A primeira tentativa de produção da ainda Phebo Sul América Film foi o longa-metragem *Três Irmãos*. Para tal, foi adquirida uma câmera Hernemann Alemã usada, mas de melhor qualidade. Apesar dos esforços dos proprietários, a produção não foi concluída, devido às dificuldades técnicas e financeiras (GOMES, n.d.).

No ano seguinte (1926), mais experiente, a empresa partiu para nova produção, desta vez do filme *Na Primavera da Vida*. O roteiro tinha uma narrativa simples e se passava em uma vila na qual havia uma indústria que produzia cachaça. A bebida estava sendo contrabandeada por um dos funcionários, namorado da filha do proprietário do estabelecimento, descoberto pelo engenheiro. Ao final de uma narrativa repleta de peripécias, o ladrão é desmascarado.

Com a perspectiva de êxito na produção, o filme passou a ser anunciado no Cataguazes²⁰¹, gerando expectativa na população para assistir a filmografia local, tanto que pequenas notas foram encontradas em grande parte dos jornais Cataguazes, de 1926.

Entre essas notas sobre a Phebo, destaca-se uma que revela um olhar apurado em relação à organização e aos negócios que envolviam a nova empresa criada na cidade.

Phebo Sul America Film de Cataguazes

(...) esforço de um grupo pioneiro de uma indústria nova, difícil e custosa (...) mais uma vez, o trabalho irmanado com o **capital**, vae nos dar um exemplo frisante do valor e da força resultantes destes dois poderosos elementos de progresso. Transpondo barreiras, dificuldades enormes que só um competente pode julgar, mas sempre com a fé nas próprias forças e no próprio ideal, dois pioneiros, solidamente amparados por outros dois **destemidos capitalistas** que visão mais o engrandecimento da pátria que os **lucros pecuniários**, organizaram a então Phebo Sul America Film. Com demorados estudos da matéria cinematográfica, sempre acompanhando de progressos dessa **indústria** (...) Eles concretizam assim, em absoluto, o expoente máximo nas possibilidades desta nova indústria, difícilíssima, mas incontestavelmente, um formidável **fator de progressão**. Estas possibilidades, por sua vez, se assentam sobre dois sólidos alicerces que garantem a **orientação comercial**, e, com isto, a marcha para frente. As dificuldades a vencer, são ainda grandes, mas, o que não deixa dúvidas, que a Empresa, pelos elementos de que compõe, terá num futuro bem próximo, quando de posse de uma eficiente instalação, uma victoria completa, para a qual, naturalmente, concorrerá o apoio de quantos amam Cataguases e a querem ver na vanguarda do progresso. Aos sócios da Phebo Sul America Film que modestamente, mas com afinco trabalham quase despercebidos, esta pequena referencia, não para reclame, mas com tributo da minha mais completa admiração por **empreendimento** que contribuirá diretamente com os seus efeitos para continua ascensão da nossa Pátria. - Jayme Pereira – (CATAGUAZES, 24 de jan. de 1926, p. 2, grifos da autora).

²⁰¹ Cataguazes, 24 jan. 1926, p. 1.

Parece notório que o autor valorizava a produção cinematográfica, iniciada na cidade, pelo potencial que via nela no mercado de produção e comercialização de entretenimento. A matéria reforça a constatação de que o estilo de vida moderno, padrão europeu, buscado pelos/pelas cataguasenses, circundava a melhoria das estruturas citadinas, a ampliação da oferta e da frequência às diversões (MELO, 2020).

Tendo presentes esses elementos, a notícia acima reconhece a nova indústria que despontava na cidade e a disponibilidade de capital, como elementos que marcavam o progresso da cidade. Entretanto, aponta que não bastava a iniciativa pioneira local se esta não contasse com investidores, ou seja, boas ideias não seriam suficientes sem o capital. O lucro era fator primordial para a orientação do comércio em torno dos filmes, o empreendimento se balizava mais no capital do que na cultura, sem deixar de focalizar a modelagem de comportamentos e a intenção de projetar a pátria ao mercado internacional.

Se, por um lado, o capital era condição *sine qua non* para o desenvolvimento da indústria do entretenimento, ele ainda não era o suficiente para aplacar a desconfiança e as dúvidas em relação às ousadias dos empreendedores, conforme indica o texto da época publicado por Almanack (n.d.). São apontados no texto a seguir e revelam o olhar crítico, a desconfiança em relação ao progresso, na produção dos filmes cataguasense e o estranhamento da população em relação aos filmes nacionais. A “roda” da indústria do entretenimento teria seu curso natural a partir do superávit gerado com a venda de ingressos para os filmes produzidos na cidade, a comercialização de fitas para outras cidades e o sucesso do filme – elementos que reforçavam a divulgação e enalteciam a produção *Na Primavera da Vida*.

Quem ousar afirmar que Cataguases não progride mente com quantos dentes tiver na boca. Aqui estou eu para desmentir as afirmações negativas dos derrotistas e desalentados que não tem coragem para iniciativas e **empreendimento**. Visitei ante ontem a sede da Phebo Sul America empresa recentemente **organizada para explorar a indústria da cinematografia, ou seja para o fábrica de filmes para o cinema**. Dignos de encomios sem dúvida, os chefes da Phebo senhores Agenor de Barros e Homero Cortes, dominados pelo elevado intuito de darem impulso a uma industrie nascente fadada a ser um bom cimento de **progresso do município** e do Estado puseram a disposição dos outros sócios Pedro Comello e Humberto Mauro os **capitales** precisos a montagem, a instalação e organização da futura empresa. Pedro Comello e Humberto Mauro socios da indústria e tecnicos da Phebo. estão já trabalhando na produção de uma fita denominada Na Primavera da Vida soberbo drama, cheio de grandes emoções e de trechos de palpitante realidade. Assisti do 2º acto do drama, que se desenrola em tres partes, que a gentileza dos dois sócios, quis projetar para mim, na tela, quinta de noite á noite o que deveras me sensibilizou. (...)

O drama está prestes a ser concluído, pois está em conclusão o 6º ato. Não há como louvar a **grande iniciativa dos empresários**, fundando nesta cidade uma **indústria artística** que vai dentro em pouco, atestar ao Estado e ao País que em **Cataguazes há espíritos empreendedores que não vacilam quando se trata do desenvolvimento, e do progresso desta urbs** maravilhosa que tem dado à Patria tantos homens ilustres que a honram e dignificam. No meu entender a Phebo Sul America Film, tem na sua frente um grande e brilhante futuro. Não nos faltam paisagens soberbas para cópia do natural; não nos faltam assuntos magestosos para filmagem não nos faltam belezas surpreendentes femininas que iluminem a tela com o brilho da sua formosura. Que nos falta, pois? Apenas um pouco de boavontade, de interesse da parte do grande público, de carinho, de auxílio, de desprendimento em prol da promissora empresa catague-zense. Gratos á gentileza dos srs. Pedro e Humberto. (ALMANACK, n.d., p. 35).

O articulista, além de dar destaque ao potencial da indústria cinematográfica para a cidade, enalteceu a importância que esta teria na história do país. A aparente descrença na novidade da produção de filmes nacionais poderia estar relacionada com a desconfiança do público, acostumado a assistir a filmes estrangeiros e a consumir cultura importada, principalmente a americana, como já ressaltava o jornal em 1919 (mil, novecentos e dezenove)²⁰².

A narrativa parece assumir o intuito de reduzir a desconfiança do público, ao contar que o segundo ato foi exibido e aprovado pelo escritor, apontando pequenos detalhes da trama para instigar o público a apoiar a empresa e a produção local.

Enquanto isso, anúncios “pipocavam” no jornal Cataguazes:

3 de março!!
 NO CINEMA RECREIO
A PHEBO SUL AMÉRICA FILM
 Exibirá a sua primeira produção
Na Primavera da Vida
 Drama em 6 partes (CATAGUAZES, 28 fev. 1926, p. 2).

Foi em meio a esse misto de expectativa e desconfiança que o filme *Na Primavera da Vida* foi exibido em Cataguases, no Cinema Recreio. As notícias posteriores permitem inferir que a curiosidade surtiu efeito, atraindo grande público, qualificado pelo jornal como “duas enchentes colossais na noite da estreia”²⁰³. A boa aceitação do filme fez com que ele fosse exibido também no Rio de Janeiro, em sessão especial, para Adhemar Gonzaga, diretor da Revista Cinearte, o qual, no entanto, criticou a falta de luxo e sofisticação (GOMES, n.d.) e o excesso de letreiros da fita (WERNECK, 2013).

²⁰² Cataguazes, 20 jun. 1919, p. 2.

²⁰³ Cataguazes, 07 mar. 1926, p. 1.

Naquele momento, os filmes nacionais exibidos ainda eram poucos, comparativamente ao elevado número de anúncios de fitas estrangeiras, e enfrentavam dificuldade de concorrer com eles, devido a aspectos como o apontado pelo crítico Adhemar Gonzaga em relação ao *Na Primavera da Vida*. Com o discurso de manutenção da qualidade da filmografia exibida aos/às cataguasenses, o preço da cadeira sofreria reajuste, passando a 3\$000 (CATAGUAZES, 17 abr. 1927, p. 2) e retornando ao valor habitual em primeiro de maio, com a justificativa de possibilitar o acesso de todos ao cinema; possivelmente, com os preços mais altos, a arrecadação foi menor e, dessa forma, os administradores do Recreio optaram por rever o preço.

Com o relativo sucesso da produção, em especial para os/as espectadores/as cataguasenses, a Phebo partiu para o terceiro investimento, o filme *Os Mistérios de São Mateus*. A impossibilidade de conclusão desse trabalho acabou provocando o afastamento de Pedro Comello da sociedade para, em parceria com a filha Eva Nill²⁰⁴, criar uma nova produtora na cidade, a Atlas Film, que, por sua vez, produziu um filme dramático denominado *Senhorita Agora Mesmo*, também exibido no Cinema Recreio e, mesmo com críticas intensas, no Rio de Janeiro.

Em matéria assinada por Rosário Fusco, o jornal Cataguazes trouxe as impressões sobre o filme *Senhorita Agora Mesmo*:

Filmezinho desprezioso esse curta metragem (...) Senhorita Agora Mesmo foi uma coisa muito afobada, muito depressinha demais. Longe de ironia, isso é bom e de uma boniteza gostosa (...) De ser qualquer coisa nesta terra especialmente agrícola, onde tanta gente se esforça para não ser coisa nenhuma (...) abaixo público algumas notinhas (...) Não gosto do desempenho do pessoal extra. Isso quer dizer que a escolha dos tipos foi muito mal feita e errada mesmo (...) Serviços de enquadramento péssimo, cenas rápidas demais, legenda inúteis (...) fotografia relativa (...) nada de original (...) cenas que não valem nem como cópia americana (...) Magnífico desempenho de Eva Nil(...) o filminho carece uma nova cópia feita em laboratório competente para melhorar um pouco a fotografia. Pense bem, Senhor Comelo, e siga o exemplo batuta da Phebo que tem, segundo notícias chegadas, que tem duas cópias de *Thesouro* trabalhadas e melhorada pelo laboratório Benedeti. (CATAGUAZES, 12 fev. 1928, p. 3).

Segundo a matéria acima, a empresa de Humberto Mauro tinha maior prestígio local. Contar com a ex-protagonista dos filmes da Phebo Eva Nil e a performance técnica de seu pai, Pedro Comelo, soaram insuficientes para o sucesso da Atlas Film e suas produções. Os julgamentos em relação ao filme e as críticas voltadas ao trabalho solo de Pedro Comello

²⁰⁴ Eva Nill era atriz.

avançaram por meses. O jornal Cataguazes trazia publicações nas quais apareciam sugestões acerca de qual deveria ser o caminho profissional de Pedro.

Em uma notícia assinada por Pedro Lima, intitulada *O melhor filme brasileiro de 1927*, o diretor da Cinearte trazia pontos de vistas sobre os filmes e diretores²⁰⁵ que concorreram com Humberto Mauro ao Medalhão de Bronze, oferecido pela revista. No primeiro parágrafo da matéria, o autor criticava a trabalho de Comello, indicando que só a parte fotográfica não daria conta de produzir bons filmes: “E Pedro Comello? O seu primeiro esforço como diretor foi *Senhorita Agora Mesmo*. Talvez seja preferível como operador, em que poderá fazer prodígios, pois o seu filme só tem fotografia”.

Diante das críticas, Pedro Comello desistiu da carreira solo de cineasta e, mesmo não retomando a sociedade na Phebo, passou a trabalhar com Humberto Mauro na produção do longa-metragem ganhador do Medalhão de Bronze *Thezouro Perdido*.

Com a transformação da Phebo Sul America Film em Phebo Brasil Film, em 1927, a empresa abriu capital, possibilitando o investimento de acionistas²⁰⁶. Segundo Werneck (2013), a direção da empresa passou a ter como presidente Agenor Cortes de Barros; secretário, Homero Cortes Domingues; diretor técnico, Humberto Mauro, o único assalariado e primeiro cineasta a ter carteira assinada no Brasil.

O filme *Thezouro Perdido* (1927), com uma hora e vinte minutos de duração, teve fotografia de Bruno Mauro e Pedro Comello. Foi o terceiro filme produzido por Humberto Mauro, e recebeu destaques pela criatividade e capacidade inventiva:

Mauro já demonstrava rara inventividade: na sequência de uma tempestade, feita com chuva de regador, os raios são riscados na película virgem. Nas cenas de um galope, o close das patas dos cavalos é feito com uma lata de farinha pintada de preto por dentro. Duas lentes, uma de foco longo outra comum. E Mauro inventa assim uma espécie de teleobjetiva. Impulsionado pelo frescor da iniciação. (WERNECK, 2013, p. 27).

Com narrativa simples, que transitava entre a área urbana e a rural, o filme inicia com a cena em que duas crianças estão fumando, uma negra e outra branca. Ao verem um sapo, elas começam a brincar de colocar o cigarro na boca do animal, enquanto os adultos apenas observam a brincadeira.

²⁰⁵ Aparecem opiniões sobre: o diretor Pedro Comello, pelo filme *Senhorita Agora Mesmo*; o Diretor William Schocair, com o filme *A Lei do Inquilinato*; o diretor Joe Schoeme, pelo filme *Cinzas e Destino*; o diretor Almeida Fleming, com os filmes *Paulo e Virginia* e *Vale dos Martyrios*; o diretor Felipe Rieel, do filme: *Mocidade Louca*; e o diretor Jayme Redondo, do filme *Fogo de Palha*.

²⁰⁶ Cataguazes, 27 nov. 1927, p. 2.

Para Cordeiro e Toutain (2010), o ato de fumar se atrelava à condição social, os estereótipos criados nos filmes e o meio utilizado para fumar, configuravam as representações no cinema: “o dono de boteco, com um permanente charuto; o bandido, com o cigarro meio caído; o senhor ‘bem nascido’, em posições elegantes, com cachimbo ou cigarros bem postados à boca” (p. 13). Assim, o ato de fumar, para os homens, demonstrava masculinidade e status social, chamariz para a parcela feminina que quase não fumava; aquelas que se aventuravam em fumar eram as mais imaturas, a linguagem do corpo e os gestos reportavam à sedução e ao erotismo da prática (SEVCENKO, 1998).

A associação entre estereótipos também se revelava, no filme de Humberto Mauro, na forma de trato com os animais. Baseado nos filmes americanos, atitudes de chacota, de raiva, de violência dos personagens eram descontadas nas cenas com eles, como a do sapo. Além dela, o filme traz uma, na chicotada violenta do vilão no gato, entre outras cenas que exemplificam a técnica de autodefinição utilizada nos filmes de Humberto Mauro (GOMES, 1974).

A cena do sapo foi, também, assunto do primeiro número da Revista Verde, em 1927, em texto assinado por Rosário Fusco:

Quando o Sr. Humberto Mauro abandonou tudo para explorar a indústria cinematográfica – todo mundo riu do Sr. Humberto Mauro. Agora quem rir de todo mundo é o Sr. Humberto Mauro (...). Com esse filme Cataguasense-brasileiro-mineiro retratou quase fielmente as coisas de nossa terra. Já é atuar pela brasilidade (coisa raríssima entre os brasileiros). Aquela cena do sapo e das garruchinhas, por exemplo, tá boa pra burro! Aquele negro tá gozadíssimo! E outras coisas mais que só a gente assistindo a fita mesmo. Esse trabalho tá perfeito! (p. 31).

Para Lino (2009), é justamente essa capacidade que Humberto Mauro teve de transpor para a tela cenas cotidianas dos/das brasileiros/as que o transformou em um cineasta importante. A sensibilidade de criar, recriar e narrar histórias com poucos recursos, cenas urbanas, rurais, folclóricas, religiosas, bucólicas e levá-las ao cinema, de forma que o público se identificasse com o que estava sendo exibido, foram diferenciais marcantes na sua carreira.

Já Praça (2018) vê uma atitude racista ao interpretar a mesma cena do sapo. Segundo o autor, há uma sobreposição de imagens entre o sapo e o homem negro, com caráter jocoso e o objetivo de comparar o homem negro fumando ao sapo. Não haveria nada de cômico ou de inocente na cena, tal imagem buscaria associar os vícios à imagem da pessoa negra e colocar em curso a situação vexatória, segundo o olhar das pessoas racistas, em que a miscigenação levaria a uma animalização da sociedade brasileira, que deveria ser evitada. Por esse olhar, a

cena buscaria chamar atenção para uma suposta necessidade de eugenuizar²⁰⁷ e higienizar²⁰⁸ o País.

Assim, segundo Praça (2018), ao mesmo tempo em que a produção e exibição de filmes em Cataguases, no Brasil e em diversos outros países representava um divertimento moderno de acesso relativamente amplo, executava um projeto de sociedade, veiculando ideias eugênicas, machistas, racistas, homofóbicas, entre outras.

Além dessas questões, aparece, na sequência da película, a cena de um pai doente que prepara uma carta e a deixa com o tutor Hilário, para os filhos, Pedro e Bráulio, abrirem quando ficassem maiores. Quando isso acontece, os filhos descobrem que se tratava de uma parte de um mapa do tesouro, cuja outra parte estaria com um senhor. Na sequência da trama, ladrões descobrem a existência do mapa, assassinam o senhor e roubam sua parte para, em seguida, tentar roubar a que estava com os herdeiros.

Ao fluir das cenas, os ladrões sequestram a filha do tutor, Susana, e negociam sua libertação em troca do mapa. Pedro descobre onde Susana está escondida, invade o local e briga com os ladrões até matá-los, porém fica gravemente ferido. Bráulio e Hilário chegam ao esconderijo e encontram Pedro morrendo; Bráulio joga o mapa fora e se casa com Susana, no tradicional estilo final feliz.

Thezouro Perdido é o filme de Humberto Mauro mais antigo que continua preservado (GOMES, n.d.). Através dele pode-se perceber a criatividade e a capacidade construtiva de ilusões. Para produzir as cenas descritas desse filme, ele mistura cenas rurais e urbanas com momentos documentais em cenas de ação que convergem ao mencionado sequestro. No decorrer da trama, o ambiente rural e o bucólico inicial vão sendo substituídos por ares urbanos e quadros velozes que caracterizam cenas do estilo “ação”.

Almanack (n.d.) referenciou a qualidade da película que foi produzida sem recursos ou laboratórios: “É a melhor película brasileira que já nos foi dado assistir”. O filme foi comparado a obras americanas e alemãs, devido ao grau de adiantamento, inovação técnica e qualidade.

O jornal Cataguazes²⁰⁹ comentou o seletivo convite recebido da Phebo para comparecer à exibição de *Thezouro Perdido*: “um magnifico film (...) assistirmos a experiência de sua projeção (...)”. É interessante perceber que, entre as práticas de diversão, o cinema, em 1927, já

²⁰⁷ De acordo com Praça (2018), nos anos de 1920 a palavra *eugenia* ainda era compreendida e utilizada como modernidade, limpeza, cultura, progresso, adiantamento, evolução, tudo o que se relacionava com o novo, o moderno e o atualizado na ciência. A eugenia salvaria as futuras gerações das mazelas biológicas.

²⁰⁸ A matéria “Cinema Recreio” discorre sobre um filme de caráter educativo – *O Grande Inimigo do Brasil*. Segundo a notícia, o filme explica os processos de profilaxia das verminoses que assolam a população (CATAGUAZES, 5 ago. 1928, p. 2).

²⁰⁹ Cataguazes (6 mar. 1927, p. 2).

era entendido como uma experiência inovadora vivenciada pelos/pelas cataguasenses. A cidade, que se desejava progressista e moderna, deu ares indicativos de mudança no comportamento social, revelando que práticas modernas haviam se tornado práticas cotidianas de alguns cidadãos, experiências de diversão. A notícia finaliza destacando: “À experiência assistiram diversas pessoas da nossa melhor sociedade, que, num verdadeiro incontido entusiasmo, proromperam ao terminar em espontânea e calorosa salva de palmas”²¹⁰.

O comentário que descreve a experiência permite algumas análises. Uma delas diz respeito ao fato de que a relação que o indivíduo estabelece com a diversão e com o lugar confere à experiência sentido e significados únicos. Aqui, o contexto local, aliado à representação do estilo de vida moderno, parecia provocar o aguçamento dessas sensibilidades.

A frequência às práticas de diversão em Cataguases foi pouco relatada nas páginas jornalísticas analisadas. Quase não havia notícias pós-evento, e estas, quando apareciam, limitavam-se a informações generalistas que mencionavam o sucesso ou o fracasso do filme, da peça ou da apresentação, de acordo com a quantidade de público. No caso da estreia de *Thezouro Perdido*, o perfil do público ficou bem delimitado e demarcado na citação “diversas pessoas da nossa melhor sociedade”, que permite inferir-se que os convidados para a experiência cinematográfica faziam parte de um público seletivo, seja pela profissão, pelo poder aquisitivo, pela influência política. Ou seja, pelo menos naquele momento pode-se dizer que a diversão cinema foi destinada ao que, na hierárquica sociedade cataguasense, era considerado o “melhor”.

Não foi só a elite cataguasense que teve o privilégio de assistir ao filme. O jornal Cataguazes anunciou que este esteve em exibição no Rio de Janeiro²¹¹, no mês de abril do mesmo ano (1927)²¹², com uma coluna e meia de periódico tecendo elogios à película, aos atores, diretores, paisagens, fotografia, entre outros elementos que apontavam a convergência indutora de opinião positiva sobre *Thezouro Perdido*. Apesar de não estar assinada, infere-se que a matéria tem características que sugerem não ter sido escrita por articulistas locais, tendo em vista que o texto se apresenta com narrativa diferente daquela que era habitual aos articulistas do periódico, com informação técnica sobre a estrutura e elementos filmísticos.

Supõe-se que a notícia acima pode ter sido escrita por alguns dos editores das revistas que focalizavam o cinema, uma vez que Humberto Mauro estava sendo influenciado por Adhemar Gonzaga na realização de seus filmes. A relação estreita entre eles havia se tornado

²¹⁰ Cataguazes, 06 mar. 1927, p. 2.

²¹¹ Cataguazes, 24 jul. 1927, p. 2.

²¹² Cataguazes, 17 abr. 1927, p. 2.

profícua na época da exibição de *Na Primavera da Vida*, e a simbiose entre a empresa Phebo e as revistas Cinearte e Selecta passou a gerar bons resultados (SCHVARZMAN, 2011; SPINI, 2016).

Os jogos de interesses, velados ou explícitos, afluíram para que a qualidade do filme fosse exaltada, elevando *Thezouro Perdido* à categoria de campeão do prêmio de melhor filme brasileiro concedido pela revista Cinearte em 1928. O prêmio Medalhão de Bronze da Cinearte contribuiu com um projeto amplo de divulgação da indústria do cinema nacional; a Revista era inspirada nos moldes americanos e foi largamente utilizada como apelo para a audiência aos filmes brasileiros (SPINI, 2016).

A diversão cinematográfica e a leitura das revistas dedicadas ao cinema enfocavam interesses e projetos que podem ser percebidos nos critérios avaliativos do *Medalhão Cinearte*: modernidade, moralidade, civilidade, cenários brasileiros típicos e branquitude (SPINI, 2016).

O *Medalhão de Bronze* deu destaque ao potencial da pequena cidade de Cataguases. O movimento em torno da produção e exibição de filmes passou a instigar o ritmo da cidade, a oferta de diversões se ampliava; o sucesso dos filmes de Humberto Mauro, conjecturando com a demanda crescente por entretenimento, eram elementos que tencionavam aspectos gerais da vida local. O projeto de cidade moderna, progressista e civilizada caminhava junto às novidades.

Alguns contrastes apareceram como consequência daquele processo, a exemplo da Empresa Cunha e Filho, que administrava o Cinema Recreio, a qual optou por romper um acordo de auxílio financeiro ao hospital da cidade para investir o recurso na reforma do espaço do cinema. A modernização colocou ênfase na sobrepujança do lucro e do capital em relação à benevolência.

Foi colocado um forro novo, oferecendo ao anfiteatro um aspecto elegante. Após a renovação do prédio, a distinta empresa irá como já tem dado mostras, selecionar os seus programas, transformando a nossa casa de diversões em uma das mais importantes do Estado. É de louvar a atividade do sr. Augusto Cunha, grande amigo de Cataguazes, e a do seu digno filho Edgard Cunha, pelo cuidado e bom gosto com que pretendem servir aos habitués do confortável e majestoso Recreio. (CATAGUAZES, 14 out. 1928, p. 2).

Diante de efeitos como esse, o sucesso dos filmes de Humberto Mauro seria o repto anunciado por J. Martins no quinto número da Revista Verde de 1928, em artigo intitulado “Cataguazes, o Cinema, a Phebo, a Lei de menores. Etc.”, em que o autor alertava para os desafios que seriam vivenciados pela Phebo:

Os atuais organizadores da promissora fábrica terão de lutar muito contra a rotina, contra a má vontade. Mas não se importem com isso. Mão à obra. É preciso explorar motivos outros, que o gênio latino possui, sem cair no lugar comum das cenas indecentes, que nos chegam do país de Tio Sam. (p. 4).

Percebe-se a preocupação em garantir que os avanços nas produções locais e a oferta de cinema contribuíssem para o índice de civilização cidadão. Entre comportamentos modernos e discursos tradicionais, as cenas “indecentes” dos filmes americanos não deveriam nortear o caminho a ser seguido pelos filmes locais. As produções americanas, que tanto faziam sucesso, pareciam conflitar com a moralidade e a possibilidade convicta de influenciar condutas. A “perversão” e a “indecência” anunciavam os maus exemplos exibidos nas películas, criticados na Revista Verde: “Depois, a fita sempre tem um castigo para as mãos. E faz uma grande defesa da família. Haja vista que todo enredo termina com casamento, como si nisto estivesse a maior felicidade que o homem pode conquistar neste mundo terráqueo” (REVISTA VERDE, jan. 1928, p. 4).

No texto acima, o jornalista provocava reflexões em relação aos padrões tradicionais impostos, inclusive a partir do cinema, procurando explicitar comportamentos sociais colocados nas telas como naturalizados, a exemplo do modelo de família tradicional enquanto ideia de felicidade para os/as jovens.

Naquele contexto, Humberto Mauro seguiu aprimorando o domínio das técnicas de filmagem e direção. As críticas recebidas nos filmes anteriores o levaram a enaltecer a sofisticação e a produção seguinte, nominada *Braza Dormida*, a qual foi considerada como marco do princípio de uma profissionalização. Para esse trabalho, foi contratado para compor a equipe o fotógrafo Edgar Brasil, que chegou a ser considerado o melhor iluminador do cinema brasileiro (WERNECK, 2013).

Vilseki (2014) defende que o filme *Braza Dormida* definiu a mudança na construção dramática do enredo dos filmes produzidos, pela melhora na atuação dos atores, pelo incremento na qualidade das imagens e pela redução dos letreiros, criticados em filmes anteriores. O sucesso o levou a ser distribuído nacionalmente pela empresa Urânia e pela famosa Universal Pictures²¹³.

Braza Dormida se tornou um exemplar que estimulou a cinematografia no País, corroborando para a ascensão de Humberto Mauro ao rol de melhores diretores do cinema mudo da época, reconhecido no mercado mundial (MACEDO, 2018).

²¹³ Cataguazes, 21 out. 1928, p. 1.

Com o reconhecimento de Humberto, Cataguases é eleita como uma cidade prodígio na produção do cinema nacional, onde eram lidas publicações que transitavam dicotomicamente entre a negação da influência americana na identidade nacional e a busca por se desvencilhar dos padrões americanizados e construir os modelos nacionais próprios, o Cataguazes reafirmava as comparações entre a recém-chegada República e os países americanos e europeus, as quais reforçavam que o País estava anos luz atrás da indústria e do mercado de entretenimento internacional.

Cinematographia onde há maior número de cinemas

A terra da scena muda, todos os sabem, são os Estado Unidos. E lá que se encontra o maior número de cinematographistas. Há nessa República 19.000 salas de projecção, isto é, uma para grupo de 6.000 pessoas e um logar para cada grupo de 13 pessoas. Na Europa, o primeiro lugar na expansão do cinematographo cabe á Hungria, com uma sala desses espetáculos para 16.000 habitantes e um logar para 46. Seguem-se-lhe a Allemanha, com um logar para cada grupo de 49 pessoas e a França que para 59 pessoas dispõe de uma cadeira nos seus cinemas. Funcionam no Brasil mais de 2000 cinematographos, havendo um logar para cada grupo de 85 pessoas. (CATAGUAZES, 11 nov. 1928, p. 1).

Sabe-se que a mídia tem a capacidade e a intencionalidade de influenciar comportamentos e atitudes. A publicação do jornal Cataguazes deixa transparecer a intenção de mostrar aos empresários locais que havia potencial nos investimentos nas diversões. As estatísticas apresentadas levam a crer que o País ainda carecia de espaços para a exibição de filmes. Em Cataguases, que na década de 1920 tinha aproximadamente 16 (dezesesseis) mil habitantes (ALMANACK, n.d., p. 65; FRANCISCO, 2019), o número de salas de cinema transitava entre duas: o perene Cinema Recreio e outras iniciativas efêmeras. Na opinião jornalística, poderia ser um celeiro não apenas na produção cinematográfica, mas também da audiência. Se as inferências apontadas não lograram êxito na abertura, em curto prazo, de novas salas em Cataguases, certamente eram dados significativos e que motivavam o trabalho de Humberto Mauro e seu grupo.

Braza Dormida é um dos exemplos dessa motivação, o filme inicia com imagens das paisagens do Rio de Janeiro ocupando a tela e, aos poucos, sendo substituídas pela realidade urbana e a imagem de um homem vestido com terno, tendo seu belo sapato social sendo engraxado, enquanto folheia o jornal. Nesse momento, o foco da câmera se dá em notícias sobre a cidade do Rio de Janeiro relacionadas à prática do turfe e do remo na cidade, chegando a uma notícia específica sobre a realização de uma corrida de cavalos no Jockey Club. A cena é cortada

e o mesmo homem bem vestido aparece no Jockey, como se tivesse realizando uma aposta nos cavalos. Na sequência, ele perde a aposta e fica decepcionado (MELO, 2017).

Percebe-se que o esporte, já retratado nas páginas dos jornais, transcendia o espaço dos impressos. O turfe e o remo, marcos iniciais das práticas esportivas modernas cariocas, passavam, pelas mãos de Humberto Mauro, a estampar as telas da produção cinematográfica cataguasense, estimulando a população local a interessar-se, também, pelo esporte.

Ao buscar o entendimento da cena descrita e a narrativa feita por críticos, estudiosos e sites especializados²¹⁴, tornou-se corriqueiro o entendimento de que o distinto rapaz que aparece nas cenas iniciais era renegado pelo pai, que só sabia gastar dinheiro e não tinha uma boa reputação. Em outros²¹⁵ estudos, o rapaz havia sido enviado à capital para estudar, mas, em vez disso, gastava todo o dinheiro. Cabe ressaltar que as narrativas encontradas sobre o filme foram as mais diversas, fato que só filmes mudos podem trazer à tona: a capacidade de interpretação do público, aguçando a imaginação e direcionando o contexto do filme de acordo com as experiências individuais e coletivas (RODRIGUES; BOSSLER, 2014).

Corroborando análises anteriores, é possível perceber a questão da moralidade e o julgamento do caráter, presentes nas cenas do filme e nos estudos acessados. O reforço à importância da obediência à família, à necessidade de estudar e à coibição dos jogos de azar em prol da moral e bons costumes fazem parte do aspecto educativo e disciplinador do filme. Enquanto o jornal impresso anunciava as apostas nas corridas de cavalo, o cinema procurava mostrar o que acontecia quando o jogo se tornava um vício e quando o apostador perdia. A narrativa simples e o olhar apurado revelam um lazer controlado; era permitido se divertir, no entanto não era cabível deixar de estudar e gastar o dinheiro em apostas. A perspectiva educativa e normativa do trabalho, enquanto viés idôneo para a conquista de dinheiro, contrapunha-se ao dinheiro fácil (aposta, jogo de azar) (MELO, 2015).

No avançar da película, é interessante observar que o jornal, mais uma vez, é utilizado como uma fonte rica de informação para o personagem que está sentado no banco da praça e, no mesmo periódico, observa o anúncio de uma vaga de gerente em uma usina de açúcar; ele se candidata à vaga e inicia o trabalho²¹⁶.

Cenas como essa revelam a valorização do trabalho e do trabalhador intelectual, assim como a relação com a formação da classe burguesa, destacada nos filmes de Humberto Mauro.

²¹⁴ Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-brasa-dormida/>. Acesso em: 15 fev. 2021.

²¹⁵ Disponível em: <http://www.cinematopopular.com.br/braza-dormida-humberto-mauro-1928-drama/>. Acesso em: 31 jan. 2021.

²¹⁶ Se considerarmos as críticas sobre o filme, infere-se que o trabalho foi a salvação para a vida desregrada, imoral e sem dinheiro.

Spini (2012) compactua com essa ideia e destaca que parece existir um personagem masculino com características de herói, galã e vilão, caracterizado principalmente por suas relações morais, familiares e laborais.

Enquanto o herói seria o mineiro nativo, fiel, amigo, familiar, trabalhador, honesto, parceiro do galã, o apaixonado que deixará a mocinha ser conquistada pelo amigo (galã), o galã seria o perfil do conquistador urbano, pouco adepto ao trabalho, inclinado à boemia, aos jogos, aos prazeres e diversões modernas. A remissão do galã viria através do amor e da dedicação da mocinha do interior, da adesão ao trabalho e da mudança no estilo de vida. O vilão seria representado por aquele que não está engajado no mercado de trabalho, que foi alvo de demissão, que foi incapaz de conseguir emprego, desaprovado.

Foi no viés do mundo do trabalho que o distinto rapaz, o galã, encontrou a regeneração, conquistando a confiança do patrão ao se mostrar como um homem de boas ideias, um excelente gestor. Eis que surge no filme uma bela donzela para compor a narrativa clássica da mocinha: de romance: ela, filha do proprietário da usina de açúcar; ele, o novo gerente, homem de confiança do patrão.

O início do namoro, os encontros às escondidas entre o jovem casal estavam cada vez mais constantes e mais acalorados, mas o pai da moça não queria o relacionamento. Quando cartas com relatos dos encontros às ocultas começaram a chegar, trazendo comentários da cidade em relação à postura de sua filha, a família da moça teve que se mudar para outra casa.

Cabe destacar a narrativa social de controle dos corpos e dos limites do prazer. Melo (2020) aponta que os espaços de lazer e sociabilidade eram locais onde acordos sociais eram impostos, aprendidos e deviam ser praticados. Certamente o casal estava rompendo com os acordos de convivência pública, e o filme de Humberto Mauro, para além de divertir, estava educando o público, instruindo-o sobre a forma correta de se portar nos momentos de namoro público. Caso as imposições sociais não fossem respeitadas, a sociedade cataguasense não teria outra escolha a não ser pressioná-los a sair da casa, do bairro, ou da cidade civilizada.

A diversão seguia seu curso e, entre lições e distrações, a película prosseguia com o casal se encontrando às escondidas, ele se deslocando até o lugar em que ela estava morando. Nesse meio tempo, o casal descobriu que quem era responsável por enviar cartas ao pai da mocinha, denunciando os encontros calorosos do casal, era um funcionário que havia sido demitido da usina de açúcar e, por isso, buscava atralhar o romance.

Dos encontros às escondidas à descoberta e desaprovação do pai patrão, o drama vai se encaminhando para o final com a ameaça de demissão do galã regenerado. O descontentamento de um ex-funcionário que decide jogar uma bomba na usina de açúcar muda o destino da

história. Uma briga entre o herói e o vilão leva o primeiro a salvar a usina, enquanto a mocinha conquista o direito de namorar a filha do patrão e se firmar no posto de gerente.

Assim terminava a trama *Braza Dormida*, com cenas plásticas e um erotismo que transitava entre o sagrado e o profano, em que a mocinha imaculada, que não deveria se envolver tão acaloradamente nos namoros, por vezes tinha as pernas exibidas com focos e ângulos que instigavam o espectador.

Observa-se que o jornal Cataguazes esteve mais focado em enaltecer a indústria do entretenimento e a figura de Humberto Mauro, do que apontar a dinâmica social que circundava a trama e o momento histórico. O destaque dado pelo periódico – aos aspectos técnicos, às atuações dos atores e atrizes, às pessoas influentes que compartilhavam e financiavam o empreendimento, aos locais por onde as películas passavam, ao sucesso dos filmes locais, em detrimento de outras produções nacionais – tomou o lugar das notícias relacionadas ao público que frequentava os cinemas, como o seu modo de ingresso, situações vexatórias que podem ter ocorrido, acessos negados, comportamentos e impressões. As matérias limitavam-se a expressões como “enchente de gente” e “boa concorrência”.

Não é o objetivo central deste trabalho analisar o layout do jornal, entretanto esse quesito revela e reafirma algumas inferências apontadas e apresentadas por essa tese. De acordo com os apontamentos de Damasceno (2013), a localização das notícias e a página ocupada por estas influenciam na forma como o leitor irá acessar as informações. A hierarquia foi observada em matérias e notícias que dialogavam com os preceitos do periódico, em relação à indústria do entretenimento e o sucesso dos filmes de Humberto Mauro. Tais matérias ocupavam lugar estratégico no periódico, apresentando o texto na parte superior da página ímpar (lugar ocupado por matérias mais importantes), localizadas à direita.

Enquanto matérias de crítica, como a transcrita a seguir abordando a exibição de *Braza Dormida* em Belo Horizonte, foi localizada na página dois, no canto inferior esquerdo:

A narrativa cinematográfica é fraca (...) não desperta interesse que devia suscitar (...) porquanto as cenas interiores, são as piores, além do mais escuras, pela falta de refletores, além do mais pobres, são relativamente poucas. Os letreiros espicham sobremaneira a cinta (...) supérfluas (...) [sobre a fala de um personagem] Monstruosidades tão ridículas que parecem inverossímeis. É tempo da “Universal” suprimir os letreiros supra aludidos e que tem impressionado muito mal aos assistentes do “film”. (...) é uma película modesta, lançada commum e não como “super” o que, aliás, consta dos cartazes em litografia. (CATAGUAZES, 02 jun. 1928, p. 2).

Acredita-se que, através dessas táticas utilizadas pelo periódico Cataguazes, os objetivos dos editores do jornal tenham sido alcançados e os/as cataguasenses tenham seguido

acreditando, de forma acrítica, no sucesso esplendoroso, anunciado de forma estratégica, pelo veículo de comunicação.

A visibilidade destacada nas notícias pró cinema no Cataguazes revelam uma intencionalidade capaz de influenciar e promover assuntos de acordo com determinados interesses. O capital envolvido sustentaria a trama entre a mercadoria e os meios de comunicação.

Apesar dessa observação em relação às críticas ao filme, oriundas de Belo Horizonte, e da posição do jornal Cataguazes de colocá-las em espaço de pouca visibilidade, Spini (2016) aponta que o filme *Braza Dormida* obteve sucesso na cidade do Rio de Janeiro, sendo exibido em 20 cinemas da cidade. Tal feito representou “um número sem precedentes na história de exibição de filmes nacionais no Brasil no período. Como é possível verificar, em alguns casos o filme foi exibido em até três cinemas no mesmo dia” (p. 39).

O sucesso dos trabalhos anteriores e as expectativas de futuro cinematográfico levaram ao anúncio, em 1929²¹⁷, de um novo filme que seria produzido na cidade, com o título provisório de *Sangue Novo*, lançado posteriormente como *Sangue Mineiro*. A obra, lançada pela empresa Urânia, foi o último filme do ciclo de Cataguazes e narrava uma aventura de aproximadamente uma hora e vinte minutos. O filme demonstrou que a técnica cinematográfica de Humberto Mauro estava aprimorada e o diretor mais experiente. Já residindo na capital do País, o cineasta gravou as cenas externas no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte, acompanhadas pelo som de uma orquestra. A obra teve maior número de legendas, se comparada às anteriores (VILSEKI, 2014).

Apesar desses avanços, o filme não teve o mesmo sucesso de *Braza Dormida*. No Rio de Janeiro, a película teve pouca expressão, tanto que ficou “em cartaz por uma semana em um único cinema do Rio de Janeiro, o Rialto” (SPINI, 2016, p. 40).

Em ambos os filmes, *Braza Dormida* e *Sangue Mineiro*, percebem-se os elementos da urbanização e da modernização em diálogo com os aspectos rurais. Inovando na temática e no aspecto cultural, o divertimento moderno das salas de cinema, representado pela obra *Sangue Mineiro*, de Humberto Mauro, enalteceu, logo nos primeiros atos, a autonomia e o avanço feminino na conquista de direitos.

Como apontado por Kamita (2017),

O cinema é uma área importante para que se estabeleçam discussões sobre gênero. O discurso cinematográfico pode se constituir em um campo no qual se inserem alternativas a uma cultura tradicionalista e conservadora. A relação

²¹⁷ Cataguazes, 03 mar. 1929, p. 2.

cinema/gênero encaminha a busca para uma nova produção de sentido e questionamentos do senso comum em relação às atribuições de gênero na sociedade. (p. 1394).

Em *Sangue Mineiro*, mesmo sem ser possível afirmar que tenha havido intencionalidade do cineasta, o filme se inicia com um casal passeando de carro, a jovem Neuza quem dirige o automóvel, enquanto seu companheiro Roberto permanece sentado no banco do carona (AZEVEDO; FERREIRA, 2006). Entre indicativos de progresso e conservadorismo, em outra cena destaca-se a senhora Marta, chefe da família composta por ela, o filho (Max) e um neto. A matriarca investe esforços para manutenção das tradições familiares, chamando a atenção e instigando as responsabilidades que Max deveria ter na criação do neto.

Spini (2012) conjectura que os filmes produzidos por Humberto Mauro em Cataguases, na década de 1920, exalam a idealização de um projeto de modernização, urbanização e progresso, próprios do período. Naquele contexto, as mulheres ocupavam espaços nas indústrias têxteis da cidade e estavam engajadas em movimentos grevistas. Segundo o jornal Cataguazes, elas também frequentavam as práticas de diversões, como o cinema e o futebol, jogavam basquete (PIMENTA, 2010) e, a supor pelo filme em questão, dirigiam carros.

Para além das condutas modernas, as mulheres exerciam as funções sociais que a elas foram impostas culturalmente, pelo simples fato de serem mulheres. Em *Sangue Mineiro*, Marta era responsável pelo núcleo familiar, pelo cuidado, pela educação e manutenção das tradições. Em uma cena, ela avisava a Max que havia preparado a comida e a fogueira, elementos tradicionais que compõem as comemorações da noite de São João.

As atitudes e comportamentos que determinam lugares e posturas, a partir de uma suposta superioridade biológica, transcendem as cenas filmísticas e reproduzem os aspectos culturais e sociais associados ao gênero, singularizando os desempenhos e atitudes determinados a homens e mulheres na sociedade. Os filmes fazem parte do processo cultural que influencia na organização da dinâmica social (KAMITA, 2017).

A representação dos papéis sociais associados ao gênero feminino se dá em vários momentos nos filmes. Neste, a continuidade das cenas mostra o desapontamento de Marta quando Max anunciou que iria para outra Festa de São João, com o amigo Cristóvão, e, para não deixar a mãe chateada, prometeu retornar para a comemoração familiar, o que não aconteceu.

O filme de Humberto Mauro aponta subjetivamente as dinâmicas das representações e os papéis sociais, a mulher voltada ao núcleo familiar e o homem, ao convívio público; a

diversão da mulher, na maioria das vezes experienciada em ambientes familiares, enquanto o homem se divertia livremente.

Os tons sociais continuavam a ser narrados, ato a ato, trazendo o contexto da época, refletindo a sociedade e o lugar ocupado pela diversão na vida dos indivíduos. Enquanto Marta passou a noite aguardando o retorno do filho, Max chegou em casa embriagado, ao amanhecer, após uma noite foi regada a dança, bebidas, paqueras e diversão.

O filme de Humberto Mauro é instigante nas reflexões que provoca acerca das relações sociais e, com o termostato calibrado, coloca em cheque a tradição e a modernidade, rompimentos e permanências: a ousadia de Neuza no primeiro ato, dirigindo o automóvel, em contraponto à senhora Marta, que preparou a diversão familiar e não experienciou o momento; a parceria do Roberto, que se colocou no lugar de passageiro (passivo), diferente de Max, que mobilizou a cena (ativo) em prol de seus próprios desejos e vontades; dois núcleos diversos que se cruzaram, dando continuidade ao enredo.

O casal, Neuza e Roberto, vivenciou um triângulo amoroso, pois Carmen, irmã de Neuza, era apaixonada por Roberto e estava sempre buscando a atenção deste. Por não conseguir mais controlar seus desejos pelo namorado da irmã, Carmen tentou se suicidar no rio que ficava próximo à casa de Max.

Nesse processo, ela é salva por Max e Cristóvão, que a levam para a casa onde Marta a acolhe. Nitidamente, Max se apaixona por Carmen, a qual se sente bem na casa e pede para ficar escondida lá por um tempo. Max, Cristóvão e Carmen convivem em harmonia até que, um dia, Cristóvão beija Carmem à força e Max observa tudo. Diante dessa situação, Max entra em cena para salvar Carmem das garras do amigo.

A família de Carmem a localiza e Cristóvão pede desculpas a Carmen, que aceita o pedido beijando-o. O casal se casa e muda para a cidade, deixando Max com o coração partido na casa da roça.

As narrativas do filme, com poucas exceções, seguem os apontamentos levantados por Kamita (2017):

Assim, ao se considerar o cinema narrativo clássico como um meio de reprodução da imagem estereotipada da mulher, cumpre buscar alternativas a esse padrão. O cinema de matiz comercial enfatiza o papel normativo da mulher na sociedade e, conseqüentemente, manipula um sistema de punição àquelas que negligenciam essa postura a ser adotada. Nesse sentido, o cinema tem contribuído diretamente com um modelo de sociedade tradicionalista, institucionalizando um modo de representação da mulher. (KAMITA, 2017, p. 1402).

Corroborando com Kamita (2017), Cordeiro e Toutain (2010) afirmam que, nos filmes de Humberto Mauro, há uma dicotomia entre comportamentos da “mulher da casa” e da “mulher da rua”: enquanto esta estampa as capas das revistas masculinas, aquela protagoniza a idealização do cuidado e da fragilidade. Parece não haver um meio-termo entre elas; no entanto, ao contemplar os diversos perfis de homens e mulheres, o cineasta pode tanto ter optado por não se posicionar e contemplar todos e todas, como ter tido a intenção de instigar reflexões acerca dos papéis sociais dos diversos marcadores identitários.

A perspicácia de Humberto Mauro trouxe às telas uma mulher que, por cobiçar o namorado da irmã, poderia ser julgada em relação à moral, às posturas femininas e aos comportamentos sociais atrelados à inquisições sobre as condutas associadas ao pecado²¹⁸. Por outro lado, enaltece a mulher, tirando-a do lugar de passividade em relação aos seus desejos e vontades, incitando a inversão do objeto de cobiça: o homem.

A punição como trajetória de vida para essa personagem contradisse os escritos de Kamita (2017) e revelou que não era somente o viés tradicional que instigava Mauro, o qual estava atento às transformações sociais e buscava em seus filmes trazer à tona tradição e modernidade, instigando reflexões sociais.

As mediações percebidas em relação ao gênero podem estar atreladas, ainda, à partição feminina em *Sangue Mineiro*, filme no qual não só as atrizes foram peças fundamentais para o enredo. Carmen Santos, uma das mais importantes produtoras, diretoras e roteiristas do País na época, além de feminista, defensora das causas das mulheres, foi atriz e parceira de Humberto Mauro no filme (KAMITA, 2017).

Feitas essas breves observações em relação aos roteiros, a continuidade da análise histórica jornalística mostra que, mesmo obtendo certo sucesso, os filmes de Humberto Mauro foram insuficientes para arcar com os custos da *Phebo Brasil Films S.A.* Manutenção de estúdios e aparelhagem para filmagens, pagamento de funcionários, compra de materiais, inadimplência das cotas que não estavam sendo pagas pelos acionistas e, para além disso, os custos dos filmes estavam ficando cada vez mais altos, e acabaram por se tornar inviáveis. De acordo com Gomes (1974), *Na Primavera da Vida* custou 12 contos; *Tesouro Perdido*, 20 contos; *Brasa Dormida*, 36 contos; e *Sangue Mineiro*, 48 contos de réis.

Humberto Mauro havia se tornado um cineasta experiente, e seu salário era o mais alto da *Phebo*, 500\$000 mensais. Com dívidas se acumulando, a empresa entrou em processo de falência. Diante disso, Humberto Mauro e Adhemar Gonzaga começaram a trabalhar na

Cinédia, no Rio de Janeiro, encerrando o ciclo de Cataguases em 1930, coincidindo com a chegada do cinema sonoro, fator que favoreceu a centralização das produções cinematográficas nas capitais (GOMES, 1974).

Segundo Perez (2013), os últimos filmes do cinema mudo, que encerraram a década de 1920, foram *Brasa Dormida* (Humberto Mauro, 1928), *Barro Humano* (Adhemar Gonzaga, 1929) e *Limite* (Mário Peixoto, 1930).

Sobre as dificuldades do cinema nacional da época, o próprio Humberto Mauro declarou:

Confiávamos no nacionalismo e na tolerância das plateias, o que até hoje não me desiludiu. Em breve, porém, comerciantes e técnicos verificamos o ledão engano: o filme nacional, sob todos os pretextos, encontrava uma resistência compacta e invencível entre os distribuidores, amarrados que estavam ao monopólio estrangeiro, que avassalava com os seus produtos ao mercado brasileiro, de ponta a ponta. Obtivemos o lançamento de “Brasa Dormida” e de “Sangue Mineiro”, mas rebaixando-nos à condição de pedintes. Veio o fracasso financeiro. A falta de lucros compensadores, a sociedade dissolveu-se. “Sangue Mineiro” deu remate ao Ciclo de Cataguases. (GOMES, n.d.).

Foi assim que o ciclo de Cataguases se encerrou, com *Braza Dormida*. Humberto Mauro mudou-se para o Rio de Janeiro, ficou o saudosismo da produção local, da narrativa gestual, muda, veloz e moderna que refletia os anseios políticos, econômicos e sociais de uma época na qual o cinema retratava a vida local. O cinema, no entanto, seguiu sendo uma importante prática de diversão e de lazer do/da cataguasense, junto a outras, como o teatro e o esporte²¹⁹.

2.3 Cataguases e as diversões esportivas

2.3.1 Mulheres e diversão: o basquete feminino em Cataguases

A ocupação dos espaços públicos por mulheres consiste em um fato moderno coincidente com as novas formas de se comportar, vestir, agir e divertir que tiveram lugar no Brasil nas primeiras décadas do século XX, inspiradas no modo de viver europeu.

Dos anos de 1900, em algumas sociedades e grupos, até os dias atuais, aspectos culturalmente tratados como sendo da natureza feminina, como o instinto materno, a fragilidade, a doçura, o amor e a sensibilidade, aprisionavam as mulheres na vida privada, muitas vezes restrita ao espaço do lar, enquanto os homens evocavam o espaço público, com a

²¹⁹ “O Cinema Recreio noticia a programação da semana e um dos filmes trazer à tela a relação entre os jovens e os esportes: o magnífico film em 7 actos, super produção especial da Paramount em que torna parte Hollywood em peso intitulado de Mocidade Sportiva.” (Cataguazes, 24 jul. 1927, p. 2).

justificativa de domínio da racionalidade, garra, destreza e poder. Esses aspectos culturais foram reproduzidos em prol de ideais burgueses, defendidos, inclusive, pela ciência médica, como habilidades inatas (RAGO, 1985).

O lugar da mulher nessa sociedade se pautava nos discursos burgueses, no determinismo biológico, na linguagem que distinguia as determinações culturais, a partir do olhar androcêntrico. As relações sexuais, sociais e econômicas davam lugar a uma educação disciplinadora, autoritária e cerceadora do ser mulher. Para os homens, trabalho, força e espaços públicos; para as mulheres, cuidados, fragilidade e espaços privados (RAGO, 1998).

Os ares modernos que inspiravam um novo *modus vivendi* anunciavam a revolução feminina, que ganhava força no Brasil nas primeiras décadas do século XX, a partir de um tímido questionamento dos papéis sociais destinados às elas, da ocupação dos espaços públicos, do direito ao voto, ao trabalho e à remuneração, entre outras lutas que se estenderam até o século XXI, mas que ganharam força e impulso naquele contexto histórico.

Doin (2004) recorda a importância das mulheres na construção social do País e elenca momentos marcantes, como a composição, em 1899, da música “Abre Alas”, escrita por Chiquinha Gonzaga, indicando os anseios das mulheres do novo século; a ocupação de, aproximadamente, 50% dos postos de trabalhos na área têxtil em São Paulo, em 1901; Myrthes Gomes de Campos, a primeira mulher a exercer a advocacia e entrar no Instituto dos Advogados do Brasil, como sócia efetiva, em 1906; a greve de operárias que buscavam a arrefecimento da jornada de trabalho para 09 horas diárias, em 1907; a poesia de Gilka Machado, que ajudou na fundação do Partido Republicano Feminino, em 1910, presidido por Leonilda de Figueiredo Daltro; Maria José de Castro Rabello Mendes, primeira diplomata brasileira aprovada em concurso em 1918; a realização do primeiro jogo de futebol feminino em São Paulo, em 1921; a Semana de Arte Moderna, lançando Tarsila do Amaral como pintora, em 1922; a campanha a favor do voto feminino, iniciada no final do século XIX, obtendo aprovação apenas em 1932; a eleição da primeira prefeita, Alzira Soriano, em 1928, graças a uma lei estadual.

Foi assim que,

As mulheres entraram no espaço público e nos espaços do saber transformando inevitavelmente estes campos, recolocando as questões, questionando, colocando novas questões, transformando radicalmente. Sem dúvida alguma, há um aporte feminino/ista específico, diferenciador, energizante, libertário, que rompe com um enquadramento conceitual normativo. (RAGO, 1998, p. 4).

Passear, divertir-se, consumir, escrever, atuar, jogar, tomar anticoncepcional, entre outras, são ações comuns das mulheres nos dias atuais, que, no entanto, guardam um percurso de batalhas vivenciado por muitas que desejavam se inserir e participar em conjunturas ocupadas majoritariamente por homens. Foram muitos conflitos, lutas, embates para que a mulher, aos poucos, fosse relativizando a sua obrigatoriedade de ocupar o espaço doméstico e garantisse a conquista do espaço público. Ainda que o trabalho de escravos/as e de outras mulheres empregadas domésticas pudesse indicar mais liberdade e tempo livre para as mulheres das classes mais altas, estas eram as responsáveis pela gerência da casa, da família e dos cuidados. Nesse contexto, a diversão da mulher se atrelava à família, com atividades sociais, além de outras, como costurar, tidas por muitos como diversão nessa época (MELLO, 2014).

A transição do espaço privado ao público infringia o imaginário social e, nesse sentido, os discursos morais e civilizatórios eram utilizados como tentativa de conter as ousadias das mulheres, no ensaio de libertação das amarras sociais. Questionamentos sobre a virgindade, a criação e amamentação dos filhos, o abandono da família e do lar, os riscos da prostituição e das paixões mundanas, eram práticas estratégicas que incutiam sentimento de culpa à libertação da mulher, a fim de mantê-la no mundo privado, garantindo a dominação masculina e reverberando no enaltecimento do trabalho e da força (RAGO, 1985).

A moralidade e os bons costumes que assolavam os discursos em relação ao comportamento das mulheres questionavam a utilização do corpo nos espaços públicos. Os corpos sagrados, maternais, puros e belos, ao conquistarem a liberdade, faziam frente aos contextos simbólicos tradicionais disseminados na urbanidade. Assim,

os processos modernizadores inauguraram novas formas de se refletir sobre performances corporais no espaço público. No curso deste processo, o corpo assumiu certo protagonismo nas interações sociais, apresentando-se como instrumento privilegiado nas lutas simbólicas, que, literalmente, incorporam a ética e a estética dos novos tempos. Com efeito, a introdução de práticas esportivas parecia ser condição indispensável para o estabelecimento de um novo homem, sintonizado com uma nova moral. (DIAS, 2019, p. 138).

Ao estabelecimento de um novo homem, o homem moderno, entendemos ser necessário acrescer o de uma nova mulher, moderna, que incitava, necessariamente, uma nova concepção de mundo, de direitos e de valores. Frente à luta das mulheres, não houve escolhas a não ser ressignificar os corpos, seus sentidos e significados sociais. Como marido, pai, irmão, chefe, o homem ainda mantinha a autoridade, enquanto as mulheres galgavam pequenas conquistas que abriam brechas para novos espaços e feitos históricos.

Por exemplo, o labor nas fábricas era contraindicado às mulheres por, supostamente, não terem habilidades suficientes, tampouco força, destreza e agilidade necessárias para o trabalho. A inserção da mulher, antes restrita ao trabalho doméstico, no mercado de trabalho também abalaria os papéis de mãe/esposa/dona-de casa, e exigiria a reconstrução do imaginário social de família, até então orientado pela guardiã do lar (RAGO, 1985). Cumpre ressaltar o forte recorte de classe, presente nesse cenário. O mercado de trabalho em fábricas, lavouras e residências das classes mais altas se abriu às mulheres pobres e de pouca escolaridade, enquanto a possibilidade de estudar, de dar início ao crescimento profissional, enquanto carreira, e, inclusive, a organização em movimentos feministas, foi conquistada, inicialmente, pela elite (BONALUME, 2020).

Nesse contexto de mudança, as discussões científicas do final do século XIX, que focalizavam o corpo em movimento, legitimaram os esportes como prática possível não apenas aos homens, como era preconizado. As mulheres, além dos cuidados para com a família e a maternidade, conquistaram espaços nas fábricas, na política e em carreiras, passando a dividir com os homens a possibilidade de prática esportiva (GOELLNER, 2005).

Segundo Pimenta (2010), a partir de 1910, o jornal *Cataguazes*, através da “*Columna Operária*”, publicava as atividades da Liga Operária, trazendo notícias sobre greves, congressos operários, solenidades festivas, passeatas, concursos de músicas de carnaval, aulas noturnas, jogos de futebol, entre outros. Nessas publicações, a autora observou que as mulheres cataguasenses conseguiam penetrar nas estruturas, mesmo que em alguns momentos elas ocupassem lugares determinados: organização de quermesses, danças e aulas noturnas, labor na fiação.

Pimenta (2010) encontrou fichas admissionais que comprovaram a presença de um grande número de mulheres exercendo esse labor nas fábricas cataguasenses na primeira década do século XX. A autora entende que o trabalho com as habilidades manuais contribuiu para reificar o exercício dessa função fora do lar, ocupando espaço nas fábricas, o que, mesmo dirigido às classes mais baixas, indica um avanço na conquista dos espaços públicos e laborais.

Mesmo passando a ocupar postos de trabalho nas fábricas, apenas os homens eram reconhecidos como população ativa, exercendo funções diversas como políticos, engenheiros, advogados, médicos, gestores, diretores, administradores, atuando como líderes; enquanto isso, as mulheres peregrinavam em prol de espaço, reconhecimento e conquista de direitos trabalhistas.

Nessa luta, em 1920, as operárias cataguasenses, cansadas da discrepância salarial em relação aos homens, entraram em greve e pararam as fábricas da cidade, solicitando o incremento de 10% no valor pago a elas pela tessitura do metro de algodão (PIMENTA, 2010).

Esse movimento grevista, revolucionário, esquadrinhou as influências que circulavam na cidade de Cataguases, indicando a forma pela qual as mulheres estavam ressignificando a ocupação dos espaços, as funções exercidas e questionando os direitos.

O contexto local que ansiava reverberar modernismo e progresso, tensionava a ordem social, através de lógicas e critérios ligados às novas experiências de organizações. Assim, clubes recreativos, clubes esportivos, organizações sindicais e clubes de música davam lugar ao compartilhamento de ideias, valores e ideais, dos quais as mulheres, aos poucos, passaram a usufruir para se articularem.

Além do ambiente do trabalho, as práticas de diversão eram oportunidades que as mulheres tinham para frequentar o espaço público. A oferta de diversões modernas atraía a atenção de todos/as. Teatros, cinemas, clubes, bailes, carnavais e esportes eram experiências sociais que ocupavam espaço significativo na sociedade, como já abordado anteriormente. O mercado do entretenimento e das diversões clamava por público, mas o espetáculo só fazia sentido com a participação da população, motivo pelo qual as mulheres também passaram a ser seletivamente incentivadas a ocupar lugar nesses ambientes (SILVA, 2017).

Nas práticas de diversão, a *dessexualização* do corpo da mulher foi enaltecida pelo viés materno (RAGO, 1985), uma suposta fragilidade e a preocupação com o comportamento, a moralidade e os bons costumes das mulheres nos espaços públicos eram inquietações dos religiosos, dos médicos, dos homens (MELO, 2012). O aspecto biológico parecia justificar a virilidade masculina enquanto negava os prazeres femininos; já a ciência buscava provar que o marido que amava sua esposa e procurava uma prostituta estava apenas dando vazão aos seus desejos sexuais, uma vez que aquela era incapaz de satisfazê-lo (RAGO, 1985).

Nesse sentido, explicitam-se as relações de poder que evocam as questões relativas à discussão de gênero. Entende-se que sexo traz consigo reflexões que abordam corpos distintos, associados ao biológico (sexo) no eixo binário entre ser feminino ou masculino, enquanto gênero transcende essa visão estritamente biológica e aborda o ser mulher ou ser homem a partir de um constructo cultural, histórico e social, marcado pelas relações de poder, de controle, por imposições limitantes, diante dos papéis desenvolvidos pelos indivíduos na sociedade (SCOTT, 1995; BUTLER, 2003).

Para Foucault (2013), as relações de poder perpassam a disciplina dos corpos através da educação e do controle, organizando as formas de agir e de se comportar, normatizando e padronizando, de forma hierárquica, as possibilidades do corpo.

Assim, as questões de gênero perpassam este trabalho e desafiam a pesquisa a buscar entender e explicitar como as diferenças biológicas (macho/fêmea) eram utilizadas, culturalmente, para justificar os comportamentos que normatizavam corpos e impunham a supremacia do macho sobre a fêmea, a partir das instituições, da religião, da família, da educação, da mídia, do esporte, do lazer, etc.

Sabe-se que a história do basquetebol remonta ao século XIX (1891), em Massachusetts, nos Estados Unidos. Foi nesse estado americano que o professor da Associação Cristã de Moços (ACM) James Naismith atendeu ao pedido da Instituição para criar um jogo que pudesse ser praticado em ambiente fechado, para proteger os alunos do frio. Por ter sido concebido dentro de uma instituição que educava jovens missionários e prezava pelos valores empregados nos jogos, o basquetebol acabou tendo ampla divulgação, através das missões realizadas por tais jovens (FIBA, 1972).

A aceitação do basquetebol se apoiou no momento histórico de redimensionamento de hábitos promovido pelas novidades modernas, a exemplo dos corpos em movimento no lazer e no esporte, das novas ideias, das vitrines e luzes, do comércio e ruas, do teatro, do divertimento noturno, dos movimentos operários, suas reivindicações e greves e pela inserção da disciplina de Educação Física na grade curricular das instituições de ensino.

A transformação do paradigma em relação ao início das práticas esportivas nas escolas se deu a partir das mudanças sociais conexas à redefinição de concepções científicas emergentes que ocorriam na transição do século XIX para o século XX. Tais mudanças passaram a incentivar as práticas esportivas sustentadas pelo discurso médico, higienista e da saúde.

Nesse contexto, justificada pelo caráter participativo, dinâmico, acessível e recreativo (DAIUTO, 1991), a participação feminina nos jogos de basquete foi permitida, desde a sua criação, as regras eram as mesmas para ambos os sexos (MORENO, 2006).

Da origem em Massachusetts até a chegada ao Brasil, passaram-se cinco anos. Coutinho (2001) afirma que o Brasil foi o primeiro país da América do Sul a introduzir o basquetebol como prática esportiva. Em 1896, o professor do Mackenzie College, localizado na cidade de São Paulo, Auguste Farnham, introduziu o basquetebol (DAIUTO, 1991). As mulheres aderiram rapidamente à prática, enquanto homens relutavam em aceitá-la, visto que o futebol ocupava um lugar de preferência no mundo masculino (WEIS; POSSAMAI, 2008).

De acordo com Moreno (2006), a disseminação do basquetebol ficou a cargo da Associação Cristã de Moços, que realizou o primeiro torneio do Brasil, concretizado no Rio de Janeiro, em 1915. Entretanto, citando o caso de São Paulo, esse autor indica que, até o ano de 1922, poucos homens praticavam o esporte.

A realização das Olimpíadas Modernas também foi um fator impactante no desenvolvimento e aderência ao esporte no País. Mesmo sem uma organização esportiva nacional, o ano de 1920 marcou o início da trajetória esportiva internacional, ainda sem o basquetebol. Nas Olimpíadas realizadas em Antuérpia, atletas do Brasil se aventuraram em competições de natação, remo, polo aquático, saltos ornamentais e tiro ao alvo (GOELLNER, 2005, p. 87).

As Olimpíadas contribuíram para a divulgação do esporte; entretanto, no Brasil, em se tratando da participação feminina, foi apenas em 1932 que o País registrou a primeira participação em eventos internacionais, em Los Angeles, quando a nadadora Maria Lenk deixou seu nome gravado na história nacional como a primeira atleta do sexo feminino a participar de uma Olimpíada (GOELLNER, 2005).

Tal premissa é entendida por Bourdieu (1983), ao apontar que o esporte é um fenômeno cultural que essencialmente responde a uma demanda social – neste caso, uma demanda das mulheres, que ansiavam por participar desse universo e até mesmo consumir práticas esportivas e diversões.

A aderência ao basquetebol por mulheres, de acordo com Moreno (2006), relaciona-se com as regras. A igualdade destas garantiria a supremacia dos homens em relação às mulheres. Enquanto estes teriam maior facilidade em realizar jogadas e cestas, destacando a performance, elas estariam apenas se divertindo. O basquete, por esse ângulo, parecia reafirmar as condições sociais colocadas e a desigualdade de gênero.

Além disso, as questões de gênero, no âmbito do basquetebol, remontam às suas origens. Enquanto as práticas futebolísticas, por exemplo, eram reconhecidas como masculinas e consideradas por demais agressivas para as mulheres, no Brasil, os homens agiram de forma reticente na adesão ao basquete, influenciados por imagens vindas do exterior que davam visibilidade às mulheres praticando esse esporte (DAIUTO, 1991).

O basquetebol possui características que o tornam extremamente singular, por ser uma prática que inclui a utilização dos diferentes mecanismos fisiológicos. Também exige força para saltar, leveza e força para arremessar, passar e marcar, além de condicionamento cardiorrespiratório e flexibilidade para a realização dos manobras corporais que atuam incisivamente sobre os resultados. O jogo leva à indução, trabalha com inúmeras capacidades

cognitivas, acuidade visual e linguagens corporais, que só se satisfazem à medida que um conjunto maior de pré-requisitos seja desenvolvido simultaneamente. O basquetebol é um jogo que necessita de habilidades mais sutis, além de outras ligadas a força e resistência. É necessário criar um jeito próprio de jogar e ainda acertar as jogadas visando à necessária diferenciação com os outros, o que de certa forma embeleza o jogo, embora isso não ocorra exclusivamente com o basquetebol. Essa condição fica muito bem caracterizada quando se assiste a partidas entre os homens e entre as mulheres (MORENO, 2006, p. 80).

Pactua-se com o autor na medida em que as conquistas da modernidade foram elevando a categoria do ser mulher, mostrando ao mundo não apenas as capacidades afetivas, mas a força, a garra, a inteligência, a agilidade e a velocidade, características até então associadas apenas aos homens. Assim como os homens se utilizavam dos esportes para se divertir e fortalecer os corpos, as mulheres (com todas as ressalvas da época) foram conquistando o direito à prática de alguns esportes aceitos como “femininos”, o que, possivelmente, tenha colaborado para a disseminação dos valores associados ao basquete, como apontado por Moreno (2006), acima.

Torna-se explícito o cerceamento do corpo da mulher, das características a serem mantidas nos esportes, dos padrões a serem adotados, das práticas possíveis, nos ideais que faziam parte do projeto de progresso da nação e indicavam as posturas assumidas pela mulher no âmbito da educação dos corpos femininos. As orientações em relação à forma de comer ou de se vestir, por exemplo, passavam pelo comportamento em relação às atividades sexuais e às práticas esportivas (GOELLNER, 2003).

Tais orientações, normativas do ser mulher, apontam que o primeiro e principal local ocupado por elas foi a arquibancada, onde a torcida feminina ornamentava e amadrinhava os esportes masculinos, a exemplo do que ocorria em Uberlândia, em 1933, onde as Rainhas do Esporte eram coroadas e faziam a presença nos jogos de futebol e basquete masculinos (SILVA, 2017).

Da mesma forma, as mulheres embelezavam os jogos de futebol masculino, em Belo Horizonte, nos anos de 1910. Enquanto os clubes de futebol masculino se expandiam, elas acompanhavam os eventos, mas se mantinham passivas, assistindo às partidas de forma contida (GOELLNER, NETO, 2003).

Ao investigar a participação feminina nos esportes em Belo Horizonte, Moreno e Fernandes (2011) percorreram sobre a atuação das alunas do Colégio Normal Modelo da Capital em suas práticas esportivas e destacaram que, com o passar dos anos, o comportamento social das mulheres passou a ter maior liberdade para adotar um modo esportivo de viver,

caracterizado por roupas, comportamentos, atitudes, vocabulários, calçados, entre outros elementos.

A relação com a vida da mulher moderna pode ser traduzida pelos esportes nos quais a participação feminina foi ganhando espaço, principalmente após as primeiras décadas do século XX, nas quais houve um movimento de transição da ocupação exclusiva das arquivancadas para angariar lugar nos cavalos nas práticas de turfe, conquistando os próprios remos nas regatas, fazendo cestas no basquete, expondo corpos molhados na natação, utilizando saias características das práticas de tênis, domando o sabre na esgrima, exercendo a pontaria no arco e flecha, treinando o equilíbrio no ciclismo e mantendo a beleza e graciosidade nas ginásticas (GOELLNER, 2008).

Percebe-se que as práticas esportivas trouxeram maior participação das mulheres na sociedade e permitiram que elas tivessem acesso ao modo esportivo de viver, utilizando-se dos discursos sobre a higiene e a saúde, próprios desse contexto histórico.

Outra situação que ilustra isso é a do Clube Ginástico de Juiz de Fora, estudado por Lisboa (2014), onde houve aumento na participação feminina, na década de 1920, incentivado pelas perspectivas higienistas que corroboraram para o desenvolvimento das atividades, principalmente o voleibol. De acordo com a autora, o voleibol era uma das poucas atividades permitidas às mulheres, enquanto o boxe, a esgrima, o atletismo e o basquetebol eram exclusividades masculinas.

Em outra cidade de Minas Gerais, Montes Claros, o voleibol teve início em 1923, como prática exclusiva das alunas da Escola Normal. Alves e Netto (2021) vinculam a prática esportiva feminina ao processo de educação civilizatório que se utilizava desse meio como forma de estratégia e controle social.

Esses exemplos, as informações do jornal Cataguazes e os apontamentos de Goellner (2005) confirmam que o esporte feminino, apesar de ter suas origens no século XIX, ampliou o número de praticantes e a visibilidade nas primeiras décadas do século XX. Essa questão se relaciona com os anseios nacionais por desenvolvimento, progresso, civilidade, urbanização, higiene, entre outras necessidades, que acabaram por apresentar novas possibilidades e tencionaram valores tradicionais, seja através de greves dos operários ou através da prática esportiva feminina, situações que emergem de uma insatisfação com a realidade que se impunha (DAIUTO, 1991).

2.3.2 O basquetebol de saias

Ao relacionar o período investigado por esta tese (1906 - 1930) e a data do feito histórico realizado por Maria Lenk (1932), consegue-se ter uma ideia do significado, para o esporte nacional, da adesão à prática esportiva do basquetebol por mulheres, em Cataguases, no final da década de 1910.

Infere-se, através da leitura do jornal Cataguazes, que, nesse contexto histórico, em que as mulheres eram educadas para serem mães, as cataguasenses passaram a transitar pelo espaço público, flertar com postos de trabalhos nas fábricas, dialogar com os ideais liberais e os costumes trazidos do estrangeiro, conectar-se aos movimentos políticos, sociais e econômicos do País e do mundo.

As notícias encontradas no Jornal trazem luz à história do lazer e do esporte no interior de Minas Gerais e iluminam a participação de cidades do interior do Brasil no movimento esportivo nacional, principalmente no âmbito da participação feminina nos esportes.

Dias (2019), Amaral (2020) e Melo (2017) salientam que é necessário que novas pesquisas sejam realizadas com o intuito de revelar a história das práticas esportivas e de lazer nos sertões do País. Apenas dessa forma será possível revelar as peculiaridades locais e refletir sobre a diversidade, sem sobrepujar as culturas regionais, mas identificar as contribuições locais para a constituição da história nacional.

Em Juiz de Fora - MG, por exemplo, ao estudar o Grupo Ginástico de Juiz de Fora no início do século XX, Lisboa (2014) identificou que a participação feminina nos espaços esportivos ocorreu de forma lenta e sem conflitos, pois desde o início havia atividades que não prejudicavam as características de beleza, delicadeza, doçura, e leveza, identificadas na sociedade como pertencentes ao feminino e que deveriam ser preservadas.

Goellner (2005) complementa:

O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher, despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina. Pareciam, ainda, desestabilizar, o terreno criado e mantido sob domínio masculino cuja justificativa, assentada na biologia do corpo e do sexo, deveria atestar a superioridade deles em relação a elas. (p. 92).

Tornam-se explícitos, portanto, o cerceamento do corpo da mulher, as características a serem mantidas nos esportes, os padrões a serem adotados, as práticas possíveis – ideais que

faziam parte do projeto de progresso da nação e indicavam as posturas assumidas pela mulher no âmbito da educação dos corpos femininos, as orientações em relação à forma de comer, de se vestir, passando pelo comportamento em relação às atividades sexuais e às práticas esportivas (GOELLNER, 2003).

As orientações normativas do ser mulher apontam que os primeiros locais ocupados por elas foram as arquibancadas, em que a torcida feminina ornamentava e amadrinhava os esportes masculinos. Em Uberlândia, em 1933, por exemplo, as Rainhas do Esporte eram coroadas e faziam a presença nos jogos de futebol e basquete masculinos (SILVA, 2017), da mesma forma que embelezavam os jogos de futebol masculinos em Belo Horizonte nos anos de 1910. Enquanto os clubes de futebol masculino se expandiam, elas acompanhavam os eventos mantendo-se passivas e assistiam às partidas de forma contida (GOELLNER, 2003).

Ao investigar a participação feminina nos esportes em Belo Horizonte, Moreno e Fernandes (2011) percorreram sobre a atuação das alunas do Colégio Normal Modelo da Capital nas práticas esportivas vigentes e destacaram que, com o passar dos anos, o comportamento social das mulheres passou a ser de maior liberdade para adotar um modo esportivo de viver, caracterizado por roupas, comportamentos, atitudes, vocabulários, calçados, entre outros elementos.

A relação com a vida da mulher moderna pode ser traduzida pelos esportes nos quais a participação feminina foi ganhando espaço, principalmente após as primeiras décadas do século XX, quando houve um movimento de saída das arquibancadas, lugar permitido a elas, angariando lugar nos cavalos nas práticas de turfe, conquistando os próprios remos nas regatas, expondo corpos molhados na natação, utilizando saias características das práticas de tênis, domando o sabre na esgrima, exercendo a pontaria no arco e flecha, treinando o equilíbrio no ciclismo e mantendo a beleza e graciosidade nas ginásticas (GOELLNER, 2005).

Percebe-se que as práticas esportivas trouxeram maior participação das mulheres na sociedade e permitiram que elas tivessem entrada no modo esportivo de viver, utilizando-se dos discursos sobre a higiene e a saúde, próprios desse contexto histórico. Assim, elas foram se deslocando das arquibancadas para as quadras.

O avanço das práticas esportivas femininas em Minas Gerais indica possibilidades crescentes. Os esportes estavam tanto nos espaços públicos como nos privados, e nas práticas escolares. Assim como aconteceu em Cataguases, em 1919, as alunas do Colégio Normal Modelo de Belo Horizonte praticavam basquetebol e participavam de festivais esportivos, levando público para assistir (MORENO; FERNANDES, 2011).

Silva (2017) disserta sobre a presença feminina no esporte em Uberaba e indica que a imprensa local dava mais visibilidade para as práticas de natação feminina, visto que, apenas em 1933, foi noticiada a realização de um evento interestadual entre jogadoras de basquete e voleibol.

Em Montes Claros, a primeira notícia sobre a prática de basquetebol ocorreu em 1937 (ALVES; NETTO, 2021), período posterior aos dados encontrados sobre a prática desse esporte em Cataguases, tendo em vista que as publicações do jornal Cataguazes passaram a mencioná-lo a partir de 1916, quando foi noticiado que as alunas do Escola Normal tinham nas atividades físicas possibilidades de inserção no mundo esportivo e o basquete era o esporte escolhido por elas. Partidas de basquete eram oferecidas com a presença de bandas de música (ALMANACK, n. d).

A presença de bandas de música nas práticas corporais e esportivas está arrolada ao caráter de divertimento dessas práticas. Partidas de futebol, de basquete (bola ao cesto) e de voleibol eram, em muitas ocasiões, acompanhadas de apresentações das bandas musicais (DE PAULA, 2014).

Tendo em vista que a prática se dava vinculada ao currículo escolar, a primeira notícia acerca do basquetebol feminino de Cataguases encontrada no Jornal, em 1916, parece ser posterior ao início da prática esportiva. O anúncio de uma partida de basquetebol fazia referência a times do clube da Escola Normal e havia indicativo de que o dia da semana propício a esses embates era o domingo, deixando subentendido tratar-se de uma situação que já se consolidara (CATAGUAZES, 27 ago. 1916, p. 1).

Nessa primeira notícia, percebem-se adjetivos associados à feminilidade da mulher (“gentilíssimas patrícias”, “graciosas senhoritas”) presentes na notícia, trazendo para o campo esportivo o adjetivo “belo” (como em “bello sport”, por ser praticado por “belas” mulheres, proporcionando um “belo” espetáculo). A adjetivação utilizada caracterizava tanto o esporte quanto a mulher, cuja presença no contexto esportivo foi capaz de modificar a referência ao embate, à disputa pela bola e ao ponto no basquete, ou seja, a prática encantadora mascarava a referência à força e à agressividade necessárias para a realização da cesta.

Tais observações são contempladas ao longo das notícias, em que termos como graça, beleza, harmonia, simpatia, entre outros, são utilizados ao associar mulheres e esportes. Por outro ângulo, tais referências buscavam reforçar o lugar da mulher e os papéis sociais desempenhados por elas, assim como tais elogios derivavam da temática subversiva, “uma vez que elas estariam abandonando suas “funções naturais” para invadirem os espaços dos homens” (DE PAULA, 2014, p. 33).

A reação a essa invasão acontecia de forma sorrateira, disfarçada de agradecimentos. No “ground do Gymnasio”, em agosto de 1916, foi realizada uma partida entre as alunas da Escola Normal, que pertenciam ao clube de basquete Arnaldo Carneiro, com o objetivo de homenagear o Gymnásio São José. Na notícia sobre a prática de basquete em Cataguases, lia-se:

Raras festas têm em Cataguases encanto maior, mais duradouro e mais intenso. O folgor da festividade é uma harmonia contagiante de graça e beleza. A sympathia da cidade coroando com os seus aplausos melhores, dias com palmas contidas a festa das graciosas e encantadoras patrícias, é sempre uma homenagem claugorosa e um hynno triumphante ao esplendor de uma festa, para a qual as gentilíssimas patrícias têm o condão incomum de arrastar toda a cidade. (CATAGUAZES, 27 ago. 1916, p. 1).

Cercadas de elogios que, em muitos casos, as colocavam como objetos, as mulheres seguiam conquistando espaço, oferecendo divertimento à população cataguasense e se divertindo. A graça e a beleza das partidas eram anunciadas como troféus com que parte da população se mobilizava para acompanhar “sob a vibração intensa e duradoura de uma aclamação glorificante” os times entravam em cena (CATAGUAZES, 27 ago. 1916, p. 1).

Definidas pelas cores da bandeira nacional, as primeiras equipes de basquete feminino Verde e Amarela foram apresentadas pelo jornal:

Team Verde: Maria Gama, Alice Braga, Sebastiana Godinho, Clymene Barroso, Corina de Castro, Dinah Ferreira, Irene Garoni, Noemia Sobral, Cecy Cardodo. Team Amarelo: Lurdes Drummond, Ecila Fabrino, Elizabeth Taveira, Maria do Carmo, Quiquita Macedo, Emilia Godinho, Lourdes Santos, Stella Coutinho, Maria Vilella. (CATAGUAZES, 27 ago. 1916, p. 1).

Essas pioneiras conquistaram lugar nas páginas do Jornal, mas seus feitos históricos, que contavam com embate, garra, força e inteligência, foram resumidos em apenas um resultado: o primeiro tempo terminou em 12 a 8 para o Amarelo (CATAGUAZES, 27 ago. 1916). Não houve narrativa dos fatos ocorridos durante o primeiro tempo de jogo.

O segundo tempo foi narrado como um conto de fadas, em que palavras doces e gentis camuflavam as reais experiências em jogo. O time verde lutava para reverter o placar, entretanto o texto anunciava uma cordialidade entre equipes, delicadeza que só um jogo entre mulheres seria capaz de oferecer.

O Team Verde faz um esforço maravilhoso para cobrir a diferença. E a partida cresce de intensidade, de brilho de vida. As jogadoras do verde dando trabalho comum, homogêneo, guardam impecável linha de serenidade, delicadeza, de seduccção, que as suas adversárias mantinham com igual apreço. É um

prodígio de beleza esta hora a encantadora da diversão. Havia dominadora uma impressão de arte, na eurhythmia hellenica dos movimentos rápidos das jogadoras verdes, a altura das suas contendoras, nesse desporto do luminoso entusiasmo. (CATAGUAZES, 27 ago. 1916, p. 1).

O machismo pode ser percebido nas páginas do Jornal, visto que a arte de jogar basquete com sedução e delicadeza parece ter sido exercida com maestria pelas mulheres do team Verde, mesmo perdendo a partida (placar acirrado: 17x15 para o Amarello). O pouco que foi narrado na notícia e o placar apresentado incitam a reflexão sobre a garra, a vontade e a docilidade dos corpos das jovens que participaram da partida, respeitando as condutas que dialogam com o papel social exercido pela mulher naquele contexto histórico.

Uma análise da narrativa do Jornal permite perceber a atuação masculina defendendo seu posicionamento social e marcando posição quanto às relações hierárquicas e de poder. O fato de focar em posturas e atitudes como serenidade, sedução e delicadeza, em detrimento das técnicas e táticas do jogo em si, não pode ser visto e tratado como mero acaso. São os homens dando luz aos seus próprios interesses e ofuscando os feitos das mulheres no esporte, território que não lhes pertencia.

É a imagem social se refletindo nas páginas do Jornal. Corroborando com a leitura aqui apresentada, De Paula (2014) ressalta a maneira como as situações são colocadas e destaca a hierarquia e a tentativa de naturalizar as referências sociais, invisibilizando as atuações das mulheres e enaltecendo os feitos dos homens.

Tais feitos eram enaltecidos, também, de outras formas. Almanack (n.d.) ressalta que os jogos de basquete feminino eram utilizados como forma de homenagear homens da elite cataguasense por seus feitos, representatividade política e econômica, enquanto as mulheres propiciavam o divertimento, com o intuito de agraciar a autoridade ali representada.

Nesse viés, foram identificadas diversas homenagens das mulheres jogadoras a “importantes” homens da sociedade. Destaca-se o jogo em homenagem ao presidente da Câmara de Cataguases, Coronel João Duarte Ferreira. O texto escrito no Almanack (n.d.) não indicava o ano ou data do evento, entretanto a notícia completa foi encontrada no jornal Cataguazes de 1917, a qual sugere que a população que acompanhava os jogos de basquete das alunas da Escola Normal o fazia para estimulá-las na prática esportiva, “condão mágico de abalar toda a cidade, que vae ao campo dar-lhes o aplauso estimulante do seu interesse vivo e do seu entusiasmo vibrante” [...] “o maravilhoso encanto desse apoio sem reservas de toda a população cataguasense” (CATAGUAZES, 19 ago. 1917, p. 1). De acordo com o Jornal, o fato

de ir assistir às partidas de basquete elevava a população de Cataguases ao posto de apoiadora das práticas esportivas femininas.

Entende-se que a presença da família e da comunidade contribuía para a realização dos eventos e demonstrava, de certa forma, curiosidade e/ou aprovação da prática do basquete pelas alunas da Escola Normal. Não foram localizadas outras iniciativas que pudessem ser entendidas como apoiadoras, motivadoras e ou incentivadoras das práticas esportivas por mulheres.

A mesma matéria trata a prática do basquete por mulheres, na cidade de Cataguases, como uma benfeitoria que ensejava os novos preceitos da educação moderna, a qual passara a incluir no currículo escolar os exercícios físicos, concretizados pela Escola Normal, nas práticas de ginástica e práticas esportivas para mulheres.

Noticiamos, a directoria da Escola Normal, de acordo com a competente professora de gymnastica senhorita Hilda Samuel, resolveu organizar partidas de basket-ball com intuito de dar execução ao regulamento escolar na parte que faz exercício physico uma das bases da educação nas escolas modernas. (CATAGUAZES, 19 ago. 1917, p. 1).

Não se pode perder de vista que, no contexto histórico estudado, a frequência à educação formal era privilégio das classes abastardas, ou seja, as mulheres da elite cataguasense é que recebiam educação formal na Escola Normal. A Instituição representava determinada ordem econômica e social, divulgava em anúncios no Jornal a oferta de educação de acordo com os mais modernos currículos, inspirados nos currículos das capitais e do exterior.

O diálogo entre a educação e os saberes médicos e higiênicos se tornava estreito, na medida em que os interesses convergiam para lógicas comuns do Brasil, que ansiava pelo reconhecimento da recentemente conquistada autonomia política e do progresso do projeto de nação. Para a efetivação desse projeto, era necessário incutir na população novos hábitos e costumes, e os meios de diversão, assim como os ambientes educacionais formais, constituíam locais que contribuíram significativamente para veiculação dos valores da ordem e do progresso.

A ciência respaldava a normatização dos corpos e a disciplina de educação física, recém-incluída nos currículos escolares, atendia aos fins de preparação do corpo masculino para o trabalho e do corpo feminino para ser mãe e assumir os cuidados com o lar. A ginástica reforçava os novos códigos civis, adestrava corpos, parametrizava músculos e gestos, enquanto a ginástica científica era a vedete para a saúde e a criação da raça forte (SOARES, 1998).

As mulheres matriculadas nas escolas deveriam praticar as aulas de ginástica durante a parte de exercícios físicos. Essa modalidade seria responsável pela manutenção da beleza, da

delicadeza e da feminilidade, características que mantinham o corpo da mulher domesticado e preparado para a maternidade e a satisfação dos desejos masculinos (DE PAULA, 2014).

Para Louro (1997):

A escola parecia desenvolver um movimento ambíguo: de um lado, promovia uma espécie de ruptura com o ensino desenvolvido no lar, pois de algum modo se colocava como mais capaz ou com maior legitimidade para ministrar os conhecimentos exigidos para a mulher moderna; de outro, promovia, através de vários meios, sua ligação com a casa, na medida em que cercava a formação docente de referências à maternidade e ao afeto. A escola adquiria, também, o caráter da casa idealizada, ou seja, era apresentada como um espaço afastado dos conflitos e desarmonias do mundo exterior, um local limpo e cuidado. A proposta era que esse espaço se voltasse para dentro de si mesmo, mantendo-se alheio às discussões de ordem política, religiosa etc. Apontava-se que a polêmica e a discussão eram "contra a natureza feminina". (p. 8).

Louro (1997) afirma, ainda, que o acesso das mulheres à escola era difícil. As classes mais abastadas mantinham os privilégios de décadas anteriores pelos quais a educação feminina valorizada era provida no lar. Extratos um pouco menos privilegiados enviavam suas filhas às escolas, principalmente às Escolas Normais, pelo duplo papel educativo dessas instituições, ou seja, educar para a vida e para o magistério.

Assim, as aulas de *gymnastica* que abordavam temáticas que iam do canto ao cuidado com o corpo foram substituídas por métodos ginásticos científicos, no século XIX, atendendo aos novos códigos de civilidade. Como havia negação da relação entre ginásticas e práticas de diversão, a chegada dos esportes ao Brasil, e sua conseqüente inserção nas aulas de educação física, preencheu essa lacuna, ao vincular-se aos desejos modernos de diversão e espetáculo (SOARES, 2020).

As aulas de educação física eram separadas por sexo, e até os professores eram do mesmo sexo dos alunos, por isso a professora Hilda Samuel era quem comandava as aulas e os jogos de basquete feminino da Escola Normal. A prática docente garantiria a vocação dos homens para o trabalho e das mulheres para a casa. Esses valores seriam transmitidos, inclusive, pela feminização do magistério, justificado pela propensão das mulheres ao cuidado nas relações sociais e familiares. Nesse contexto, a escola e os professores foram responsáveis pela manutenção de feminilidades e masculinidades no ambiente educacional, reforçando-os como valores válidos dentro e fora dele (OLIVEIRA, 2015).

As alunas da Escola Normal mantinham a tradição escolar e inovavam nas práticas esportivas. De acordo com o Jornal, elas posavam para fotos, como se pode observar na Imagem 12, a qual reflete a forma de se vestir para a diversão: blusas claras de mangas longas e cores escuras nas saias longas.

Imagem 13 - Basquete feminino



Fonte: Almanack, n.d., p. 46.

Segundo Moreno e Fernandes (2011), a prática esportiva possibilitou que as mulheres conquistassem liberdade para se vestir de forma mais leve, exibindo mais os corpos, usando penteados leves e pouca maquiagem.

Entretanto, em Cataguases, a conquista do comportamento esportivo foi limitada pela vestimenta clássica: as saias. Mesmo que os valores modernos de agilidade e velocidade estivessem em voga, as mulheres não tinham permissão para vestir calças, roupas curtas ou decotadas, uma vez que a prática deveria esconder o corpo e resguardar a feminilidade.

Tendo presente o que afirma Debord (1997) – que as práticas esportivas, além de uma diversão, são, também, um espetáculo –, percebe-se que, enquanto o espetáculo esportivo expunha corpos e práticas esportivas femininas, os jornais traziam à tona adjetivos associados ao padrão de comportamento e às posturas sociais adequadas, reafirmando o lugar da mulher na sociedade cataguasense, deixando claro que, mesmo realizando práticas esportivas, as mulheres não deveriam assumir posturas e corpos masculinos, tidos como superiores.

Neste sentido, é possível afirmar que a presença da mulher no mundo do esporte representa, ao mesmo tempo, ameaça e complementariedade: ameaça porque chama para si a atenção de homens e mulheres, dentro de um universo construído e dominado por valores masculinos e porque põe em perigo algumas características tidas como constitutivas da sua feminilidade. Complementariedade porque parceira do homem em atitudes e hábitos sociais, cujo exercício simboliza um modo moderno e civilizado de ser. (GOELLNER, 2005, p. 89).

Os imperativos sociais que perpassavam pelo vestuário feminino foram abordados no Almanack (n.d.), o qual destacou a profunda decepção dos/das cataguasenses em relação às “patricias” que adotavam hábitos franceses como o vestuário, a forma de dançar, o modo de falar e a pouca elegância ao andar. Para o autor, as influências vindas do berço da moderna civilização promoviam a degradação da mulher cristã:

Se numa donzela é tão condenável essa moda licenciosa, mais própria das infelizes mundanas, que se poderá dizer de uma senhora casada? Que poderia esperar um marido, que, criminosamente, permite que sua esposa ande vestida indecorosamente, expondo seu corpo as vistas dos conquistadores que por ali andam em profusão, como lobos a procura de presas? Que critério se pode formar de tais maridos e de pais tão desatentos aos inconvenientíssimos trajes de suas filhas? É preciso que os pais e maridos saibam que a moda é um monopólio comercial de homens, descristianizados, judeus em sua maior parte, que especulam o lado fraco das mulheres, a preocupação de agradar e atrair vistas sobre si, usando tudo, contanto que seja moda, ainda que imoral. A moda de hoje pode definir-se: um tecido de imodéstia, um bruado de pecados! ... uma mulher sem pudor, embora bela, é semelhante a um pecego aparentemente são e belo, mas inteiramente bichado! Encompridai as saias curtas, que exibem as pernas; levantai os decotes, que expõem vosso corpo; baixe as mangas, que descubrem os braços; sede discreta no trajar pra não vos confundirdes com as heroínas do vício. A moral, a religião e o respeito de vós mesmas vos impõem este dever, o exemplo vivo prega mais alto que os discursos. Apontar e aconselhar o caminho do dever e da virtude, sem trilha-lo, é desmentir pelo procedimento o que se afirma pelos conselhos; equivale ao mesmo que dizer: Faz o que eu digo, mas não diz o que eu faço, Senhoras e donzelas católicas daí o bom exemplo da moda, vestindo-vos cristãmente [...] (ALMANACK, n.d., p. 48).

O texto mostra a tentativa de controle, tanto da religião quanto dos homens, sobre as mulheres que utilizassem elementos “imorais” da vida moderna, como roupas que expunham as pernas através de saias curtas, o colo através dos decotes e braços desnudos pela ausência de mangas longas. Igualmente, em nome da religião cristã e da moral masculina, o texto expõe as normas de vestuário feminino, preconceito em relação às mulheres e aos judeus, de forma racista, ou seja, o Jornal Oficial expressa a opinião de parte da população cataguasense (ALMANACK, n.d.)

De acordo com tais premissas, se a mulher fosse casada, poderia desonrar o marido pela postura diante da sociedade; se senhorita, o pai deveria tomar as atitudes cabíveis para controlar as “presas”, pois o corpo feminino careceria de controle social e masculino, enquanto os “lobos” viviam à solta, à caça, em busca de vítimas ou donzelas indefesas.

Segundo a matéria, indefesas, frágeis e fracas eram as mulheres que se submetiam à moda moderna e ousavam se vestir de forma a correrem o risco de serem confundidas com as “heroínas do vício”. Questiona-se a fragilidade dessas mulheres que ousavam romper as

barreiras inquisitórias da sociedade cataguasense e se vestiam de acordo com os seus próprios desejos.

A partir das opiniões que induziam à educação dos corpos, na modernidade, os sentidos e as sensibilidades passavam por um processo de ressignificação, em que a dinâmica da cidade, o urbano, contribuía com a mudança na experiência dos indivíduos. A nova organização social aparelhava o lugar dos pedestres, dos carros e das charretes, expondo imagens, corpos, movimentos que davam visibilidade a homens e mulheres em meio à multidão. O esporte e as demais diversões conjugavam espaços propiciando o prazer, o divertir-se além “da capacidade de diluição, de perder-se momentaneamente em algo – no sexo, na comida, prazeres do corpo – é um exercício de autonomia, de libertação” (VAZ; MOMM, 2012, p.156).

Existem significados impregnados no simbolismo das vestimentas, inclusive vinculadas ao esporte. A forma de se vestir indicava o extrato social, o estado civil, a profissão e a moralidade feminina. O corpo, assim como a roupa, eram símbolos de identidade, poder, beleza, expressavam confrontos e apaziguamentos. O vestuário estabelecia uma rede de comunicação, expressava o consumo, aguçava o imaginário, representava a transição de época e acompanhava as novas demandas dos contextos histórico-sociais: roupa para baile, para jogar basquete, para frequentar a igreja, entre outros (LADEIRA *et al.*, 2003).

[...] argumentos básicos no processo de comunicação: em um primeiro olhar, pode-se dizer que o que menos se consome e cristaliza é o produto, a materialidade do objeto. Há investimentos que corporificam numa apropriação, com o vestuário esportivo vendem-se “desejos”, “estilos de vida”, “sensações”, “emoções”, “prazer”, “desempenho”, “visões de mundo”, “hierarquias”. (LADEIRA *et al.*, 2003, p. 339-340).

A apropriação da moda parece não ter sido significativa no vestuário esportivo, uma vez que as páginas do jornal Cataguazes não deram destaque a isso, durante o período analisado por esta tese. O imbricamento entre esporte, escola e sociedade permaneceu estável, e as roupas utilizadas para os jogos de basquete mantiveram-se as mesmas: saia longa, blusa de manga longa e gravata no pescoço.

Ladeira (2003) trata o vestuário esportivo como um elemento que transcende os esportes, as quadras, os campos e tem lugar na sociedade como a forma característica para se vestir em momentos nos quais as pessoas irão realizar alguma prática esportiva.

Não foram encontrados elementos que pudessem respaldar tal afirmação em Cataguases, no período estudado. A roupa esportiva não parece ter estado nas ruas da cidade.

Foram os uniformes escolares que vestiram os corpos nas escolas e nas práticas físicas e esportivas, como o basquete, a exemplo da Imagem 14, abaixo:

Imagem 14 - Basquete feminino



Fonte: Cataguazes, 20 jan. 1918, p. 1.

O uniforme se prestava a atender às normativas vigentes, entretanto acredita-se que os movimentos esportivos, como correr, cair, saltar, colocavam os corpos femininos em evidência, valorizando-os, o que, possivelmente, contribuía para despertar o interesse dos homens nas partidas de basquetebol feminino. Trata-se de elementos simbólicos que evocam a sensualidade, a sexualidade, a liberdade e o poder dos sexos, um jogo para além do basquete, um jogo social e simbólico no qual as mulheres ganhavam espaço oferecendo um espetáculo esportivo, nem sempre reconhecidas, especificamente, pelo feito.

No entanto, o vestuário esportivo para práticas masculinas, como o futebol, foi adaptado ao desporto, adquirindo sentidos e significados próprios. A exposição do corpo masculino através da utilização de shorts e camisas parecia não ofender a população cataguasense. Essa temática foi abordada ao tratar sobre o futebol em Cataguazes no início do século XX.

Imagem 15 - Futebol masculino



Fonte: ALMANACK, n.d., p. 68.

Feito o registro acerca do atravessamento moral no esporte, destaca-se que as matérias jornalísticas narravam os jogos como eventos pacíficos de diversão, como se fossem apresentações esportivas e não embates entre duas equipes que almejavam a vitória.

A prática esportiva é um dos elementos marcantes da modernidade e se caracteriza por elementos em comum, como as regras, por exemplo. Desde o surgimento do esporte moderno, na Inglaterra do século XIX, houve um intenso alastramento de sua prática pelo mundo, estimulando e estimulado pelo processo de comercialização de produtos e imigração de pessoas.

Ao chegar a cada localidade, o esporte foi adquirindo características próprias, adaptações, conjecturando, ou não, com os sentidos e significados originais; ou seja, inseridos na cultura local, os esportes assumiam sentidos e significados próprios. No Brasil, o uso do termo *Sport* pode ter estreita relação com a questão imigratória e a identidade europeia desejada. O uso de termos em inglês se aproximava do contexto moderno almejado pela nação e foi adotado no Brasil designando um vocabulário esportivo próprio, em outro idioma (MELO, 2010).

As narrativas esportivas trazidas pelo jornal Cataguazes confirmam a afirmação de Melo (2010) sobre a utilização de termos em inglês, como o próprio nome do esporte (basketball), nas matérias sobre o jogo de basquete feminino. Para Queiroz (2005, p. 40), “é claramente perceptível a relação entre a língua e a sociedade, sendo aquela o elemento de interação entre o falante e o meio social e, por isso, exposta às contínuas alterações que ocorrem no interior da sociedade”.

Nas notícias encontradas sobre o basquete feminino, o uso de estrangeirismos era comum para designar situações de jogo ou outros aspectos vinculados aos esportes: *match* de *basketball* (o jogo de basquete), *team* roxo (time que usava uniforme de cor roxa), *training*

(treinamento, capacidades físicas em boas condições), *score* (placar), *sportwoman* (mulher praticante de esportes, atleta do sexo feminino).

No âmbito das práticas de futebol, muitas palavras em inglês foram identificadas e reiteram a busca de uma identificação nacional com a modernidade europeia. Alguns termos encontrados no Cataguazes foram: *sportman* (homem praticante de esportes, atleta do sexo masculino), *football* (futebol), *players* (jogadores), *keeper* (goleiro), *sportfield* (campo esportivo), *offside* (impedimento), *kick in goal* (reposição de bola feita pelo goleiro através de um chute), *toss* (lançamento de moeda), *corner* (escanteio).

As narrativas dos jogos femininos de basquete no Jornal mantiveram-se assíduas e repletas de elogios às “patricias”, ao entusiasmo no momento do *goal* e à torcida marcante que fazia “um esplendor de uma festa helênica, deslumbrante e arrebatadora”. Segundo o Jornal, a torcida era composta pelos/pelas cataguasenses de diversos extratos sociais, “e às duas horas lá se encontravam todas as classes sociaes” (CATAGUAZES, 26 ago. 1917, p. 1). A democracia do espaço esportivo oportunizava a mistura entre os extratos, nos momentos de diversão.

Cada modalidade, com suas características, conseguiu atrair homens e mulheres de diferentes classes da sociedade, formando um primeiro grande movimento de público esportivo no Brasil. Tanto a representatividade feminina nas arquibancadas quanto a grande desigualdade social podiam ser vistas nas arenas (SOUSA, 2017, p. 4).

Como descrito nesta tese, a frequência aos divertimentos noturnos, como os bailes que aconteciam nos clubes, era cercada de normativas econômicas estratificadas. Havia questões raciais e de gênero que limitavam o acesso de todo tipo de público; por outro lado, o divertimento esportivo congregava todos: homens, mulheres, casados, solteiros, crianças, adolescentes e adultos, que incentivavam as jogadoras de basquete a continuarem a jogar, a darem o melhor em quadra, distribuindo “aplausos quentes, nas palmas calorosas que as saudavam em que havia muito de affecto e muito estímulo” (CATAGUAZES, 26 ago. 1917, p.1).

A participação do público no espetáculo esportivo dialoga com a busca da excitação moderna (DUNNING, 1999). O jogo é capaz de propiciar novas experiências ao espectador, incitando emoções e comportamentos correspondentes ao momento vivido. Por propiciar relações interpessoais na especificidade do contexto, questões outras como o ver e o ser visto, a velocidade e a dinâmica do jogo, a presença feminina na quadra, os corpos em movimento, fazem com que o espetáculo se configure como a experiência entre jogadores e espectadores, em que a participação da torcida é parte significativa do evento.

O termo “torcida” passa a ser efetivamente utilizado em 1920, quando comportamentos e públicos começam a fazer parte do cotidiano das práticas esportivas. O torcedor ou torcedora seria aquela pessoa que, com o objetivo de torcer, regularmente se juntava a um grupo de pessoas, que recebeu o nome de torcida (SOUSA, 2017). Tal premissa foi observada na imprensa cataguasense, que deu lugar à torcida em suas matérias.

Participar de uma torcida prediz um sistema de escolha em que se torce por e/ou contra alguém ou equipe. Para Bandeira (2012, p. 3), “é possível perceber nas expressões públicas de sentimentos representações que hierarquizam os torcedores de clubes rivais”. Apesar da presença da torcida, não foi mencionada rivalidade entre as equipes de basquete feminino nas notícias encontradas. O aparente ambiente de paz, com ausência de conflitos, inferido a partir das leituras, parece resultar da perspectiva de educação dos comportamentos sociais, principalmente aqueles que se relacionam com o ambiente de práticas femininas.

Poderíamos ter uma ideia da torcida que acompanhava os jogos de basquete em Cataguases quando, em 1917, o Jornal anunciou que, aproximadamente mil pessoas se reuniram, ao meio dia de um domingo, para torcer para as alunas da Escola Normal que disputaram uma partida, cujo resultado foi a vitória do time Rosa (19) sobre o Branco (16) (CATAGUAZES, 02 set. 1917).

No entanto, a matéria acima citada ocupa três quartos da primeira página do Jornal, com o título “Visita dos Ubaenses a Cataguazes”, tratando de um amistoso de futebol entre equipes das duas cidades. A narrativa inicia com a chegada dos jogadores, no trem das nove horas da manhã, aborda o ambiente amistoso entre os cidadãos e os visitantes, cita o nome de todos os participantes da comitiva futebolística e, em uma brusca mudança de assunto, passa a abordar o jogo de basquete citado acima.

Diante do contexto, pode-se inferir que o jogo de basquete feminino foi uma apresentação de boas-vindas ou uma homenagem aos jogadores de futebol recém-chegados à cidade. Tal suposição tem respaldo na análise da ordem da narrativa, no horário da realização do jogo (meio dia) e na continuação da notícia, que indica o horário de catorze horas e quarenta e cinco minutos como o momento do *toss* para o início da partida de futebol, cujo placar registrou dois gols para o Flamengo de Cataguases e um para o Ubaense.

Apesar da especificidade do evento, reunir mil pessoas para assistir a uma partida de basquetebol feminino, ao meio-dia de um domingo, indica que a prática era valorizada entre as diversões da população cataguasense, uma vez que, se o público estivesse apenas interessado no futebol masculino, não teria estado lá com tanta antecedência.

Outro aspecto que chama atenção na referida matéria é a forma de abordar as práticas de futebol masculino e basquetebol feminino, que difere significativamente. Os valores contidos nessa escolha preservavam a feminilidade, o corpo materno, a disciplina, a beleza e a simpatia das mulheres, contrapondo-se aos valores masculinos de força, garra e violência. Possivelmente seja essa uma das explicações para a segregação esportiva que havia em Cataguases no início do século XX. De acordo com Cunha Jr. (2011), as dimensões perigosas e violentas do futebol se camuflavam no entusiasmo e na alegria dos jogadores, enquanto as mulheres sequer precisavam abrir mão dessa ferramenta, uma vez que nada teriam a ocultar.

Durante todo o período de circulação de notícias sobre a prática de basquete, pelas mulheres em Cataguases, não foi identificada qualquer notícia que relatasse o recebimento de equipes de fora da cidade ou a viagem das cataguasenses para jogar em outros lugares. Trata-se de mais uma distinção entre o esporte praticado por homens e por mulheres, já que a liberdade era cerceada pelas normas sociais vigentes que impunham a hierarquia entre os sexos. A “enorme concorrência” do público espectador representava o simbólico do olhar do outro e a convivência com a situação experienciada pelas mulheres, a submissão (CATAGUAZES, 09 set. 1917).

Nas matérias do Cataguazes, esporte e religião se encontraram no ano de 1918, quando as alunas do internato do Collegio N. S. do Carmo organizaram uma comemoração de aniversário para a primeira diretora da instituição, a Irmã Superiora Madre Bernadette do Imaculado Conceição. O evento contou com “missa, jogo de basquete das alunas e um teatrinho” (CATAGUZES, 05 maio 1918, p. 2).

De acordo com o site do atual Colégio Carmo, a instituição católica foi inaugurada em 1912 por irmãs carmelitas e oferecia regime de internato, semi-internato e externato, só para mulheres. Havia acolhimento de jovens e crianças não matriculados na instituição para a prática da catequese e de atividades recreativas.

A primeira década de funcionamento foi marcada pelo oferecimento dos níveis de ensino Primário e Curso Preparatório. Em 1917, o colégio começou a atender crianças entre quatro e sete anos de idade para cursar a Escola Materna; em 1924, passou a funcionar o orfanato; e, em 1925, o Decreto nº 6791 aprovou a transferência da Escola Normal de Cataguases para o Colégio Nossa Senhora do Carmo, momento em que chegaram normalistas de várias cidades para estudar na instituição.

A matéria aponta, ainda, que o colégio tinha mais de cento e vinte alunas, a grande maioria em sistema de internato. Além das práticas curriculares próprias, essas alunas jogavam basquete e, no jogo de comemoração, foram dirigidas pela professora Annita Carneiro, e

arbitradas por Ecila Fabrino, Dinale Ferreira e Quiquita Macedo (CATAGUAZES, 05 maio 1918, p. 2).

No contexto histórico analisado, foi a primeira vez que o jornal anunciou um jogo de basquete sendo praticado e arbitrado exclusivamente por mulheres. De acordo com o site Rank Brasil, a primeira árbitra de basquete do País foi a carioca Alzira Almeida do Amaral, que apitou um jogo em 1965, no Rio de Janeiro. Obviamente, o reconhecimento da árbitra Alzira se faz a partir da arbitragem de um jogo oficial e o relato acima trata de um jogo de basquete amador, em nível escolar; entretanto, a diferença de 47 (quarenta e sete) anos que distancia a arbitragem das cataguasenses e o reconhecimento da carioca é um dado relevante que demonstra o pioneirismo das mulheres cataguasenses, atuando à frente do seu tempo e ocupando postos dominados por homens.

Há de se ressaltar que a notícia se refere a uma escola de religiosas, voltada à educação de mulheres, de tal modo que, possivelmente, o grupo de arbitragem feminino tenha sido uma exigência da instituição, fato que não desmerece o feito. Aos poucos, mulheres conquistavam os espaços esportivos. Em relação a esse lugar de árbitra, em outros momentos percebe-se que ele era compartilhado com os homens: “actuaram como juízas as senhoritas Ecila Fabrino e Julieta do Carmo, servindo como juizes de goal os senhores Álvaro Peixoto e Alonso Dutra” (CATAGUAZES, 26 maio 1918, p. 2).

Outra novidade anunciada por essa matéria foi a forma de apresentar as jogadoras. Parece que a escalação impressa no jornal seguia o esquema tático de cada time, contando com nove jogadoras em cada lado. Observa-se que a escalação vai citando os nomes de *goal-keeper* a *goal-keeper* da equipe adversária, organizando os 18 nomes das jogadoras, colocando-os meticulosamente na lateral, atrás ou à frente, de acordo com a posição ocupada em quadra.

Imagem 16 - Escalação

I iniciado o jogo, assim se dispuzeram os dois times:

Semiramis—(goal-keeper).
 Maria Magalhães (goal gard).
 Nadir—Maria Isabel
 Eurydice—Lydia
 Astrogilda—Conceição
 Esther
 Esmeralda
 Lourdes—Wanda
 Flora—Lenira
 Quita—America
 Olga Ladeira (goal-keeper)
 Idalina Ladeira (goal-gard)

Serviram de juizes as senhoritas Ecila Fabrino, Dinale Ferreira e Quiquita Macedo.

Fonte: Cataguazes 05 maio 1918, p. 2.

Esse sistema tático apresentado no jornal indica o grau de organização e a especialização das jogadoras de basquete feminino da cidade de Cataguases. Através da imagem do sistema, pode-se inferir que a professora que conduzia a equipe, além de dominar a prática esportiva, preocupava-se com a organização tática da equipe, fato que revela a busca por performance esportiva.

Através do jornal, não foi possível identificar como era o sistema de regras utilizado na época. Sabe-se que, inicialmente, o basquetebol contava com 13 (treze) regras, embasadas nos princípios do jogo: utilização de uma bola esférica, que deveria ser dominada apenas com as mãos; a jogadora que estivesse com a bola em sua posse não poderia correr; a jogadora poderia ocupar qualquer lugar na quadra; não poderia haver contato corporal entre jogadoras; a cesta era elevada na posição horizontal (RODRIGUES; MONTAGNER, 2012).

Infer-se que os princípios descritos acima serviam de orientação para a prática do basquetebol, desde sua criação, em 1891. É interessante perceber que regras do esporte se encaixam como luvas nas mãos das “damas”; a prática feminina desse esporte iria protegê-las do contato físico, evitando que se machucassem ou que fossem agressivas, violentas umas com as outras. A proteção contra o choque e a disciplina do corpo feminino são reforçadas pela obrigatoriedade de permanecer parada ou caminhar quando estivesse em posse de bola. As mulheres apenas poderiam correr para modificar a posição, para receber a bola, preservando sua integridade física.

Esses valores que preservavam a feminilidade, o corpo materno, a disciplina, a beleza e a simpatia das mulheres se contrapunham aos valores masculinos de força, garra e violência. Possivelmente seja essa uma das explicações para a segregação esportiva que havia em Cataguases no início do século XX, em que mulheres praticavam basquete e homens praticavam futebol, pois, de acordo com Cunha Jr. (2011), as dimensões perigosas e violentas do futebol se camuflavam no entusiasmo e na alegria dos jogadores.

Como o potencial das mulheres era cerceado, os embates de basquete feminino costumavam acontecer entre equipes do mesmo colégio. As partidas eram marcadas pelo contexto futebolístico, que impregnava as páginas do Cataguazes com narrativas que ocupavam páginas inteiras, com descrições longas e pormenorizadas, enquanto o basquete feminino vinha gradativamente sendo noticiado em matérias menores e mais objetivas.

Uma das práticas corriqueiras dos times de futebol era a combinação de jogos entre equipes de cidades vizinhas, clubes diferentes e entre times que pertenciam a extratos distintos, fato que despertava a emoção dos torcedores alimentada pela rivalidade. No basquete,

observava-se a parcimônia da rivalidade *blasé* que se estabelecia entre colegas de classe, até o momento em que houve, pela primeira vez, um jogo entre equipes de escolas diferentes.

O embate entre as alunas da Escola Normal e do Collegio N. S. do Carmo, já mencionado, ocupou um espaço ínfimo no jornal. A vitória da equipe do Normal foi anunciada sem o placar, em matéria que dizia: “O jogo ocorreu animado terminando com a victoria pela Escola Normal por um elevado score” (CATAGUAZES, 11 ago. 1918, p. 2).

Esse anúncio pouco animador pode ser interpretado de formas diversas, das quais ousa-se refletir sobre a possível discrepância do placar, fato que elegeria uma equipe como superior à outra, contribuindo para a preservação da rivalidade *blasé*; terem os redatores buscado não expor a equipe do Carmo, protegendo-a dos julgamentos de inferioridade esportiva; haver necessidade de falar sobre o jogo no jornal, sem expor a situação vexatória, de forma a não disseminar más impressões ou juízos de valor sobre as jogadoras e equipes; necessidade de preservar o tradicionalismo e o respeito ao Collegio Carmo; entre outras possibilidades.

O fato é que as mulheres estavam ousando desafiar novas equipes, correndo riscos de ganhar ou perder dentro ou fora “de casa”. As jogadoras de basquete começavam a transitar pela cidade, frequentando os diferentes *grounds* em situações de jogo díspares. A disputa se centralizava entre adversárias e não mais entre colegas, e, mesmo que o jornal insistisse na disputa entre adjetivos: “O brilho do dia está todo na partida anunciada, em que irão se rivalizar a graça e a beleza das distintas educandas” (CATAGUAZES, 27 jul. 1919, p. 1), as jogadoras almejavam ir além.

As narrativas esportivas femininas refletem as transformações sociais que estavam ocorrendo na cidade de Cataguases. O esporte, a diversão, a participação da mulher na sociedade e as mudanças de comportamentos trilhavam os caminhos das questões sociais que, entre tensionamentos e apaziguamentos, indicavam os rumos da cultura e da sociedade que estava em processo de modernização.

As práticas corporais e o esporte no Brasil, em geral, desde seus primórdios, reforçam a regulamentação do corpo. No entanto, o esporte, em sua complexidade e amplitude de relações, pode, também, contestar os limites construídos para cada gênero, já que se trata de um cenário repleto de conflitos, ambiguidades, lutas, disputas, legitimidades, hierarquias e simbolismos. Desse modo, o campo esportivo é “um terreno sensível e que potencialmente pode nos dizer muito sobre o status atual das mudanças sociais e culturais, no âmbito das relações de gênero, que adota um ideal de fragilidade feminina” (DE PAULA, 2014, p. 65).

À guisa de concluir a reflexão sobre as práticas esportivas femininas na cidade de Cataguases no início do século XX, cabe esclarecer que o basquete feminino foi eleito como

prática a ser analisada devido ao expressivo número de notícias e informações encontradas. Outras iniciativas esportivas foram identificadas na cidade, entretanto as fontes localizadas não foram capazes de estimular apontamentos, reflexões e inferências profícuas.

Sobre a natação, por exemplo, no ano de 1917, localizou-se uma notícia que indicava a intenção de se criar na cidade um clube de natação, chamado de Club de Natação, tirando proveito de um dos rios que cortam a cidade, o Rio Pomba, e do clima quente. O responsável pela novidade, bem como pelas aulas, seria o professor de *gymnastica* do *Gymnasio*, Dr. John W. Goetz. “Os estatutos já estão organizados e as inscrições de sócios já se elevam a número animador” (CATAGUAZES, 21 out. 1917, p. 1), complementava a notícia.

Em 1918, a intenção foi reiterada nas páginas do jornal, reafirmando o interesse dos cavalheiros e noticiando que haveria uma palestra com médico sobre a natação: “Armando Almeida, que é médico em Laranjal, dará uma conferência explicando as vantagens incalculáveis da natação, como desporto de excelência” (CATAGUAZES, 24 fev. 1918, p. 1).

Não foram encontrados mais dados significativos sobre o clube de natação, entretanto sabe-se que foi a partir de 1930 que as mulheres despontaram no âmbito das competições de natação, isso porque a prática intencionava os valores morais voltados ao corpo feminino, nos quais o trabalho muscular não interferia na fragilidade e beleza feminina (SILVA, 2017).

2.3.3 A diversão deles

Os primeiros anos do século XX, além de apontarem os trilhos da modernidade urbana, deram visibilidade às novas formas de se viver. Segundo Mororó (2012), a produção cafeeira excedente foi responsável por inserir o Brasil no mercado internacional, corroborando as aspirações econômicas progressistas que revelaram os anseios e as expectativas de uma sociedade que iniciava uma nova relação com o tempo, o trabalho, o lazer e o corpo. No campo político, os tensionamentos entre extratos sociais reverberavam nos eixos econômicos, sociais e culturais, colocando, de um lado, os donos dos meios de produção; de outro, os trabalhadores.

É nesse cenário que o esporte moderno se encaixa. Melo (2010) investigou a evolução do esporte e revelou a multiplicidade de conceitos adquiridos pelo termo “esporte” ao longo da história. O autor cita, por exemplo, que, no dicionário de língua portuguesa de 1813, a palavra “desporto” aparece associada ao conceito de recreação e divertimento; já no dicionário de 1945, o desporto é conceituado como “prática sistemática de exercícios físicos” (p. 47). A palavra se manteve, mas os conceitos foram se alterando, até que se conformou o que chamamos de esporte moderno.

Melo (2004b) aponta que existem definições de esporte que são complementares, identificadas na Antiguidade, a partir da realização de jogos, e na Modernidade, quando jogos e práticas corporais, mesmo com similaridades, adquirem acepções distintas. O autor cita as características do esporte moderno:

a) se organiza em forma de clubes, federações, confederações e outras entidades locais, nacionais e internacionais; b) possui um calendário próprio, já não mais sendo praticada estritamente de acordo com outros tempos sociais; c) envolve um corpo técnico especializado cada vez maior (treinadores, preparadores físicos, dirigentes, gestores, psicólogos, médicos, dentre muitos outros); d) gera um enorme mercado ao seu redor, que extrapola até mesmo o que a princípio poderia ser considerado específico da prática esportiva. (MELO, 2004b, p. 80).

É sobre o esporte moderno, citado por Melo (2004b), que nos ocupamos neste trabalho, trilhando os rastros deixados pelo esporte enquanto conquistava espaços progressivos nas páginas dos jornais. Entre notícias, publicidade, notas e contextos esportivos, as práticas esportivas iam se inserindo no âmago da população, atingindo diversos extratos sociais (MELO, 2001).

Entende-se que o esporte, enquanto prática de diversão, atuava em um duplo aspecto: veículo de educação e objeto de educação (MARCELINO, 2007). Enquanto objeto de educação, o esporte, em Cataguases, serviria para treinar as capacidades físicas dos cidadãos e cidadãs, principalmente os/as estudantes para o mercado de trabalho e para o desempenho dos papéis culturalmente designados aos diversos segmentos populacionais.

As práticas de diversão e esportes eram veículos educacionais ao atuarem no eixo do desenvolvimento profissional, moral e corporal, ou seja, o esporte era utilizado como instrumento de lapidação do indivíduo e do grupo. Ao mesmo tempo em que moldava o ser humano, através do discurso da diversão, adestrava corpos e ensinava, por meio do jogo coletivo, comportamentos e atitudes morais. “A diversão revela-se, portanto, como uma produção cultural em que diferentes processos educativos tentam se instaurar” (ROSA, 2019, p. 36).

Lacunas foram preenchidas pelos esportes, relacionadas à educação dos corpos, à saúde e às relações de trabalho. Ou seja, o esporte poderia contribuir para a constituição de corpos saudáveis e fortes para atender à demanda laboral, auxiliando na modificação dos preceitos estéticos corporais (MORORÓ, 2012), assumindo um aspecto utilitário, em que força, destreza, disciplina, agilidade e paciência eram treinadas pelos trabalhadores enquanto se pregava o discurso da diversão (SEVCENKO, 1993).

Conjecturando com as premissas do mercado laboral, os esportes auxiliavam no controle dos corpos e do tempo livre., ocupando pilares basilares no desenvolvimento do homem moderno: o aspecto físico do esporte completaria o âmbito moral e intelectual; assim, corpos em movimento passariam a divertir a população enquanto atendiam a interesses outros, explícitos ou velados (MELO, 2001).

Pereira (2000) sugere que o desenvolvimento da indústria no País, principalmente a importação de máquinas inglesas, teve forte influência no espraiamento do esporte moderno no Brasil. Advindo do berço do futebol, a Inglaterra, o maquinário e os/as imigrantes ingleses/as apresentaram aos/às brasileiros/as práticas esportivas da sua cultura, as quais foram recebidas aqui de bom grado, em especial o futebol.

Acredita-se que o caminho indicado por Pereira (2000) possa ser o caminho da chegada do futebol em Cataguases. Gomes (1974) aponta que o futebol foi gradativamente ganhando a cena urbana, de forma a promover alterações na organização da estrutura da cidade de Cataguases, do transporte aos espaços. Para o autor, as práticas esportivas apontam um caráter mais democrático no que tange à frequência, pois as diversões gratuitas eram escassas, enquanto as diversões pagas não eram acessíveis às famílias modestas. Já o esporte, naquele período, transitava nessa lacuna e oportunizava o divertir-se com poucas despesas.

Democráticas ou não, as diversões sofriam interferências culturais, políticas e econômicas; o poder público e a elite dinamizavam a organização cidadina, impunham o progresso através de intervenções estruturais que potencializariam a concretização dos ideais simbólico progressistas. Tais questões passavam pelo incentivo e frequência aos divertimentos, ao controle dos comportamentos, ao oferecimento de subsídios para construção e melhoramentos de espaços dedicados ao teatro, ao cinema e ao esporte (AMARAL; DIAS, 2017).

Em Cataguases, as narrativas puderam ser acompanhadas pela imprensa oficial, que disseminava informações sobre o cotidiano da cidade desde 1906 e, através dela, foi possível perceber o desenvolvimento do mercado de diversões na cidade. Diferentemente do que aconteceu com o teatro e o cinema que se faziam presente na cidade desde a primeira década do século XX, os esportes começaram a ser noticiados no jornal Cataguazes no final da década de 1910.

Nesse período, o futebol estava se espalhando pelo território nacional, os clubes estavam em expansão e correspondiam às realidades locais (DIAS, *et al.*, 2019). Mesmo com anúncios e matérias esportivas veiculadas pelo jornal Cataguazes em 1910, a cidade não aparece na vanguarda esportiva nacional, diferentemente de outras regiões do País que, desde 1907,

noticiam jogos de futebol, como ocorria no estado de Goiás (DIAS, 2018), ou mesmo no município de Juiz de Fora - MG, que registrou partidas de futebol desde 1889 (MORORÓ, 2012).

Na região mineira do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro, os esportes se desenvolveram no âmbito educativo das escolas diocesanas. Em Uberaba, por exemplo, os alunos do Colégio Diocesano de Uberaba deram início às práticas futebolísticas em 1905, incentivados por padres que coordenavam a instituição e utilizavam os campos para práticas de esportes como propaganda institucional em 1910 (DIAS, 2018; DIAS *et al.*, 2019).

Em São João Del Rey, no ano de 1907, estudantes que voltavam do Rio de Janeiro introduziram a prática do futebol e, em 1909, foi fundada a primeira sociedade esportiva, o Atlético Foot-ball Club (ASSIS, 1985). Já em Divinópolis, de acordo com Amaral (2017b), foi em 1916 que a primeira notícia sobre a fundação de um clube de futebol, o Divinópolis Foot Ball Club, foi veiculada. Segundo o autor, parece que tal clube era atendida todos os públicos, pois havia convites no jornal direcionados às famílias e ao público em geral.

Em Montes Claros, o clube Mineiro Foot-ball Clube foi o primeiro a ser fundado, em 1916, sendo acompanhado por mais cinco, fundados até 1922. Em Belo Horizonte, as primeiras fundações de clubes de esportes coincidem com o início do século XX; em linhas gerais, esses espaços eram caracterizados por estatutos, diretorias, critérios de seleção dos sócios através de cobrança de mensalidades e necessidade de indicação dos membros do grupo para aprovação de quem poderia ingressar no clube. A rigidez das questões financeiras acarretava o desligamento do associado em caso de não pagamento dos valores referentes a “entrada 25\$000 (vinte e cinco mil réis) e mensalidade de 5\$000 (cinco mil réis)”, no Club de Sports Hygienicos (ROSA *et al.*, 2011) ou entrada de 10\$000 (dez mil réis) e mensalidade de 5\$000 (cinco mil réis), referente ao Sport Club (RODRIGUES, 2006).

Nos primórdios das iniciativas futebolísticas em Minas Gerais, nota-se que o extrato social mais elevado se dedicava a tal prática de forma organizada em clubes, com fins de distinção; só posteriormente, os extratos mais baixos começaram a aderir ao futebol nesses espaços, pois o brio se fazia através do pertencimento às organizações. Segundo Melo (2007), os Clubes eram espaços de socialização e segregação, voltados ao encontro de iguais para desfrutar dos eventos produzidos e experienciados por indivíduos que compunham um mesmo extrato social.

Assim, o remodelamento das práticas de diversão entre os séculos XIX e XX alterou a relação dos/das mineiros/as com os divertimentos. Nesse viés emergiu o futebol, agregando valor a um conjunto de práticas já existentes (NOGUEIRA JÚNIOR, 2017). A cobertura

jornalística dos embates esportivos na região da Zona da Mata Mineira indica que a cidade pioneira nas práticas futebolísticas foi Juiz de Fora - MG. Estudiosos como Mororó (2012) e Dias *et al.* (2019) discorrem que o primeiro jogo de futebol documentado em Juiz de Fora foi noticiado pelo jornal *Pharol* no início do século XX, em 1904, ano em que houve a fundação dos primeiros times de futebol na cidade, a exemplo do Athletic Club Juiz de Fora.

A referência a 1904 é anterior às primeiras notícias encontradas sobre futebol no jornal *Cataguazes*, mas a expansão futebolística e a adesão da população a essa diversão encontram eco nos campeonatos de futebol que estavam sendo realizados na região – e os times de Cataguases estiveram presentes. Por exemplo, em 1917, foi realizado um campeonato, noticiado pela imprensa, que reuniu diversos times da região em Juiz de Fora - MG; estiveram presentes no evento as equipes das cidades de: Barbacena, Belo Horizonte, Ouro Preto, Nova Lima, São João Del-Rei, Leopoldina, Ubá, Cataguases, entre outras (DIAS *et al.*, 2019).

Acredita-se que a presença de estrangeiros em Cataguases foi fundamental para o desenvolvimento da cultura local e o incremento das indústrias e das diversões. De acordo com Jesus (1999), no Brasil, ser moderno é aproximar-se dos hábitos e costumes estrangeiros, entre eles, a prática esportiva. Observa-se tal movimento em Cataguases, onde o esporte, especialmente o futebol, dialogou com os anseios políticos da elite industrial têxtil que estava no poder, fato que corrobora os apontamentos de Pereira (2000).

O jornal *Cataguazes* noticiou a fundação do João Duarte Foot Ball Club (07/10/1911) e apresentou a diretoria composta por: Presidente - Deoriano Modesto Guimarães; Vice-presidente - Honorino Carneiro; Secretário - Emmanuel Taveira; Tesoureiro - Pesgentino Dutra de Siqueira (CATAGUAZES, 15 out.1911, p. 1).

Essa foi a primeira notícia registrada sobre futebol. Segundo o *Almanack* (n.d), os dois primeiros times de futebol da cidade foram o Tupy, formado pelos alunos internos do Granbery, e o João Duarte Foot-ball Club, constituído por jovens da cidade não vinculados a nenhuma escola.

A afirmação ganha respaldo no texto do jornal:

Football

O Tupy Foot-ball Club, organizado por alunos do Gymnasio de Cataguazes, e o João Duarte Foot Ball Club, de alunos externos e outros distintos moços estranhos a esse instituto de ensino e funcionando no Largo dos Passos desta cidade, quarta- feira à tarde, 1 de Novembro corrente, no ground do Tupy-Club, perto do Grambery, disputaram um match em que, não sabemos que mais admirar, si a agilidade e a força e resistência juvenis, ostentadas pelos contentores, si os shoots que, às vezes, causavam verdadeira estupefacção. (CATAGUAZES, 12 nov. 1911, p. 1)

Ao ler a notícia, infere-se que o João Duarte Foot Ball Club era um time democrático, criado a partir da junção de um grupo de jovens que desejava jogar futebol, enquanto o Tupy Foot-ball Club era composto por um seletivo grupo de rapazes, alunos do Gymnásio de Cataguazes; esse time tinha o seu próprio campo, no qual foi realizada a partida.

A notícia relatava que o jogo durou uma hora e meia, terminando empatado. Seguindo as regras da época, o jogo teria continuidade em outra data. As linhas que enalteciam as capacidades físicas dos moços dividiam espaço com a narrativa de emoção e empolgação, conferida nos momentos dos chutes a gol.

Imagem 17 - Jogo entre Tupy Foot-ball Club e João Duarte Foot Ball Club



Fonte: Acervo Francisco Oliveira, n.d.

A continuidade da matéria auxilia no entendimento da organização da estrutura cidadina durante a realização dos jogos de futebol e a frequência a esses espaços.

Os bonds conduziram ao local numerosas famílias das mais distintas da nossa sociedade, tendo sido a festa sportiva muitíssimo concorrida, causando a melhor impressão em todos os assistentes. De volta à cidade em bonds especiaes, a mocidade, justamente jubilos, prorrompeu em vivas ao grambery, aos clubs, à cidade, etc. (CATAGUAZES, 12 nov. 1911, p. 1).

Cabe destacar a concorrência relatada pelo jornal. O festivo evento esportivo parece ter mobilizado parte da população da cidade, fazendo com que houvesse a necessidade de reorganizar a estrutura de transportes urbanos, os *bonds*. Estes parecem ter sidos mobilizados a fim de atender à demanda do jogo de *foot-ball*, inclusive com alteração de horários, de acordo com o início e o final do jogo.

O evento esportivo, de acordo com a notícia, aponta características elitistas, pois foi registrada a presença das distintas famílias da sociedade cataguasense; por outro ângulo, sabe-se que um dos times era formado por garotos privilegiados, alunos do Gymnasio. A referência ao transporte até o campo de futebol, nos bondes, marca a estratificação social entre quem tinha condições de pagar o bonde para chegar até o jogo e quem precisou se deslocar de outras formas para assistir à partida, invisibilizadas na notícia.

Tais afirmações se apoiam na notícia em que é relatado o final do jogo, com a vitória do time João Duarte Foot-ball Club:

Em seguida e, ainda trajados com as vestimentas apropriadas ao sport, comparecem os campeões vencedores incorporados ao cinema Paschoal, onde, se ouviram os finais da encantadora festa. A concorrência ao ground do Tupy, como toda vez anterior foi grande a lá vimos algumas das mais distintas famílias da cidade, ao lado de grande massa de povo, que com interesse especial acompanhavam o evoluir do jogo. (CATAGUAZES, 19 nov. 1911, p. 2).

O povo e as distintas famílias frequentavam os jogos de futebol. Há indícios de que os espaços destinados a cada grupo eram diferentes, mas a motivação com a partida os aproximava. A comemoração que se iniciou no campo reverberou nos *bonds* e finalizou no prédio do Cinema Paschoal. Não foi possível obter mais informações sobre a comemoração; contudo, sabe-se que, no campo do Tupy, quem levou a melhor foi o time de composição democrática, João Duarte.

O Almanack (n.d.) relata em detalhes uma partida de futebol entre o time da cidade de Leopoldina, Ribeiro Junqueira, e o Granberyense Foot Ball Club, de Cataguases. A notícia sobre o referido jogo foi encontrada na página 2 do Jornal Cataguazes de 05 de out. de 1913. As narrativas são complementares e advertem para a presença das distintas famílias, cavalheiros e senhoritas na estação de trem, para saudarem o time visitante. Tal atitude corrobora os apontamentos de Amaral (2017a), ao indicar que, nos primórdios dos jogos de futebol, o encontro era constituído por atitudes de cavalheirismo e civilidade, marcos que indicavam o progresso e a evolução da sociedade.

O time visitante foi conduzido ao Hotel do Comércio e o horário do jogo foi alterado, para se adequar aos horários dos trens, caso contrário os visitantes perderiam o transporte.

Imagem 18 - Partida entre Ribeiro Junqueira e o Gramberyense Foot Ball Club



À esquerda, 1^o team do *Granberyense F. B. Club*, de Cataguazes. À direita, 1^o team do *Ribeiro Junqueira F. B. Club*, que disputou um *match* com o team do Granberyense, cujo resultado foi um empate de 0 × 0.

Fonte: Almanack, p. 31,

O jogo finalizou com o placar empatado em zero a zero e não foram localizadas notícias que apontassem para uma revanche dessa partida. Tal situação pode ter acontecido devido ao desaparecimento de parte do arquivo do Jornal Cataguazes – conforme já mencionado, os exemplares de 05 de abril de 1914 a 31 dezembro de 1915 não foram localizados para a realização desta pesquisa.

O retorno ao arquivo do Jornal revelou uma Cataguases esportiva, uma vez que as notícias sobre jogos de futebol estavam presentes na maior parte das edições. Novos times e clubes surgiram e a população parecia ter aderido à diversão esportiva. Para alguns, um espetáculo a ser admirado; para outros, a possibilidade de experimentar uma prática moderna de diversão.

A organização da prática esportiva na cidade estava ingressando na institucionalização e hierarquia. Através das notícias, observou-se a realização de diversas reuniões entre as diretorias dos clubes, para tratar de estatutos, mensalidades ou estruturação de novas diretorias. Foi com a notícia de uma reunião da diretoria do Atlético Club Cataguazense que iniciou-se as pesquisas acerca do ano de 1916 (CATAGUAZES, 13 fev. 1916, p. 1). A reunião da diretoria ocorreu e, na semana seguinte, o jornal estampava a vitória do Athletico Club contra o Antônio Amaro por um gol de diferença (CATAGUAZES, 28 maio 1916, p. 2).

Ao contrário das primeiras notícias referentes aos jogos de futebol encontradas no jornal que relatavam grande presença de público, essa apontava uma concorrência regular. É possível pensar em quatro hipóteses para tal fato: os times não eram os melhores ou os mais populares

da cidade; a população se dividiu frequentando outros jogos que não foram noticiados pelo jornal; especificamente nesse jogo houve desinteresse por parte da população; ou outras atividades poderiam estar acontecendo na cidade e não foram noticiadas no periódico.

Embasada na leitura do Almanack (n.d.), entende-se que a hipótese de os times não serem os melhores da cidade se justifica. O livro traz um longo texto narrando esse evento, e alguns trechos merecem atenção:

(...) pouca assistência, o que pesarosamente lamento, houve inúmeros senões. (...) O jogo de ambos os clubs, foi irregular, imperfeito e falho de emoção e peripécias (...). Começou pelo adiantado da hora em que iniciaram a partida, e pela continuada conversa no ground onde o vozerio dos foot-ballors, e nas discussões (...). A equipe apresentada pelo Antônio Amaro, estava com as suas linhas mal distribuída, em particular a do centro, valendo-lhe, entretanto a de defesa que, verdade se diga, era superior. O Atlético creio que se não importou em organizar a linha de becks (...). Decididamente, não estavam treinados, e isso se prova pelo agrupamento em torno dos playeres ginasianos. Estes, por sua vez não procuravam chutar a bola para o par e sim demonstravam um jogo pessoal, de pretendido passe... Foi uma mixórdia em ambos os scratches, onde os faus se sucediam os cornes e off sid eram constantes, não faltando as absurdas charges, sandwichts, etc. Não houve punição para diversos pênaltis e os chutes livres. (ALMANACK, n.d., p. 40).

Outra hipótese fortalecida é a de que o futebol caiu no gosto do/da cataguasense e os jogos passaram a acontecer de forma simultânea, em campos distintos e, conseqüentemente, em regiões distintas da cidade, contribuindo para a dispersão do público, a exemplo do relato da realização de jogo entre Antônio Amaro Foot Ball Club e Gymnasio de Cataguazes, no campo do Gymnasio; enquanto no campo da Avenida houve jogo entre Team Comercial Club e Team Centro Recreativo (CATAGUAZES, 15 out. 1916, p. 2).

Levando em consideração a informação acima, parece plausível inferir que a popularização do futebol fez surgir um cenário no qual a elite não tinha espaço, motivo pelo qual a fundação dos primeiros clubes de futebol garantiu e legitimou o lugar de acesso restrito (com algumas exceções).

Tal situação não durou muito tempo, pois os populares também foram criando seus próprios clubes, nos bairros mais periféricos: “O surgimento do Minas Football Club, em 1916, acelerou o processo de difusão do esporte entre os estratos populares” (DIAS *et al*, 2019, p.151). Os autores se referem ao fato de a agremiação ter sido fundada na periferia da cidade.

Os fatos identificados auxiliam na reflexão acerca do futebol na cidade de Cataguases e do comportamento da sociedade diante do espetáculo esportivo, o qual, em algumas notícias, era denominado pelo Jornal como “Festa Desportiva”.

O termo “Festa Desportiva” coaduna com a divulgação das práticas esportivas e de diversão, buscando incentivar o desenvolvimento do gosto da população em praticá-las e em

assisti-las. Tal prospecto de divulgação esportiva atrelava as práticas modernas (esporte) a comportamentos validados socialmente e ao uso do corpo, de forma a valorizá-los através das capacidades físicas e das novas formas de se portar (AMARO, 2016).

Um das dessas narrativas afirma que foi no Campo do Athletico que a festa ocorreu. Novamente, houve uma grande concorrência na partida contra o Evolução, com a presença do público, e a emoção do jogo foi narrada com empolgação pelo jornalista: “Assim continua o jogo, até que Duarte com shoot magnífico consegue marcar para Cataguazes, o primeiro ponto debaixo de aclamações ruidosas e vibrantes” (CATAGUAZES, 30 jul. 1916, p. 2). Consta, ainda, que a vitória da equipe do Athletico Club foi marcada pela premiação dos jogadores com um brinde.

Não é possível saber qual foi a premiação recebida no jogo acima, mas o fato chama atenção, tendo em vista que raras eram as notícias que ressaltavam premiações aos vencedores, permitindo-nos supor que os jogadores participavam das partidas porque gostavam.

Além da pauta da premiação, outras questões foram elucidadas a partir das narrativas jornalísticas seguintes e confirmam a hipótese de que existiam muitos times na cidade. Alguns desses times eram formados aleatoriamente para participarem de jogos amistosos, e por vezes as mesmas equipes assumiam nomes diferentes para homenagear alguém importante. Para exemplificar, consta nas notícias analisadas que, em agosto de 1916, houve um jogo entre as equipes do Eurico Rabello e Antônio Amaro. Todos os jogadores eram do time Athletico Cataguazense, mas nessa partida os times foram divididos e assumiram os nomes de Arnaldo Carneiro e Eurico Rabello, em homenagem aos diretores do Gymnasio e do Grupo escolar da cidade (CATAGUAZES, 13 ago. 1916, p. 2).

A troca dos nomes dos times parecia ser corriqueira visto que tal fato foi identificado em diversas matérias do jornal, como em uma partida entre Antônio Amaro e Athletico Cataguazense, em que os times utilizaram os nomes de Luciano de Souza Lima e Sandoval Azevedo (CATAGUAZES, 20 ago. 1916, p. 1).

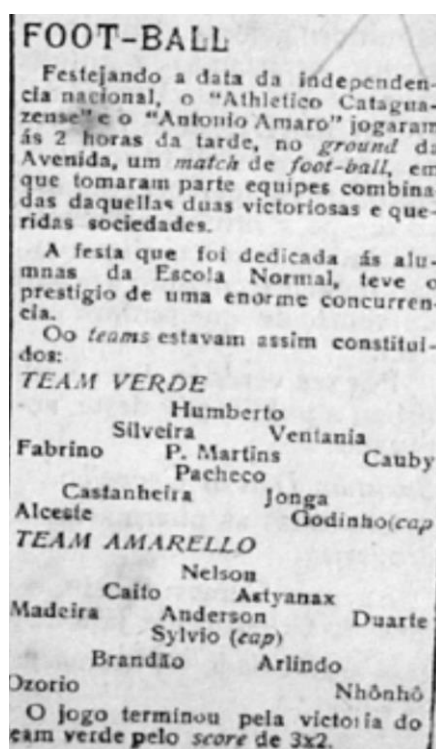
Foi trivial o encontro de notícias segundo as quais as partidas de futebol serviam para homenagear pessoas ou instituições. As alunas da Escola Normal receberam essa homenagem e houve uma enorme concorrência no jogo entre Athletico Cataguazense e Antonio Amaro (CATAGUAZES, 10 set. 1916, p. 2). Cabe lembrar que as alunas da Escola Normal foram as pioneiras na prática do basquetebol em Cataguases e, nessa época, já realizavam embates esportivos.

Quando os jogos não eram para homenagear alguém, a prática de utilização de outros nomes pode ser percebida. Infere-se que havia diversos times dentro do mesmo Clube e que,

para organizar as subdivisões, nomenclaturas diversas eram usadas, como no jogo realizado no campo da Avenida, entre Athletico Club Cataguzense e Antônio Amaro Foot-ball, quando os times assumiram os nomes de Branco e Encarnado (CATAGUAZES, 27 ago. 1916, p. 2).

O futebol descrito nas páginas dos jornais foi adquirindo, assim como a evolução do esporte, especificidade técnica. A escrita foi se tornando mais elaborada e focada em contextos técnicos e táticos do jogo; as variações da disposição dos nomes dos jogadores no papel indicavam a escalação do time; o esquema tático das equipes parecia estar associado à forma como a escalação era apresentada no jornal, conforme se observa na imagem a seguir:

Imagem 19 - Descrição de jogos nos jornais



Fonte: Cataguazes, 10 set. 1916, p. 2.

Além da organização tática das equipes, palavras próprias do contexto esportivo e futebolístico eram utilizadas no idioma inglês nas páginas dos jornais. A apropriação dos termos esportivos convictamente se fez presente no cotidiano dos/das cataguzenses, seja pela leitura dos jornais, seja nas conversas cotidianas, ou prestigiando as partidas. Eram palavras com sentidos e significados próprios que refletiam o momento histórico moderno que estava sendo vivido pela população, reflexo do intercâmbio cultural iniciado no mundo e que parecia capaz, inclusive, de romper as barreiras dos idiomas. À guisa de exemplificação: “O nosso clube local

apresentará também uma *eleven* composta com os melhores *players* [...] as condições de *training* dos lutadores de hoje são regularmente boas” (CATAGUAZES, 17 set. 1916, p. 2).

Entre outros, observou-se a utilização dos termos em inglês *sportmen* e *sportwoman* para caracterizar os indivíduos que participavam de alguma prática esportiva (MELO, 2007) ou, como aponta Souza (2017), termos utilizados para caracterizar as pessoas que assistiam aos espetáculos esportivos, visto que ainda não havia sido cunhado o termo “torcida”.

A expansão do futebol na cidade e o interesse da população pelo assunto podem ser acompanhados pela ocupação das páginas dos jornais. Em eventos maiores, as notícias sobre os jogos de futebol chegavam a ocupar quatro colunas inteiras, das seis que compõem a estrutura fixa do layout do jornal. As narrativas eram mais detalhadas e envolviam o leitor na área do evento: a chegada do time à cidade, o almoço no Comercial Club, os momentos de dança, o trânsito das pessoas e dos times para o campo e o início do esperado jogo. Adjetivos para elogiar o evento, os times, a organização e ao público não eram economizados e, na notícia a seguir, indicam a representatividade que o futebol assumiu na cidade de Cataguases: “onde, em derredor, radiava o febril entusiasmo de cerca de três mil pessoas. Recebidos sob palmas continuadas e de uma marcha executada pela Lyra Cataguazense [...] entram no campo os *players* que ocuparam suas posições” (CATAGUAZES, 24 set.1916, p. 2).

O entusiasmo febril assumido pelo jornalista parece ser um tipo de identificação entre o futebol e o público presente, reproduzindo as características do jogo. A plateia se identificava com determinado time e torcia para que ele ganhasse e, principalmente, para que isso acontecesse, o outro precisaria perder. Esses sentimentos intensos que ocorrem dentro do campo e na arquibancada exacerbavam as emoções na forma de disputas (SOUSA, 2017).

Da diversão à competição, o futebol se tornou símbolo dos entretenimentos dos tempos modernos, pela capacidade de penetração nos entremeios da sociedade, as articulações políticas e econômicas que se utilizaram dele, enquanto instrumento, contribuíram a expansão do esporte pelo país, no início do século XX (ADÃO, 2001).

Dos clubes aos campeonatos, o futebol teve uma longa trajetória até se desenvolver no País. Em Cataguases, esse esporte encontrou terreno fértil, pois a cidade estava em processo de modernização e tinha suas forças econômicas alicerçadas na indústria têxtil e no comércio. Os diversos extratos sociais conviviam e usufruíam das práticas de diversão e esportivas de formas peculiares, adaptadas e de acordo com suas potencialidades. Para Mello (2014), enquanto o operariado pluralizava comportamentos e tradições, a elite vivenciava oportunidades paralelas que influíam na sociabilidade local.

O diálogo entre o esporte e a implementação da cultura fabril no Brasil encontra forças na necessidade do operário robusto (MELO, 2004b). A expansão esportiva não foi ingênua e contribuiu para acessibilizar a frequência de operários ao ambiente no qual os comportamentos seriam educados enquanto o discurso da diversão era valorizado (DIAS *et al.*, 2019).

No processo capitalista, a força de trabalho deve ser preservada e lapidada; as práticas de diversão serviram para isso. A diversão não era considerada como aspecto humano recreativo, as finalidades eram fundantes ao incremento da produção (DEBORD, 1997).

Assim como acontecia no Rio de Janeiro e em São Paulo, a associação entre trabalhadores das fábricas e futebol teve lugar em Minas Gerais. Para Antunes (1992), algumas fábricas forneciam estrutura e apoio aos clubes que foram se formando por iniciativa dos próprios trabalhadores. A partir desse tipo de organização entre patrões e operários, foram criados grupos que defendiam os mesmos interesses e tinham nas diversões possibilidades de articulação e organização para além da ordem do trabalho ou para além do lucro, associação entre diversão e utilidade.

Nessa premissa, os jogos estavam sendo acompanhados por espectadores e, segundo Sousa (2017), esse foi um dos fatores fundamentais para a formação dos clubes. O viés lucrativo imposto na cobrança para a participação como sócio nessas organizações e a cobrança de ingresso para assistir aos jogos, além de aumentar os lucros, criava uma distinção entre sócios e não sócios.

Em Cataguases, a fundação de clubes é também um marco da “sofisticação comportamental”, citada por Amaral e Dias (2017). Os clubes eram lugares onde a elite cataguasense se reunia para realização dos eventos sociais, diversão e práticas de esportes.

Dessa forma, a estratificação social se fazia na associação entre operários e entre elites. A criação dos clubes serviria como parâmetro de controle: por um lado, o clube dos operários, espaço de controle maquiado de diversão que garantia o aprimoramento das capacidades físicas dos empregados; por outro, o cerceamento burguês da cobrança de ingressos e mensalidades (MELO, 2004b).

A criação de clubes e associações acabou por adquirir características diversas. O Comercial Clube de Cataguases foi fundado em 1912 por Coronel João Duarte Ferreira. Segundo Mello (2014), o Clube funcionava no primeiro piso do Teatro Recreio e tornou-se um lugar de lazer da elite, onde aconteciam os glamorosos bailes, as festas carnavalescas e as reuniões políticas (COSTA, 1978). Não foram encontradas atividades esportivas vinculadas a esse clube.

A Liga Operária aparece nos jornais pesquisados desde o primeiro ano de publicação do periódico, 1906. Uma das notícias encontradas nesse período é assinada pelo secretário Alves e diz: “De ordem do senhor presidente, convoca a todos os sócios dessa sociedade a reunirem-se a residência do tesoureiro, à Rua Major Vieira XXX²²⁰, do dia XXX, as 7 horas da noite a fim de tratar de interesses dessa associação” (CATAGUAZES, 03 jun. 1906, p. 2). Foi apenas em nove de maio de 1915 que o mesmo jornal anunciou a inauguração do prédio onde se estabeleceu a sede da Liga, que, naquele ano, tinha 120 sócios.

Para Mello (2014), como um misto de clube social e entidade de ajuda mútua, a Liga Operária de Cataguases se aproximava das organizações recreativas e educativas francesas, consideradas a forma mais original de sociabilidade desenvolvida para o lazer. O autor ainda reforça que a Liga estabelecia eixos de identidades que convergiram para as diversões, mais especificamente o futebol, tendo criado o Flamengo Futebol Clube e Operário Futebol Clube em 1917. Tais clubes podem ser entendidos como a potencialização da rivalidade operária na cidade e, também, a possibilidade de organização desse extrato.

Ao longo das leituras dos exemplares do Jornal Cataguazes, percebe-se que a Liga Operária de Cataguases organizou não só uma estrutura associada ao esporte, com partidas de futebol, mas também a realização de aulas em um curso noturno, de caráter primário e secundário, de idiomas e de música.

Segundo Pimenta (2010), o Flamengo foi o primeiro time de futebol de Cataguases e um dos mais antigos do Brasil. Esses clubes esportivos e recreativos eram associados à classe operária e, a partir de 1910, o jornal Cataguazes, na “Columna Operária”, publicava as atividades da Liga Operária trazendo notícias sobre greves, congressos operários, solenidades festivas, passeatas, concursos de músicas de carnaval, aulas noturnas, jogos de futebol, entre outros (PIMENTA, 2010).

Mello (2014) afirma que o Flamengo Futebol Clube foi fundado por jovens liderados por Aristóteles Fabrino e Manoel Viana; já o Operário Futebol Clube teria sido fundado pelo empresário Deocleciano Werneck (Sinhô), da Fábrica de Tecidos Irmãos Peixoto.

Metaforicamente, o Flamengo Foot-ball Club e o Operário Foot-ball Club representavam a rivalidade esportiva e laboral. O futebol era a arena de disputas e resistências, onde o controle velado era driblado pela diversão e onde o apito assumia outro papel, do anúncio do horário do trabalho ao início dos momentos de diversão.

²²⁰ Devido às condições do Jornal, não foi possível ler o número nem o dia.

Mello (2014) afirma que o futebol de fábrica fazia parte da cultura de divertimentos da cidade, assim como os bailes festivos e carnavalescos, de forma que o entretenimento noturno, voltado para os trabalhadores, acontecia no Clube dos Viajantes, destinado à boemia e, no Clube do Operário, aconteciam os bailes frequentados pelas famílias dos trabalhadores.

Os cidadãos parecem ter boas memórias sobre o futebol na cidade, haja vista, na coletânea de livros Memória e Patrimônio Cultural de Cataguases, encontrarem-se trechos de narrativas de moradores/as da cidade falando sobre o futebol e a presença dos clubes, a exemplo da declaração do operário aposentado Idmar Vilela: “Tinha times de futebol. O Operário foi [criado] em 15 de novembro de 1917. Quem não gosta de ver o time da gente? O futebol foi uma glória, passado e tradição. Aqui nós tivemos vários craques na seleção brasileira” (ALONSO, 2012, p. 193).

A fala de Idimar Vilela demonstra o apreço que o operário da época pesquisada tinha pelo futebol, sentimento compartilhado por outros relatos encontrados nos livros. Um dos cataguasenses citados na obra foi o craque da seleção brasileira, primeiro goleiro de futebol a defender o Brasil, Marcos Cláudio Filipe Carneiro de Mendonça, além disso foi o mais jovem goleiro a ser escalado para a seleção com 19 anos de idade.

Mario da Paixão, também operário aposentado, relembra que havia jogo entre Operário e Flamengo com campo lotado, todo domingo; o público se assentava no canavial porque não tinha arquibancada, eles eram movidos pela paixão pelos times (ALONSO, 1990).

A contribuição de José Dirceu Archete, trabalhador rural e operário têxtil aposentado, emerge para auxiliar no entendimento da organização dos times, que eram fixos. O mesmo jogador atuava em todos os jogos e a Liga, segundo ele, ajudava os jogadores: “Antigamente você tinha um time e o time ajudava você ainda, entendeu? Ajudava você a comprar bola. Tudo isso. Uma taxa que tinha que pagar lá na Liga, pagava, todo mundo ajudava a pagar” (ALONSO, 2012, p. 282).

As narrativas acima demonstram o poder adquirido pelo futebol. Além de ocupar as páginas dos jornais, o futebol se fez presente na memória coletiva da cidade, nas práticas corporais masculinas e no rol de entretenimentos dos cidadãos.

Se, por um lado, a memória coletiva se apresenta saudosa com o espírito cooperativo, por outro, havia investimentos para tornar os esportes uma prática lucrativa. A ilusão da diversão ingênua estava sendo sobreposta pelo valor de mercado. Apoiam-se nesses pilares extratos distintos: a elite, defendendo os interesses do labor, do lucro e do *status quo*: e os populares e operários, que se articulavam entre adaptação ao modo esportivo, aprendizado de novas práticas e investimentos financeiros, enquanto se mobilizavam cooperativamente para

atender às necessidades de “higiene, disciplina, civilidade e modernidade, evocava-se também o prazer, o divertimento, a excitabilidade da competição” (DIAS, 2018, p.156).

Em Cataguases, a adaptação ao modo esportivo de agir seguia os rumos da especialização laboral. O prazer da diversão descomprometida estava sendo sorrateiramente lapidado, através das demandas de comportamentos modernos que implicavam postura e ações determinadas, assim como agiam os goleiros e os atacantes.

Nas Notas Sportivas (nova sessão dedicada ao esporte), o jornal Cataguazes trazia informações sobre o treino dos jogadores de futebol que estariam dispostos a lutar pela vitória e defesa do Rubro Negro Cataguazense.

Complementando os apontamentos anteriores, lia-se:

O jogador que não cumprir rigorosamente o seu dever no desempenho do seu papel, será transferido para o time inferior sem a maior contemplação, e, assim sucessivamente até a completa e talvez definitiva solução, isto é, a explicação do Club, sendo esta deliberada pela directoria. Os trainings obrigatórios serão às terças e quintas, às 4 horas da tarde domingo às 3horas; ground da avenida. (CATAGUAZES, 05 ago. 1917, p. 2).

Seria o fim da diversão? Com treinos obrigatórios com local e hora marcados, o futebol caminhava lado a lado ao mercado de trabalho, incorporando práticas que o distanciavam do caráter divertido. Enquanto na indústria têxtil o operário recebia pelo metro de pano produzido, no futebol o sucesso produtivo era marcado pela vitória, e não haveria vitória sem treino, assim como não haveria produção têxtil sem força e agilidade. O futebol servia a esse sistema produtivo, no qual o operário se dedicava ingenuamente às práticas de diversão que serviam ao desenvolvimento das habilidades laborais que seriam utilizadas na indústria. O sucesso em campo garantiria o aumento na produção, daí a importância da participação nos treinos e defesa dos ideais do time.

A dedicação ao time deveria ser a mesma destinada ao trabalho. Futebol e trabalho estavam sendo normatizados por regras expressas nos estatutos dos clubes esportivos e nas relações laborais. As normativas eram muito próximas e podem ser inferidas através dos jornais como normas punitivas que estabeleciam o horário de início e fim da jornada laboral e dos treinos, frequência obrigatória à fábrica e ao treino. Nos dois espaços a ausência sem justificativa renderia punição (CATAGUAZES, 09 set. 1917).

Com o passar dos anos, o esporte foi se revelando influente forma de penetração e articulação social, como aponta Melo:

Enfim, o esporte não se trata, como nunca se tratou, de uma ingénua diversão. É uma manifestação cultural poderosa, influente, que envolve emocionalmente um grande número de pessoas e que hoje se apresenta como uma eficaz forma de negócios, capaz de mexer com sonhos e difundir ideias, comportamentos, atitudes. (MELO, 2004b, p. 84).

Era nesse contexto, ingênuo por um lado e sagaz por outro, que a troca acontecia. Envolvidos pela emoção das práticas esportivas, os times e os torcedores iam estabelecendo vínculos e intercâmbios culturais que aconteciam nos embates realizados em outras cidades.

Um novo tipo de comércio se alavancava: o fretamento de trens especiais para atender os times de futebol e a torcida. O Almanack (n.d.) aponta que, em 1917, houve um jogo no qual o Flamengo Cataguasense foi à cidade de Ubá disputar uma partida de futebol e, para isso, foi fretado um trem com 11 carros especialmente enfeitados para o evento. De acordo com o autor, a viagem foi capaz de reunir representantes de todas as classes sociais, senhoras, senhoritas, as bandas de música da Lyra Cataguasense e da Liga Operária, alunos do Ginásio, os sócios do Flamengo, dentre outros. Ao retornarem a Cataguases, foram todos recebidos com festa, a cidade estava repleta de pessoas nas ruas e os jogadores receberam um ramallete de flores.

Não é o foco deste estudo analisar o comércio estabelecido em torno das práticas esportivas, entretanto cabe salientar a multiplicidade de relações comerciais estimuladas pela prática.

Guimarães (2017) aponta a ferrovia como um potencializador da difusão do caráter civilizatório e da disseminação das diversões, como teatro, circo, cinema e esportes, os quais, de acordo com Amaral e Dias (2017), “eram, antes de tudo, empreendimentos comerciais” (p. 249).

Na propulsão dos empreendimentos comerciais, cita-se a locação dos trens, a compra dos enfeites para o trem, os ramalhetes de flores, a venda de produtos na estação, a venda de lanches para consumo no trem, o pagamento de mensalidade dos sócios do clube, as vestimentas para a viagem e o vestuário esportivo, entre outros.

O vestuário esportivo foi citado em 1911 como “os trajés e as vestimentas apropriadas para ao *sport* [...]” (CATAGUAZES, 19 nov. 1911, p. 2). Como podemos observar na Imagem 20, abaixo, o traje do Flamengo Cataguasense era composto por camisa de botão com mangas longas e gola; a cor se destacava por listra na vertical alternando entre um tom mais claro e outro mais escuro; os shorts claros; as meias longas e calçados apropriados à prática. Todos os jogadores usavam uniformes iguais; alguns, boinas. Os treinadores utilizavam ternos com calça e paletó na mesma cor, gravata e chapéu. E não poderia faltar o equipamento mais importante para a prática futebolística, a bola.

Imagem 20 - Traje do Flamengo Cataguasense

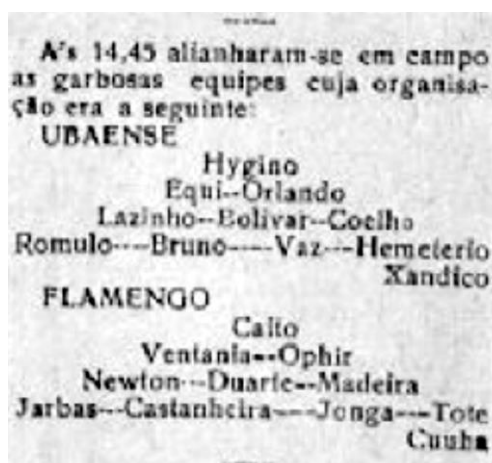


Fonte: Almanack (n.d.), p. 40.

Todo esse equipamento esportivo fazia parte dos primórdios da indústria esportiva, da confecção dos uniformes à elaboração da bola, uma significativa cadeia laboral. Conseqüentemente, a economia estava sendo movimentada.

A Cataguases esportiva respondia aos chamamentos do futebol e a imprensa fazia o papel de articuladora entre eventos e população. As notícias ganhavam a proporção do evento, e aquelas que ressaltavam as participações em eventos intermunicipais ganhavam relevância, como anunciado na visita dos ubaenses a Cataguazes. A matéria extensa sobre a partida entre Ubaense Futebol Club e Flamengo cataguasense ocupava quatro das seis colunas do jornal. A narrativa seguia a equipe da chegada a Cataguases até o final do jogo, além de trazer nomes dos jogadores e posições ocupadas em campo como ilustrado pela imagem abaixo.

Imagem 21 - Matéria do jornal



Fonte: Cataguazes, 02 set. 1917, p. 2.

A performance laboral ficava restrita ao ambiente do trabalho, mas a especialização do futebol teve lugar no Jornal, que passou a publicizar os jogos de forma mais detalhada, trazendo um quadro com uma aparente súmula das partidas, a qual indicava o horário em que cada ação aconteceu e quem foi responsável por realizá-la. Assim, a performance esportiva se tornava pública, e os jogadores ficavam expostos ao crivo da torcida presente, dos leitores dos jornais e de todos/as que pelo assunto se interessassem. O sucesso ou fracasso era confirmado com nome, horário e ação.

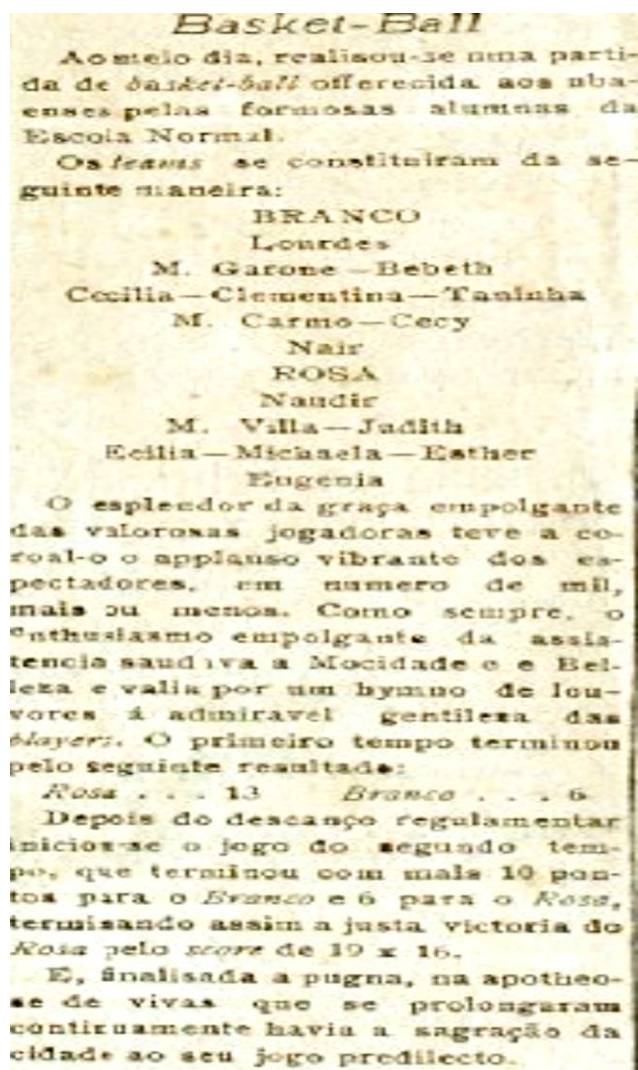
Resultado do jogo entre o “Ubaense” e o “Flamengo” - 1º half-time

Nomes	Club	Sahida	Corners	Hands	Fauls	Off-Side	Goals
Jonga	Flamengo	2,45					
Equi	Ubá		2,50				
Newton	Flamengo			2,53			
Breno	Ubá				2,57		
Lasinho	Ubá						
Madeira	Flamengo		3,03				3,05
Jonga	Flamengo					3,07	
Hygino	Ubá		3,11				
Bolivar	Ubá		3,13				
Vaz	Ubá				3,05		
Calto	Flamengo		3,19				
Dearte	Flamengo				3,20		
Calto	Flamengo		3,22				
Vaz	Ubá						
Coelho	Ubá			3,24			3,23
Terminou às 3h25 com o resultado 1x1							

Fonte: Cataguazes, 02 set. 1917, p. 2.

Enquanto a súmula estampada no jornal dava indícios do acirramento das competições humanas, a participação feminina nos eventos futebolísticos refletia o papel da mulher na sociedade: elas apenas assistiam aos jogos ou prestavam homenagens através dos jogos de basquetebol; elas davam graça e beleza aos eventos. As *sportwomen*, mesmo que com papel submisso, podendo acompanhar apenas das arquibancadas, iniciavam a mudança no papel desempenhado por elas nos esportes (SOUSA, 2017).

Imagem 22 - Matéria do jornal



Fonte: Cataguazes, 02 set. 1917, p. 2.

A presença das mulheres, tanto como torcedoras no futebol, como praticando basquetebol, demonstrava que novos comportamentos estavam sendo incorporados à sociedade, fato que dialoga com a presença feminina no espaço público. Dias *et al.* (2019) fazem uma análise do período e afirmam:

O termômetro da capacidade de irradiação das novas práticas, a presença de mulheres nos grounds de football já se fazia notar nestas ocasiões. No início, eram “senhorinhas” que cumpriam o papel de madrinhas das equipes em disputa. Com o tempo, no entanto, o envolvimento de algumas mulheres com as partidas as colocaria mais ativamente no cenário esportivo, mas não ainda como jogadoras, o que demoraria alguns anos mais, mas como “torcedoras” – bastante participativas por sinal. (DIAS, 2018, p. 109).

Mesmo que as práticas esportivas femininas fossem estritamente controladas, os corpos em movimento eram preceitos das novas posturas médicas que preconizavam a higiene dos corpos modernos (MOURÃO, 2000).

O discurso médico cerceava o corpo feminino, concedendo ou não autorização para as práticas físicas. Segundo Melo (2007), os homens tiveram participação relevante na abertura de possibilidades esportivas para as mulheres, pois a adesão deles às práticas esportivas potencializou a experiência pública das mulheres no esporte.

A vida pública das mulheres de Cataguases certamente foi influenciada pela presença da ferrovia. Guimarães (2017) entende que o ritmo de vida das pessoas que viviam em cidades com ferrovias era diferente. Infere-se que as mulheres, ao participarem dos eventos esportivos e da vida pública, tiveram a oportunidade de vivenciar uma dinâmica cultural peculiar nas viagens realizadas entre cidades

Em Cataguases, no período estudado, encontramos práticas femininas vinculadas apenas ao basquetebol, diferentemente do que foi apontado em outros estudos sobre Minas Gerais.

Em Juiz de Fora, Lisboa (2014) identificou a participação feminina nas turmas de ginástica do Clube Ginástico, em 1915, e apenas em 1926 foram registradas participações femininas em jogos como voleibol.

Dias *et al.* (2019), estudando a cidade de São João del Rei, descobriram que as mulheres criaram um clube, o Club Gracia e Fuerza (1914), o qual promovia atividades esportivas como tiro ao alvo e *graciaball*. Na mesma cidade, em 1917, as mulheres do Athletic Club competiram nas modalidades corrida de *vella* de 100 metros e corrida de agulha e linha (DIAS *et al.*;2019).

Outras atividades femininas também foram apontadas por Dias *et al.* (2019):

Além do futebol, outras modalidades esportivas também foram praticadas, ainda que timidamente. Em 1918, menciona-se a intenção de fundar um clube de lawn tennis para moças, o que provavelmente não foi levado adiante. Por outro lado, o voleibol se consagraria como modalidade esportiva privilegiada para as mulheres. No pátio da Escola Normal Mello Vianna, ocorreram partidas entre as alunas da instituição com lances de muita emoção sob olhares de considerável e selecta assistência. (p. 159).

Em linhas gerais, observa-se que as mulheres estavam galgando espaço na sociedade e, mesmo que de forma sorrateira, a participação feminina no mundo esportivo encontrava respaldo. Não há dúvidas de que, nesse contexto histórico, o futebol não era esporte para mulher, entretanto cabe salientar que o movimento das práticas de basquetebol feminino em Cataguases incitava novos contextos esportivos que se concretizariam na década de 1920.

Como a prática do futebol era proibida para as mulheres, os homens reafirmavam a ocupação do espaço público através do esporte. A expansão do futebol e o gosto pela prática levava homens e meninos a praticá-lo, não apenas nos campos de futebol, mas nas ruas das cidades mineiras, que estavam sendo ocupadas pelo esporte (ADÃO; LIMA, 2011).

Em Cataguases e em outras cidades, foram observadas notícias que relatavam a prática de futebol intervindo no cotidiano das vias públicas. Foram localizadas reclamações ou rejeição à prática moderna, como aconteceu em São João Del Rei, onde o futebol começou a ser taxado como esporte sem significado, brutal: “Este se dá em plena rua, quebrando vidros e levantando uma poeira horrível, vindo a incomodar os moradores [...]” (ADÃO; LIMA, 2011, p. 86).

O jornal Cataguazes relatou que incômodos semelhantes foram vivenciados pelos/as moradores/as de Cataguases. Na notícia, lia-se: “Pedimos providências a quem de direito contra o desenfreado jogo de *foot-ball* nas ruas, pela meninada, levantando nuvens de poeira que os transeuntes a absorvem com grande prejuízo para as vias respiratórias” (CATAGUAZES, 31 jul. 1927, p. 1).

Acredito que as reclamações deveriam ser numerosas, entretanto o jornal analisado para este trabalho era um órgão oficial do município, portanto não se tratava de um veículo de informação com produção neutra. Na verdade, ele trazia em suas páginas discursos e ideais civilizatórios e modernistas, nos quais as práticas esportivas se inseriam de forma peculiar, atendendo à demanda higiênica, eugênica, civilizatória e laboral.

Não era apenas o futebol que atendia a essas demandas, tampouco era essa prática esportiva a única praticada na cidade; no entanto, certamente o futebol era o esporte que tinha mais visibilidade. Essa afirmação encontra respaldo no evento de comemoração do primeiro ano de fundação do Flamengo Foot-ball Club, que contou com diversos eventos, entre eles uma corrida de 500 metros que aconteceu no sentido do Hotel do Comercio ao Centro Espírita, na qual, segundo o jornal, “se inscreveram os melhores corredores da cidade” (CATAGUAZES, 20 jan. 1918, p. 2).

A visibilidade oferecida ao futebol pelo Cataguazes dava ares poéticos ao anunciar a criação do primeiro jornal da cidade dedicado ao futebol. O nascimento do jornal do Flamengo Foot-ball Club, SPORT, marcou a independência nas publicações veiculadas por essa agremiação. A redação era composta por “um grupo de boas intelligencias juvenis [...] além do [...] riso bom e generoso, a vivacidade entusiastica dos seus diretores que reflectem no Sport o sentimento de beleza com que vivem a vida” (CATAGUAZES, 12 maio 1918, p. 1).

Ficou evidenciado o surgimento de uma imprensa esportiva especializada, com jornal próprio (apesar do vínculo com uma agremiação) e autonomia. Não foi possível localizar

nenhum exemplar do jornal Sport. De qualquer forma, a notícia é significativa e auxilia na composição do cenário de desenvolvimento das práticas esportivas em Cataguazes.

Enquanto os clubes investiam na imprensa, o jornal Cataguazes anunciava, na primeira página, as novidades recentes em relação ao futebol carioca:

Está se iniciando no Rio uma reação ao exagero do foot-ball, que vae sendo substituído nos collegios, pelo remo e gymnastica sueca. No verão todos os institutos de ensino cariocas, se disporão a não consentir na prática do violento desporto britânico. (CATAGUAZES, 23 mar. 1919, p..1).

A notícia parece ter passado despercebida pelos leitores do Cataguazes, uma vez que não identifiquei qualquer publicação de outras notícias do tipo, tampouco cartas de leitores comentando os fatos. Mesmo com o alerta vindo do Rio, a população local continuava a prestigiar a “brutalidade” do futebol, uma vez que se registraram mais de 4.000 pessoas acompanhando os jogos (CATAGUAZES, 12 out. 1919, p. 2).

Acompanhando as notícias do jornal, é possível perceber que a rivalidade local entre o Operário Football Club e o Flamengo Football Club se acirrava com os passar dos anos. Na década de 1920, o Flamengo era citado no jornal como o campeão absoluto na cidade, “digno de representá-la em todas as competições regionais” (CATAGUAZES, 14 fev. 1926, p. 2).

Os jogadores que iriam representar o futebol cataguasense no futuro passaram a ser treinados. O primeiro jogo infantil identificado no jornal foi em 1926. As crianças que jogavam no time do Antônio Amaro Foot-ball Club desafiaram o time infantil do Flamengo Foot-ball, e a partida aconteceu antes do jogo do quadro oficial dos dois times, com entrada franca. Pela primeira vez foi identificada no jornal uma menção referente à cobrança de ingressos; embora não se fale em valores, a gratuidade explicitada na notícia deixa subentendido que a prática comum era o pagamento por ingressos (CATAGUAZES, 23 maio 1926, p. 1). Os jornais seguintes não abordaram o assunto.

As páginas foram sendo invadidas por relatos de competições que aconteciam com times de fora da cidade ou pela participação de times da cidade em campeonatos fora. A promoção de disputas era cada vez mais incentivada por empresários e comerciantes locais:

Instituída pelo Sr. Henrique Sirimarco Urso, representante da companhia de Seguros Sul América. Acha-se à exposição na vitrine da casa Aristóbulo, à rua da Estação, nesta cidade, uma linda taça, que fora adquirida pelo mesmo Sr. afim de ser disputada pelo “club” local “Flamengo Fott-ball Club” e um dos visinha e adeantada cidade de Leopoldina. Neste sentido, sabemos ser intuito do “Flamengo” convidar o 1º quadro do “Ribeiro Junqueira Sport Club” poderoso campeão daquela cidade para a disputa da referida taça que é intitulada “TAÇA SUL-AMERICA. (CATAGUAZES, 30 jan. 1927, p. 2).

Na década da 1920, o Flamengo Foot-ball Clube dominava as páginas do jornal Cataguazes, e eram esporádicas as notícias sobre outros times. O *ground* era elogiado, a presença do público de outros distritos era enaltecida, o comparecimento da massa e da melhor sociedade tinha lugar:

O ground do flamengo apresentava lindo aspecto, vendo-se ali numerosos grupos de moças, rapazes e cavalheiros da nossa melhor sociedade além da grande massa popular ansiosa para o início do jogo. As primeiras horas da tarde já o campo se achava repleto de povo, tendo vindo dos districtos crescido número de pessoas. (CATAGUAZES, 03 jun. 1928, p. 2).

Era nesse clima de disputas que os jogos de “ida e volta” iam sendo realizados: um time visitava a cidade para jogar e logo depois o outro time retribuía a visita. Os clubes começaram a organizar esses eventos, que despontaram no jornal com o nome de Excursão Desportiva. O mercado do entretenimento estava se especializando, como anunciado na década de 1910. Com o fretamento dos trens, em 1927 eram vendidas passagens para acompanhar os times de futebol nos jogos. Alguns estabelecimentos comerciais estavam autorizados a vender esses tickets e o valor cobrado por eles era 18\$ (dezoito réis) ida e volta (Cataguazes a Miracema).

Imagem 23 - Matéria do jornal



Fonte: Cataguazes, 01 jul. 1928, p. 2.

Para além do lucro obtido pelo investimento no comércio de produtos esportivos, casas de apostas, construção de espaços com cobrança de ingressos, entre outros, vendia-se a experiência esportiva, a emoção e o sentimento. Segundo a matéria, “ao mesmo tempo que proporcionará aos amantes do *football* as sensações de um jogo disputadíssimo, lhes oferecerá o ensejo de um passeio à novel e progressista Miracema”. Assim, do vocabulário à política, “o esporte se tornou um dos mais potentes elementos de desenvolvimento” (MELO, 2004b, p. 83).

Desenvolver-se, na cidade de Cataguases, era estar conectado às modernidades. Enquanto no Rio de Janeiro o futebol dividia espaço com outras práticas esportivas (MELO, 2006), os empresários cataguasenses buscavam formas de fomentar o mercado das diversões locais. Cogitou-se a utilização do rio que corta a cidade para a realização de regatas e a criação de um Clube que seria o único da Zona da Mata Mineira e o único de Minas Gerais. Vanor Junqueira, engenheiro da Força e Luz, foi o responsável pela ideia de promover a realização de regatas, “(...) um dos melhores gêneros de *sport* para o desenvolvimento *physico*” (CATAGUAZES, 20 jun. 1927, p. 1). A ânsia por novas experiências esportivas modernas encobria um mercado crescente que se alimentava dos desejos da população, a qual almejava novas vivências, enquanto os empresários visionários acompanhavam o desenvolvimento esportivo no País e no mundo. Foi nesse contexto que o Clube do Remo foi fundado em Cataguases.

Imagem 24 - Matéria do jornal



Fonte: Cataguazes, 11 dez. 1927, p. 1

Com a proposta de oferecer diversão e novos esportes aos/às cataguasenses, o Clube do Remo foi fundado em 12 de outubro de 1927. Voltado ao convívio social e às vivências esportivas da elite, propunha-se oferecer atividades de remo, prática muito comum à época no Rio de Janeiro (MELO, 2006). Esse esporte seria praticado de uma margem à outra do Rio Pomba, que atravessa a cidade. Esportes como a natação, o tênis, a patinação, o basquetebol, o voleibol e o futebol estavam presentes nas propostas iniciais (CATAGUAZES, 11 dez. 1927).

O capital necessário para abertura do Clube foi de 75 contos de réis, divididos entre 75 cotistas (um conto de réis cada cota). Haveria categorias distintas de cotistas que estavam vigentes de acordo com a participação na empresa: contribuintes, aspirantes, temporários e iniciantes. A hierarquia de poder e acesso era balizada de acordo com o capital empregado (CATAGUAZES, 11 dez. 1927).

A distinção do Clube perpassava pelos esportes que seriam oferecidos aos sócios: esportes higiênicos (CATAGUAZES, 11 dez. 1927). Tais práticas demandariam uma estrutura grandiosa para a cidade naquela época, uma vez que um Clube construído às margens do rio com a proposta de oferecer esportes aquáticos necessitaria de “casa para guardar barcos, vestiário, piscina, *rink*, campo de tênis e *basket-ball*” (CATAGUAZES, 11 dez. 1927, p. 1).

As inovações trazidas pelo Clube visavam adquirir relevância na cidade, tornando-se um local de distinção social, práticas esportivas e diversões elitizadas. A publicação da notícia de fundação do clube, por si só, anunciava à cidade o novo empreendimento, mas a elite não se satisfez e colocou em exposição a planta em um dos locais mais modernos do início do século (BENJAMIN, 2006): na vitrine do comércio, conferindo a esse o caráter de mercadoria, de fetiche e estímulo ao consumo (SILVA, 2010). Observe-se a notícia abaixo:

Acha-se exposta na vitrine da A Brasileira a planta de um dos pavimentos do Club do Remo, à Villa Thereza, nesta cidade, cuja construção já foi iniciada. O projecto em construção é magnífico nas suas linhas de graciosa architectura e deve-se á pericia de um dos engenheiros da Força e Luz. São para louvar o zelo, a boa vontade e o esforço desenvolvidos pelo presidente do Club, o sympathico dr. Vanor Junqueira, alma máter do grande empreendimento que vae ser o club do Remo em Cataguazes”. (CATAGUAZES, 18 mar. 1928, p. 2).

A notícia acima aponta o elitismo proposto, já que o prédio do Clube estava sendo erguido a partir de uma planta estrutural desenhada por um arquiteto. Ser arquiteto na

companhia Força e Luz era, certamente, uma das profissões mais distintas²²¹ da cidade à época, trabalhar nessa empresa conferia status. A exibição da planta na vitrine da loja expunha a grandiosidade do empreendimento, estimularia o desejo da população em pertencer àquele público. Frequentar aquele espaço enalteceria os pertencentes, expressaria a modernidade e o progresso da cidade de Cataguases, exibiria a arquitetura inovadora²²² do prédio que seria construído, marcaria o início de um novo momento para o esporte local, a popularização do futebol e a elitização dos esportes aquáticos.

Os investimentos nas páginas do Cataguazes mantinham convictos ocupando a primeira página e revelavam, nas palavras do engenheiro Walter da Rocha Werneck, os entremeios da construção. O fundador do Clube foi Dr. Vanor Junqueira, cujos trabalhos no terreno doado pela prefeitura, na área nobre da cidade, às margens do Rio Pomba e ao lado da ponte metálica (símbolo moderno da cidade), estavam em andamento, sendo que o terreno estava sendo elevado e o saneamento local estava em fase de finalização (CATAGUAZES, 01 jul. 1928).

As notícias de 1928 dão conta de que a consolidação da estrutura esportiva inicial estava em fase de acabamento: garagem de barcos, vestiários, salão de ginástica, *ring*, *court de tennis*, *ring* para patinação (dança e *basket-ball*). Além dos esportes citados, o Clube ofereceria a prática de natação, remo e atletismo. “Como se vê, o Club do Remo, pela sua finalidade eugênica e orientado pela administração honesta de moços empreendedores e activos, já é bem um padrão de glória da cultura de Cataguazes” (CATAGUAZES, 01 jul. 1928).

A inauguração do Clube estava marcada para 12 de outubro daquele ano. Como não foram encontradas notícias relatando o evento, provavelmente pela não localização de algumas edições do jornal referentes ao ano em que ele teria ocorrido (1927), a opção foi buscá-las ao site do Clube²²³, onde consta:

Há mais de oito décadas, o Clube do Remo é referência em prática esportiva e convívio social em Cataguases. Em princípio, seus principais esportes seriam: natação, tênis, patinação, basquetebol, voleibol, futebol e remo, esporte que batizaria a agremiação, praticado por alguns anos de uma margem do Rio Pomba à outra, época em que uma balsa era mantida e onde também se praticava o velejamento de barcos. (site do clube)

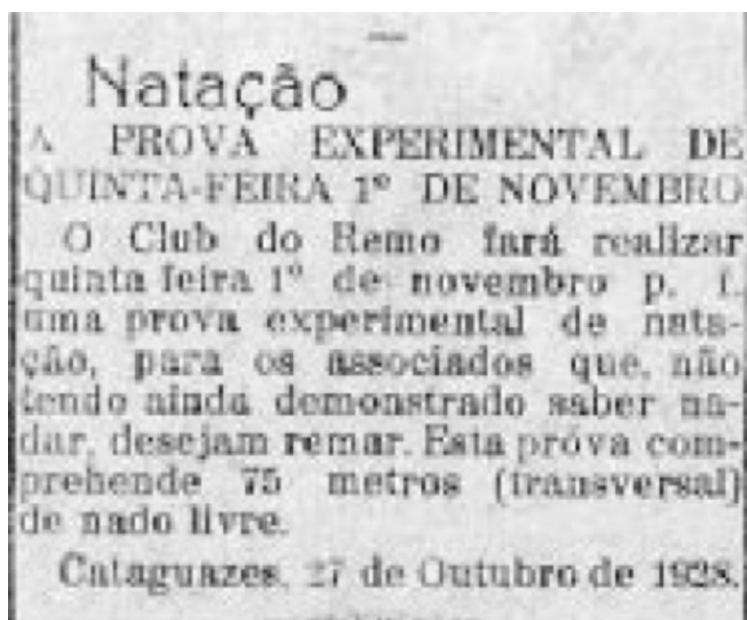
²²¹ Até os dias atuais, trabalhar na Empresa Energisa (antiga Força e Luz) é motivo de orgulho e status em Cataguases.

²²² Mais informações no Guia de arquitetura modernista disponível em <http://sv2.fabricadofuturo.org.br/guiamodernista/>. Acesso em: 15 mar. 2018.

²²³ Disponível em: <http://www.cluberemo.com.br/>. Acesso em: 20 fev. 2019.

As notícias encontradas nas edições de 1928 demarcam o caráter inicial do Clube, através das provas experimentais que estavam sendo realizadas, como relata a notícia abaixo:

Imagem 25 - Matéria do jornal



Fonte: CATAGUAZES, 21 out. 1928, p. 2.

Não é a intenção do trabalho aprofundar na história dos Clubes encontrados, no entanto, dada a representatividade do Clube Remo, até os dias atuais, para a cidade e a relevância na inauguração de novos espaços esportivos na cidade, deu-se espaço a um pouco de história. Há mais de 90 anos, o Clube Remo encontra-se em funcionamento em Cataguases e, segundo o *site*²²⁴, é o único clube de lazer da América Latina que possui um Centro Cultural de Belas Artes (CCBA), oferecendo aos associados cursos de desenho (dois anos) e pintura (quatro anos). De acordo com o trabalho de Gomes (1974), Humberto Mauro foi um dos fundadores do clube do Remo e participou da fundação do Clube Cataguasense de Xadrez, em 1921; no entanto, a análise do Jornal não identificou informações a esse respeito.

Como se pôde constatar ao longo deste capítulo, o futebol foi a prática esportiva de diversão mais divulgada pelo jornal Cataguazes, entretanto foram identificadas outras práticas, a exemplo do basquete e das modalidades desenvolvidas no Clube Remo, além de uma tentativa de organização de clubes de natação que não se concretizou.

Os indícios encontrados na análise das matérias jornalísticas, referentes às práticas esportivas, reforçam a vinculação entre as diversões em Cataguases e o processo de

²²⁴ Disponível em: <http://www.cluberemo.com.br/>. Acesso em: 20 fev. 2019.

modernização que ocorria na cidade e no País nas primeiras décadas do século XX. A incorporação de novas práticas, o espaço controlado, ocupado por trabalhadores e pelas mulheres, a vinculação do esporte com o consumo, a adoção de termos “importados”, o status proporcionado pelo pertencimento aos clubes e a diversão passando a ocupar o cotidiano das pessoas, embora de maneira diversa, dependendo dos marcadores identitários, são aspectos que reforçam que as práticas esportivas não acontecem desvinculadas dos contextos nos quais estão inseridas, ou seja, são por eles afetadas e os afetam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não, este não é o ponto final, quiçá uma conclusão! Talvez seja uma consideração, já que é no “final” que tenho a possibilidade de compreender o começo. Assim é esta tese. Ela tem uma potência sutil, reflexo do exercício acadêmico, da dedicação e da disciplina que só os pesquisadores têm, o que lhes permite perceber o leque de possibilidades investigativas levantadas, muitas das quais precisam ser abandonadas no decorrer do percurso, para que se sigam as pistas que mais parecem se aproximar dos objetivos traçados.

Acredito que o trabalho acadêmico e científico seja isto: uma tarefa árdua inacabada, cujas arestas são a base que sustenta as ciências e relativiza as certezas humanas.

Com base nessa crença, não foi o objetivo deste trabalho esgotar a temática sobre a história das práticas de diversão em Cataguases, visto que cada tema abordado aqui merece uma, duas, três teses sobre o assunto. A narrativa elaborada não almejou respostas; buscou possíveis formas de trazer luz ao passado, pois acredito que a contribuição científica é feita de forma dialética, retroalimentando-se dos trabalhos que virão e contribuirão para a sua melhor compreensão; somente assim, o saber científico poderá ser construído. Nesse âmbito não há verdades absolutas. Os fatos apresentados aqui fazem parte de uma construção dentre as muitas interpretações possíveis. O jornal Cataguazes forneceu fatos; a conceituação e a contextualização ficaram a cargo da pesquisadora, que vê e entende as coisas a partir de sua história e de seus saberes.

Neste trabalho, conheci um pouco da história da cidade mineira Cataguases, que, no início do século XX, trazia em seu âmago a certeza de ser uma *urb* avançada e progressista, servida pela ferrovia; por bondes de tração animal e automóveis; por indústrias têxteis; casas de espetáculos, que eram um misto de clube e salão de festas, espaço em que peças de teatro e cinema muitas vezes se alternavam; grupos escolares cuidavam da educação de crianças e jovens, em especial das classes mais altas; mulheres eram trabalhadoras, donas de casa, normalistas e passavam a ocupar alguns espaços na vida pública; homens eram trabalhadores, empresários, comerciantes, jornalistas, esportistas; as famílias tradicionais, quando tinham condições financeiras, enviavam os filhos para estudar fora; e tantas outras nuances.

Uma cidade comum, como muitas outras espalhadas pelo País. Com todo respeito à minha cidade natal: “Querida Cataguases, você foi uma cidade muito importante, mas não a única! Lamento comunicar!”. E é justamente por isso que esta tese se faz importante. Ela revela as peculiaridades de uma cidade pequena, localizada no interior de Minas Gerais, que, assim como tantas outras espalhadas pelo País, acreditava ser uma potência do início do século XX.

A pesquisa empreendida para esta tese me fez acreditar que o saudosismo modernista, progressista e civilizatório que paira no ar da cidade seja fruto do imaginário social criado pela imprensa e pelas classes dominantes, principalmente no início do século. Mas isso é assunto para outra tese...

As pesquisas nas fontes primárias revelaram que a imprensa cataguasense tinha um caráter elitista e disseminava projetos progressistas que conversavam com a proposta de transformação da ruralidade local em urbanidade. As práticas de diversão, como o circo, tinham frequência certa nas noites de apresentação; contudo, a partir do momento em que essa atividade deixou de dialogar diretamente com as práticas do mundo moderno, nas quais a espontaneidade individual estava sendo substituída por um novo *modus operandi*, foi rechaçada e substituída. As notícias do Cataguazes passaram a enaltecer o teatro ou as novas práticas, como o cinema, enquanto relativizavam o circo.

O teatro passou a ocupar o lugar de ambiente culto, elitizado e normativo, mas foi o cinema que ganhou a cena e passou a se estabelecer nos grandes espaços culturais da cidade, onde também ocorriam as encenações das peças de teatros, a exemplo do Cinema Recreio. A convivência entre as diversões se deu de forma pacífica; no entanto, o jornal insistia em questionar a frequência dos/das cataguasenses aos “antiquados” circos enquanto enaltecia a beleza, a modernidade, os aspectos civilizatórios, educativos e o progresso trazido através das telas do cinema.

Ao aderirem à frequência ao cinema, as elites se viram incomodadas pela democracia que o espaço propunha. Os balcões separados já não garantiam a distinção social, era preciso normatizar a vivência de diversão. Os hábitos e a forma correta de se comportar nos cinemas passaram a ser pautados nas matérias jornalísticas que apelavam à civilidade controlada, querendo provocar mudanças de comportamento da população, que insistia em repetir os “maus hábitos”, como rir na hora errada, durante a apresentação das fitas.

Foi nesse cenário que Humberto Mauro, um dos pioneiros do cinema nacional, iniciou as produções cinematográficas em Cataguases, as quais conquistaram um nível de qualidade reconhecido no país e no exterior, digno do prêmio concedido pela renomada Revista Cinearte, recebido pela produção do filme “O Tesouro Perdido”, em 1927.

O prêmio veio para Cataguases no mesmo ano da fundação do Clube do Remo, marco da diversificação esportiva na cidade, que teve como vedetes, nas primeiras décadas do século XX, o futebol praticado pelos homens e o basquetebol, o qual, apesar de diversos *poréns*, colocava as mulheres no cenário esportivo. Os esportes marcaram a vida dos/das cataguasenses

e mudaram a relação da sociedade com o tempo, o corpo, as vestimentas, os comportamentos, o idioma, entre outros.

O basquete foi praticado exclusivamente por mulheres; já o futebol, à época considerado agressivo, era destinado aos homens. Enquanto aquele era praticado nas quadras das escolas, este ganhou arenas próprias e ocupou ruas. Elas jogavam de saias longas; eles, de *shorts*. Ambos tinham frequência garantida. Elas tinham público; eles mobilizavam trens e bondes cheios de gente. Elas eram tratadas pelas matérias jornalísticas como belas patrícias; eles, como fortes jogadores. O basquete era uma prática delicada; o futebol, viril.

Não há dúvidas de que o homem ocupava o lugar de empoderamento social e econômico em Cataguases e, com o sorrateiro espraiamento do fenômeno esportivo que acontecia na terra mineira, fez do futebol o esporte marcadamente masculino, enquanto a participação feminina como público servia para abrilhantar o evento.

Em linhas gerais, assim podem ser entendidas as práticas esportivas em Cataguases: o Jornal enaltecia os feitos masculinos com adjetivos vinculados à força, ao esforço, à garra, ao compromisso, enquanto qualificava os femininos pela beleza, pela graça, pela suavidade. Seria ingênuo supor que, em uma sociedade machista e patriarcal, a opção das narrativas se dava de forma isenta. Havia interesses próprios, reificando os papéis socialmente construídos, as hierarquias de gênero, e conjecturando para a tentativa de garantir que as mulheres ficassem restritas aos espaços que lhes eram gentilmente designados pela sociedade.

A narrativa jornalística utilizada – pelo jornal Cataguazes – foi escrita, editada e gerenciada por homens brancos e de poder aquisitivo, evocando um ponto de vista contaminado por contextos masculinos; e carregando um olhar que se produz e reproduz nas publicações veiculadas, em relação às atitudes e participações, na sociedade, daqueles e daquelas que tinham outros marcadores identitários. A invisibilização se dava aos contextos que saíam da norma branca, elitista, masculina, católica. Não cabe naturalização dessas ausências, contudo se destaca a necessidade de investigações em outras fontes que contemplem diferentes públicos e participantes das práticas de diversão em Cataguases.

Aparta-se que a reflexão aqui colocada advém de questionamentos sociais atuais; entretanto, cabe um retorno ao passado e a realização de uma investigação mais densa sobre os silenciamentos e as invisibilidades históricas, até para que possamos compreender melhor o presente.

Entende-se que a história contada através do Jornal Cataguazes pode ter silenciado a participação da mulher, dos/as trabalhadores/as, das pessoas negras e pobres na sociedade,

ocultando práticas diversas que marcaram atitudes de resistência, seja na ocupação de espaços públicos, postos de trabalhos ou práticas esportivas.

Para ilustrar, dentre as práticas disseminadas pelo jornal nas quais a mulher era protagonista, a maioria estava atrelada à organização de eventos, às atividades escolares, à frequência aos bailes, teatros e cinema. O basquetebol foi a única prática esportiva na qual a mulher teve lugar principal; mesmo assim, deu-se no controlado ambiente escolar.

Questiona-se principalmente o não desenvolvimento ou a ausência de notícias sobre jogos de tênis (*lawn tennis*) na cidade. Acredita-se que Cataguases tinha condições interessantes para a disseminação e participação feminina nesse esporte de origem britânica, elitista, indicador de distinção social (*status*), além de rígido, tanto na forma de se portar, quanto nas vestimentas utilizadas, justamente por ser um esporte praticado por mulheres (MELO, 2021). Quais foram as condições que cercearam a prática do jogo de tênis entre as mulheres de Cataguases? Elas conheciam o jogo, visto que em Juiz de Fora (cidade próxima) o tênis era praticado desde 1893 (SOARES; MORORÓ; 2011)? Ele era praticado, e o jornal não dava visibilidade? Por que o futebol se desenvolveu, e o tênis não? E o voleibol?

Das características de delicadeza, beleza, regra pelas quais não era possível correr com a bola ou bater na adversária, será que o basquete feminino pode mesmo ser entendido como esporte moderno no início do século? Ou seria uma recreação, jogo, diversão, apresentação? Jogo cooperativo? E o público, será que reproduzia nas arquibancadas a complacência do jogo?

São algumas das questões que ficarão para as próximas pesquisas.

REFERÊNCIAS

- ADÃO, Kleber do Sacramento. LIMA, Alex Witney. Projeto nas vertentes do futebol: resgatando memórias do esporte em São João del-Rei e região. *In: CUNHA Júnior, Carlos Fernando Ferreira da (Org.). Histórias e memórias do esporte em Minas Gerais*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2011.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra. **Algazarras nas ruas**: comemorações da independência na Bahia. Campinas: UNICAMP, 1999. p. 68-83.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. Esperanças de boaventuras: construções da África e africanismos na Bahia (1887-1910). **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, v. 24, p. 215-246, 2002.
- ALMEIDA, Odete Valverde Oliveira. **A disputa familiar pelo poder local na cidade de Cataguases**: práticas eleitorais, representação e memória. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFMG, 2004.
- ALONSO, Paulo Henrique (org.). **Memória e patrimônio cultural de Cataguases**, v. 4. Cataguases-MG: ICC, 2012.
- ALVES, Rogério Othon Teixeira; SOUZA NETO, Georgino Jorge de. Volley-ball e basketball no sertão mineiro: o advento dos esportes americanos em Montes Claros-MG na primeira metade do século XX. **Revista Caminhos da História**, v. 26, n. 1, p. 80–97, 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/caminhosdahistoria/article/view/3694>. Acesso em: 25 maio 2021.
- ALMANACK terra do Francisco. **Um roteiro de fontes e artefatos**. Volume I. 1888 a 1945. (n.d).
- AMADO, J. História e região: reconhecendo e construindo espaços. *In: SILVA, M. A. (org.). República em migalhas*: história regional e local. São Paulo: Marco Zero, 1990, p. 12-13.
- AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Nos trilhos do lazer: entretenimento urbano e mercado de diversões em Divinópolis, Minas Gerais, 1890-1920. **Revista de História Regional**, v. 22, p. 237-261, 2017. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr>. Acesso em: 28 abr. 2018.
- AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Lazer e mercado do entretenimento em uma cidade rural de Minas Gerais. **Locus: Revista de História**, v. 25, n. 1, p. 62-85, 2019. Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/27497/18920>. Acesso em: 25 dez. 2020.
- AMARAL, D. V. de O.; Couto, E. de F. "Um festin obscuro": pertencimento clubístico e expansão socioespacial do football em Oliveira - MG (1920-1930). **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, v. 14, n. 1, 2017. Recuperado de: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/528>. Acesso em: 25 dez. 2020.
- ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. **Futebol de fábrica em São Paulo**. 1992. 190 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE MINAS, 1913. Disponível em:

<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/annual-de-minas-geraes/>. Acesso em: jul. 2021.

ASSIS, Astrogildo. Futebol em São João del-Rei. **Revista do IHG**, São João del Rei, v. 3, 1985.

AZEVEDO, Nara; FERREIRA, Luiz Otávio. Modernização, políticas públicas e sistema de gênero no Brasil: educação e profissionalização feminina entre as décadas de 1920 e 1940. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 27, p. 213-254, dez. 2006. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332006000200009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 jan. 2021.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Amor e masculinidade nos estádios de futebol. **Esporte e Sociedade**, ano 7, n. 19, mar. 2012. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/48415/28185>. Acesso em: 25 maio 2021.

BARROS, José D'Assunção. A nova história cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 12, n. 16, 1 sem. 2011. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernohistoria/article/view/P.2237-8871.2011v12n16p38>. Acesso em: 24 abr. 2018.

BARROSO, Alan Villela. **Historiografia das artes cênicas em Leopoldina**: anos finais do século XIX; anos iniciais do século XX - 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/38763907/HISTORIOGRAFIA_DAS_ARTES_C%3%8ANICAS_EM_LEOPOLDINA_anos_finais_do_s%C3%A9culo_XIX_anos_iniciais_do_s%C3%A9culo_XX. Acesso em: 21 jun. 2020.

BAUMANN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Trad. Irene Aron. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BLASENHEIN, Peter. Uma História Regional: A Zona da Mata Mineira - 1870 / 1906. *In: V Seminário de Estudos Mineiros*. PROEP/UFMG, Belo Horizonte, 1982.

BRASIL. **Anuário estatístico do Brasil**. 1º ano (1908 – 1912). Volume I – Território e população. Ministério da agricultura, indústria e commercio. Rio de Janeiro: Typographia da estatística, 1916.

BRASIL. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Anuário estatístico do Brasil**. ano VI, 1941/1945. Conselho Nacional de Estatística. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, acervo Real Gabinete Português de Leitura, v. 4 1946.

BRASIL. **Recenseamento do Brasil**. Realizado em 1º de setembro de 1920. Volume V (1ª parte). Indústria. Modo de organização das empresas. Capital empregado e data da fundação. Força motriz e pessoal em serviço. Período de funcionamento das fabricas. Principaes despesas de custeio. Produção anual. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio – Directoria Geral de Estatística. Rio de Janeiro: Typ. da estatística, 1927.

BRASIL. **Recenseamento do Brasil**. Realizado em 1º de setembro de 1920. Volume IV (4ª parte). População. População do Brazil por Estados, Municipios e Districtos, segundo o gráo de instrução, por idade, sexo e nacionalidade. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio – Directoria Geral de Estatística. Rio de Janeiro: Typ. da Estatistica, 1929.

CAMBRAIA, Ricardo de Bastos; MENDES, Fábio Faria. A colonização dos sertões do leste mineiro: políticas de ocupação territorial num regime escravista, 1780-1836. **Revista do Departamento de História**, v. 6, p. 137-150, 1988.

CARVALHO, Daniela Corrêa e. **Ordem e progresso: a imprensa da Zona da Mata Mineira na década de 1920**. 2007. Dissertação (Mestrado em História Social e das Relações Políticas) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, UFES, 2007.

CESAR, Rafael do Nascimento. Resenha. Christophe Charle. A gênese da sociedade do espetáculo: teatro em Paris, Berlim, Londres e Viena. São Paulo. Companhia das Letras, 2012. 400 p. *In: Tempo Social - Revista de Sociologia da USP*, v. 26, n. 1, p. 281-295, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702014000100017&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 27 mar. 2020.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. *In: HUNT, Lynn (org.). A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 211-238.

CLARK, T. J. **A pintura da vida moderna: Paris na arte de Manner e de seus seguidores**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CORBIN, Alain. A história dos tempos livres. *In: CORBIN, Alain (org.). História dos tempos livres*. Lisboa: Teorema, 2001. p. 5-18.

CORDEIRO, Rosa Inês de Novais; TOUTAIN, Lídia Brandão. O imaginário da década de 1920 no cinema brasileiro. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 4, n. 1, p. 3-18, abr. 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/1196/1/2948.pdf>. Acesso em: 15 maio 2020.

CORRÊA, Joyce Nancy da Silva. **História das diversões em Rio Branco, 1918 – 1927**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, 2019. Disponível em: <http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/DATA/UserFiles/files/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Joyce%20Nancy%20da%20Silva%20Corr%C3%AAa.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020.

COSTA, Iná Camargo. Teatro político no Brasil. In: **Trans/Form/Ação**, v. 24, n.1 Marília: 2001. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742005000200004>. Acesso em 27 mar. 2020.

COUTINHO, Nilton Ferreira. **Basquetebol na escola**. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

CRUZ, Inácio Manoel Neves Frade da. Cultura religiosa na Catagu(arte): apontamentos sobre a Festa de Santa Rita em Cataguases (MG). **ACENO**, v. 5, n. 9, p. 125-140, jan.-jul. 2018. ISSN: 2358-5587.

CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando da. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 3 (66), p. 51-65, set./dez. 2011.

CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira. Organização e cotidiano escolar da “Gymnastica” uma história no Imperial Collegio de Pedro Segundo. **Perspectiva**, v. 22, n. 3, p. 163-195, 2004.

DAIUTO, Moacir. **Basquetebol: origem e evolução**. São Paulo: Iglu Editora, 1991.

DAMACENA, Janary Bastos. **A desconstrução da notícia: o mito da imparcialidade no jornalismo**. Monografia (Comunicação Social – Jornalismo). Faculdade de Ciências Aplicadas. Brasília, 2007. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1072/2/20632400.pdf>. Acesso em: 11 maio 2020.

DAMASCENO, Patrícia Lopes. **Design de jornais: projeto gráfico, diagramação e seus elementos**. 2013. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/damasceno-patricia-2013-design-jornais.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2019.

DANAIOLOF, Katia. **Crianças na trama urbana: as práticas corporais nos parques infantis de São Paulo nos anos 1930**. 2006. 195 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252636>. Acesso em: 10 maio 2020.

DE PAULA, Pollyana Nascimento de. **(DES) construções históricas do que é “ser mulher”**: um olhar sobre as goianas e sobre os momentos iniciais da presença delas no esporte. Dissertação (Mestrado) - Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação Stricto Senso em Direitos Humanos, Universidade Federal de Goiás; 110f. 2014.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Trad.: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIAS, Cléber; COUTO, Euclides de Freitas; CUNHA JÚNIOR, Carlos Fernando da; SILVA, Luciano Pereira da; SOUZA NETO, Georgino Jorge de. Esportes nos sertões das Gerais. In: DIAS, Cléber; ROSA, Maria Cristina (org.). **História do lazer nas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p.137 -163; 2019.

DIAS, Cléber. **Esportes nos confins da civilização: Goiás e Mato Grosso, 1866-1936**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2018.

DICIONÁRIO FINANCEIRO. Disponível em: <https://www.dicionariofinanceiro.com/sociedade-anonima-sa/>. Acesso em: maio 2021.

DOIN, José Evaldo Mello. Entre gênero & arte: a mão feminina na urdidura do modernismo. **Caderno Espaço Feminino (UFU)**, Universidade Federal de Uberlândia, v. 11, n. 14, p. 59-85, 2004. Disponível em: <https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/CEF/PDF/v11n14/Sumario.pdf> Acesso em: 22 abr. 2021.

DUARTE, Regina Horta. **Noites circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva / SESC, 1999, p. 26.

DUNNING, E. **Sport matters: sociological studies of sport, violence and civilization**. London: Routledge, 1999.

ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS. Disponível em: [ttp://www.estacoesferroviarias.com.br/efl_mg_linhadocentro/cataguazes.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/efl_mg_linhadocentro/cataguazes.htm). Acesso em: 25 abr. 2018.

FARIA, João Roberto Faria. Machado de Assis, leitor e crítico de teatro. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 51, p. 299-334; 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000200020&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 28 mar. 2020.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. O jornal e outras fontes para a história da educação mineira do século XIX: uma introdução. **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 133-150.

FAUSTO Amaro - narrativas midiáticas sobre a relação entre corpo e jogos olímpicos nas décadas de 1890 e 1900. **Rev. Bras. Estud. Presença**, Porto Alegre, v. 6, n. 3, p. 406-428, set./dez. 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/presenca>. Acesso em 28 mar. 2020.

FIBA (International Amateur Basketball Federation). **The basketball word**. Munich: Engelbert Mayer, 1972.

FOUCAULT, Michael. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FRANCISCO, Luciana. Modernismos em revistas: as pluralidades do modernismo mineiro com os periódicos A Revista (Belo Horizonte, 1925-1926) e Verde (Cataguases, 1927-1928;1929). In: **ANPUH Brasil - Simpósio Nacional de História**, Recife, 2019. Disponível em: https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1563907229_ARQUIVO_Modernismosemrevista-TextocompletoAnpuh.pdf. Acesso em: 09 jan. 2021.

FREIRE, Luiz Cleber Moraes. **Nem tanto ao mar, nem tanto à terra: agropecuária, escravidão e riqueza em Feira de Santana, 1850-1888**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

GIDDENS, Antony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina: imagens da Revista Educação Physica**. Ijuí: Unijuí, 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem histórias. **Pensar a prática**, v. 8, n.1, p. 85-100, jan./jun. 2005.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **Da cidade colonial ao espaço da modernidade**: a introdução dos esportes na vida urbana no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, 1999.

GOMES, Christiane L.; RAMOS Alícia M. O.; SEREJO, Hilton F. B. Conhecimentos sobre o lazer nos cursos de graduação em turismo de Minas Gerais. *In: Turismo em Análise*, v. 21, n. 2, p. 357-380, ago. 2010.

GOMES, Paulo Augusto. **Modernidade e modernismo no Ciclo de Cataguases**. (s.d.) Disponível em: <https://www.chica.org.br/cataguases/cinema>. Acesso em: 06 maio 2019.

GOMES, Paulo Emílio Salles. **Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte**. São Paulo: Ed. Perspectiva - USP, 1974. 472p.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. Pulsões culturais no início do século XX: grêmios literários, conferências, teatro e música em Uberabinha, MG, 1908-1920. *In: SCHELBAUER, Analete Regina; ARAÚJO, José Carlos Souza (orgs.). História da educação pela imprensa*. São Paulo: Editora Alínea, 2007, p. 107-128.

GUIMARÃES, Eudes Marciel Barros. O trem, a fábrica e as caatingas: perspectivas de modernização do sertão baiano na Primeira República. **Revista de História Regional**, v. 22, n 2, p. 309-329, 2017. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr>. Acesso em: jun. 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HENRIQUES, Alen Batista. **Epidemias e urbanização**: surtos de febre amarela na Cataguases oitocentista. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Medicina, Universidade Federal do rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.posgraduacao.iesc.ufrj.br/media/tese/1369846481.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2019.

HENRIQUES, Alen Batista. A “influenza hespanhola” em Cataguases, Minas Gerais. **Cadernos Saúde Coletiva**, UFRJ - Núcleo de Estudos de Saúde Coletiva, v. 14, n. 4), p. 625 - 642, 2006. Disponível em http://www.cadernos.iesc.ufrj.br/cadernos/images/csc/2006_4/artigos/CSC_NESC_2006-4_AlenBatista.pdf. Acesso em: 17 jun. 2020.

IBGE. **Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: jun. 2021.

INÁCIO, Manoel Neves Frade da Cruz. **Modernidades e homens de cultura**: vocação cultural, religiosidade e outras ambiguidades no município de Cataguases. 2013. Tese (Doutorado) – Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.

INSTITUTO FRANCISCA DE SOUZA PEIXOTO. Disponível em: <https://www.chica.org.br/>. Acesso em: jun. 2021.

JORNAL CATAGUAZES. Edições de 1906 a 1930.

KAMITA, Rosana Cássia. Relações de gênero no cinema: contestação e resistência. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 25, n. 3, p. 1393-1404, dez. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2017000301393&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 nov. 2020

LADEIRA, Adriana Leite de Souza; MARTIN, Edna Ribeiro Hernandez; FERRERIA, Maria Elisa Caputo; POLISSENI, Maria Lúcia de Castro. Alguns significados da moda esportiva nas atividades físicas. *In: CUNHA JÚNIOR, Carlos Fernando Ferreira da; MARTIN, Edna Ribeiro Hernandez; ZACARIAS, Lídia dos Santos Zacarias (org.). Educação física: memórias e narrativas em Juiz de Fora.* Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2003.

LINO, Sonia Cristina. Cinematographo: doença da moda. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, v. 45, f. I, p. 91-103, jan.-jun. 2009.

LISBOA, Jakeline Duque de Moraes. A participação feminina no Turnerschaft - Club Gymnastico Juiz de Fora. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia-MG, v. 27, n. 1, jan/jun. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/24861>. Acesso em: 21 set. 2021.

LISBOA, Jakeline Duque de Moraes. **TURNERSCHAFT - Clube Ginástico de Juiz de Fora (1909-1979)**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em parceria com a Universidade Federal de Viçosa, 2010.

LISBOA, Jakeline Duque de Moraes. A história do Clube Ginástico de Juiz de Fora (1909 – 1979). *In: Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação.* Universidade Federal de Sergipe, Aracajú, p. 113. 2008.

LISBOA, Jakeline Duque de Moraes. **O divertimento nos espaços associativos de imigrantes alemães e teuto-brasileiros em Juiz de Fora - MG: do último quartel do séc. XIX ao fim da II Guerra Mundial.** Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na sala de aula.** História das mulheres no Brasil, 1997. Disponível: <https://www.academia.edu/download/38930881/MulheresnaSaladeAula.pdf>. Acesso em: 26 maio 2021.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In: PINSKY, C. B. (org.) Fontes históricas.* 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MAIA, Tauan Nunes. **O montanhismo no Rio de Janeiro: eugenia, higienismo e a febre esportiva, 1900-1920.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, 2019. Disponível em: <http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/DATA/UserFiles/files/Tese%20-%20TAUAN%20NUNES%20MAIA.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020.

MACEDO, Carina Rocha de. **Estado da sétima arte: impacto da proteção à produção cinematográfica e audiovisual no Brasil.** Monografia (Bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Direito, 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/189742>. Acesso em: 23 jun. 2020.

MACHADO, Maria Cristina Gomes. Estado e educação “em preto e branco”: a atuação de Rui Barbosa no Diário de Notícias (1889). In: SCHELBAUER, Analete Regina; ARAÚJO, José Carlos Souza (orgs.). **História da educação pela imprensa**. Campinas-SP: Ed. Alínea, 2007. p. 31-52.

MACHADO, Maria Cristina Gomes; MÉLO, Cristiane Silva. Rui Barbosa - estado e educação na Imprensa em 1889. **Revista HISTEDBR on-line**, v. 1, p. 106-121, 2007.

MARCASSA, L. **A invenção do lazer: educação, cultura e tempo livre na cidade de São Paulo (1888-1935)**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. 12. ed. Campinas: Papyrus, 2007.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINI, S. R. B.; ONZI, V. B. L.; MAZO, J. Z. Associação dos Especializados em Educação Física e Desportos do Rio Grande do Sul - AEEFD/RS: percorrendo os caminhos de sua criação. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 144, p. 1-18, 2010. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd144/especializados-em-educacao-e-desportos.htm>. Acesso em: 24 out. 2018.

MARZANO, Andrea; MELO, Victor Andrade de. **Vida divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)**. Apicuri, 2010.

MASCARELLO, Fernando (org.). **História do cinema mundial**. Campinas, SP: Papyrus, 2006. Coleção Campo Imagético.

MELO, Victor Andrade de. Cinema. In: GOMES, Christianne Luce (org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004a, 35-40.

MELO, Victor Andrade de. Esporte. In: GOMES, Christianne Luce (org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004b, p. 80-84.

MELO, Victor Andrade de. O esporte: uma diversão no Rio de Janeiro do século XIX. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 49-66, set./dez. 2015. Disponível em: <https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2018/09/aula-04-5bmelo2c-victor-andrade-de5d-o-esporte-uma-diversc3a3o-no-rio-de-janeiro.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2020.

MELO, Victor Andrade de; PERES, Fábio de Faria. Rio de Janeiro, uma cidade esportiva: um panorama histórico. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio De Janeiro**, v. 13, p. 463-476, 2017. Disponível em: <http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/rio-de-janeiro-uma-cidade-esportiva-um-panorama-historico/>. Acesso em: 31 dez. 2020.

MELO, Victor Andrade de. Educação, civilização, entretenimento: o Tivoli - um parque de diversão no Rio de Janeiro do século XIX (1846-1848). **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 20, p. 114, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-00942020000100214. Acesso em: 05 jan. 2021.

- MELO, Victor Andrade de. Apontamentos para uma história comparada do esporte: um modelo heurístico. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte** (impr.), São Paulo, v. 24, n. 1, p. 107-120, mar. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092010000100010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 jun. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S1807-55092010000100010>. (2010a).
- MELO, Victor Andrade de. História do Esporte: um panorama. **Revista do Mestrado de História**, Universidade Severino Sombra, v. 11, p. 2, 2010b.
- MELO, Victor Andrade de. **Esporte e lazer conceitos**: uma introdução histórica. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010c.
- MELO, Victor Andrade de. Lazer, modernidade, capitalismo: um olhar a partir da obra de Edward Palmer Thompson. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 45, p. 5-26, 2010.
- MELO, Victor Andrade de. Sobre o conceito de lazer. **Sinais Sociais**, v. 8, n. 23. Rio de Janeiro, set./dez., 2013b.
- MELO, Victor Andrade de. O *sport* em transição: Rio de Janeiro, 1851-1866. **Movimento**, v. 21, n. 2, p. 363 - 376, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/49489>. Acesso em: 24 set. 2020.
- MELO, Victor Andrade de. Evidência e especulação: “a origem” do futebol no Rio de Janeiro (1898-1902). **Movimento**, v. 23, n. 3, p. 819-934, set. 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/63760>. Acesso em: 22 set. 2020.
- MELO, Victor Andrade; SANTOS JUNIOR, Nei Jorge. O esporte nos arrabaldes do Rio de Janeiro: o *cricket* em Bangu (1904-1912). **Movimento**, v. 24, n. 3, p. 843-858, set. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/77680>. Acesso em: 03 set. 2020.
- MELO, Victor Andrade de; GONÇALVES, Michelle Carreirão. À sombra do futebol: experiências com o *rugby* nas duas primeiras décadas do século XX. **Movimento**, v. 25, 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/79984/52192>. Acesso em: 02 out. 2020.
- MELO, Victor Andrade de (org.). **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos 19 e 20. Rio de Janeiro: Apicuri/Faperj, 2010.
- MELO, Victor Andrade de. Por uma história do conceito esporte, diálogos com Reinhart Koselleck. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 32, n. 1, p. 41-57, set. 2010.
- MELO, Victor Andrade de. Encontros nas quadras de grama: as mulheres e o tênis no Brasil do século XIX. **Revista Estudos Feministas** [online], 2021, v. 29, n. 2. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n279300>. Epub 16 Ago 2021. ISSN 1806-9584. Acesso em: 29 set. 2021.
- MELLO, Fernando Antônio Oliveira. **Cataguases e suas modernidades**. 2014. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

MENDES, Jairo Faria. O nascimento e a consolidação da imprensa informativa em Minas Gerais. **R. Dito Efeito**, Curitiba, v. 7, n. 11, p. 1-13, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/de>. Acesso em: 15 set. 2021.

MORAIS, Julierme. A historiografia clássica do cinema nacional e a bela época do cinema brasileiro: a influência de Paulo Emílio Salles Gomes. **Revista de História e Estudos Culturais**, v. 7, ano VII, n. 3, set.-dez.; 2010. Disponível em: www.revistafenix.pro.br. Acesso em: 06 maio 2019.

MORENO, Andrea; FRENANDES, Gyna de Ávila. A própria mulher nada terá a temer do uso do sport: Lucia Joviano e a presença dos jogos atléticos na formação de professoras (Escola Normal Midelo da Capital, Belo Horizonte, 1916-1924). In: CUNHA JÚNIOR, Carlos Fernando Ferreira da (Org). **Histórias e memórias do esporte em Minas Gerais**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2011.

MORENO, José Carlos de Almeida. **A prática do basquetebol feminino no estado de São Paulo**: conhecendo e analisando seu contexto. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal de Campinas, SP, 2006.

MORORÓ, Anderson de Carvalho. **O futebol em Juiz de Fora**: uma perspectiva através da imprensa (1904-1914). 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em parceria com a Universidade Federal de Viçosa, 2012.

MOURÃO, L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, Porto Alegre, ano VII, n. 13, 2000/2. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/11777>. Acesso em: 20 jul. 2021.

MUSSE, Christina Ferraz. **A imprensa e a memória do lugar**: Juiz de Fora (1870-1940). Trabalho apresentado ao GT de Jornalismo no XII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, Universidade Federal de Juiz de Fora: UFJF, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0083-1.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2017.

NAKAYAMA, Marina Fernandes Braga. **Divertimentos e tempo livre**: experiências dos trabalhadores em Juiz de Fora (1900 – 1924). 2016. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

NOGUEIRA JÚNIOR, João Martins. Alguns divertimentos do sul de Minas Gerais (1891-1930). **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 88-103, jan./abr. 2017.

OLIVEIRA, Renata Cristina Simões de. **O teatro e algumas diversões em Diamantina**: uma história registrada pela imprensa (1888-1915). Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais – Pós-Graduação em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, 2016. Disponível em: <http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/DATA/UserFiles/files/Renata%20C%20S%20Oliviera.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020.

OLIVEIRA, Paloma Rezende de. Escola Normal do Ginásio Leopoldinense e o projeto educativo de formação das elites da Zona da Mata Mineira. **XXVIII Simpósio Nacional de**

História. Florianópolis, 2015. Disponível em: http://snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1433264399_ARQUIVO_trabalhoanpuh2015.pdf. Acesso em: 17 mar. 2021.

ORTIZ, Renato. **Cultura e modernidade:** a França no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 189-262.

PARANHOS, Adalberto. História, teatro e política em três atos. *In:* PARANHOS, Kátia (org). **História, teatro e política.** São Paulo/Belo Horizonte: Boitempo/FAPEMIG, 2012.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania:** uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PEREZ, Eliane. O cinema brasileiro em periódicos:1896-1930. **Biblioteca Nacional Digital Brasil**, 2013. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-cinema-brasileiro-em-periodicos-1896-1930/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

PIMENTA, Ângela de Fátima Faria. Liga Operária Cataguasense: uma associação de operários no interior da Zona da Mata Mineira (1900-1922). *In:* **XIV Encontro Nacional da ANPUH**, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276717813_ARQUIVO_TRabalho daANPHU-2010-_2_.pdf. Acesso em: 25 mar. 2017.

PONTE, Karina Furini da. (Re) Pensando o conceito de rural. **Revista Nera**, ano 7, n. 4, p. 20-28, jan./jul. 2004. Disponível em: <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/1477-4323-1-PB.pdf>. Acesso em: 01 maio 2019.

POPINIGIS, Fabiane. "Todas as liberdades são irmãs": os caixeiros e as lutas dos trabalhadores por direitos entre o império e a república. **Estud. hist. (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 59, p. 647-666, dez. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862016000300647&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 fev. 2021.

POPINIGIS, Fabiane. **Proletários de casaca.** Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

QUEIROZ, João Machado de. **Vocabulário do futebol na mídia impressa:** o glossário da bola. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Assis-SP, 2005.

RAGO, Margareth. **Epistemologia feminista, gênero e história** – masculino, feminino, plural. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998. Disponível: http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/artigos.genero/margareth/RAGO_Margareth-Epistemologia_Feminista.pdf. Acesso em: 22 abr. 2021.

RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar:** a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. Disponível em: <http://www.repositoriolabim.cchla.ufrn.br/bitstream/123456789/1334/1/A%20COLONIZA%20c3%87%20c3%83O%20DA%20MULHER.%20Do%20cabar%20c3%a9%20ao%20lar.%20RAGO%20c2%20Margareth.%201985.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2021.

REVISTA VERDE. Disponível em: <https://www.chica.org.br/>. Acesso em mar. 2021.

RIBEIRO FILHO, Carlos Coelho. Futebol, paixão e política na construção da identidade nacional: a copa do mundo de 1938 vista do interior do país. **Anais Congresso de História do Esporte**, Recife, 2004.

RODRIGUES, Ariel; MONTAGNER, Paulo César. Uma abordagem cronológica do basquetebol mundial e brasileiro. **EFDeportes.com. Revista Digital**, Buenos Aires, ano 17, n. 167, abr, 2012. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd167/cronologica-do-basquetebol-mundial-e-brasileiro.htm>. Acesso em: 26 maio 2021.

RODRIGUES, Marilita. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade: uma prática moderna de lazer na cultura urbano de Belo Horizonte (1894-1920)**. Tese (Doutorado em História) – UFMG. 2006.

RODRIGUES, Maria dos Anjos Pereira; BOSSLER, Ana Paula. Aprendizagens possíveis por meio da linguagem cinematográfica: cinema e educação. *In*: BARBOSA, Maria Carmem Silveira; SANTOS, Maria Angélica dos (orgs.). **Cinema e educação: dentro e fora da lei**. Porto Alegre: UFRGS/Programa de Alfabetização Audiovisual, 2014. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/373/2019/01/000992418-4.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2021.

ROIZ, Diogo da Silva. A história da História Cultural, segundo Peter Burke. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 15, p. 235-239, jul./dez., 2007. Disponível em: http://www.uesc.br/icer/resenhas/historia_cultural.pdf. Acesso em: 20 maio 2018.

ROSA, Maria Cristina. Diversão na comarca de Vila Rica. *In*: DIAS, Cleber; ROSA, Maria Cristina (orgs.) **Histórias do lazer nas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

ROSA, Maria Cristina; MAGALHÃES, Renan Vinícius; FERRO, Flávia Salles; BIBBÓ, Caroline Bertarelli; VIEIRA, Yuri Victor Guimarães. Clube de Sports Hygênicos: memórias. *In*: CUNHA Jr., Carlos Fernando Ferreira (org.). **Histórias e memórias do esporte em Minas Gerais**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2011.

SÁ, Carolina Mafra de. **Teatro idealizado, teatro possível: uma estratégia educativa em Ouro Preto (1850-1860)**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós graduação em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

SANT'ANA, Rivânia Maria Trotta O Movimento Modernista Verde, de Cataguases - MG. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 10, p.172-177, dez. 2006. Disponível em: [ttp://www.letras.ufmg.br/poslit](http://www.letras.ufmg.br/poslit). Acesso em: jun. 2020.

SANTOS, E. F. Os batuques da cidade: celebrações negras e ideias de civilização. *In*: **O poder dos candomblés: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia** [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 37-67. ISBN 978-85-232-1210-0 Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 13 jun. 2020.

SANTOS, Flávia da Cruz. **Uma história do conceito de divertimento na São Paulo do século XIX (1828-1889)**. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

SANTOS, Flávia da Cruz. **O lazer com direito social: sua inclusão na Constituinte de 1988**. São Paulo: Annablume - Fapesp, 2014. 212p.

SANTOS, Marcela Ariete dos. **O teatro em Mato Grosso (1877-1925)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais - Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, 2017. Disponível em:

<http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/DATA/UserFiles/files/MARCELA%20ARIETE%20DOS%20SANTOS.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020.

SCHELBAUER, Anaete Regina. Anúncios e artigos: registros do método de ensino intuitivo do jornal A província de São Paulo (1875-1889). *In*: ARAÚJO, José Carlos Souza; SCHELBAUER, Anaete Regina (orgs.). **História da educação pela imprensa**. Campinas-SP: Ed. Alínea, 2007. p. 7-30.

SCHVARZMAN, Sheila. Dossiê. **Cadernos de Ciências Humanas – Especiaria**, v. 10, n.17, jan./jun. 2007, p. 15-40.

SCHVARZMAN, Sheila. Ir ao cinema em São Paulo nos anos 20. **Razón y palabra**, n. 76, maio-jul. 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1995/199519981045.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2020.

SCOTT, Jean. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 26 mar. 2021.

SENADO FEDERAL. **Biblioteca Digital**. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/1111>. Acesso em maio 2021.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. *In*: NOVAIS, Fernando A. (coord.); SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, v. 3.

SIMONSEN, Roberto. História econômica do Brasil: 1500-1820. Brasília: Senado Federal, **Secretaria Especial de Editoração e Publicação**, 2005. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/1111>. Acesso em :16 maio 2020.

SILVA, Igor Maciel da. Lindas, bonitas, gentis e graciosas nos divertimentos, práticas corporais e esportivas (Uberlândia e Uberaba – MG, 1918- 1943). Dossiê temático: gênero e diversidade. **Vozes, Pretérito & Devir**, ano IV, v. VII, n. I, 2017.

SILVA, Fábio César da. O conceito de fetichismo da mercadoria cultural de T.W Adorno e M. Horkheimer: uma ampliação do fetichismo marxiano. **Kínesis**, v. II, n. 03, abr. 2010, p. 375-384. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/FabioCesardaSilva.pdf>. Acesso em: 24 set. 2021.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educar**, Curitiba, n. 16, p. 43-60. 2000. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2036/1688>. Acesso em: 26 maio 2021.

SOARES, Carmen Lúcia; BRANDÃO, Leonardo. Esporte, ginástica e educação em perspectiva histórica. **Conexões**, Campinas, SP, v. 18, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8660935>. Acesso em: 26 maio 2021.

SOARES, Priscila Gonçalves; CUNHA Jr., Carlos F. F. As práticas corporais no contexto da modernidade em Juiz de Fora/MG (1880-1930). *In*: **Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2008, Aracaju-SE, Universidade Federal de Sergipe, 2008, p. 209.

SOARES, Priscila Gonçalves; CUNHA Jr., Carlos F. F. **Práticas corporais e diversão em Juiz de Fora/MG: o discurso do Jornal O Pharol (1876 - 1915)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

SOARES, Luiz Carlos. Comercialização do lazer, ampliação dos espaços públicos de diversão e novas formas de sociabilidade: uma outra dimensão da Ilustração pública. *In*: SOARES, Luiz Carlos. **A Albion revisitada**. Rio de Janeiro: 7 Letras/Faperj, 2007. p. 139-185.

SOUSA, Bruno Martins Rocha. **O nascimento e desenvolvimento da torcida brasileira: das touradas ao Movimento por um Futebol Melhor**. Rio de Janeiro, 2017. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de; SILVA, Silvio Ricardo. Advento do lazer Belo Horizonte ou das “Festas e Diversões”: um estudo dos hábitos de divertimento na “cidade moderna” a partir do Minas Geraes. **Licere**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 1-27, 2009.

SPINI, Ana Paula. A filmografia de Humberto Mauro nos anos 20: notas para as figurações da identidade nacional brasileira no cinema brasileiro. **Anais do XXI Encontro Estadual de História – ANPUH-SP**. Campinas, set. 2012. Disponível em: http://www.encontro2012.sp.anpuh.org/resources/anais/17/1350322008_ARQUIVO_AnaPaulaSpini.pdf Acesso em: 27 nov. 2020.

SPINI, Ana Paula. Imprensa, publicidade e o cinema de Humberto Mauro nos anos 20. **Cordis - História, Cinema e Política**, São Paulo, n. 16, p. 3-48, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/28090/19762>. Acesso em: 28 nov. 2020.

STECZ, Solange Straube. Ciclos regionais no período mudo. *In*: SIRINO, Salette Paulina Machado; PINHEIRO, Fabio Luciano Francener (*Orgs.*). **Cinema brasileiro na escola: pra começo de conversa**. Curitiba: UNESPAR, 2014.

STTOPA, Edmur Antônio; ISAYAMA, Hélder Ferreira. **Lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2017.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VAZ, Alexandre; MOMM, Caroline Machado. Memória, cidade, educação dos sentidos segundo Walter Benjamin. *In*: OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de (*org.*). **Sentidos e sensibilidades: sua educação na história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2012. p. 149-161.

VAZ, Alexandre Fernandez; MELO, Victor Andrade de. Cinema, corpo, boxe: suas relações e a construção da masculinidade. **Artcultura**, v. 8, n. 12, 2006. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1409>. Acesso em: 23 dez. 2020.

VILHENA, Kellen Nogueira. **Entre “Sãs expansões do espírito” e “Sarrilhos dos Diabos”:** lazer, divertimento e vadiagem nas representações da imprensa em Belo Horizonte (1895 – 1922). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, UFMG, 2008.

VILSEKI, Agnes Cristine Souza. Cinema brasileiro: do nascimento aos ciclos regionais. *In*: SIRINO, Salete Paulina Machado; PINHEIRO, Fabio Luciano Francener (orgs.) **Cinema brasileiro na escola**: pra começo de conversa. Curitiba: UNESPAR, 2014.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A ruralidade no Brasil moderno. Por um pacto social pelo desenvolvimento rural. *In*: GIARRA, Norma (org.) **Una nueva ruralidad en América Latina?** Buenos Aires: Lugar CLACSO, 2001, p. 30-37 Disponível em: <http://conectarural.org/sitio/sites/default/files/documentos/giarraca.pdf#page=26>. Acesso em: 27 maio 2018.

WEIS, Gilmar Fernando; POSSAMAI, Catiana Leila. **O basquetebol**: da escola à universidade. Jundiaí, SP: Fontoura, 2008. 168

WERNECK, Humberto. **O desatino da rapaziada**: jornalistas e escritores em Minas Gerais. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

WERNECK, Ronaldo. A modernidade perene de Cataguases. Belo Horizonte. Edição Especial. **Secretaria de Estado e Cultura**, 2013. Disponível em: http://www.cultura.mg.gov.br/images/2014/Suplemento/SLMG-Especial_Cataguases_pdf. Acesso em: 23 jun. 2020.

XAVIER, Wescley Silva. Mitos fundadores, tradições inventadas e sentidos de cidade: uma incursão pela velha e nova Cataguases-MG. **RAM - Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 15, n. 6, nov./dez., 2014.

XAVIER, Wescley Silva; CARRIERI, Alexandre de Pádua. Discurso e as cidades: um estudo sobre Cataguases-MG baseado na produção literária modernista da *Revista Verde*. **Cad. EB APE.BR**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, artigo10, abr./jun. 2016.